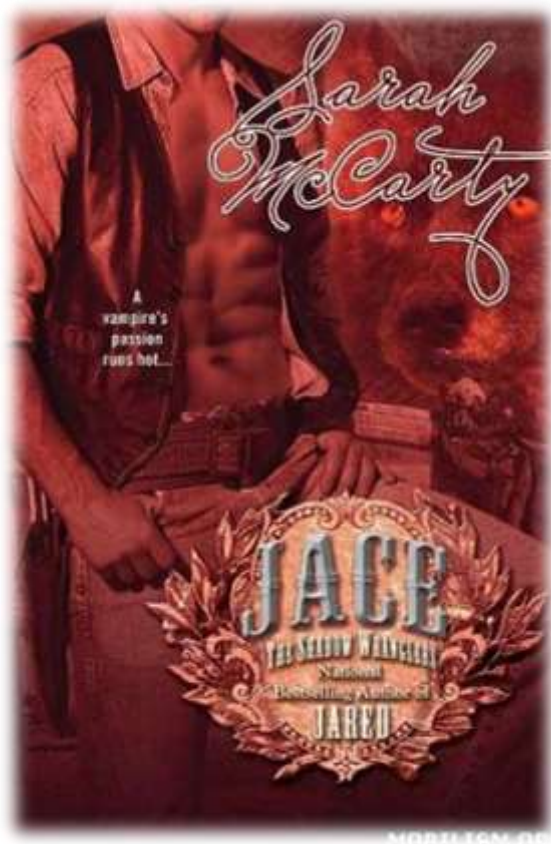




TWKliek

Sarah McCarty
Shadow Wranglers 03



Sarah McCarty *Jace*

Shadow Wranglers 03

Ela tinha uma esperança.

Juntos, tinham uma chance...

O Vampiro Jace Johnson não era um homem de família até que conheceu Miri. Mas sua relação proibida terminou quando ela desapareceu. Após um ano de procura, Jace descobre Miri num enclave Santuário. Após um ano de experiências cruéis pelo Santuário em sua forma de lobisomem, Miri não é mais a mulher apaixonada que Jace lembra. Ela vive apenas para resgatar a filha que Jace nunca soube que tiveram. Agora, precisam superar a tragédia de seu passado se quiserem recuperar o futuro que tanto desejam...

Cuidado com os SPOILERS nos comentários das revisoras.





Equipe de Tradução e Revisão TWKliek

Capítulo	Revisão Inicial	Revisão final
Capítulo 1	Sandra Maia	Joely
Capítulo 2	Sandra Maia	Joely
Capítulo 3	Sandra Maia	Joely
Capítulo 4	Sandra Maia	Joely
Capítulo 5	Sandra Maia	Fabricia
Capítulo 6	Sandra Maia	Fabricia
Capítulo 7	Sandra Maia	Fabricia
Capítulo 8	Sandra Maia	Fabricia
Capítulo 9	Sandra Maia	Fabricia
Capítulo 10	Sandra Maia	Fabricia
Capítulo 11	Sandra Maia	Fabricia
Capítulo 12	Sandra Maia/Monica Agona	Fabricia
Capítulo 13	Valdirene	Sandra Maia
Capítulo 14	Valdirene	Sandra Maia
Capítulo 15	Valdirene	Sandra Maia
Capítulo 16	Valdirene	Sandra Maia
Capítulo 17	Valdirene	Sandra Maia
Capítulo 18	Joely	Sandra Maia
Capítulo 19	Joely	Sandra Maia
Capítulo 20	Joely	Sandra Maia
Capítulo 21	Valdirene	Sandra Maia
Epilogue	Valdirene	Sandra Maia
<i>Envio e Formatação: Gisa</i>		

Comentários das Revisoras

Comentário da Revisora Jô: Gente, esse é um ótimo romance sobrenatural. Com homens maravilhosos: vampiros e lobos (já aviso que o lobo Derek é meu!). Muita ação, drama, romance, drama, cenas quentes, drama, humor, drama. Já falei que tem drama? Miri, a mocinha sofre todas as piores coisas que uma mulher pode sofrer na vida. É impressionante o quanto essa mulher sofreu. Às vezes eu não conseguia traduzir, porque ficava impressionada demais! Mas eis a grande sacada da autora: Miri tem um objetivo e não sucumbe à dor. Ela era uma garota frágil que teve que aprender a se defender para não enlouquecer e cumprir uma promessa (e consegue!!). O melhor de tudo é o



companheiro dela, Jace. Por causa de um erro dele, Miri vai parar no inferno, literalmente....Jace percebe o erro, tenta se redimir de uma maneira linda: provando a ela o quanto ela é especial para ele, o quanto ele a ama....Ele faz lindas demonstrações de amor durante o livro todo. Por amor à essa mulher, mesmo sendo vampiro, Jace vai se unir à uma matilha de weres. Jace, assim como Miri, é especial: poucos homens teriam a coragem, a fibra, a abnegação e o amor que ele tem para com Miri...Miri está em frangalhos e ele vai, pouco à pouco, juntando caquinho por caquinho, ajudando-a a se reerguer.E conseguem, vivendo uma linda história de amor. Por isso, RECOMENDO o livro!

Comentário da Revisora Fabricia: Não conhecia a série ou personagens, mas pelos poucos capítulos que revisei achei tanto Jace quanto Miri ótimos personagens. Ela, menina mimada que um acaso do destino quis que passasse pelo inferno, e se tornasse uma mulher forte, capaz de fazer par a Jace. Ele, depois de descobrir o inferno pelo qual passou Miri, resolveu recompensá-la de todas as maneiras possíveis. É um daqueles que faz a gente "babar, suspirar, e dizer eu querooooo"! Não peguei nenhuma cena hot - só sensuais e pelo que li nesses 7 capítulos, preparem os ventiladores porque a hora que os dois se pegarem ui! Pra quem gosta de Ghostwalker - enredo parecido.

Comentário da Revisora Val: Em minha opinião é o melhor livro da série. É uma estória com muito amor. Amor de um homem por uma mulher, pelos filhos, pela família. É triste, comovente e apaixonante. Miri é uma mulher fragilizada por sofrimentos que nenhuma mulher deveria vivenciar. Mas ela se recupera aos poucos pelo amor demonstrado por Jace. Ele é amoroso, paciente, apaixonado. Constante. É aquele homem que me fez lembrar dos votos que fazemos quando nos casamos. "Estarei ao seu lado na alegria e na tristeza." Demonstra a cada momento, em cada gesto, o quanto ela é importante para ele. São duas pessoas generosas que se complementam, apesar das diferenças que deveriam separá-las. Valeu cada minuto de leitura. Espero que gostem.

Comentário da Revisora Sandra: O que eu posso dizer depois de tudo acima? É um livro lindo e emocionante. Preparem os ventiladores e os lencinhos de papel.



Capítulo 1

Miri estava aqui.

Antecipação zumbia ao longo dos nervos de Jace Johnson, enquanto estava fora da fortaleza Santuário; suas presas cortavam sua gengiva; a sede de sangue preenchia suas veias. Os ossos do rosto doíam na euforia pré-metamorfose. Após um ano de inferno, estava perto, muito perto de encontrá-la. Sua companheira. A adrenalina subia por seu corpo, tanto pela batalha prestes a começar como pela caça prestes a acabar. Um ano atrás, ela desapareceu. Voltou para casa de uma missão e ela tinha partido, e nem uma matilha ou vampiro, afirmou saber onde foi. Não até seu irmão Jared trazer para casa sua companheira, uma bonita vampira que tinham toda razão para odiar, que Jace descobriu que ela fugiu dele, grávida, direto para uma armadilha do Santuário. A haviam levado, mantido prisioneira, feito experimentos nela até Miri dizer que não sobrou muito da mulher que ele se lembrava. E o que restou, disse Miri, não tinha certeza se ele gostaria. Não depois do que foi feito para ela. Coisas que tinha certeza que nenhum companheiro lobo poderia superar.

Jace deslizou ao longo da parede de pedra que conduzia ao refúgio do complexo Santuário, indicando a Derek a frente, do outro lado. Miri tinha o irritante hábito de esquecer que não estava acoplada a um lobisomem. Não havia nada que pudesse mudar o que significava para ele, e se tinha cicatrizes, teriam que superar, e o fariam juntos. Jace apertou sua mão na porta de madeira, uma ilusão parecendo rocha sólida. Mentalmente digitalizou a energia do outro lado, qualquer lampejo de luz ou alterações que pudessem indicar os vampiros do Santuário. Não encontrou nenhum, mas isso não significava nada. Apertou sua arma. Inferno, com os novos dispositivos de camuflagem que o Santuário inventou, poderia haver um exército de vampiros do Santuário do outro lado daquela porta e não saberia. Sorriu quando a adrenalina correu através de seu sistema como um bom amigo. Esperava que o inferno existisse. Após um ano de procura e preocupação, tinha uma tonelada de frustração para desabafar.

Olhou para Derek. O poderoso lobisomem tinha o mesmo sorriso que podia sentir no rosto. Nada como o potencial de uma boa luta para recuperar um homem. Derek sacudiu a cabeça e levantou a sobrancelha. Jace encolheu os ombros. Não sabia o que iam encontrar do outro lado da porta. Tocou ao lado de seu nariz com o dedo. Weres tinham um senso de olfato muito melhor que vampiros. Um segundo depois, o lobo também encolheu os ombros. Jace assentiu. Que assim seja. Hoje à noite estavam indo no escuro. Examinou novamente, desta vez à procura de outro tipo de energia. O sinal de vídeo foi fácil de encontrar. Mentalmente jogou um manto sutil de energia sobre a



área cuidadosamente antes de abrir a porta. Girou silenciosamente em suas dobradiças.

O corredor estava escuro. Não era surpreendente. Vampiros não precisavam de luz para andar. Enviou outro feixe de energia através da abertura. Ainda nada. Uma rápida olhada não revelou qualquer coisa desagradável, apenas um corredor escuro que se estendia para as entranhas da montanha. O arranhão ligeiro de garra sobre metal, perturbou o silêncio quando Derek passou o controle sobre sua arma. Foi o único sinal do seu mal-estar compartilhado. Devia haver pelo menos um sentinela. Ou os vampiros do Santuário achavam que ninguém sabia sobre esse pequeno refúgio, ou era uma armadilha. De qualquer maneira, não tinham mais tempo. Uma vez que seus irmãos e os Renegados lançaram seu ataque sobre a frente do complexo, as chances de ser pegos no refúgio, de vampiros fugindo do Santuário crescia exponencialmente com o número de covardes no local. Estava apostando que haveria um monte de covardes.

Derek pôs o polegar para cima. Jace entrou primeiro, e Derek deslizou atrás dele, um fantasma, silencioso e mortal. O lobo era um bom homem. McClaren até o osso, o que significava que tinha uma filosofia muito preto-no-branco sobre o certo e o errado, o que provavelmente explicava porque Jace e seus irmãos assumiram-se com os McClarens quando se transformaram. A aliança podia ter evoluído por acaso, quando Caleb salvou a vida de Derek, mas cresceu além do respeito pelos valores de cada um, mesmo agora, 250 anos depois, a matilha McClaren era uma família. E de certa forma, os Johnsons eram uma matilha. O relacionamento podia desafiar a descrição, mas funcionava.

Jace parou perto da porta e falou apenas movendo a boca: *você ainda pode voltar*.

Derek se sacudiu.

Jace balançou a cabeça. Aliás, não precisava falar com nenhum homem. E lá no fundo, admitiu que estava contente com isso. Com Derek junto, esta missão poderia funcionar e ser mais que o suicídio glorificado. Os McClarens eram um inferno na terra quando se tratava de uma luta, e mais que um fósforo para a maioria dos vampiros. Com Derek, poderia apenas pegar sua mulher de volta. E seu filho, que só descobriu dias atrás. Balançou a cabeça com isso. Jace Johnson, um homem de família. Não abatera seu senso de humor tão duro como poderia. Nos últimos dias se tornara bastante ligado à ideia.

Fizeram seu caminho silenciosamente pelo corredor escuro. Processando o ar que passou soprando. A poucos metros além da abertura, sua visão noturna retrocedeu, dando a tudo tons de cinza. Ele piscou. Nunca se acostumara o bastante com a mudança. A visão noturna era tão detalhada quanto a diurna, mas ainda era difícil se acostumar com a ausência de cor.

A verdade era, gostava da cor. Gostava de rir. Inferno, até gostava da vida como um maldito vampiro. De todos os irmãos Johnson, foi o único que deu boas vindas quando Caleb o transformou. Não poderia imaginar ser deixado para trás. Sempre foram os irmãos Johnson contra o mundo. E quando o impulso veio não viu sentido em perder seus irmãos por não ter se transformado. Ser imortal definitivamente tinha suas vantagens. Era mais forte e mais rápido, e poderia lutar melhor e amar por mais tempo. Era muito bom o vinho, mulheres e música intercalada com uma batalha



ocasional durante dois séculos. Até Miri. Miri D'Nally, com olhos de bruxa, sorriso de sol e as formas suaves como chuva de verão, transformou a diversão em algo muito mais sério. Apertou sua arma. Muito mais bem-vinda.

Chegaram a uma divisão no corredor e outra câmera. Brilhava uma ilusão de muro sobre ele e Derek, e rapidamente ultrapassou a visão. Os dispositivos de vídeo eram bons contra weres e contra os humanos, mas praticamente inúteis contra vampiros.

Examinou novamente. Havia pessoas numa das salas em frente, à direita. Sem movimento. Presos? Estava longe demais para contar e a energia fraca demais para ler. Não sabia se eram lobos, vampiros ou humanos, mas seu intestino torcia com um aperto rígido. Tinha que ser Miri. Sinalizou para Derek cobri-lo e apontou o corredor. Derek acenou com a cabeça. Jace se moveu para a frente, enrolando o dedo contra o cano da arma, desejando um alvo. Queria matar alguém por enterrar Miri nesta sepultura glorificada. Assim muito abaixo da terra devia ter deixado uma mulher como ela louca.

Miri era uma mulher de riso e alegria, uma lobisomem que gostava de correr no sol e dançar ao luar, que se vangloriava de sua conexão com a natureza. Proibida a ele por sua lei da matilha, dada a ele como companheira pelo destino, se lembrou dela como a viu da última vez: relaxada e satisfeita por sua vida amorosa, os lábios entreabertos e inchados, a respiração ofegante, seus longos cabelos negros um leque em contraste aos lençóis brancos. Ela olhou para ele quando disse que ele estava saindo, a descrença lentamente substituindo a felicidade em seus suaves olhos castanho-dourados, quando ele disse que voltaria na semana seguinte, criando uma certa apreensão que estava faltando alguma coisa. Um mal-estar que ignorou. Em seu detrimento. A verdade era, se gastasse mais tempo para entendê-la fora da cama, saberia quão devastador seu anúncio casual que estava saindo seria para ela, mas estava pensando como um humano e ela pensando como um lobo. Não era boa combinação em nenhuma circunstância. Maldição terminal, quando acontecia no início de um relacionamento. Ele levou mais de uma semana para voltar. A guerra civil tinha um jeito de mexer com os planos de um homem, e quando voltou, Miri se fora, como se nunca tivesse existido. E não havia um murmúrio para onde. E quando todos os seus esforços para encontrá-la se esgotaram, teve um confronto direto com D'Nallys. Enquanto aceitava o direito de D'Nallys colocar um prêmio por sua cabeça por tocar uma fêmea, não aceitava sua afirmação que sua Miri estava morta. Não quando suas vísceras diziam que não estava. Nem quando, toda vez que fechava os olhos, ficava silenciosamente louco, porque o choro dela assombrava seus sonhos. E então Raisia chegou ao recinto e percebeu que os pesadelos eram reais. Por um ano, sua esposa precisou dele, o chamou para salvá-la, acreditou que viria. Porra! Por um ano sofreu enquanto ele caçava em todos os lugares errados. Durante um ano ela se manteve acreditando, até que, Raisia disse, finalmente, não conseguia acreditar mais e desistiu, forçada pelos planos do Santuário num último ato de desespero para salvar seu filho. Algo que a deixara com os dias contados. E agora o tempo estava passando.

Raiva queimou enquanto se movia mais profundamente na montanha. Se sua matilha não fosse



tão insular, tão presa à tradição, Jace poderia tê-la encontrado mais cedo, mas o D'Nallys eram realmente específicos sobre as mulheres e sem dúvida uma das suas mulheres saindo com um vampiro do lado errado da imortalidade, não colava. Moveu-se para o corredor, estudando a energia vinda do quarto, diminuindo à medida que ficava mais nítido. Não podia errar. Derek rosnou um aviso baixo. Ele chamejava fora de controle. Jace parou, segurando a respiração, equilibrando as flutuações selvagens de energia que surgiam com o pensamento. A lenda era, os vampiros eram seres estéreis que só poderiam ser feitos, não nascidos, mas aparentemente os Johnsons eram exceção à regra, porque a esposa de Caleb, Allie, estava grávida e ele ... Merda! Ele tinha um filho.

A maravilha foi que sua raiva moderou, dando-lhe algo de positivo em que fixar sua emoção em excesso. Mais uma vez sob controle, se moveu, registrando as informações que chegavam para ele. Cerca de uma centena de metros à frente, o corredor virava. Sondou o corredor esquerdo. Havia som de máquinas e consistente com ventiladores, mas sem sentido de vida. Talvez uma sala de segurança? Se houvesse uma, os ocupantes estavam encobertos ou não ocupada. Estava apostando não ocupada, já que os cabelos da sua nuca não estavam em pé. Derek fez uma pausa contra a parede oposta, as sobrancelhas levantadas, a arma assentada facilmente na mão, a coroa encostada em seu quadril, olhando para tudo como se fosse um piquenique, enquanto de algum lugar no labirinto de corredores, vinha o som abafado de um único tiro e explosão. A explosão vibrou pelo chão e parede, aumentando a tensão nos músculos de Jace. Tinham um curto período de tempo para encontrar Miri e sair. Os líderes do Santuário eram notórios por explodir complexos se a batalha fosse para o buraco. E esta batalha, com certeza, ia para o buraco. Os Johnsons tinham contas a acertar.

Não se deixe influenciar por aquilo que vê. Use seus sentidos.

As palavras de Caleb voltaram para ele. Jace fechou os olhos, afundando em seus sentidos de vampiro. O instinto dizia que esta era a área onde precisava estar e a direção que precisava ir era... direita. Precisava ir para a direita. As paredes cobraram vida com os ecos do passado, quando se concentrou, expandindo e contraindo com a energia incorporada que vinha de sofrimento extremo, parecendo se contorcer com a agonia dos gritos daqueles que sofreram pelo poder do Santuário.

Fechou sua mente para o pulso empático, não querendo saber, agora, o que foi feito à Miri, o que permitiu que fizessem a ela, porque assumia que, enquanto estava fora, ela estaria segura com sua matilha. Apesar de ter bloqueado os restos de gritos, as lembranças o atormentavam, perseguindo seus passos, apenas esperando por uma pausa em sua concentração para atacar. Dez segundos depois, sentiu. A mais sutil das vibrações. Apenas pontadas na ponta de sua consciência, mas tudo nele ficou atento — Miri.

Os instintos exigiam que pegasse essa conexão e a envolvesse com segurança em sua energia, segurando-a da única maneira que podia, dizendo que estava vindo, que não estava sozinha.

Outro rosnado de Derek retumbou sobre o impulso. Balançou a cabeça, sufocando o desejo. Se Miri não estava sozinha, se traisse sua presença com sua energia, se Miri mostrasse qualquer sinal para quem estava com ela, que estava chegando, o resgate podia acabar antes mesmo de começar.



Era duvidoso que todos saíssem daqui vivos, mas estava determinado que um dos sobreviventes fosse Miri. Ela tinha que viver.

Ele sinalizou para Derek. Corredor à direita. Cerca de trinta pés. Seus batimentos cardíacos normalmente estáveis, e que não se elevavam, mesmo nas situações mais apertadas, pegaram velocidade. Um por um, seus sentidos focaram na mulher apenas um minuto. Não a via em mais de um ano. Não acariciou seu rosto, não amou seu corpo ou se restaurou com o toque de sua alma há muito tempo.

Outra explosão sacudiu as paredes. Derek fez o movimento de se apressar. Ele balançou a cabeça. Parecia que os meninos estavam tendo muita diversão com os brinquedos de Slade. E esse boom significava que estavam lutando arduamente para dar-lhe tempo contra algumas probabilidades feias, mas os Renegados não tinham um suprimento infinito de armas. Ganhou velocidade. Derek o seguiu. Calmo e firme, com um lado mais cruel não mostrava, até que fosse tarde demais, Derek salvou todas as suas bundas mais de uma vez. No dia que Caleb salvou a vida de Derek e forjou o pacto entre os McClarens e os Johnsons, fora uma boa para os Johnsons.

O corredor seguinte era curto e normal. Duas portas de cada lado com uma porta de aço no final. A do final era um impressionante dispositivo de espessura, com um desses bloqueios mecânicos sem opção de abertura nas próximas cinco horas e Slade trabalhava sua magia com a tecnologia. Isto é, se alguém já não a abriu para eles. A pesada porta estava aberta cerca de quatorze polegadas, com uma barra de metal. Não grande o suficiente para um homem passar, mas poderia ser grande o suficiente para uma mulher pequena se espremer. Miri era pequena. Jace deslizou pela abertura. O perfume de Miri o alcançou, correu em torno dele numa carícia silenciosa. Sutil, leve, sedutor, canela temperada com medo amargo. Uma mancha vermelha na porta chamou sua atenção. Sangue. Esfregou a mancha residual entre os dedos, mantendo sua expressão impassível quando seu vampiro uivou de reconhecimento. Miri. Levou os dedos à boca, refrescando sua memória com seu gosto, enquanto ele a procurava cuidadosamente com sua mente.

Derek, após suas ações, franziu o cenho. Jace não tinha uma resposta para a pergunta em seus olhos. Não sabia o quanto estava ferida. Do ponto de vista do resgate de Miri, isso não importava. Planejaram-se para o pior, esperando o melhor. Olhou através da porta. A sala era grande, com computadores e aparelhos em torno do perímetro. Parecia muito com o laboratório que Caleb ocupou por um tempo. No meio havia uma mesa de aço inoxidável. As instalações feitas do mesmo aço inoxidável, brilhavam ameaçadoramente à luz branca estéril. Um líquido escuro espalhava-se sobre o fundo da mesa e pingava pela borda. Dois corpos estavam amontoados no chão, cacos de vidro brilhantes ao seu redor. Nenhuma energia saía do corpo. Parecia que o pior não acontecera. Miri estava andando. Jace sorriu. E detonando.

Ele se apoiou, focando na trilha leve de energia que permanecia na abertura. Derek ficou onde estava, cobrindo-a enquanto procurava com seus sentidos. Não passou por eles até a saída, a teria sentido, então devia estar em algum lugar do complexo. Provavelmente não muito distante. Estava



cobrando sua energia, como a tinha ensinado, mas não conseguia esconder o cheiro de seu sangue. Não de qualquer vampiro, mas sobretudo dele. Não de seu companheiro.

Passou a língua nos lábios, refrescando seus sentidos, e recuou lentamente. Não era a primeira sala. Atravessou o corredor, enviando sua mente para o espaço além, em sintonia com sua vibração única. Nada. Mas do outro lado do corredor, na terceira porta, algo estava diferente. Havia um peso que não pertencia. Deixou o rifle tocar levemente a superfície do metal. Um início de medo feminino, substituído imediatamente por um surto pesado de energia masculina.

Ele acenou para Derek. Miri estava lá, e não estava sozinha. Fez o sinal para vampiro e depois o sinal para matar. Derek acenou com a cabeça. Jace colocou suas costas contra a parede, estendeu a mão para a maçaneta, devagar, juntou seus músculos e empurrou a porta.

A luz ofuscante queimou seus olhos. Uma bala saiu da sala. Com super velocidade, pulou entre a bala e o eco da arma, mergulhando no quarto, vendo a cena quando rolou. No canto traseiro direito da sala um vampiro macho segurava uma Miri nua contra seu peito. Uma das mãos estava em torno de sua garganta, suas unhas pressionando sua jugular. E na outra mão segurava uma arma.

Merda. Não era bom.

Através da violência da cena, seus sentidos de vampiro hiper-focaram em Miri, em tudo que via, tudo que era diferente. O cabelo desordenado, a beleza elegante de seu pequeno corpo, o sangue em suas coxas, as cicatrizes irregulares em sua bochecha. A fúria em seus olhos. Ele levantou, sorrindo. Essa era sua menina. Toda vinagre. Toda calor e risos.

Ergueu sua arma acima enquanto se levantava. A atenção do vampiro ficou dividida entre Derek, imóvel à sua frente no corredor e Jace à sua esquerda.

—Não tem aonde ir.

O vampiro sorriu, revelando suas presas:

—Apenas a porta.

Jace balançou a cabeça:

—Não é uma opção.

O vampiro do Santuário empurrou Miri um passo para a frente:

—Algo me diz que estou segurando meu cartão de *saia da cadeia livre*.

Era um feio filho de uma cadela, com seu rosto rasgado meio transformado e irregular. Jace encontrou o olhar de Miri, a mão na garganta dela ainda na periferia de seu olhar.

—Recebi sua mensagem.

—Por que demorou tanto?

O tom natural de sua voz rouca era forçado, sob a pressão que o vampiro estava aplicando:

—As Coisas continuaram chegando em meu caminho.

Um pequeno empurrão de queixo indicou o homem escondido atrás dela. O movimento fez um corte na sua pele. Uma gota de sangue jorrou:

—As coisas ainda estão em seu caminho.



Com o canto do olho, ele observou a gota vermelha inchar brilhante e tremular, um instante antes de crescer e começar sua descida lenta, mas inevitável pela gravidade, deslizando pelo seu pescoço, quase brilhante:

—Não por muito tempo.

—Só tempo suficiente, — rosnou o vampiro, pressionando as unhas mais fundo, enviando mais gotículas de sangue perseguindo a primeira numa explosão de cores. Um pouco mais de pressão e as garras afiadas cortariam sua jugular.

Jace ergueu o revólver, avistou o ponto morto entre os olhos do vampiro:

—Já que diz.

O vampiro focou nele, estendendo sua energia. Não pela primeira vez, Jace desejou ter a capacidade de seu irmão Jared de voltar a energia das pessoas contra eles, manipular suas mentes. Viria a calhar realmente agora:

—Miri, doçura?

—O quê?

—Abaixe.

Ela não perguntou, não piscou, apenas prendeu o olhar nele e deu o salto de fé que ele precisava. Estava em movimento antes que seu peso mudasse, pulando a distância entre eles. Derek atirou no mesmo segundo. O sangue explodiu num arco, enchendo sua visão. O grito de Miri terminou num gorgolejo. Bastardo, é melhor que ela não fosse atingida. A mão de Jace fechou sobre seu braço, afundando na carne elástica. Um flash de reconhecimento atingiu sua alma, incrivelmente forte. Agarrou os dedos do vampiro, arrancando-os longe de sua garganta quando a jogou para Derek.

E então havia apenas ele e o vampiro atordoado. O tiro foi muito alto para dispersar os miolos. O calibre muito alto para fazer a bala apenas ricochetear ao redor do crânio. Mas, ainda assim, devia sair. Não devia estar piscando sangue pelos olhos e rosnando. Definitivamente não devia ter força para atacar.

—Porra!

Jace saiu voando para trás e bateu nas prateleiras. Frascos de vidro caíram, explodindo aos seus pés em cacos brilhantes. Seu vampiro cresceu em desafio. Suas presas cortaram sua gengiva, suas garras esticaram; a sede de sangue cresceu. Esse vampiro ameaçou Miri. Tirou seu sangue. A magoou. Houve outro grito quando o vampiro se lançou contra ele, presas e garras arreganhadas. Jace já estava no ar, prendendo seu avermelhado olhar com o dele, rosnando de volta. O vampiro era forte. Muito forte. Realçado talvez. Jace se torceu longe de suas garras, usando o impulso do vampiro contra ele, mandando-o para a mesma plataforma que acabou de sair.

—Pare de brincar, Jace, e termine, — Derek bateu na porta. —Você é necessário aqui.

Derek nunca usava esse tom a menos que as coisas estivessem ruins. Jace arriscou um olhar, acompanhando de perto o avanço do vampiro por sua visão periférica. Derek estava segurando Miri. Sua mão apertava o pescoço, o sangue se espalhava por entre seus dedos enquanto ela lutava para se



libertar, seu olhar fixo sobre ele com um desespero que não podia compreender.

O vampiro bateu com o ombro no seu estômago, confiante na sua força. Jace puxou o revólver. Colocou o cano contra o lado do vampiro e puxou o gatilho. O vampiro, em estado de choque, se sacudiu um segundo antes do agente paralisante passar por ele. Jace o empurrou para fora.

—Não tenho tempo para lutar com você.

Debruçando-se sobre o homem caído, enfiou a mão em seu peito e retirou seu coração. Os olhos do vampiro estavam fechados. Jace jogou o órgão no chão e ateou fogo com o replicador de sol de sua arma, um maldito aparelho à mão.

A coisa toda levou quinze segundos. Catorze era muito tempo. O necessário para chegar ao lado de Miri, uma vida.

Derek, seus olhos estreitados, a entregou antes que Jace pudesse pedir. Jace verificou a frequência cardíaca, os níveis de seu sangue. Estava ruim.

—Será que perdeu muito sangue? — Derek perguntou.

Jace colocou a mão sobre a ferida, buscando o conhecimento que sabia instintivamente ser dele.

—Eu não sei.

Miri sangrou por segundos desesperados quando voltou sem nada. Procurou mais, se aprofundando no instinto, e então sentiu. Um calor na sua mão. Uma ligação da força de vida dela. Ele seguiu a trilha ao fundo de sua mente, então para fora de seu corpo, até sua ferida e o tecido rasgado que gritava em agonia.

Jace.

O som de sua voz em sua mente foi choque suficiente para que perdesse a conexão. Seus lábios formaram seu nome novamente. Não havia som.

Derek rosnou.

—Foque, caramba!

Não precisava do lobo para dizer isso.

Jace recentrou sua energia. Tão logo a reigação se formou, então ouviu outro sussurro rouco feminino. Ela estava usando sua ligação para se comunicar.

Jace.

Bem aqui, baby.

Você tem que salvá-la.

Ele não se importava com ninguém, só com Miri. Franziu a testa, trabalhando nas bordas do rasgo na artéria.

Em um minuto.

Vão machucá-la.

Estava falando sobre sua filha. Seu filho era uma menina. Continuou trabalhando em seu machucado, absorvendo o conhecimento.



Me deixe.

De jeito nenhum.

Estou muito ferida.

Cale a boca.

Você tem que me deixar.

Eu disse para calar a boca.

Ele não a deixaria. Começou a reparar a parede da artéria tão rápido quanto pôde, começando com a parte externa da abertura, perdendo preciosos segundos antes de perceber seu erro. Jace xingou mentalmente e, em seguida, mudou de plano, trabalhando de dentro para fora. Repetiu o suspiro de alívio de Derek quando a reparação fez o sangue correr dentro da artéria.

—Temos companhia vindo, — Derek advertiu, tocando os dedos no transceptor em seu ouvido.

Jace se concentrou num ponto fraco da reparação.

—Está se transformando num cavalo.

—Deve ser minha idade.

Selou a última borda da artéria. Não teve tempo para fechar a ferida. Ela precisava de sangue rápido. Cortou seu peito, puxando sua boca para a ferida. Nunca fizeram isso. Como sempre ela resistiu, obviamente, continuando a acreditar que tirar sangue dele era um tabu. Ele não deu a mínima:

—Beba.

Vá para o inferno.

—Acho que nós dois já estivemos lá. — Ele esfregou o dedo sobre a parte de trás da cabeça dela. —E não quero voltar.

A menor das hesitações, a mais vacilante respiração, e então seus dentes raspavam a pele. Sua respiração abrangeu o ponto sensível, crescendo o arrepio e a luxúria. Puxou sua cabeça, segurando-a perto com ternura e desejo, o desejo bloqueando o perigo, estreitando o foco para este momento único, este primeiro momento da ligação.

Alimento, doce.

O afeto brotou de sua alma, deslizou por sua guarda. Numa vida cheia de tentações e oportunidades, ela era a única mulher que sempre quis manter. A única mulher que já falhou em proteger, e não importa se a falha foi culpa dele ou não. Tudo que importava era que ela sofreu. Miri hesitou, não dando esse passo final, oscilando entre o medo e a confiança, precisando de um incentivo para ir além do limite. Ele o deu a ela.

Sem você, nosso filho morre.

Bastardo!

Só agora percebeu?

Com um rugido rouco, seus caninos afundaram, a mordida, sem dúvida com intenção de ferir, mas tudo que derramou sobre ele foi um prazer tão intenso, uma culminação tão completa, que ele



gritou. Com o canto do olho, viu Derek lançar um olhar chocado, rapidamente evitando seus olhos. O poder da conexão drapejava sobre Jace, zombando de seu bom senso. Sua mente sintonizava com a dela, seu corpo ao dela, seu foco concentrado em sua necessidade.

Era impensável que estivesse tão fraca. Precisava deixá-la forte. Precisava dar o que ela necessitava. Fosse o que fosse. Custe o que custasse. Sua cabeça caiu para trás quando a puxou mais perto. Rangeu os dentes e encontrou um resto de sua voz:

—Derek, não me deixe dar-lhe muito.

O olhar de Derek foi seco:

—Como sugere que eu o impeça?

Ele ancorou seus dedos em seus cabelos:

—Me lembre do que está em jogo.

Faria qualquer coisa por Miri. Qualquer coisa por seu filho. Qualquer coisa, exceto desistir deste momento de riqueza, após um ano de desespero e esterilidade.

As garras de Miri cavaram suas costas enquanto sua boca trabalhava eroticamente contra seu peito, seu torso contra o dele numa torção langorosa de desejo. Suas roupas irritaram sua pele, uma barreira indesejável. Precisava senti-la contra ele. Segurá-la firmemente, para sentir seu calor se fundir com o dele.

A mão de Derek em seu ombro o impediu de escorregar os ombros de sua camisa:

—Fique nu com ela e não serei capaz de parar tudo.

Jace rosnou, mas voltou a mão à cabeça de Miri, apoiando-a, sentindo o fluxo de potência dele para ela, sentindo o retorno de sua força com um senso profundo de satisfação. Era certo que desse isso a ela.

—Isso é o suficiente, — Derek ordenou.

Ainda não.

O sussurro veio em sua mente. O vampiro de Jace subiu à tona, rosnando para Derek em alerta. O lobo não o levaria dela.

—Filho da puta .— Derek estava sobre eles, seu sotaque natural abreviado quando disparou:

—Miri Tragallion-D'Nally, como Alfa da Matilha, ordeno que pare.

Miri estremeceu. O vampiro de Jace rosnou. Nenhum homem, exceto ele mandava em sua companheira. Nem mesmo aquele que invocava a superioridade universal de ser um Alfa.

Derek agarrou o ombro de Miri. Jace atacou. Derek pulou para trás, mantendo sua voz firme:

—Obedeça, Miri.

Com um gemido, Miri largou Jace. Ele respirou profundamente, a ligação cortada, fechando os olhos contra seu próprio instinto para puxá-la de volta, para dar-lhe tudo que precisava, que queria.

Miri gemeu novamente. Quando ele abriu os olhos, ela segurava as duas mãos sobre a boca, olhando com horror o sangue escorrendo no peito. Passou a mão sobre o ferimento, selando-o, inclinando-se para Derek:



—Obrigado

Ele deu um olhar a Miri:

—Quando isso acabar, vamos conversar sobre obedecer a ordens de alguém, além de mim.

Ele tirou o paletó e enrolou em volta dos ombros de Miri.

—A mulher foi criada para obedecer ao macho da matilha, — explicou Derek.

—Você vai me perdoar, mas até agora não vi muito dessa chamada obediência.— Ele pegou a mão de Miri, quando ela se aproximou dele, redirecionando-a para a manga do casaco. —E, ela é minha companheira. Não há tal coisa como um macho da matilha para ela.

—Ela é. Haverá sempre a lealdade da matilha.

Jace agarrou a outra mão de Miri, cerrando os dentes quando ela gemeu e balançou em sua direção. A troca de sangue devia ser privada, uma partilha de compromisso e não por necessidade:

—Uh—huh .— Ele puxou a manga sobre sua mão. Ela caiu imediatamente de volta para baixo.

—Você continua acreditando que...— Fechou o casaco sobre o peito, fechando os botões com habilidade. —Vamos, Miri. Em pé.

Ela o fez. Lentamente, languidamente, a sutil flexão de seus músculos tocou o inferno com sua libido. Ele não podia resistir. Colocou seu rosto em suas mãos e beijou os lábios cheios, as margens do seu apego à suavidade dela. Porra, tinha saudades dela.

Outra explosão sacudiu as paredes. Bateu no rosto com os dedos:

—Vamos nessa, querida. Temos que ir.

Ela piscou, aqueles grandes olhos castanho-dourados que assombravam seus sonhos lentamente voltando ao foco. Deu um passo atrás. Ele manteve sua mão no ombro dela até ter certeza que estava estável.

Largou a mão, quando Derek disse:

—Tempo é um desperdício.

—Você está bem? — Ele perguntou à Miri. Ela assentiu com a cabeça. Jace olhou para as manchas de sangue seco em suas pernas e pés. —Pode correr?

Ela olhou ao redor, o desgosto torcendo suas feições:

—Vou tentar.

Ele sorriu:

—Faça seu melhor.

Derek tomou a liderança, Jace atrás. Miri, protegida como podia, corria entre eles. O chão sob seus pés vibrou com uma explosão diferente das outras. Esta foi mais forte e veio debaixo e não de cima:

—Merda.

Precisavam de abrigo. Estavam fora de tempo:

—Estão dinamitando o lugar por dentro .— Jace ligou o rádio no ouvido dele e enviou um sinal ao seu irmão. Se o Santuário estava dinamitando o lugar, não havia qualquer necessidade de sigilo:



—Eu a tenho. Estamos saindo.

Assim que as palavras deixaram sua boca, as paredes explodiram numa chuva de pedra e poeira:

—Merda!

Jace pegou Miri, a jogou no chão, cobrindo-a com seu corpo, enquanto pedregulhos vomitavam como gotas de água.

—Porra, não temos abrigo.

Capítulo 2

A primeira coisa que ouviu, na sequência da explosão foi um zumbido nos ouvidos. Agudo e estridente, vindo num ritmo ímpar.

Não estava tocando. Ela estava gritando. Uma mulher estava gritando.

Miri se soltou debaixo dele:

—Oh, meu Deus! Ela está viva.

Ele se apoiou nas palmas das mãos:

—Quem está viva?

Miri se levantou.

—A mulher humana. Pensei que a tinham matado.

Derek lançou um olhar desconfiado para o teto rachando acima deles:

—Por que iriam matá-la?

Seu rosto se torceu:

—Por minha causa.

—Explique.

Era quase um grunhido de Derek, que nunca perdia o controle, e refletia a estranha tensão em seus músculos. Mantendo um olho sobre o poderoso, Jace se deslocou a fim de ficar entre Miri e Derek.

—Precisavam de alguém novo para forçar minha cooperação.

Jace olhou para o sangue em suas coxas:

—Cooperação para quê?

—Colocaram em suas cabeças que posso controlar a concepção.

—Não pode.

Ela encolheu os ombros:

—A lógica não tem qualquer relação com suas crenças.

Ele apostava que não. Os vampiros do Santuário eram um bando fodido.



Derek estendeu a mão, sua atenção claramente centrada no corredor. Miri parou brevemente, constantemente escutando no meio dos escombros com seus pés descalços. Merda. Sem sapatos. Isso seria um problema com o teto no chão.

O grito veio de novo. Agudo, apavorado.

A prioridade de Jace era Miri, mas deixar uma mulher sozinha aqui ... não poderia fazê-lo. Empurrou Miri para Derek.

—Tire-a daqui.

O lobo tinha um olhar estranho em seu rosto:

—Não.

As paredes em torno deles gemeram. Derek correu para a abertura, Miri bem atrás dele, seus cabelos longos e sedosos balançando enquanto se lançava no meio dos escombros.

Jace a seguiu:

—E todo mundo diz que sou louco.

—Não é insano, — Derek murmurou enquanto ajudava Miri sobre uma laje de concreto. —Só imprevisível .— Havia um protecionismo na forma como segurava a mão de Miri. O grunhido retumbou da garganta de Jace sem pensamento consciente. Derek firmou Miri quando ela pulou, piscando um olhar de advertência. —Especialmente neste último ano.

Com um salto rápido, Jace pousou no topo da pilha, ao lado de Miri, assumindo o caminho. Miri sacudiu a cabeça quando ele deslizou o braço em volta da sua cintura.

—Você é tão possessivo como qualquer lobo.

Não havia nenhuma indicação no seu tom de como se sentia sobre isso:

—Não se engane sobre isso: sou pior.

O outro lado da pilha tinha bordas de aço afiadas. Enfiou o braço por trás de seus joelhos e a levantou. Pôs seus braços em volta do pescoço dele e seu perfume o envolveu com a mesma intensidade.

—Posso andar.

—Apenas uma decisão executiva.

As sobrancelhas levantaram:

—Desde quando sabe alguma coisa sobre ser um executivo?

—Há muita coisa que não sabe sobre mim.

Ela apenas olhou para ele durante os três passos que o levou a atravessar os escombros:

—Talvez seja melhor assim.

Ele deixou que ela deslizasse abaixo por seu corpo, desfrutando de cada suspiro suave de contato. Ignorar suas diferenças foi o que causou os problemas entre eles, em primeiro lugar.:

—Não, não é.

Derek já estava avançando. Não foi difícil descobrir que caminho seguir, o perfume da mulher veio forte no ar condicionado, manchado com sangue fresco, azedo com o desespero. Outro perfume



misturado com o dela. Vampiro. Jace empurrou Miri atrás dele:

—Fique aqui.

—Sem problema .— Um puxão no seu cinto.

Ele olhou por cima do ombro. Ela tinha uma de suas armas na mão:

—Sabe como usar isso?

—Acho que sim, e se não, vou improvisar.

Ele sorriu pela dureza em sua voz:

—Lembre-se de tirar a trava antes de começar a ameaçar as pessoas. É ao lado.

Ela inclinou a arma e apertou o botão:

—Feito.

Ele estendeu a mão, os dedos deslizando sobre os dela, seus sentidos famintos saboreando o contato. Inclinou o cano longe de si:

—Está lá por uma razão.

—Não uma boa.

Ele deslizou de volta:

—Confie em mim e nos deixe.

Sua boca torceu. Ele colocou o dedo sobre os lábios, cortando a réplica que sabia estar crescendo. O apoio à direita gemeu:

—Me morda depois que sairmos daqui.

Ela sacudiu os cabelos por cima do ombro, um gesto totalmente feminino de raiva e desafio. Os fios soltos caíram para a frente, ignorando o desejo dela, se alimentando do dele:

—Conte com isso.

Apesar do perigo, sua insolência o fez sorrir. Ele empurrou o cabelo para trás. Derek desapareceu na esquina. Ele colocou a mecha atrás da orelha:

—Vamos.

DEREK se ajoelhou no que restava de uma porta. A armação se inclinava fortemente para a direita, encostada a uma viga caída. O lugar inteiro estava instável. A arma de Derek estava descartada ao seu lado. Estava debruçado sobre algo.

Outro gemido das vigas de aço fez Jace trincar os dentes:

—Mais uma explosão e esse lugar inteiro vai cair.

Derek não respondeu, apenas estendeu a mão como se estivesse em transe e com um toque de ternura que Jace nunca o viu antes oferecer a qualquer coisa. A poucos passos soube porquê.

Havia uma mulher presa nos escombros. Provavelmente, aquela que esteve gritando, embora não estivesse fazendo um som agora. Mesmo dali podia ver que era pequena, tão pequena que a mão de Derek contra sua bochecha, fazia diminuir seu rosto. Seus traços marcantes eram de origem asiática. O sangue escorria pelo canto da boca. Mais um passo e pode ver o corpo do homem preso



em cima dela, a cabeça nivelada com seu peito. Nenhuma energia saía do corpo:

—Acho que encontrei a sentinela ausente.

Derek acenou com a cabeça.

Jace pôs sua arma no coldre. Miri apareceu ao lado dele, seus dedos descansando em seu braço, aconchegando-o em sua energia.

—Ela está bem?

A mulher não parecia bem. Não tinha certeza que estava viva:

—Eu não sei. Derek? — Outro alerta de vibração sacudiu o chão. Jace tocou o ombro de Derek:

—Derek. Temos que sair.

Ele puxou a mão e pegou a laje de concreto que comprimia seu peito, ombro e braço. Moveu-se cuidadosamente de lado. O ombro manchado de sangue do vampiro veio à tona. Ao lado dele Miri viu sua arma. Com o polegar, tirou a trava da sua. Suas mãos tremiam.

—Ele está morto, Miri.

Ela balançou a cabeça. A arma ficou apontada:

—Eles nunca morrem.

—Esse o fez.

Ela não parecia convencida. Ele não discutiu. Outro pedaço de escombros caiu. A mulher engasgou e sufocou, o sangue pulverizado de sua boca. Jesus.

Derek pegou sua cabeça antes que pudesse bater de volta no concreto:

—Shh, apenas fique imóvel.

Sua voz era suave quando a mão pousou sobre a pele da mulher pequena. Seus olhos amendoados abriram, então olhou vagamente um segundo antes que se concentraram sobre o homem acima dela. Ela piscou uma vez e piscou novamente. Fascinada pelo terror ou qualquer outra coisa, provavelmente o primeiro, pois, certo como a merda, acordar e encontrar Derek olhando para ela como se quisesse cometer um assassinato era o suficiente para dar pesadelos a qualquer mulher.

Sua respiração ficou superficial. O cheiro dela estava manchado pelo medo e dor fresca.

—Calma, querida, — Derek murmurou.

Querida?

O cano frio da arma foi empurrado na mão de Jace antes que Miri caísse de joelhos ao lado da mulher:

—Está tudo certo, Kim. É um amigo.

Jace apertou o cabo, quente e úmido de seu aperto nervoso. Virou a trava antes de colocá-lo em seu cinto.

Depois de um piscar lento e uma série de respirações superficiais, a mulher conseguiu dizer uma palavra:

—Viva?

—Sim .— As mãos de Miri esvoaçavam sobre os escombros, onde a mão da mulher devia estar:



—E estou contente de ver você, também.

-Sin-to muito.

O rosto suave de Miri ficou duro quando tirou outro pedaço de concreto da mulher:

—Sou a único que deveria pedir desculpas a você. Eles te machucaram por minha causa.

A mulher balançou a cabeça, o movimento leve, mas enfático:

—Não.

Derek tirou mais detritos de seu torso. Imediatamente, seus olhos voaram fixos num ponto alto, e um violento tremor se apoderou dela. Os sentidos de Jace, de modo sintonizado com as emoções nos outros, registrou a perda de sangue dentro do corpo quebrado da mulher; registrou a angústia saindo de Derek e o horror de Miri. Acima dele, a estrutura do salão estremeceu com uma violência que quase combinava com a tortura da mulher. Não tinham muito tempo.

O instinto vampiro dizia para tirar sua companheira de lá e deixar tudo ao seu próprio destino. As pequenas pedras pingavam em sua cabeça, enfatizando a necessidade da pressa. Miri chegou a recuar, sua mão em busca da dele. Ele a pegou e segurou. Sua energia atingiu seu braço, suave, forte, determinada. Ela queria que salvasse esta mulher. Devia a esta mulher. Jace olhou para Derek. Devia a esse homem. Devia a sua criança. Porra, devia estar perdendo sua mente. Não tinha tempo para salvar todos os seres humanos.

—Ajude-a - sussurrou Miri.

Aparentemente, não tinha escolha.

Ajoelhando ao lado de Derek, Jace colocou a mão sobre o were quando ia remover o último pedaço de escombro comprimindo a artéria cortada, que podia sentir no braço dela. Derek cortou seu braço, tirando sangue. Havia apenas uma coisa que poderia inspirar essa reação num lobo. A descoberta de sua outra metade:

—Sua companheira está morrendo, Derek.

—Não.

Jace entendeu o terror instintivo. A profunda rejeição em sua alma, pela possibilidade de nunca sentir o roçar de mãos dessa pessoa novamente.

—É humana. Não pode se regenerar. Se remover a laje de concreto, vai sangrar em segundos— O lobo estremeceu. —Se quiser ter uma chance, precisa ser convertida, — continuou Jace.

Derek piscou. A consciência voltou aos seus olhos. Seus caninos brilharam quando rosnou. — Não há tempo suficiente para a conversão.

O que ia complicar as coisas:

—Acha que ela pode ser convertida?

Jace não sabia avaliar esse tipo de coisa. Nunca foi um problema em sua vida.

Derek :

— Sim — foi imediato e forte.

— O que o faz tão seguro?



— Ela é minha companheira.

Que significava que deviam ter fé, mas neste ponto, realmente importava? Jace limpou uma sujeira de pó dos seus olhos com as costas da mão:

— Não é muito tarde para eu convertê-la.

Junto dele, Miri respirou. Suas mãos apertaram as dele. Derek era um líder de matilha. Tinha responsabilidades. Os líderes de matilha não podiam acasalar com vampiros.

Derek tocou a face da mulher novamente, seus dedos um roçar delicado na carne contundida e sangrenta. Sua voz era grosseira de desgosto:

— Faça-o.

— Se sua conversão for como a de Allie, ficará inconsciente por algumas horas, mas então sentirá dor como o inferno.

Derek deu lugar a Jace ao lado da mulher:

— Já dói muito.

— A conversão fará isto parecer um piquenique. — Ele se debruçou sobre a mulher. As palavras consoladoras que pensou dizer pararam na sua garganta. Seu rosto estava branco, seus lábios somente uma sombra mais escura com uma cor azulada em volta das bordas. Estava muito longe para ouvi-los. — Teremos de conseguir um lugar seguro antes que ela acorde.

— A levarei ao lugar seguro D’Nally.

Ele olhou para Miri. Ela sacudiu a cabeça. Não pode levar Miri lá:

— Pode chegar lá sozinho?

Derek acenou com a cabeça, não interrogando o porque:

— Sim. — Ele deslizou sua grande mão embaixo da cabeça da mulher, arqueando-a atrás, apresentando-a para Jace — Faça.

Jace se deslocou para a frente, sentindo o peso da expectativa sobre ele. Era mais difícil do que devia reunir entusiasmo. Nunca se alimentou de um inocente antes. Nunca tentou converter alguém antes, não tinha uma pista de como fazê-lo corretamente. Não sabia como enfrentaria a devastação de Derek se a mulher morresse.

A mão de Miri saiu da dele. Não a culpou pela falta de fé. Não fez muito para provar que era homem para se contar. Suas presas, parcialmente retraídas, se estenderam quando reuniu sua força, sua energia, e a enviou à frente da mulher, procurando sua força vital. Segurando a transição feita. Bateu contra uma parede de nada. Fechou seus olhos, procurando mais duramente. Novamente nada:

— Maldição.

— O que está errado?

Não percebera que falara em voz alta:

— Não posso senti-la. É tarde demais.

— Inferno — o pulso de Derek estava na frente da sua boca. — Me morda.



Uma mordida de vampiro acessava seus pensamentos. Estar unido a um vampiro podia condená-lo ao ostracismo em sua matilha. Era um inferno se arriscar a tomar uma mulher que provavelmente já estava morta. — Pode ser muito tarde.

Derek não oscilou:

— Não é.

Alguém devia ser correto hoje. Jace mordeu, tomando o sangue do were, sentindo seu poder o atravessar. Muito poder. Junto com aquele poder veio a vibração de uma conexão externa. A mulher.

Jace seguiu seus instintos, atrás daquela vibração até o núcleo de Derek. As coisas ficaram mais confusas lá, pensamentos e emoções ardendo, confusos. Diferentemente de Jared, que podia entrar e sair da mente de outros como um sussurro de memória, Jace não era tão experimentado. Seus talentos estavam em outras direções.

Aqui.

O sussurro veio em sua mente, Derek se orientou através do caos, certo, o que fez Jace se perguntar se ele fez isso antes. *Aqui* de novo. Mais forte, mais alto, dando-lhe um ponto de foco. Correu ao longo dela, acompanhando-o em direção à parede preta do nada, sentindo a picada de Derek quando o fez.

Depressa.

Segundos se esticavam como horas enquanto procurava por uma brecha, a resolução implacável de Derek o empurrando para frente até que encontrou. Bem ali. Uma fraqueza. Ele irrompeu, recuando quando chegou ao outro lado, incapaz de absorver numa respiração todas as informações provenientes dele.

Danificada. Estava tão danificada, a energia vinda dela pouco mais que um grito silencioso. Tarde demais, tentou bloquear Derek de segui-la, mas não fez caso. Nada separava um lobo e sua companheira, e Derek era um lobo particularmente teimoso. Sua energia passou a uma força poderosa que machucava, depois subiu, em torno da força vital gaguejante com toda a força que tinha, cobrindo-a, abrigando-a dentro de seu poder.

Pode abraçá-la sem mim? Jace perguntou.

A resposta veio num estalar de impaciência. *Sim.*

Bom.

Ele respirou mentalmente e olhou para Miri.

—Quando eu disser para você, corte meu pulso.

Seus lábios formaram uma linha firme. Assentiu com a cabeça.

—E então dê o fora daqui.

Seu cabelo caiu sobre os ombros. Sua energia convulsivamente cresceu na negação instintiva:

—Não.

Ele encontrou seu olhar, incapaz de puxar sua vontade da mulher para aplicá-la em sua companheira:



—Um de nós tem que sair daqui pela nossa filha.

Miri mordeu o lábio. Seus olhos se encheram de lágrimas, mas não recuou. Seus ombros se ergueram. Assentiu com a cabeça novamente.

Queria tanto tocá-la que era uma dor vivendo dentro dele, mas não podia. Fisicamente e mentalmente estava preso a uma mulher que tentavam salvar. A mão de Miri tocou seu ombro. Sua energia alisou sobre ele. O caos acalmou, deixando atrás apenas finalidade. Ele abaixou a cabeça, raspou os dentes sobre a pele delicada da outra mulher, medido a profundidade e, em seguida mordeu.

Houve um momento de desorientação total em sua força vital. Derek estava lá, forte e implacável, sufocando a rebelião instintiva com a eficiência cruel que o fazia tanto amigo como inimigo invencível e de valor inestimável. Jace puxou a última gota de sangue da mulher para ele. Só tinham segundos. *Agora!*

Agarrou a cabeça da mulher enquanto as garras de Miri cortavam a artéria em seu pulso. O sangue aspergiu. Ele forçou seu punho contra a boca da mulher.

Beba.

A mulher resistiu. Ele não lhe deu opção, substituindo sua repulsa por força.

O rosnado de Derek o fez girar sua cabeça. As poucas luzes remanescentes piscavam, jogando luz branca sobre seus dentes arreganhados. Jace hesitou, sentindo o controle precário sobre sua necessidade instintiva de proteger sua companheira, mesmo do vampiro que tentava salvá-la. Então Derek balançou a cabeça. Com um empurrão de seu queixo, Derek fez um sinal a Jace.

Engula.

Jace deu a ordem. A mulher não obedeceu. Não tinha tempo para lutar com ela. Sondou sua mente, patinou por sua vontade, afiou seus reflexos. *Engula.*

Seus lábios se moveram, sua garganta funcionou. Após os primeiros goles, a vontade de sobreviver assumiu e a resistência se tornou uma demanda, aumentando seu vínculo, drenando sua força. Como ela se alimentando, se focou na cura de seus piores ferimentos.

Derek rosnou um aviso. Em torno deles a massa oscilante de detritos estremeceu. Atrás dele, Jace ouviu o raspar de pés sobre a rocha. Miri saindo. Bom.

Os segundos se arrastavam enquanto a companheira de Derek se alimentava. Podia sentir seu corpo absorvendo sua força, as artérias se expandindo com vida renovada, o sangue correndo em torno do ponto de punção em seu abdômen.

Rápido. Ela precisava se alimentar mais rápido, e precisava curá-la mais rápido. Caso contrário, todos iam morrer.

Enquanto ele trabalhava, rastreou Miri com sua mente, incapaz de se desligar dela tão pouco tempo depois de encontrá-la. Estava subindo, sistematicamente testando túneis e caminhos limpos, seguindo o cheiro de ar fresco para a liberdade. Medo, tensão e desespero a cada etapa, claustrofobia ameaçando sua sanidade. Enviou um pensamento atrás dela.



Está tudo bem, Miri.

Um pensamento voltou, desajeitado e enfraquecido pela distância, mas muito Miri. *É melhor. Não quero morrer aqui.*

Não vai morrer.

Não pode prometer isso.

Não, ele não podia. Mas poderia mentir. *Sim, posso. Basta continuar subindo e prometo a você, tudo vai ficar bem.*

Estou confiando nisso.

Pode fazer isso.

Ela estava quase em segurança, mas sua situação era precária.

O coração da mulher estabilizou, sua respiração regulou. Assim que Jace puxou o pulso de sua boca, Derek a arrebatou contra seu peito, sua respiração ofegante, apertando-a quando ela gemeu contra seu pescoço. Seu olhar encontrou o de Jace:

—Obrigado.

Jace fechou a ferida em seu pulso:

—A qualquer momento. — Ele apontou para ela. —Ela vai ficar muito doente antes da mudança completa.

—Eu sei.

—Vai precisar de sangue para sua primeira alimentação.

—Vou dar a ela.

—Mais do que provavelmente pode dispor.

—Vou cuidar dela.

A expressão calorosa que cruzou seu rosto deu a Jace uma pista de sua capacidade para deixar outro homem ao seu redor tempo suficiente para atender sua primeira sede de sangue.

—Pode ter que deixá-la ir.

—Não tenho que fazer merda nenhuma.

Não achava que o fizesse. Deus sabia que, se chegasse a uma escolha entre vida ou morte sem Miri ou com ela, pegaria o último:

—Vamos livrá-la desta confusão.

Juntos, levantaram a laje de concreto. Imediatamente ficou claro que o vergalhão perfurou o coração do vampiro, interrompendo-o, o mesmo vergalhão que perfurou seu peito.

Jace respirou, lutando contra a tontura, por dar muito sangue e gastar muita energia:

—Tire-o lentamente.

Derek acenou com a cabeça.

A cada polegada que ficava livre, o precioso sangue fluía. Jace trabalhava febrilmente. Quando o último centímetro saiu, isolou a ferida.

Olhando para cima, viu que o vampiro morto não estava apenas protegendo a mulher e,



posteriormente, foi capturado no desmoronamento. Se sua calça desfeita fosse uma pista, tinha a intenção de ter relações sexuais com ela. Derek pegou o corpo pesado e arremessou, contra o concreto e tudo. Quando o corpo bateu na parede, Jace olhou para a mulher. Havia algumas contusões muito distintas sobre o corpo da mulher que não tinham nada a ver com a queda dos escombros. Alguns eram antigos. Alguns novos.

—Os bastardos.

Derek não disse uma palavra, apenas tirou seu casaco pesado e cuidadosamente o embrulhou em torno da mulher. O pesado casaco de pele de carneiro a engoliu, deixando apenas as panturrilhas esbeltas emergentes. Rosnados retumbavam em seu peito enquanto o abotoava.

Jace traçou o progresso de Miri. Lobinha inteligente. Estava quase fora.

Jace tocou o ombro da mulher:

—Fiz o melhor que pude, mas ela está frágil.

Derek balançou a cabeça e deslizou as mãos sob os ombros e pernas, os pés descalços pendurados:

—Entendido.

Jace estava com ele, os pés descalços o incomodando:

—Até que sua conversão esteja concluída, não conseguirá regular sua temperatura corporal.

Derek respirou fundo, devagar, uma luta pelo controle. Olhou para o cadáver no canto:

—Tire as botas do filho da puta.

Jace admirou a habilidade de Derek em pensar racionalmente com a emoção o espancando. Jace não sabia se poderia ver algo do estuprador de sua mulher sobre seu corpo. Fez o trabalho rápido de tirar as botas e as meias do corpo. As meias deslizaram facilmente sobre os pés da mulher e panturrilhas, mas não havia como manter as botas enormes em seus pés minúsculos. Não importa o tão bem estavam amarradas, elas caíam.

—Vai ter que se contentar com as meias.

Derek acenou com a cabeça. Se virou para sair, depois parou e ficou ali, os pés apoiados:

—Obrigado.

Jace puxou sua arma, abrindo a trava:

—Você faria o mesmo por mim.

Na verdade, ele tinha vindo para ajudar a salvar Miri.

—Só queria saber como salvá-la sem convertê-la. Ser vampiro não vai tornar as coisas fáceis para você.

—Ser vampiro me dará uma chance. Não era precisou mais que a expressão de Derek .—era tão frio que parecia imutável —Sua mulher está quase fora.

—Sim — Jace liderou pelo corredor, arrastado pelo o caminho mental de Miri, em vez de seu perfume.

Derek estava bem atrás dele:



—Tem uma longa linha para cavar com essa mulher.

Jace encolheu os ombros.:

—Tenho sempre para fazê-lo.

—Se ela continuar a aceitá-lo.

Ele franziu o cenho para Derek:

—Que diabos quer dizer?

—Weres não se convertem em vampiros. Depois de acasalar, sua longevidade depende da ingestão contínua de sangue de vampiro.

Filho da puta! Deixou Miri sair na frente dele, porque pensava que ela era imortal agora. Colocou mais velocidade, indo tão rápido que os detritos pareciam cair em câmera lenta:

—Quanto tempo dura o efeito?

Derek acompanhou:

—Depende de casal para casal.

—Diga-me mais que dez minutos.

—Certo. Mais de dez minutos.

Não precisava da leviandade de Derek agora. O fulminou com o olhar:

—Agora me diga a verdade.

Derek passeou facilmente, sem perder o passo ou respiração. —Não houve muitos acasalamentos were/vampiro, e como a troca de sangue é normal numa base diária, não temos muitos fatos concretos.

Jace fez uma curva à esquerda, se curvando para evitar a baixa cinta pendurada. Miri foi convertida, quando tomou seu sangue. Não havia como voltar atrás:

— Ficarei com o Inferno da especulação.— Neste momento, ficaria com qualquer coisa.

—Cerca de uma semana.

O nó no peito soltou:

—Obrigado.

—Claro que só depois que o vínculo do casal é reforçado várias vezes.

Jace cortou Derek um olhar. —Tinha que acrescentar isso.

—Você perguntou.

Ele tinha:

—O que sabe sobre crianças were/vampiro?

—O suficiente para saber que você, e todos estão num inferno de confusão.

—Sim.

—Pelo lado positivo, tem uma criança numa confusão. Nem todos as uniões são férteis.

Sabia que Derek estava pensando sobre a impossibilidade de completar seu acasalamento com a mulher. Weres viviam para a família e matilha, desejavam ter filhos mais do que qualquer coisa. Os amavam. Convertendo sua potencial companheira em vampiro, poderia ter roubado de Derek o



sonho de todo lobisomem, mas ainda assim não hesitou em tomar a decisão, mais que reteria seu compromisso com ela. A mulher, quem quer fosse, era muito sortuda.

Uma explosão abalou mais abaixo o chão sob seus pés e enviou restos à sua volta. Derek, correu ao lado dele, debruçado protetoramente sobre a mulher. Com seu antebraço, Jace bloqueou um pedaço de concreto que caía, que golpearia a cabeça do were. Continuou rastreando Miri, mexendo com a conexão, concluindo a ligação, surgindo ao longo dela até que viu o que viu. Ela estava na abertura, farejando o ar enquanto puxava as rocha, pronta para correr em campo aberto.

Não!

Sua ordem estava repleta de desespero e fez Derek recuar. Sua projeção precisava ser aprimorada.

Porra, mulher, não se mova.

Não me diga o que fazer! Ela se voltou numa negação sucinta de obediência.

Jace xingou.

Derek bateu no seu ombro à medida que tomava uma outra entrada à esquerda:

—Presumo que não está ouvindo?

—Ela está pensando em cruzar o campo.

—Não é bom.

—Não me diga. Onde diabos está a obediência da matilha quando preciso dela?

—Você não tem matilha.

—Sou seu companheiro. A classificação mais elevada.

O perfume de Miri veio a ele, junto com o cheiro limpo da noite. Estavam quase nela. Mais uma curva, e a viu. Ela o viu mais ou menos ao mesmo tempo. Um rápido olhar sobre o ombro dela, e freneticamente escavou a abertura. Derek viu a mesma coisa que ele. E com um maldito sorriso:

—Parece que terá algum trabalho antes de convencê-la disso.

Miri mergulhou na abertura. Ela chegou até os delicioso quadris e depois entalou. A exibição deixou Jace duro num instante, apesar do perigo, apesar de sua raiva:

-Seria malditamente melhor fechar os olhos, Derek.

-Não é provável.

Se seu amigo não estivesse segurando a pequena mulher, Jace o teria empurrado contra a parede. Miri chutou e balançou. Junto com o cheiro dela veio o cheiro de sangue fresco. Seus instintos de vampiro se detiveram sobre a origem imediatamente. Havia cortado a parte inferior de seu pé.

Ele caiu ao lado dela. Ela chutou para trás duramente quando seus dedos rodearam seu tornozelo. Com o impulso caiu sentado, a arrastando para fora do buraco. Ela surgiu, rosnando, uma bola trêmula, as garras estendidas, caninos piscando. Jace segurou suas mãos antes que pudesse alcançar seu rosto. Fúria irradiava dela, o banhando com o calor de suas emoções. Ela se encolheu em seu colo, iniciando sua luxúria. Porra, era uma coisa. Os lábios dela se afastaram de seus dentes, seus



olhos se estreitaram. Inclinando a cabeça, colocou o pescoço ao alcance quando ele sussurrou só para seus ouvidos:

—Se me morder, vou gozar.

Ela ficou absolutamente imóvel. Muito lentamente, como se temesse que qualquer movimento fosse sobressaltá-lo, levantou os olhos para ele. A ponta de vulnerabilidade aprofundou as cores normalmente castanho suave:

—Você é um pervertido.

Um sorriso puxou o canto da boca. Era tudo que podia fazer para reprimi-la:

—Você só lembra disso?

Miri num ataque de raiva sempre foi a coisa mais quente que já viu. Algo que muitas vezes usava para conseguir o que queria, porque ele era muito suscetível aos seus encantos.

O som das pedras caindo de encontro à rocha o tirou da distração. Empurrou Miri para Derek, que a arrastou sob seus ombros, protegendo as mulheres como melhor podia com seu corpo maior. Com toda a força que tinha, e alguma que não sabia que possuía, Jace tirou os restos da pilha, alargando o buraco. Derek amaldiçoou e os suspiros cansados de Miri passavam pura determinação. Outra maldição de Derek e algo caiu abaixo dele. Miri.

—Saia desse inferno.

—Cale-se.

Ela pegou uma pedra e a atirou para trás, alcançando outra.

—É muito perigoso.

Mais rochas vieram abaixo:

—Parece-me que de qualquer forma estou em perigo de ser enterrada viva.

—Menos provável de acontecer ali.

Ele puxou outra pedra.

Ela colocou debaixo do braço e abriu caminho para o buraco:

—Desculpe-me, mas se vou ser esmagada por uma pilha de pedras, não acho que importe particularmente onde isso aconteça.

Ela balançou para trás, arrastando pedras com ela, gritando quando os destroços escorreram em sua cabeça. Ele agarrou os pés dela e a puxou para fora:

—Como diabos pode fazer algo tão incrivelmente corajoso e, em seguida, gritar como uma menina quando fica suja?

Ela empurrou a sujeira fora de seus olhos:

—Provavelmente porque sou uma menina.

Ele puxou o casaco que lhe deu para cobrir suas coxas: — Isso todos podemos ver.

Ela revirou os olhos.

—Miri — Derek chamou.

—O quê?



—Venha aqui e cuide da mulher.

Irritou Jace que Miri parasse imediatamente e fosse na direção do were. Jace pegou sua mão. Ela puxou de volta, seu cabelo balançando em volta do rosto. Ele acenou para Derek:

—Vamos ter que falar sobre isso.

—O quê?

—Sua obediência instantânea para Derek.

Ela franziu o cenho:

—Ele é o Alfa.

—E eu sou seu companheiro.

Ela puxou o braço livre:

—Ele ganhou meu respeito.

—Deixe-a ir, Jace.

Jace não tinha intenção de fazer qualquer coisa do tipo:

—Fique fora disso, Derek.

—Como não acasalada, Miri é minha responsabilidade.

—Estamos acasalados.

—A união não foi sancionada. Não é reconhecida.

Miri soltou sua mão e se dirigiu ao lado de Derek.:

—Nós não temos tempo a perder discutindo isso.

Ajoelhou-se perto da mulher que Derek segurava e pôs sua cabeça em seu colo. Derek tocou a face da mulher inconsciente, tirando a sujeira das bordas de seus cílios antes de se aproximar e agarrar a rocha que Jace entregou. Não conseguia tirar os olhos da mulher:

—Se está tão preocupado agora, que inferno vai fazer quando ela acordar? - Jace perguntou enquanto trabalhava ao lado dele.

—Mantê-la.

Jace arrancou um pedaço de pedra solto:

—Podia casar com ela.

—A lei é muito específica sobre isso. O acasalamento é escolha da mulher.

—E estou disposto a apostar que todos os machos estiveram ao redor das especificações dessa lei desde o dia que foi feita.

—Talvez.

Jace suspirou:

—Mas você não?

—Não. — Ele jogou uma pedra de volta. —Ela já foi enganada o suficiente.

Jace jogou a pedra atrás dele. Saltou do chão antes de rolar para cima contra a parede:

—Um dia desses vai perceber que as regras da matilha foram feitas para serem quebradas.

Derek olhou para a mulher, arrependimento nos olhos dele:



—Talvez. — Voltou-se, sua expressão tão estéril como a caverna atrás deles. Derek era matilha até os ossos. Cada parte de sua alma, não reclamada por sua companheira, era propriedade de sua matilha. Violar as regras da matilha o quebraria. Desistir de sua companheira o mataria. Nada da frieza de sua escolha se refletia no tom de Derek, quando apontou para a noite além da abertura.

—O buraco é suficientemente grande. Vamos.

Capítulo 3

Estavam correndo contra o tempo. Jace pegou Miri pelos ombros e a puxou, e pôs a mulher inconsciente amarrada às suas costas, para sair do buraco. Usar Miri como um trenó improvisado para Kim parecia a forma mais segura. Acalmou Kim, pegando-a quando escorregou de lado quando Miri parou. Kim era incrivelmente leve e pequena. Não tomou nenhum esforço segurá-la. Com uma explosão de energia, Derek saiu do buraco, sem nem mesmo fazer uma pausa para limpar o pó de suas roupas antes de pegar Kim de Jace.

O lobisomem a estudou com uma intensidade que era irritante quando a moveu nos braços. A cabeça de Kim pendia sobre a dobra do seu cotovelo, seus longos cabelos negros caindo retos em direção ao chão. Derek olhou para ele:

—Quanto tempo tenho?

Jace realmente não sabia. Ele e seus irmãos não tinham o hábito de transformar seres humanos.

—A julgar pelo que aconteceu com Allie, cerca de três horas.

—Merda. — Derek xingou, olhando para o céu. Faltavam cerca de duas horas até o amanhecer.

—Ela pode suportar o sol antes que se converta?

Jace pegou a mão de Miri, mantendo-a ao seu lado:

—Não sei, mas Allie não aguentava nenhuma luz sobre os olhos.

Derek respirou fundo, acariciou a bochecha da mulher com que uma ternura estranha:

—Então vou ter que me esforçar.

—São umas boas quatro horas até o composto D'Nally.

—Eu sei.

—Poderia se entocar até a noite.

Derek estava balançando a cabeça:

—Não. A quero segura.

Jace puxou Miri mais perto, apertando seus dedos quando ela puxou a mão.

—Não posso ir com você:

—Miri disse a Derek.

O olhar ardósia cinza de Derek se apertou sobre Miri:



—Não. Não pode.

O pouco da esperança que Jace se agarrava que os lobos aceitassem sua união morreu.

Derek ergueu a cabeça. Jace não precisava ouvir seu — chegando companhia — para saber que os vândalos do Santuário estavam se aproximando. Podia senti-los como uma coceira sob sua pele.

—Boa sorte.

—Vou te alcançar mais tarde.

—Vou estar esperando.

Derek decolou sobre a clareira estéril, atingindo os pinheiros irregulares num piscar de olhos, antes de desaparecer nas sombras das pedras que contornavam a ribanceira.

—Acha que vai conseguir? — Miri perguntou.

Jace olhou para seu rosto. As cicatrizes sobre seu rosto resplandeciam brilhantemente como branco, em sua visão noturna. Estendeu a mão e a tocou:

—Se não conseguir, vai morrer tentando.

Seus olhos se estreitaram:

—Não sou mais tão bonita, sou?

As cicatrizes eram perfeitamente lisas, perfeitamente simétricas. Deviam ter sido feitas de propósito, e, para se tornarem permanentes, deviam ter sido infligidas quando ela estava perto da morte. Levava um inferno de tempo para colocar um were perto da morte e, em seguida, mantê-lo lá tempo suficiente para ficar com cicatriz:

—Você está linda.

O inimigo estava se aproximando. Portanto era alvorecida. Enfiou o braço em volta da sua cintura e a levantou.

Miri colocou os braços ao redor de seu pescoço:

—É mentira.

Ele os levitou pela neve acumulada e solo congelado:

—Não, não minto.

—Você mentiu na caverna.

—Quando?

—Quando prometeu que eu ficaria bem.

Ele levantou uma sobrancelha para ela:

—Não está bem?

—Mas não podia saber se eu estaria.

—Mas está, portanto não menti, e seu argumento é nulo.

—Hrrmph!

Não foi tão fácil como deveria ser. Deu muito sangue, enfraquecendo. Ela franziu o cenho para ele:

—Posso andar.



- Deixaria pegadas.
 - Pode apagá-las.
 - Isso deixaria uma trilha de energia.
- Suas garras cavaram sua nuca:
- Poderia me deixar.
- Ele abaixou por causa de um ramo:
- Nunca mais.

Uma perturbação na energia à esquerda levantou os cabelos da sua nuca. Miri abriu a boca. Ele colocou a mão sobre ela. Alguma coisa estava errada. Ela não se moveu, simplesmente congelou, terror absoluto e completo colorindo o cheiro dela, o assustando. Alisou o polegar sobre a bochecha. Seus lábios sobre a testa, envolvendo um fio de energia em volta dela. Tanto quanto ousou.

Está segura.

Ela não relaxou, e ele achou que não podia culpá-la. Estavam em campo aberto, e ela só tinha a ele para contar. Seu breve tempo juntos não permitiu a oportunidade de brincar de cavaleiro salvando a donzela em apuros.

Fique quieta.

Seus olhos se arregalaram. O balançar de cabeça quase imperceptível.

Jace se arrastou para a frente. À frente deles, do lado oposto do campo, quatro vampiros do Santuário procuravam. Ele se recostou contra a árvore, misturando sua energia, cobrindo Miri com uma camada adicional. Infelizmente, não havia nada que pudesse fazer sobre o cheiro de sangue fresco preso nela.

Se o vento mudar de direção, quero que fuja por aquele caminho. Ele deu um impulso mental para o noroeste. *Se esconda com Derek e os D'Nallys.*

Não estará seguro.

Aqueles eram vampiros mal-encarados. Sua energia estava esgotada. Poderia enfrentá-los, dar a Miri tempo, mas não tinha certeza se sobreviveria. *Vá até lá.*

Não. O instinto de Miri gritava através de sua mente. Ele a cortou. *Sim. Comigo morto os weres a deixarão viver lá. Derek vai levá-la para o Circle J. Meus irmãos receberão nossa filha.*

Mais uma vez a vibração em sua cabeça.

Pensei que me queria morto.

A patrulha se movia.

Sim, mas eu queria ser a única a matá-lo.

Sua sobranalha levantou. *Vou manter isso em mente.*

Os vampiros alcançaram o ponto onde Derek partiu. Hesitaram. Um homem se separou da patrulha, desaparecendo nas sombras. Miri olhou. Jace sentiu medo.

Derek pode lidar com ele.

Ela não parecia convencida.



Jace estava mais preocupado com os três homens que ainda caçavam na borda da clareira. Não se preocupavam em esconder sua energia. Saía em ondas poderosas, uma declaração em si. O vampiro dentro dele cresceu para o desafio, querendo derrubá-los, o lado humano considerava a precaução, seu lado companheiro se preocupava apenas com duas coisas: manter Miri segura e encontrar sua filha. Uma imagem provocou sua mente, vinda de Miri para ele. A bloqueou antes que pudessem se unir, a dor no peito crescendo. Não queria saber como sua menina parecia. Ainda não. Não até que a encontrasse. Agora, a dor de Miri era tudo que podia suportar.

A tentativa de conexão fracassou. Atrás dele a dor de Miri cresceu pela rejeição. Porra, era um covarde, mas só agora descobriu que estava viva e que Miri teve uma filha. Queria que seus primeiros conhecimentos sobre sua menina fossem bons, não compartilhar apavorado aquele único medo conjurado.

A patrulha seguiu em frente. Levantando Miri, sombreando para a direita, se movendo de campo de energia para campo de energia, Jace voltou por trás da patrulha, digitalizando os outros, desejando ter Raisa com eles. Ela podia sentir toda a energia, mesmo bloqueada pelo escudo do Santuário.

Ao seu lado, Miri enrijeceu. Este eco de pensamento foi muito duro e rápido para bloquear. Compartilhar mente levaria algum tempo para se acostumar.

Raisa?

Ele balançou a cabeça, não querendo ser importunado por uma explicação. Seu transceptor estava em branco, sem nada, estático, da forma como ficou desde que as paredes desceram. Não sabia se estava sendo monitorado ou bloqueado, mas não podia se arriscar a usá-lo. Não era possível verificar para ver se estava tudo bem com Derek. Não era possível chamar seus irmãos. Não era possível contar com eles para apoiá-lo. Pelo menos não hoje. E hoje era no que precisava se concentrar. Hoje precisavam se livrar das patrulhas do Santuário e encontrar abrigo. Na ponta sul da clareira havia uma separação na rocha. Mal dava para um homem passar. Ele sondou. Havia uma abertura do outro lado. Teria que colocar Miri no chão. Isso deixaria o cheiro dela para trás. Ela estremeceu. O odor de sangue fresco fazia cócegas em seu nariz. Checou seu pescoço. Não vinha de lá. Olhou para baixo. Vermelho brilhante manchava suas coxas.

—Miri? Doçura? — Ele sussurrou contra sua orelha.

O olhar que lançou era angustiado. Ela balançou a cabeça e apertou as pernas juntas. Sabia que não era sua época do mês. O sangue menstrual tinha seu próprio perfume único, este era diferente. Este falava de lesão, mas também algo mais. Os vampiros estavam se aproximando, a angústia nos olhos dela mais forte. Não tinha tempo para questioná-la agora. E sua condição não deixava qualquer escolha.

Ele a levitou através da abertura, o suor saindo na testa pelo esforço. Precisava se alimentar, precisando de força. Assim que ela atravessou a fenda para a caverna além, a colocou no chão, deslizando atrás dela.



O que parecia uma clareira era realmente uma grande abertura na caverna. A abertura no muro de rocha acima dava uma sensação de espaço. Não havia saída traseira. Estavam presos.

—Merda.

Teria se sentido muito melhor se pudesse ter gritado em vez de murmurar.

—Jace?

Miri balançava. Ele a colocou abaixo, a mão sobre seu estômago:

—Por que está sangrando?

Mais uma vez aquele olhar angustiado. Desta vez, apoiado pelo medo.

Ele enviou sua energia interior, e enquanto lutava para chegar a uma resposta à sua segunda pergunta teve a resposta para a primeira. Aborto espontâneo.

—Estava grávida?

Ela engoliu em seco. Sua expressão ficou completamente em branco, mas a borda afiada de seu medo cortou suas terminações nervosas. E então teve a resposta à sua primeira pergunta. Eram machos muito territoriais. Houve alguns casos que acionou seus instintos primitivos e que poderia gerar uma raiva assassina. Circunstâncias como a prova que sua companheira dormiu com outro. Abrangendo o queixo de Miri na mão, Jace levantou seu rosto:

—Fiz uma pergunta.

Ela lambeu os lábios e pareceu parar de respirar completamente. Sua mão deslizou pelas costas.

—Você ficou quieta, porque acha que se eu ouvir que ficou grávida de alguém vai perturbar minha sensibilidade delicada?

Ela piscou, estreitou seu olhar, e depois assentiu. Ele a aliviou, tirando o aperto de suas mãos:

— Não sou da matilha, Miri .— Ele se reservou. —Não vou ficar louco, só chateado.

—O que vai fazer?

O dano remanescente na garganta tornava a pergunta sussurrada. Ele acariciou seu polegar em sua laringe:

—Ficar furioso e com medo.

Suas sobrancelhas se levantaram:

—Por que com medo?

Ele a apertou contra seu abdômen:

—Quero que o sangramento pare.

—Não posso fazer isso parar.

—Mas eu posso. — Custaria mais energia do que era seguro, mas não podia apenas deixá-la sangrar até a morte. Apertou os dedos, lutando para encontrar o caminho para a ferida, chegando lá dentro, localizando-a através do calor. Encontrou o rasgo dentro e franziu o cenho. Era uma sensação familiar. Como uma ferida de faca ou uma goiva...

Desta vez mordeu um palavrão. Aborto. O bebê estava sendo abortado.

Ele a puxou contra ele, pressionando os lábios em seu cabelo:



—Ah, Miri, me desculpe. Estou muito triste.

Suas lágrimas molhavam sua camisa quando curou a ferida. Seus dedos cavaram em seu antebraço:

—Não foi sua culpa.

Recuou para ver sua expressão. E desejou que não ter. Dor, brilhante e cortante, brilhava entre as pontas quebradas de seu controle.

—Eu sei. Posso fazer a conta. — Uma nova lágrima pairou sobre seus cílios. A observou crescer, em seguida, a pegou antes que pudesse cair sobre o polegar, esfregando-a entre os dedos até que sumiu. Se pudesse eliminar as lembranças do último ano com tanta facilidade:

—Mas era seu, e sinto muito.

Ela piscou sem compreender, como se falasse uma língua estranha. Sua boca aberta, fechou. Na tentativa seguinte, encontrou sua voz

—Me deixou, nossa filha. Você me deixou e eles — Ela cortou o que ia dizer. Os braços se envolveram em torno dela. Ela terminou o desabafo breve com a mesma brusquidão com que começou. —Você me deixou.

O maior crime que poderia cometer contra uma companheira:

— Ouça-me, Miri.

A ordem caiu em ouvidos surdos. Ela lutou para sair de seus braços:

—Não posso.

Jace pegou sua mão, puxando-a de volta:

—Precisa.

Seu queixo se aproximou e o ouro em seus olhos se tornou mais pronunciado, parecendo iluminá-los por dentro:

—Não, eu não. Agora não. Nem nunca mais.

Ela devia pensar melhor se achava que ia deixar esse assunto entre eles para sempre. Poderia, no entanto, deixá-lo por agora:

—Tudo bem, mas há algo que precisamos falar.

Ela parecia quase se trancar dentro de si, seus olhos se tornando tão brancos como sua expressão. Se a umidade de sua lágrima não estivesse em seus dedos, poderia ser enganado e pensar que estava calma. Era uma mulher muito forte, mas sob a máscara exterior, podia sentir seu controle fragmentando, pedaço por pedaço, camada por camada. Não queria vê-la se quebrar, mas precisava saber:

—Sabe onde está nossa filha?

Suas pálpebras baixaram. Seus lábios se firmaram. E não respondeu. Ele colocou seu rosto na mão, correndo o dedo ao longo do seu lábio inferior, puxando-o para longe da borda de seus dentes:

—Posso tirar a informação de sua mente.

Seu queixo subiu outro tanto. Os olhos castanho dourados queimavam com a raiva do lobo:



—Então por que não faz?

Porque iria machucá-la:

—O farei se me forçar.

Ela encolheu os ombros como se não se importasse:

—Não será a primeira vez que fui forçada.

Mais culpa aos seus pés:

—Tem que confiar em alguém, Miri, e agora, sou tudo que tem.

Sim, ele era. Miri olhou para Jace. Odiava o ver como se lembrava — tão forte, tão controlado, tão malditamente inalterado, como se o último ano que fez tanto para ela tivesse passado por ele. Reforçava sua convicção que fez isso para si mesma e sua filha, quando se acasalou sem aprovação da matilha, e agora precisava confiar nele para endireitar isso:

—Nunca deveria ter confiado em você.

Ele não vacilou, nem deu nenhum sinal que suas palavras soaram mal:

—Mas fez. Fez mais que isso. Me escolheu para seu companheiro.

Ela sentiu seus cílios piscarem:

—O acasalamento não é uma escolha.

—E nem é aceitar minha ajuda agora.

Ela empurrou a mão dele de seu estômago. Deus, desejava poder dizer que não precisava dele. O rosto de sua filha passou diante dela, os minúsculos traços, todos vermelhos por conta do estresse do parto. Só a viu por breves minutos. Tempo suficiente para saber que tinha o cabelo preto como o dela, a variável entre cinza e azul dos olhos castanhos como o pai, e uma doce expressão. Só teve esse breve período antes de a enviar com estranhos, ao mundo humano, esperando que pudesse se esconder a plena vista. Esperando que sua ascendência não se mostrasse antes que pudesse conseguir ajuda para ela:

—Não há nada dizendo que tenho que gostar disso.

Seu polegar pressionado o lábio inferior, deslizando dentro. Seu gosto inundou sua boca. Como se sua alma estivesse faminta por esse momento. A fome aumentou.

—Não, não existe.

Contra sua vontade, sua língua tocou a pele dele. Um grito de felicidade interior rolou através dela. Suas pálpebras baixaram quando estremeceu. Células adormecidas, partes que pensou estarem há muito além do ponto da morte, se levantaram e gritaram de felicidade. Tudo nela mandava se inclinar para Jace, se entregar aos seus cuidados, suas preocupações, a responsabilidade de sua filha. Cair em seus braços e deixá-lo abraçá-la até que todo o trauma do último ano fosse embora. Ela os conteve:

—Deixe-me ir.

Ele o fez, ficando em pé com que a graça suave que costumava fazer seu coração palpitar. Ela estava acostumada à homens de atitude coordenada, mas Jace se movia diferente dos weres. Havia



uma leveza nos seus movimentos que a fazia pensar em gatos ao invés de cães. Sob esse ângulo, ele parecia muito maior, muito mais letal. Malditamente invencível.

—Vou me alimentar.

—Há patrulhas por todo o lugar.

—Isso é o que espero.

Bom Deus, ia se alimentar do Santuário!

—Você será morto!

—Então devo poupar alguns problemas.

—Mas não vai salvar nossa filha.

—Então acho que vai ter que rezar para eu viver um pouco mais.

Ela orou. Todos os dias desde que o conheceu, orou por ele. Mesmo depois de ter sido levada e ficar claro que o resgate não era iminente, ela orou, até que ela ficou envergonhada por se apegar à esperança:

—Acho que vou.

—Logo estará atravessando a conversão. Não podemos ficar aqui e estou muito fraco para te levar a um lugar seguro. Preciso me alimentar.

—Não me faça impedi-lo.

Seu olhar se fixou em sua aparência. Sentia cada imperfeição nova, cada marca deixada no último ano:

—Você é a única coisa que poderia.

Ela tentou uma tática diferente, não querendo deixá-lo ir por aí se colocando em perigo:

—Sou uma were. Weres não mudam.

—O que te faz ter tanta certeza?

Ela não tinha uma resposta.

Ele encostou contra uma parede distante:

—Isso é o que eu pensava. Da forma como vejo, tem que haver algo mais que apenas a sucessão de liderança e hierarquia da matilha que faz os weres insistirem sobre o acasalamento de suas mulheres com vampiros, e seja o que for, não a quero exposta e vulnerável quando isso ocorrer.

Grande. Mais problemas. O stress a fez apertar as garras em seu pulso:

—Eu poderia fazer sem saber.

—Imagino que poderia, mas queria saber.

—Não, não queria.

Ele se moveu para a entrada:

—Bem, é isso que acontece quando discute. Todos os tipos de coisas desagradáveis são levantadas.

Como esqueceu como seu senso de humor podia ser cansativo?

Ele olhou por cima do ombro:



—Parece ter se esquecido de um monte de coisas.

Leu sua mente. Ouviu que a ligação entre vampiros acasalados e weres acontecia muito mais fácil que as ligações que algum weres podiam fazer. Não era de todo conveniente saber que funcionava dessa maneira entre eles. Agora não:

—Não é de propósito.

—Tem certeza?

Não, ela não tinha. Cruzou os braços sobre o peito.

Um sorriso enrugou a pele ao redor dos olhos:

—Pode devolver aquela resposta.

Era uma afirmação retórica. Ela se encontrou balançando a cabeça. Porra, isso era realmente o programado?

A sugestão de um sorriso se tornou uma carranca enquanto Jace alcançava a abertura. Sua energia se estendeu e empurrou de encontro a ela, uma ordem mental para permanecer atenta, ele se voltou com uma ordem verbal em voz baixa:

—Lembre-se, se eu não voltar fique aqui até pouco antes do anoitecer e então vá para o D'Nallys.

—O que te faz pensar que vou ficar aqui?

A fulminou com um olhar:

—Não pode mais caminhar de dia. Saia no sol agora e será transformada numa criatura crocante antes que chegue a qualquer lugar.

Ele desapareceu pela abertura.

Não pode mais caminhar de dia.

Parecia muito certo disso. Podia ser um truque para fazê-la ficar parada, mas Miri não achava isso. Uma coisa sobre Jace: nunca mentia sobre coisas importantes. Sempre falava a verdade, nua e crua sem cortes, não importa o quanto isso doesse.

Ela colocou a mão sobre seu abdômen. Dentro, podia sentir o calor remanescente da sua cura. E sob ela, uma perturbação que não deveria estar lá. Fechou os olhos e focou para dentro, tentando identificar a fonte, mas não havia apenas um ponto. A perturbação era mais generalizada que localizada. Abriu os dedos, numa tentativa de abranger a totalidade do que estava acontecendo. O entendimento demorou a chegar, mas quando o fez, teve que sentar. Era companheira de Jace Johnson. E estava mudando.

Jace deslizou de volta para a fenda, a energia vibrando dentro dele. Os vampiros do Santuário podiam estar do lado errado, mas tinham sangue potente. Também tinham naturezas vingativas, e não iria demorar para as patrulhas encontrarem os corpos dos dois homens com quem lutou e se alimentou. Precisava tirar Miri daqui.

Miri.



Ele a chamou mentalmente novamente. Nada. O mesmo nada com o qual se chocou a cada vez que tentou sondar por ela. Ou a mulher aprendeu a bloqueá-lo ou estava em apuros. Por mais que quisesse acreditar no primeiro, porque isso significaria que estava segura, Miri era inteligente demais para se prejudicar com uma birra.

Assim que entrou na caverna, Jace soube que Miri estava em apuros. Ela jazia no chão, as mãos sobre o abdômen, o rosto branco como um lençol. Suas costelas se levantavam com curtas respirações. Os dois passos que levou para chegar nela foram longos demais. Caiu de joelhos no chão de terra.

—Merda.

—Essa é minha palavra. Mulheres-lobo não xingam.

—Decidi pegar seus maus hábitos, — sussurrou ela, com voz tensa.

—Porque estamos acasalados?

Ele a levantou do chão frio. Ela gemeu e estremeceu. Nem o som nem o movimento eram tão fortes como ele achava que deveriam ser. O jeito como caiu contra ele dizia mais que palavras sobre o quão ruim isto estava.

Ela virou seu rosto na sua garganta:

—Porque estou cansada de ser boazinha. Pessoas boas são esmagadas.

Ele roçou os lábios na sua testa. —Gosto de você legal.

—Eu apoio meu caso.

Estava determinada a manter seu rancor. Outro arrepio a percorreu. A mudança estava começando. Ah, inferno. Ele abriu a palma da mão nas suas costas enquanto ela mordida o couro duro de sua jaqueta:

—Sei que está doendo, doce, mas temos que sair daqui.

Ela inclinou a face para cima. Ele pegou sua cabeça na palma da mão, apoiando-a quando teria se desequilibrado:

—Você irritou o Santuário? — perguntou ela.

—Por enquanto.

—Certo, então. — Apoiando a mão em seu joelho, ela se ergueu sozinha. Sem o apoio de sua mão no meio das costas, não faria isso. Estava tão fraca.

Ela mordeu o lábio e balançou:

—Estou pronta.

A náusea irresistível rolou através dela e se espalhou:

—Há quanto tempo isso vem acontecendo?

Ela engoliu em seco, uma vez, duas vezes. O que quer que fosse, estava um pouco mais verde:

—Cerca de dez minutos depois que saiu.

Maldição. Ele enfiou a mão sob seu queixo. Levantou seu rosto:

—Se precisa vomitar, pode querer fazer isso agora.



—Não vou vomitar.

—Vou ter que carregá-lo sobre meu ombro para chegar até onde precisamos ir.

—Para onde estamos indo?

—Para um lugar seguro. — Pelo menos, esperava que fosse seguro. E que ainda estivesse lá.

Ela olhou para a fenda:

—O que há de errado em ficar aqui?

Ele apontou para uma abertura no teto:

—O sol vai nos fritar.

Mordendo o lábio, olhou ao redor:

— Não poderia alcançar os cantos.

Gostaria de lhe dar — um lampejo de esperança. Mas balançou a cabeça:

—Vamos embora.

—E para isso preciso vomitar?

—A única maneira que posso me mover rápido o suficiente para fugir do sol é carregando-a sobre meu ombro.

Sua mão agarrou seu estômago, seus olhos se arregalaram, e olhou para ele novamente:

—Eu ... não posso.

Porque ele estava lá:

—Esse não é o momento para modéstia.

—Diga isso para a minha modéstia.

Ele levantou, segurando a mão dela, a puxando para ele. Sua carne estava muito fria. Porra, não sabia como seria para ela, mas se fosse qualquer coisa como foi quando ele se converteu, queria que estivesse rodeada pelos melhores conhecimentos médicos. A queria segura, mimada. Queria tirar o medo de seus lindos olhos castanhos. Queria que o último ano voltasse.

—Vai vomitar?

—Não.

—Bastante bom.

Ele esquadrinhou fora da abertura. Ainda nada. Era agora ou nunca:

—Vamos.

Atravessou a primeira abertura, segurando a mão dela caso teimasse, ligeiramente desapontado quando não o fez. Tão logo saiu pela fenda, Jace verificou novamente. Para a esquerda, a cerca de cem metros a patrulha estava voltando. Rápido. Segurando-a firme, ele puxou Miri e foi para o clareira. Quando ela cambaleou, ele se abaixou, colocou o ombro no seu abdômen, se endireitou, e decolou.

Era natural que a palma da mão caísse nas suas nádegas. O desejo que surgia por seu intermédio não era. Estavam em perigo. Se não saíssem agora iam acabar como carne de cachorro do Santuário. E, no entanto, bem ao lado da adrenalina que vinha do perigo, estava a luxúria quente que



só ela inspirava.

Miri bateu em seu traseiro:

—Você é doente.

Obviamente, alguns pensamentos não era bons para em se esconder. Ele bateu na sua nádega:

—Só ao seu redor.

Ele angulou para baixo pela montanha, em direção à casa e à segurança.

Ela baixou a cabeça contra suas costas:

—Como sou feliz.

Capítulo 4

Eles encontraram uma nova maneira de ferí-la. Ela franziu o cenho. Antes, nunca teve nenhuma malícia no que faziam. Era apenas mais um experimento para ser levado à sua conclusão. Aplicavam força quando necessário para obter o respeito que precisavam, mas nunca foi mais fundo do que isso. Nunca foi pessoal. Isso, no entanto, era muito pessoal. O fogo queimava seu intestino, saindo, vivendo, respirando agonia que se alimentava de si mesma — numa torção crescente de agonia. Chega, meu Deus, ela desejava saber o que mais queriam que ela pudesse dar a eles.

Ela gritou. Não havia razão para não o fazer. Sabiam tudo que precisavam sobre seu nível de dor pelos eletrodos presos ao seu crânio. Alimentou montanhas de notas de biofeedback¹ para forrar a sala de máquinas, a ponto de esconder sua angústia não provando nada. Não se importavam se gritasse. Tudo que importava eram as leituras em suas telas. Embora, se gritasse para os irritar, poderiam amordaçá-la. Mas nunca era o primeiro grito que fazia isso, ou mesmo o quinto.

A próxima agonia queimando trouxe mais um gemido. Puxou sua frustração, seu desamparo, sua fúria pura em estar presa, incapaz de escapar, não poder deixar ninguém saber que precisava escapar. Apenas presa. Infinitamente presa. Ela inclinou a cabeça para trás e gritou. Tão alto como podia, com tudo que podia.

Uma mão apertou sobre sua boca:

—Shh, Miri.

Seus olhos abriram. O rosto de Jace encheu sua visão. Tão perto que podia ver a mancha de azul em seus olhos cinzentos e as cintilações minúsculas de energia vampira iluminando as bordas. E dentro dela, a parte estúpida irracional que tentava matar subiu para cumprimentá-lo.

¹ Biofeedback - A técnica de utilização de dispositivos de monitoramento para fornecer informações sobre a função autonômica corporais, como frequência cardíaca e pressão arterial, em uma tentativa de ganhar algum controle voluntário sobre a função que desempenha. Pode ser usado clinicamente para o tratamento de determinadas condições, como hipertensão e enxaqueca.



—Tem que ficar quieta, princesa.

Foi então que percebeu que ainda estava gritando. Podia não se importar se os cientistas do Santuário ouvissem seu grito, mas importava que Jace ouvisse. Prendeu a respiração e inalou lentamente pelo nariz, mas as lágrimas caíam sobre suas bochechas além de seu controle. Um sonho. Foi um sonho. Não estava presa lá. Estava livre. Fechou os olhos e se esforçou com a amplitude dessa realidade.

—Miri?

Ela abriu os olhos. Jace franziu o cenho para ela, sua mão indo para sua barriga. Ela sentiu o toque de sua energia, o calor do seu toque, e a dor diminuiu. O vinco entre as sobrancelhas se aprofundou. As luzes nos olhos cresceram para redemoinhos de ouro. Seus músculos incharam. O entendimento veio rapidamente. Estava tomando sua dor para si mesmo. Ela agarrou seu pulso e tirou a mão dele de sua boca. Conseguiu uma polegada:

—Pare com isso.

A ordem rosnada nem mesmo fez sua testa alisar. A almofada do seu polegar roçou ao longo de sua mandíbula quando perguntou num sussurro suave:

—Agora, qual seria meu incentivo para fazer isso?

Ela seguiu seu exemplo e manteve sua voz quase inaudível:

—Você não teria que sentir dor.

Outro toque ao longo de sua mandíbula:

—Não é um grande incentivo de onde estou sentado.

Os músculos de seu estômago contraíram. Uma gota de sangue de suor de vampiro se formou na têmpora de Jace. Não tinha o direito de fazer esse sacrifício por ela. Não queria ser grata a ele:

—Não quero isso de você!

—Teimosa.

Sua voz ecoou na pequena câmara. Um olhar em volta mostrou que estavam dentro de uma caverna rasa formada por uma saliência de rocha. Uma árvore apodrecida, caída anos atrás por sua aparência, cobria o ponto de acesso. Se a movesse apenas o mínimo estariam presos. Seu controle sobre sua mandíbula apertou. Como ela.

—Não preciso disso.— Empurrando seu pulso, ela rosnou,—Não preciso de você.

Ele não se abalou, apenas acariciou seu polegar ao longo de sua mandíbula novamente, lembrando-a de tempos mais felizes antes que soubesse o quão diferente ele via o que ela via:

—Precisa de mim para encontrar nossa filha.

Ela fechou os olhos lentamente. Sim, precisava. E precisava manter isso em mente enquanto lidava com ele. Não podia permitir esses ímpetos de emoção, as explosões de raiva:

—Sinto muito.

Sua maldição perturbou o cabelo em sua cabeça, mostrando um aborrecimento muito maior do que deveria. Seu aperto aumentou antes de relaxar gradualmente:



—Acho que prefiro ter você com raiva de mim que...

—Que?

Desta vez os dedos fecharam em torno do queixo, trazendo seu olhar ao seu estreitado:

—Me bajulando.

Jogou sua própria palavra de volta para ele:

- Teimoso.

Um clarão de dor a atravessou, pegando-os de surpresa. Outra maldição de Jace e depois a agonia cessou.

Ele ergueu seu queixo:

—Desculpe-me.

Ele se arrependia? Levou um minuto para descobrir isso, sua mente preocupada com a expectativa da agonia e a esperança que terminasse, mas quando a lógica a chutou, não foi difícil perceber. Jace era um homem que fazia as coisas de uma única maneira. A maneira correta como a via. O lapso de concentração que permitiu que a agonia breve a atravessasse o incomodava. Ele, sem dúvida, o via como um fracasso. Uma pausa em seu controle. E era um homem que valorizava o controle. Seu estômago se contraiu, os músculos enrijeceram com um sentimento vagamente desconexo, mas a promessa de dor não se materializou. Pelo menos não para ela. Mais gotas de sangue enfeitavam o rosto de Jace. Queria limpá-las. Queria dar um tapa nele:

—Por que tem que ser tão nobre?

—Meu pai me criou certo.

—Seu pai morreu quando era jovem.

—Era o tipo de homem que deixou um legado.

O pai dela foi were também, antes de ser morto por humanos. Sua mãe o seguiu rapidamente como todos os companheiros vinculados. E então ficou sozinha. Sem o apoio de sua matilha, teria ficado louca quando se confrontou com uma solidão tão esmagadora, talvez até mesmo tirado a própria vida.

—Estou morrendo?

Ele não respondeu imediatamente.

O medo se tornou a única verdade:

—Tem que me dizer.

Seus lábios se firmaram numa linha fixa:

—Não.

—Não, não vai me dizer, ou não, não estou morrendo?

Outra dessas pausas que a deixavam desconfortável. Ele a moveu contra ele, o sangue da dor que estava tomando dela pingando em seu ombro:

—Apenas não.

O medo se tornou pânico. Se morresse, ninguém procuraria Faith. Ninguém sabia onde estava.



Ninguém se importaria, e sua filhinha viveria sozinha, sem família, sem matilha, sem proteção. E quando sua herança se tornasse conhecida, o Santuário a encontraria facilmente.

Faith já tinha cinco meses de idade. A qualquer momento agora, as pessoas cuidando dela começariam a perceber suas diferenças. O brilho de seus olhos quando ficava furiosa. Sua necessidade de carne vermelha. Ou talvez até mesmo sangue, percebeu. Faith era metade vampiro. Miri fechou os olhos contra o pânico esmagador. Were ou vampiro, não importava. Sejam quais fossem os traços diferentes que Faith exibisse chamaria atenção. Miri não podia deixar isso acontecer.

Apertou a mão de Jace:

—Se eu morrer, tem que me prometer que vai buscar Faith.

Uma expressão estranha cruzou seu rosto. Seu polegar roçou em seus dedos, fixando-se no meio oco:

—Faith. Foi assim que a chamou?

Ele não sabia o nome de sua filha. A enormidade do que isso implicava tirou o chão dela. Se morresse, Jace não saberia como era sua filha, a quem procurar, não a reconheceria se a visse. Miri era o único ser vivo que sabia onde Faith estava.

—Não pode me deixar morrer.

—Não planejo isso.

Ele não entendia:

—Não posso morrer, nenhum de nós.

—O máximo que noto é que vamos passar um maldito dia incômodo.

—Me prometa que não estou morrendo.

—Eu prometo.

Ele disse com muita facilidade. Muito rápido. Desta vez, o ardor queimou profundo, passando além do seu bloqueio. Seus caninos cortaram seu lábio. O cheiro de sangue era forte entre eles. Dele. Dela. Familiar de uma maneira indescritível. Ela baixou a cabeça em seu peito, empurrando sua testa contra ele:

—Nós cheiramos como Faith.

Sua risada foi forçada no silêncio:

—Nunca ouvi essa descrição.

Ele ainda não entendia. Ela pegou o sangue de seu lábio, passou-o através de sua têmpora, e depois o segurou debaixo do seu nariz:

—Nossa filha cheira assim.

Ele ficou rígido, sem inspirar, sem expirar. Ela esfregou a mistura de seu sangue contra seu lábio superior, pressionando com força sua mão, sua mente:

—Isso é o que nossa filha é.

Um arrepio percorreu o corpo grande. Ele agarrou a mão dela, respirou fundo e, em seguida puxou os dedos em sua boca, lambendo o sangue, o olhar dele nunca a deixando, sua energia a



atravessando como tentáculos pesados. Seu olhar escuro se iluminou com pontinhos de ouro:

—Fale-me sobre ela.

Sua cabeça se girou com a dor que roubava sua voz. Ele a tomou como tudo o mais.

—Será um longo tempo até a noite, Miri.

—Então?

—Então pode gastá-lo me fazendo pagar, ou pode gastá-lo partilhando as memórias de sua filha com a única pessoa no mundo que está tão desesperada para ouvi-las como você para compartilhá-las.

Desesperado?

—Não acha que está exagerando um pouco?

—Estive procurando por você por um ano, Miri. Não sabia se estava viva ou morta, e então a encontro coberta de sangue e nossa filha desaparecida. Se acha que estou perto de estável, terá uma surpresa.

—Você me deixou.

—Não, não a deixei.

Qualquer coisa que ela fosse dizer fora perdida com a agonia queimando através dela. Tudo que podia fazer era cravar suas garras em seus músculos. O aroma de cobre do sangue fresco perfumou o ar. Devia estar machucando-o. Ele não disse uma palavra, apenas a abraçou mais enquanto ela o superava.

—Supõe ser assim? — Ela ofegou.

Seu olhar nunca vacilou:

—Não sei. Nunca converti um lobo antes.

Weres não se convertem. — Os mais velhos sempre martelavam esse fato para os jovens da matilha. Era absoluto.

—Aparentemente faz alguma coisa. Só queria que eu pudesse controlá-lo.

O cheiro de sangue ficou mais forte. Dele, dela, não havia mais como diferenciar. A dor torceu mais profunda:

—Oh, Deus, quero gritar.

Jace colocou a mão sobre sua boca:

—Grite de longe.

Ela balançou a cabeça, a escuridão pressionando quando sua sombra caiu sobre ela. Não poderia fazer nada por ela, mas sabia que ele podia vê-la e não gritaria na frente dele. Ela mordeu a mão por sua vez. Seu rosto encostou no dela, a pele deslizando sobre suas lágrimas e suor:

—Fale-me sobre nosso bebê, Miri.

Ela teve que esperar um minuto para recuperar o fôlego. E então teve que esperar passar a agonia em sua alma ao trazer a memória para a frente:

—Ela era tão pequena. Só tive alguns minutos para levá-la.



Sua mente tocou a dela, pediu licença, e entrou:

—Como se parece?

—Como uma vermelha..., enrugada versão nossa.

Ele beijou sua bochecha:

—Era muito melhor parecer com você.

—Tem cabelo preto e minha boca, mas... seus olhos.

Mesmo com ele tomando a maior parte da dor dela, ainda era ruim.

Ele empurrou:

—Há realmente algo de mim nela?

Como poderia duvidar disso? Ela sentiu sua sonda mental e foi incapaz de recusar a necessidade dentro dele para saber alguma coisa de sua filha. Compartilhou com ele mentalmente seu primeiro vislumbre do rosto de sua filha, sua primeira impressão de sua personalidade, o toque que se permitiu na pele super macia, o beijo que se permitiu antes que a mandasse embora.

Quando ele puxou a imagem que ela dava, pode sentir fervendo uma feroz emoção além da calma que ele enviava, então acariciou seu pescoço, deslizando os dedos em torno da à sua nuca, acariciando o local que sabia o acalmava:

—A julgar pela forma como se mexia quando não foi segura da maneira que queria, ela tem muito de sua personalidade.

Ele se encolheu à distância. Sua mão agarrou a dela, mas não antes que ela sentisse a irregularidade. Uma cicatriz?

—O que aconteceu com seu pescoço?

—Nada para se preocupar.

Ela soltou as mãos e correu para cima dele. Ele a bloqueou com um braço sobre os ombros. Suas costas roçaram algo esponjoso. O cheiro de madeira molhada superou o cheiro de sangue e carne, e ela se inclinou mais perto da queimadura:

—Oh, meu Deus!

Ele foi queimado. E só uma coisa queimava um vampiro assim. —Estava no sol.

—Um pouco.

Um pouco. Como se isso não fosse nada. Qualquer sol era devastador para um vampiro. Por quanto tempo a levou até encontrar este ponto?

—Quão mal está a queimadura?

—Vou me curar.

—Não foi isso que perguntei.

—Eu sei. — Ele cruzou os braços contra o peito, segurando-os com uma mão em torno dela. Ela sacudiu seu polegar livre, verificando o dorso da mão. A pele estava áspera lá, também. Deduziu que chegou ali antes que o sol subisse:

—Se queimou por minha causa.



—Me queimei por causa do mau momento.

—Quanto tempo ficou no sol?

—Não muito tempo.

Ela disse a si mesma que não importava, que não mudava nada, mas era uma mentira:

— "Não muito tempo" significa não tempo suficiente para matá-lo?

Ela sentiu seu sorriso contra seu cabelo. Só Jace sorria agora:

—Na maior parte.

Ele pensaria dessa maneira. Jace e os irmãos se definiam — resistentes:

—Quando estávamos juntos antes, mencionei o quanto odeio essa coisa de grande macho que você e seus irmãos têm?

Os lábios dele alisaram o cabelo dela e sua risada tensa vibrou através dela:

—Acho que estava distraído demais para notar.

Ela revirou os olhos:

—Não estava tão distraído.

O que não era exatamente verdade. A partir do momento que viu Jace em pé sob o luar à beira da piscina onde estava se banhando 18 meses atrás, foi atraída por ele. Tanto que não chamou ajuda quando ele se aproximou, não resistiu quando a tomou em seus braços, não protestou quando a beijou. Apenas respondeu com esse impulso instintivo de se submeter como uma loba experiente com seu companheiro. Dar a ele o que quisesse. Estar com Jace foi viciante. Quando pediu a ela para reencontrá-lo em segredo, ela o fez. Quando ele pediu sua virgindade, a deu, tão presa a ele que ignorou todas as precauções e tradição. Era muito protegida para entender o que estava fazendo, abriu seu coração e mente para Jace, acolhendo-o como seu companheiro em total abandono, assumindo que a via da mesma maneira que ela. Supondo que — companheiro — queria dizer a mesma coisa para ele como dizia para ela. Nada importava, além de estar com ele, ser dele. Ela queria dar-lhe sua marca, o ato final de compromisso para um lobo, o ato final necessário para completar o acasalamento vampiro/were, e tinha a intenção de tomar seu sangue em troca. Pensou que tão apropriado, um ato tão perfeito em seu simbolismo que levantou-se em sua mente mais poderoso que o tabu de uma mulher lobo fazendo uma coisa dessas.

E então Jace anunciou que estava partindo, como se fosse nada, levando sua alegria, deixando-a com a dor. Até o momento em que saiu pela porta para sua missão, realmente não acreditava que o faria. Verdadeiros companheiros não se separam, mas ele o fez. E sua dor começou. Dor pior que a consumia agora, porque a ilusão morreu junto, e quando se foi não havia como evitar a realidade. Amou mais do que foi amada e nada poderia compensar essa desigualdade.

E hoje, o homem que pensava não a amar do jeito como o amava enfrentou o sol por ela. Por dever? Por amor? Por algo mais? Miri passou os dedos sobre Jace, rente à borda da carne queimada. Não era pouca coisa. As queimaduras eram a pior coisa para um vampiro. A única coisa que não curava no seu rápido ritmo normal. Razão pela qual todos os vampiros o temiam:



—Deve estar com muita dor.

—Se compadecer do meu sofrimento vai amenizar um pouco dessa raiva que está sentindo em relação a mim?

Sim. Não. Ela encolheu os ombros:

—Provavelmente.

—Não parece muito feliz com isso.

—Eu te disse, estou tentando não ser tão agradável.

Com uma flexão dos músculos, ele a abraçou mais próxima:

—Eu disse antes, gosto de você legal.

—Todo mundo gosta de mim legal, porque conseguem o que querem. O único problema com isso é que todo mundo fica feliz, mas quando as coisas dão errado, sou a única que sofre.

O brilho nos olhos dele se aprofundou:

—Não queria fazer você sofrer.

—Eu sei. — Entendia agora. — O mal-entendido foi minha culpa por ter abordado um homem que não era da matilha.

—Como inferno pode achar que a matilha seria o melhor para você?

Ela soltou sua mão. Ele não largou a dela. Não importava. Sua participação agora não contribuiria para atenuar as diferenças entre eles. Não havia como voltar à inocência perdida:

—Weres não partem.

Weres não partem.

Três palavras ditas com aceitação, assim como a dor de alguém que chorou sua morte. Três palavras que marcavam as diferenças em suas filosofias. Três palavras que enfatizavam o abismo cultural entre eles. Não foi ser vampiro que chateou Miri. Não foi sua matilha a condenar ao ostracismo caso se casasse com ele, que, por si só mutilaria a maior parte dos lobos. O que abalou Miri até o núcleo não foi ele a deixar, mas ele poder fazer isso. Uma segurança que um lobo sempre precisava era uma matilha a qual voltar e um companheiro sempre ao lado dele ou dela. Lobos viviam para encontrar seus companheiros. Às vezes, viviam centenas de anos antes deles. Uma vez que se encontravam, de acordo com a tradição lupina que Derek compartilhou com ele, nunca sentiriam solidão novamente. Era a outra metade de sua alma. Metades inseparáveis do outro. Se lembrava de como beijou Miri e sorriu naquele dia antes de partir. Ele olhava para ela, pensando como era bonita e como seria maravilhoso voltar e encontrá-la o esperando. Derek foi bastante explícito nesse boato de acasalamento, quando Jace pensou em perguntar, depois do desaparecimento de Miri.

Uma vez ligado, lobisomens não podiam conceber a separação de seus companheiros, e sofriam fisicamente quando o faziam. Miri cresceu segura na crença que uma vez vinculada com seu companheiro, nunca poderia deixá-la. Mas ela se vinculou, e ele a deixou tão facilmente como faria com alguma mulher humana, confortável com a separação, porque sabia que voltaria. Tocou o dedo



numa das linhas brancas de tensão do lado de sua boca, olhando para a gota de sangue em seu lábio inferior. O sorriso que deu para ser compartilhado devia ter parecido tão arrogante para ela, zombador mesmo.

—Minha partida realmente a sacudiu, não foi?

Seu olhar desviou dele e apertou os lábios, achatando a gota de sangue. Ficou embaraçada sobre como agiu até então:

—Isso foi culpa minha. Era ingênua e não pensei.

Nem ele, muito preso na paixão e milagre de encontrar a mulher que encaixava nele. Só queria esclarecer tudo para que pudesse ficar com ela. Na pressa acabou por atropelar sua natureza e deixá-la com vergonha:

—E eu não sabia.

—Isso não importa.

—Sim, é verdade.

Ele limpou a mancha de sangue de seu lábio, lembrando do sabor único de seus sangues juntos, pensando em sua filha lá fora em algum lugar, sua única proteção é que, supostamente, ninguém sabia quem ela era. A fragilidade da segurança de Faith o deixou louco. Devia estar em Circle J, protegida por sua família, cercada de amor. Não por aí enfrentando Deus sabe o quê. Miri se moveu contra ele. Uma mecha de longos cabelos caiu sobre seu rosto. Jace a alisou para trás, usando a pressão de sua mão para manter sua bochecha contra seu peito, segurando-a com seu calor:

—Nunca pensei em perguntar se os acasalamentos eram diferentes para weres.

—Considerando que vivi minha vida sabendo da inconstância dos vampiros.

Do que ele não tinha dúvida. Outra coisa que aprendeu com Derek era o profundo preconceito que os weres sentiam em relação aos seus companheiros na imortalidade. Um desses preconceitos era a crença absurda que vampiros não podiam ser fiéis:

—Acho que, para você, parece que caí no estereótipo.

—Você partiu.

Mantinha essa verdade como um talismã.

—Eu não vou deixar você de novo.

—Sim, você vai. — A mão abriu sobre o peito quando a dor a deixou:

—Não será capaz de evitar.

Seu olhar não desviou do dele, o castanho profundo dos seus olhos quase pretos em sua visão noturna, sem a suavidade que estava acostumado a ver lá. Um tremor a sacudiu. Porra, ela estava ficando fria. Não importa o que fizesse, sua temperatura corporal continuava caindo:

—Podemos lutar com a semântica dessa declaração mais tarde.

—Quando estiver escuro?

Ele forçou um sorriso:

—Isso seria preferível que agora.



Ela piscou uma vez, duas vezes, fazendo-o pensar que seu sorriso era mais real do que ele imaginava. Em seguida, ela balançou a cabeça:

—Alguma vez fala a sério?

—Sim. — As cicatrizes em seu rosto apertaram nos olhos; riscos brilhantes contra sua pele, brilhando num lembrete fantasmagórico do que ela passou:

—E sempre com você.

Sua resposta morreu quando outra onda de dor tomou conta dela. Ele rapidamente a desviou, apertando os dentes, pois imediatamente sentiu como se um galão de ácido derramasse em suas entranhas.

Era quase demais para ele suportar, e era um homem grande acostumado a ser ferido. Não sabia como Miri resistia. Parecia tão frágil para ele. Seus ossos muito finos, maravilhosamente feminina. Como diabos deveria suportar isso? Ele coçou o queixo contra seu rosto.

Inclinando a cabeça para trás contra o tronco podre da árvore em que estavam escondidos no interior, ele disse:

—Fale mais sobre nossa filha. Por favor.

Suas garras beliscaram seu pulso.

—Por quê?

—Porque ambos poderíamos usar a distração.

Ele teve que esperar por três respirações constantes. Memórias brilharam em sua mente apenas fora de alcance, voando, provocando toques de emoção. Maravilha, stress, agonia, esperança e, logo, desespero absoluto. Ele mudou de ideia quando os últimos tocaram sua consciência. Talvez não estivesse pronto para isso.

—Ela era tão pequena, - Miri começou com voz suave, como se também estivesse com medo do que aconteceria se a memória se tornasse realidade. —Prematura, porque tivemos que fazer uma cesariana, a fim de escondê-la, mas seus pulmões eram bons . — Afundou suas garras mais fundo. — Ela gritou quando a levaram embora.

—Jesus.

Ele tinha certeza que não queria ouvir isso agora, mas precisava. Esse era o tipo de dor que um companheiro compartilhava:

—Quem a levou?

—Um técnico.

—Que técnico?

—O que trabalha para os Renegados.

Tanto quanto ele sabia, não tinham qualquer Renegado infiltrado na estrutura do Santuário. Merda:

—Por quê?

—Tive que tirá-la antes que pudessem conseguir seu sangue, antes que pudessem



experimentar. — Abaixou a cabeça e ficou perfeitamente imóvel. — Foi minha única escolha.

Deu-se conta que estava preparada para a crítica. Por ter arriscado tudo por sua filha. Ela fez o que ele não estava ali para fazer — manter sua filha em segurança. Com o dedo sob seu queixo, ele levantou seu rosto para o dele. Sua companheira era uma mulher muito forte:

— Fez o que tinha que fazer. Teve coragem.

Ela lambeu os lábios:

— Obrigado.

Nenhuma umidade seguiu a sequência do gesto. Porra, estava desidratada:

— Onde está Faith agora?

Ela balançou a cabeça:

— Eu não sei.

Ele puxou uma respiração lenta, o medo cavando um buraco nas camadas de agonia que consumiam sua força. Era sua força, ou talvez a deles? Dele, dela, estava começando a entender que não importava mais. Eram duas metades de um todo. Acasalados, segundo a lenda. Segundo sua escolha.

O acasalamento não era uma escolha.

Ainda não tinha certeza se acreditava, mas era bem forte.

Em seus braços, Miri ficou tensa. Deslizando sua energia ao longo dela, Jace puxou para ele com tudo que tinha quando ela se arqueou sob a chicotada de dor que não conseguia controlar. A conversão estava se intensificando:

— Qual era o nome do técnico que a levou?

Ela não respondeu. Sua energia mudou, ficou discordante. Foi o único aviso que teve antes que seu corpo estremecesse, sacudindo dentro de seu abraço. Convulsões. Filho da puta, estava em convulsão. Tensão atravessava seus músculos, jogando-a violentamente para trás e para frente numa dança grotesca. Não importava o quanto a abraçasse, não podia impedir as contorções viciosas. Jace pôs Miri no chão, prendendo-a com seu peso maior, evitando por pouco a pressão de seus dentes. Seus caninos brancos piscaram. Estava mudando. Não sabia o que aconteceria se mudasse no meio da conversão, mas não poderia ser bom.

Empurrando sua mente na dela, Jace procurou a causa das convulsões, recuando quando a encontrou, chocado. Seu sistema estava em colapso total, mudando sem rumo enquanto a energia lutava pelo controle, ricocheteava contra os receptores não sintonizados para recebê-la, dando origem ao caos. Ele apertou com mais força, mentalmente xingando, lutando para abrir caminho dentro de sua mente para consertar o desequilíbrio à distância. Depois de intermináveis minutos, o violento empurrão apertado de vibrações constantes, a fez estremecer em seus braços. Ele aproveitou a calmaria enganosa, tecendo laços cada vez mais mentais entre eles, mergulhando mais fundo na sua psique, segurando-a com tudo o que tinha. Abraçando-a, porque a alternativa não era aceitável.



Um intervalo apareceu em meio ao caos. Uma concentração pequena e escura de energia. Ele se lançou na direção dela.

Jace.

Ele estava pasmo que pudesse mesmo se comunicar. *O que?*

Sua energia era fraca e hesitante, mas estava lá. Graças a Deus.

Traga Faith para casa.

—Eu vou. — Ele aliviou a pressão. Ela arfava, o segurando enquanto estremecia pela força residual do ataque. —Nós dois.

Não iria aceitar nada menos. Sua Miri era uma lutadora. Assim como ele. Superariam isso.

A agitação em sua cabeça eram mais pensamento que ações. *Isto está me matando.*

—Não. — Ele manteve seu tom deliberadamente indiferente. —É só uma merda. — Em seguida:

— Não ouse desistir de mim, doçura.

O pensamento saiu além de sua capacidade de contê-lo. Miri oscilou à beira da inconsciência, por falta de energia. Não poderia seguir adiante. Ainda não.

Virando-se, beijou-a na têmpora. Seus lábios demoraram no pulso irregular batendo lá.

—Fique comigo.

Seus dedos prensaram em suas costas. Sua energia vacilou, ficou mais forte. Estava lutando.

—Essa é minha menina.

—Tentando, — ela sussurrou.

Com tudo que tinha, ele sabia. E com Miri, era um inferno de muito:

—Quem tem Faith, Miri? — Ele sussurrou, ciente das patrulhas procurando fora de seu vulnerável esconderijo.

Ela balançou a cabeça, o lábio inferior deslizando entre os dentes enquanto uma gota de suor escorria pela lateral da testa:

—Eu não sei, mas o técnico disse que me deixaria uma pista.

—Que tipo de pista?

—Eu não sei.

A doentia sensação de medo se espalhou. Jace sempre achou que, quando encontrasse Miri, teria a informação que ele precisava para encontrar sua filha. Era inconcebível que não soubesse:

—De onde surgiu o técnico para levá-la?

Maldição, ela precisava dar-lhe algo. Mais uma vez sentiu a agitação mental na cabeça de Miri. Ele a aliviou em seus braços, fechando sua mente para ela, sondando tão profundamente que não houve como não acreditar quando, baixinho, repetiu:

—Eu não sei.

Ela girou em seus braços enquanto a agonia ardente escapava de seu controle e atacava



novamente, esgotando rapidamente os últimos vestígios de sua energia:

—Mas, — ofegou quando sua energia piscou, — acho que o Santuário poderia saber.

Capítulo 5

—Nunca vou encontrar a pista se continuar balançando.

Miri puxou os longos cabelos negros sobre os ombros, a fraqueza incomum que sentia desde a conversão no dia anterior, dificultando a movimentação. Apoiou a mão contra o tronco da árvore que formava o lado de seu abrigo. —Desculpe.

—Não precisa se desculpar. — Jace pressionou seus dedos contra sua pele nua com pressão sutil. —Você, doce, poderia seduzir um homem a esquecer o que ele deveria estar fazendo.

—Você é apenas um perverso.

Houve uma pausa quando sua energia ondulou sobre sua carne sensível. Arrepios surgiram quando suas terminações nervosas pediram mais. —Não, apenas um vampiro normal, com um apetite saudável por sua companheira. — Ele chamou sua atenção. —Mas se há alguma perversão que quiser explorar... — A peculiaridade de seus lábios desmentia a gravidade do seu tom. — Estarei feliz em concedê-la.

Ficar nua diante dele era algo que tinha feito muitas vezes antes. Era ridículo se sentir tão insegura. Mas se sentia. Insegura e vulnerável. Este não era o mesmo corpo que ele havia conhecido antes. Não era perfeito. Não mais. E isso a fez ficar com raiva por um monte de razões, a maioria das quais não pretendia explorar. —Não há nada de concessão, — ela retrucou, odiando sua raiva quase mais do que queria odiá-lo. —Acabei de perder um bebê, e nossa filha ainda está desaparecida.

Nada foi mais suave que o seu, —Eu sei tudo... — o que a deixava mais furiosa.

—Então por que está tão... feliz? — Por falta de uma palavra melhor.

Seu dedo se fixou no meio da sua coluna, em cima da vértebra, num fantasma de sensação que afundou ainda mais na sua pele. Sua expressão era sóbria. —Porque tenho você, e isso é definitivamente um sinal que as coisas estão se arrumando.

Não havia como negar o brilho em seus olhos. Desejo. Por ela, quando seu cabelo estava oleoso e tinha cheiro de sangue velho e suor. Ele era louco. —Estou uma bagunça.

Um sorriso sombreou seus lábios com a mesma delicadeza de seu toque. —Parece malditamente linda para mim.

—Precisa de óculos.

—Ou talvez precise me dar mais crédito do que daria a um lobo.

Ela não iria por aí. Era perigoso. Estava vulnerável. Seu dedo escorregou mais baixo. Um arrepio serpenteou pela espinha. Ela moveu os pés em desconforto. Não queria essa consciência entre eles.



Não queria desejá-lo. Não queria ninguém. Só queria sua filha e um pouco de paz. Ela sacudiu os cabelos do rosto e redirecionou sua atenção. —Vê alguma coisa?

—Não. — As pontas dos dedos roçavam sua nádega. —Se o Renegado deixou uma pista para a localização de Faith em seu corpo, escondeu muito bem.

Ela já sabia disso. Os vampiros do Santuário haviam procurado da cabeça aos pés.

—Mantenha o olhar.

—Sim, senhora. — A pressão entre as omoplatas a inclinou para a frente. —Poderia ser mais fácil se você deixasse ele te dizer onde a pista estava.

Ela apoiou as mãos do lado da árvore e abanou a cabeça. —O Santuário teria arrancado a informação de mim. Não podia correr o risco.

Atrás dela, Jace parou.

Ela girou ao redor, tentando ver o que chamou sua atenção, a esperança crescendo. —O que foi? Achou?

Ele limpou a garganta. Suas grandes mãos abarcaram suas nádegas enquanto ele agachava atrás dela. —Desculpe. Me distraí com a visão.

Toda a consciência que ela estava tentando suprimir queimou com calor incandescente quando sua respiração provocou a superfície das coxas, sensibilizando as terminações nervosas numa área que pensava estar bastante imune à tentação.

—Apenas mantenha sua mente no que está fazendo . — E ela tentaria prender seus pensamentos onde pertenciam, também.

Ele abriu suas nádegas, em seguida, moveu-se abaixo com sensualidade, mais gestos que eficiência. —Estou fazendo meu melhor, mas seria bom se não fosse tão bonita.

Ela não se sentia bonita. Sentia-se velha e gasta. E desesperada. Por incrível que pareça desesperada.

Jace tocou com a boca sua nádega direita, os lábios firmes e ainda de alguma forma suaves ao mesmo tempo, demorando num beijo quente, as mãos segurando-a firme para a carícia. —Quando chegar ao lugar seguro, vou te mostrar exatamente como é linda.

A promessa, pressionada tão intimamente, causou arrepios na espinha e um aviso ao seu núcleo. Como se precisasse lembrar do quão devastador Jace poderia ser com suas boas intenções. Limpando a garganta, ela rosnou, pare-de-brincar e foque.

Saiu mais rouca que o necessário e ela não ficou surpresa com sua risada. —Estou focando. Simplesmente não há nada para ver, só você.

Seu desespero cresceu. —Tem que haver alguma coisa. Ele disse que deixaria uma pista em mim enquanto eu estava inconsciente para cesariana.

—Não estou duvidando que ele disse isso. — Os dedos de Jace deslizaram da coxa para sua panturrilha, circularam o tornozelo, ergueram o pé. —Simplesmente não consigo encontrá-la.

Ela baixou a testa nas mãos. —Tem que estar aí.



Ele ergueu o outro pé. —Tenho certeza que está, mas qualquer pessoa inteligente o suficiente para esgueirar nossa filha fora do Santuário é inteligente o suficiente para garantir que a pista não seja fácil de encontrar.

—Temos que encontrá-la.

Ele estava de pé, passando as mãos acima por sua lateral, acendendo chamas e depressões em sua figura, nem de perto privado, mas o toque parecia muito mais íntimo que uma carícia flagrante. Ela balançou a cabeça. Nada jamais foi simples entre ela e Jace.

Seu corpo pressionou duramente atrás dela, grande e tão quente. —Vamos.

Nunca teve realmente frio antes do santuário começar suas experiências. Como lobisomem, tinha uma resistência natural às temperaturas extremas, a ponto de usar um casaco fino no mais amargo frio suportável, mas o Santuário fez numerosos esforços para engravidá-la novamente, e deixou seu sistema tão confuso que a menor mudança de temperatura a afetava muito. Carregar o sangue de Jace parecia deixado as coisas ainda mais fora de sintonia. Outro arrepio, um momento de auto-piedade. Ela o empurrou para trás. Esse desconforto momentâneo não importava. Mesmo que se tornasse permanente, não importava. Tudo que importava era encontrar sua filha.

Os braços de Jace a envolveram. Seu queixo descansou no topo da cabeça. Sua insistência em tratá-la como se a raiva não fosse um obstáculo realmente a incomodava. Queria irritá-lo de volta. Havia uma maneira garantida de fazer isso.

—Já mencionei ultimamente que estou me divorciando de você?

—Não.

Ele pressionou suas costas contra ele, lançando sua energia fora e em torno dela num abraço mais forte que o músculo podia. Ela olhou para seus braços, levemente salpicados com pelos, delineados com a força comum a vampiros, mas de alguma forma mais viva nele.

Algo perturbou o cabelo dela. Da alguma maneira terminações nervosas pularam e apertaram. Ela o reconheceu como um beijo. O homem passou as últimas 24 horas a segurando, abraçando, beijando. Os pequenos beijos furtivos não lhe davam qualquer coisa para lutar. E o pequeno espaço em que estavam enclausurados, entre a caverna rasa e a árvore podre, não permitia distância.

—Você pode querer continuar a repetir em minha cabeça se quiser fixar, — disse ele.

Ela definitivamente queria que fixar. Era diferente para ele. Ele poderia sair, enquanto ela não podia. Não podia viver com isso — amar mais que ser amada, necessitar mais que ser necessitada. Era contra toda certeza que amava como um lobo.

Seus lábios deslizaram por sua têmpora. —Mas tenho que te avisar, não acontecerá nunca.

—Por que não?

—Quando a reclamei, te disse que tenho tendência a manter o que é meu.

Ela deu uma cotovelada no seu estômago. —Não sou mais sua.

Nem por um sussurro de respiração ele indicou que o golpe o afetou. —Odeio te contrariar, doce, mas no ano passado fiz um monte de pesquisa em meu tempo livre.



—Em que?

—Lei da matilha.

No alvo. —Então?

—Então, sei que não há divórcio na legislação da matilha, e separações só podem ser solicitadas por um macho.

—Quando eu chegar em casa, pedirei ao meu primo para fazê-lo.

—Hmm . — O passar tentador de seus lábios percorreu seu rosto, se aproximou de sua boca. — Mas não estamos em casa.

—Então, o que será?

O beijo nos lábios dela foi rápido, eficiente, e não a exploração remanescente que seu corpo ansiava.

—Tempo para mudar de ideia.

Ela virou para ver seu rosto, com raiva de si mesma por responder, zangada com ele pela provocação. Os cotovelos esbarraram na parede e no peito, um após o outro, num embaraço dissonante que só aumentou sua frustração. Seus olhos cinzentos brilhavam na escuridão do seu esconderijo, não fugindo de dela. Sua confiança a irritou mais do que deveria. Ela pegou seu casaco no chão. —Então acho que também me dá tempo para mudar a sua.

O seu —É bem vinda a tentar — foi um pouco abafado pelo sussurro de couro sobre a pele.

Ela puxou o longo rastro de seu cabelo livre da gola. —Obrigado. Eu vou.

Enquanto estava desequilibrada, Jace enfiou os dedos sob a lapela e abaixou a cabeça, puxando-a na ponta dos pés quando o fez. Sua respiração acariciou seus lábios, sua energia suavizando ao longo de seus nervos, e o desejo queimando rápido entre eles. —Faça isso e veja o que recebe.

Ela teve que se concentrar bastante para encontrar sua voz. —Isso é uma ameaça?

Se não fosse, seus joelhos estavam tremendo por nada e sua loba estava toda delirante sem nenhum motivo. —Não, algo apenas para mantê-la pensando.

Não havia nada em que pensar. —Nós não somos compatíveis.

Ele se ergueu um pouco mais, a tensão entre eles um pouco mais apertada. —Parece malditamente compatível para mim, agora.

—Isso são apenas os hormônios. Não significa nada.

Sua risada era uma carícia, se espalhando sobre seus sentidos famintos, alimentando sua respiração com seu perfume. —Nada. Outra coisa que descobri na minha pesquisa é que os hormônios estão no acasalamento.

Miri desceu a testa no peito rígido de Jace, removendo a tentação de lábios de sua visão. Como se seu corpo pudesse ser enganado por tão insignificante movimento. Seu companheiro estava diante dela e tudo que era necessário para fundir seus corpos era ela subir na ponta dos pés e pressionar a boca na dele. A julgar pelos arcos de calor entre eles, não teria sequer que o pressionar. Ele faria isso por ela. A fraqueza que se espalhava por ela não era inteiramente devido à sua doença. —Não desta



vez.

Ele soltou a lapela direita. A pequena mudança na pressão a inclinou. Segurando sua cabeça, ele a firmou. Seus olhos brilhavam. —Posso esperar.

—Huh. Você não tem paciência.

—Quando se trata de você, tenho tudo que precisa.

Ela duvidava severamente. Ela mudou muito, se sentia tão quebrada por dentro. —Está desperdiçando seu tempo.

O brilho em seus olhos se intensificou. —É meu para desperdiçar.

Não havia muito que pudesse dizer a isso. Jace não era o tipo a ser dissuadido por palavras.

—Então, enquanto estou esperando, — continuou ele, — por que não me conta tudo o que lembra daquele dia.

Ela não queria. Não queria reviver a perda. Mas não outra maneira, então se inclinou, soltando o apoio. —Por onde quer que eu comece?

Ele esfregou seu polegar em suas maçãs do rosto, um gesto abstrato de um homem distraído. — Onde tudo aconteceu?

—Em um de seus compostos.

—Quer dizer, o tipo de quarto.

—Uma sala cirúrgica. Era para eu estar indo para minha prova diária.

—Descreva para mim. Tudo que puder lembrar.

Ela o fez, fechando os olhos, imaginando a luz brilhando saindo do equipamento polido. Ela esteve lá tantas vezes, ali, impotente, enquanto faziam seus testes, sem nada para fazer senão contar os azulejos do teto. Conhecia até o mais ínfimo detalhe. Descreveu para ele, levando-o através da sala estéril, iniciando no canto e trabalhando-a de volta para o meio, onde o gabinete era grande.

—O que via no armário?

A imagem mental turvou. Não conseguia lembrar.

—Devagar, doce. Basta tomar seu tempo e andar comigo por ele.

Andar com ele.

Estava em sua mente e ela não sabia. —Se vai se intrometer, poderia ser útil também.

—Desculpe. Simplesmente aconteceu.

—Ocupa a mente de alguém por acaso?

—Como você faz. Você me convida, e eu vou.

—Eu não o convido! — E se convidasse?

—Não consciente. Estou começando a entender. — Ele empurrou seu cabelo do rosto, os olhos de sua espécie, sua expressão dura. — Mas ainda preciso saber do quarto e tudo nele.

—Por quê?

—Pode nos dar uma pista sobre o que estamos procurando.

Ela faria o que fosse necessário para encontrar a pista que a ligaria à filha. —Como faço isso?



—O quê?

—Como faço para convidá-lo?

—Acabou de fazer. — Seu sorriso suavizou os planos do seu rosto, mas a selvageria dentro dele nunca foi mais evidente. Ela imediatamente mudou de ideia.

—Tarde demais, — ele sussurrou.

E assim foi. Estava em sua mente, suas memórias. A pressão era incrível. Ela agarrou sua mão e segurou, compreendendo, mesmo enquanto fazia isso, como era irracional buscar conforto na pessoa que a assustava.

Não é tão irracional. Eu tenho você.

Ela certamente esperava que sim, porque sentia como se estivesse desmoronando, minuto a minuto, pedaço a pedaço, enquanto ele dismantelava a memória dela.

—Por favor, ela sussurrou para quem ouvisse. —Deixe-o encontrar uma pista.

Seis horas depois ela estava com Jace na entrada traseira de um consultório veterinário. —Se apresse.

Ele não olhou para cima. —Estou tirando o bloqueio o mais rápido possível.

Ela esfregou os braços quando o vento gelado mordeu suas pernas. — Pensei que seria melhor com isso.

Ele levantou uma sobrancelha para ela. —Por quê? Porque sou um vampiro?

—Por que costumava ser um bandido.

A fulminou com um olhar. —Tecnicamente não era um bandido, e mesmo se fosse, os bloqueios da época não pareciam nada com isso.

Ela olhou ao redor. O beco atrás da clínica era isolado e cheio de latas de lixo e caixas enormes que poderiam esconder qualquer coisa.

—Apenas quebre.

Ele não desviou o olhar, só manteve a manipulação do mecanismo. —Não vou deixar nenhum sinal que estivemos aqui.

—Que possível dano poderia fazer?

—Pense um minuto.

Ela o fez, e depois engoliu. A invasão seria relatada. Qualquer um poderia pegar a pista. — Mesmo que o Santuário adivinhe que fomos nós, não saberão o porquê.

—Tudo que teriam a fazer seria o inventário da sala de laboratório e teriam uma pista.

—Não sabe disso.

A trava clicou. Ele girou a maçaneta e entrou, uma grande sombra escura, como a noite. —Não vou arriscar.

Segurando a porta aberta, apontou para ela passar. A excitação que cuidadosamente tentava conter dançou, arrastando a esperança até o chão, pegando o ritmo de seu pulso.



—E quanto ao alarme?

—Eu o assegurei da forma dos vampiros.

—Qual seria?

—Estou mantendo o circuito ligado.

Ela entrou no quarto escuro. A luz brilhava estranhamente por todo o aço inoxidável. —Como?

—Pense nisso como uma cópia de energia.

— Pode fazer isso?

Ele fechou a porta. — Posso fazer um monte de coisas.

E não estava falando apenas de produtos eletrônicos. Recuou, a tensão sexual entre eles crescendo mais quando entraram na pequena sala. Ela cruzou os braços sobre o peito e olhou em volta. —Então, você acha que mantêm uma luz negra?

—Em algum lugar ao redor da mesa de exames.

Ele continuou indo em sua direção, um pequeno sorriso no rosto. Ela levou dois segundos para descobrir o porquê. A mesa de exame era a coisa lisa e brilhante em que estava encostada. Pouco antes dele se aproximar, ela se abaixou por baixo do seu braço. —Vou verificar as gavetas lá.

Sua risada a seguiu. —Franga.

—Prefiro pensar como sendo eficiente.

Sua mão roçou sua nádega direita. —Aposto que sim.

Ela se virou para ele. Naturalmente não fez contato. Jace era incrivelmente rápido, mesmo para um vampiro. Sua mão agarrou a dela. A segurou.

Ele tirou as luvas de seu bolso. —Coloque-as. Não tem sentido deixar impressões.

Eram muito grandes para suas mãos e faziam as coisas parecerem estranhas, mas não queria deixar rasto mais do que ele. —E você?

Ele acenou para a gaveta. A deslizou quase silenciosamente aberta. —Me contento com isso.

—Exibido.

Ele levantou a sobrancelha esquerda. Era um hábito que todos os irmãos Johnson tinham, mas nele era insuportavelmente sexy. Especialmente quando essa pequena peculiaridade de seus lábios se juntava. Ah, por que tinha que estar tão atraída por ele?

—Está impressionada? — Perguntou ele.

Ela abriu a gaveta na frente dela. —Não, nem um pouco.

A gaveta guardava uma variedade de coisas, mas nada que parecesse ser uma luz. Empurrou canetas e baterias de lado. —Tem alguma ideia de como isso se parece?

—Não. Mas acho que se tiver um interruptor e uma lâmpada, é uma candidata.

—Parece bom para mim.

Ela enfiou a mão no fundo da gaveta num retângulo preto e o puxou para fora. Tinha um bulbo longo que cobria um lado e um interruptor no outro. Por um segundo, não conseguia se mover. No próximo, não conseguia respirar. Tremores sacudiam seus dedos. Suor estourou em sua testa. Podia



ser isso. Ela apertou o botão. A pequena luz lançou um brilho roxo. Ela tirou uma luva com os dentes. Suas unhas brilhavam num branco dramático. Ela virou a mão e correu a luz sobre a palma. Os calos eram mais brancos que o resto, mas nada inconveniente saltou e foi notado.

—Miri?

Ela puxou sua outra luva. Ela bateu no chão com um som macio. Tinha que estar aqui. A pista tinha que estar aqui. Numa onda de pavor e excitação, correu a luz sobre as costas da mão, frente e depois voltou novamente. Nada. Nada mesmo. Um soluço quebrado saiu por seus lábios. Um segundo tentou seguir. Ela o mordeu de volta. Tinha que estar aqui. Tatuar as informações sobre ela em tinta que brilha no escuro era a única coisa lógica, baseada no que sabia do equipamento que tinha. Ela não olhou para Jace, que cobriu suas mãos trêmulas. —Não está em minhas mãos.

Jace nunca ouviu uma calma tão mal falsificada. Miri estava lá, um metro e setenta de mulher apavorada, segurando seu orgulho como se fosse sua última defesa. E talvez fosse. Não podia imaginar tudo o que passou no último ano, mas ouviu o suficiente de Raisal, e viu o suficiente, para saber que o inferno não começava a cobri-lo. Ele pegou a luz. —Não usariam qualquer lugar óbvio.

Ela não soltou. —Não poderia colocá-la em qualquer lugar.

Podia ver seus cílios, cheirar sua ansiedade. Manteve sua voz como a dela mesma. —Acho que o fez.

—O que te faz ter tanta certeza?

—TV a cabo.

Ela apenas olhou para ele.

—Já assisti alguns dos novos programas. Assim que você mencionou o equipamento de tatuagem clicou.

—Clicou? O que clicou?

A luz brilhava como mágica nas ondas de seu cabelo escuro. Ele começou na coroa, procurando um padrão de fluorescência em seu couro cabeludo. —Hmm.

—O quê? Você achou?

—Não, mas existem algumas áreas do couro cabeludo secas aqui.

Sua mão o agarrou novamente. —Não se atreva a me dizer que tenho caspa.

Ele deixou a mão em contato com seu peito. Nunca conheceu uma mulher que precisasse de algo tanto quanto Miri. Mantinha tanta raiva presa tão profunda, que era uma maravilha que não explodisse. —Não sonharia com isso.

—Jace?

—Não, você não tem caspa.

—Isso não é o que eu ia perguntar.

Ele inclinou a cabeça para o lado. Não era fácil, com ela tentando olhar para ele para se assegurar que estava dizendo a verdade. Ela puxou a mão para trás, batendo contra seu pulso. A luz



caiu. Jace a soltou e pegou. Assim que o fez sua manga prendeu no cabelo dela. Ela gritou e agarrou as mechas. Um flash de luminescência pegou em seus olhos.

—Fique quieta.

Ela congelou, sem se mexer, sem piscar, nem mesmo respirar, sua antecipação atrás da dele. Para todas suas grandes palavras, realmente não tinha certeza se essa era a resposta, mas esperava. Mais difícil do que esperava, ao colocar sua fé na lógica de sua dedução. E num indício da TV a cabo mostrando artistas com tatuagem e a segurança das tatuagens que brilhavam no escuro. Não que achasse que a segurança de Miri fosse de primordial importância para qualquer pessoa no Santuário, mas se alguém a tatuasse com tinta que brilha no escuro, faria sentido que tivesse tempo e recursos limitados e não quisesse deixar traços que poderiam ser tirados de sua mente. Apertou a orelha direita de Miri de volta e trouxe a luz para cima e ficou olhando.

—Bem, inferno.

Ela caiu sobre a mesa. —Não está aí?

—Está.

Um número da casa e a rua, tudo bem feito, em letras pequenas na parte de trás da orelha, perto do seu couro cabeludo. O milagre disso, o alívio, apertou-o no seu núcleo. Tanto que teve que se manter perfeitamente imóvel, ou começaria a tremer como uma criança olhando para um balde de chocolate na manhã de Natal.

—Oh, Deus. —Os joelhos de Miri vergaram. Ele a pegou antes que atingisse o chão, seus reflexos desacelerados com a mesma percepção que tirou a força de suas pernas. A luz caiu despercebida no chão. O vidro quebrou. —Nossa filha está na Maple Lane, 256.

Suas mãos agarraram seu peito e envolveram atrás de seu pescoço enquanto ela estremecia. —Diga isso de novo.

Ele sabia exatamente como ela se sentia. Ele caiu de joelhos, a segurando em seus braços, respirando o cheiro dela, tentando absorver a enormidade do que significava esse endereço. Maple Lane, 256.

—Onde fica isso?

—Eu não sei, mas sei como podemos descobrir.

Ela seguiu seu olhar através da porta para a área da recepção. —O computador? Mas como vamos impedi-los de saber o que procuramos?

—Sabe sobre computadores?

—Claro que sim. Ian é inflexível quanto a todos os membros da matilha se mantendo com a tecnologia.

Eram ele e seus irmãos os únicos a desconfiar da tecnologia? Bem, com exceção de Slade. Slade tinha luxúria a cada progressão tecnológica antes mesmo que surgisse, na realidade. —Bem, não sei como evitar que saibam, mas conheço alguém que o faz.

—Não podemos voltar para minha matilha.



A leve pausa que convidava a negação não escapou. Desejou poder fazer sua matilha a aceitar, mas ela a tinha perdido, quando se casou com ele. Apesar de não ser sua escolha, isso não mudava o resultado final. —Não, não podemos, mas podemos ir para a Circle J.

Suas mãos saíram de seu pescoço. —Os McClarens estão lá.

—Não vão seguir o código.

—Não conhece os weres. Não vão tolerar um lobisomem com um vampiro e muito menos um lobisomem convertido entre eles.

—Não conhece os McClarens.

Ela deu um passo atrás, a cor drenando do rosto, deixando-a pálida, com o apenas âmbar de seus olhos D'Nally. —Eles te matarão.

—Não estou discutindo que alguns vão tentar, mas suas chances de sucesso não são boas.

Miri se curvou e procurou os vidros no chão, colocando-os sobre a mesa antes de abaixar e varrer os cacos com o lado da mão. —Eles me matarão.

—Nunca vão te tocar.

O cheiro do seu medo cobriu sua garantia. A mancha de sangue fresco alertou seus sentidos. Ela se cortou. —Pare, Miri.

Uma trilha fina de sangue se espalhava pelo chão numa mancha negra, mais ampla no início, afinando no final. O vidro agrupado tilintou em protesto. —Não queremos deixar qualquer sinal de que estivemos aqui. Ensanguentar o chão é um inferno de um sinal.

Só então ela pareceu perceber o que estava fazendo. —Ah. — Ela pegou o copo. Pequenos fragmentos brilhavam em meio ao sangue que cintilava como estrelas num céu noturno. Para um ser humano comum, não significavam nada. Para um caçador do Santuário, seriam a chave para o reino. Ela ficou olhando em volta. Ele apontou a lixeira. —Poderia ser muito bom despejá-lo lá.

Ele pegou as luvas no chão, pegou o líquido de limpeza antisséptica do balcão, e pulverizou o chão, limpando-o até que não conseguiu detectar uma mancha de sangue. O tempo todo que trabalhava, podia sentir Miri o observando, sentindo um excesso de emoção derramando dela. Simplesmente não podia dizer o que a emoção era. Ele se endireitou. Miri não se moveu, ficou parada, os olhos brilhando, as mãos crispadas na frente dela. Ele pegou outra toalha de papel. —O quê?

—Nada. — O plástico farfalhou quando ela tirou o saco para fora do recipiente de lixo. Quando ele virou, ela estava bem atrás dele.

—É algo.

Ela mordeu o lábio e depois deu um sorriso que assombrou seus sonhos, que afastou todos os obstáculos, que iluminou o rosto com o brilho interior. —Maple Lane, 256. Sabemos onde ela está.

Não quer banir sua esperança, mas ela já perdeu tanto. —Pode ser apenas uma pista.

Ela balançou a cabeça e estendeu o saco. —Isso não importa.

Uma vez que seu sorriso não diminuiu, ele supôs que não. Deixou cair a toalha de papel dentro,



pegou a mão dela na sua, e selou o corte com o golpe de seu polegar e um beijo, mantendo seu olhar por toda parte, não compreendendo a euforia que esvaziava sua exaustão completamente. Precisava levá-la de volta para Circle J. Era necessário para sua segurança. —Por quê?

—Isso significa que não era um truque. Faith está viva.

Capítulo 6

As forças de Miri se esgotaram três horas antes de chegar ao Circle J. Incrustada como estava na parte de trás da montanha, não podia fazer uma chamada para pedir transporte. Teve que carregá-la. Para piorar, a conversão recomeçou, sua dor se transmitindo, torturando-o com sua incapacidade de fazer algo a respeito. Não sabia se isso era normal ou não na conversão. Não se importava. Fosse o que fosse, devia parar. O que quer que fosse necessário para equilibrar a mudança devia ser dado, porque não deixaria Miri continuar a sofrer. Saiu em outra explosão de velocidade, sentindo a queimação em seus músculos. Droga, Slade e sua mente brilhante deviam ter uma resposta. Empurrou a dúvida de lado com a mesma crueldade com que se movia. Slade encontraria uma resposta porque Slade lançaria um olhar a Miri e a tornaria sua missão. Todos tinham suas paixões. Com Slade, eram pequenas coisas e o conhecimento. Não conseguia parar de se preocupar com a primeira e não conseguia parar de procurar o segundo. Slade encontraria a resposta.

Jace chegou à borda da Circle J. e enviou uma onda de energia a frente, alertando os guardas na passagem que estava chegando. A confirmação veio de volta num roçar sutil de poder. Jace saiu das sombras. Dois sentinelas McClaren, Paul e Justin, balançaram a cabeça, olharam para a mulher por cima do ombro, e depois numa reação retardada, suas narinas pegaram o cheiro de Miri. Sua postura perdeu o relaxamento de boas-vindas. Sua postura ficou ereta, abrindo as pernas, quadrando os ombros. Maravilha. Mesmo sua matilha local adotava uma atitude.

Ignorando o desprazer dos weres, ele correu pelo corte estreito na montanha. Miri era dele, e antigas rixas, preconceitos e outros protestos apenas teriam que cair no esquecimento, porque não a deixaria ir. Se aproximou da casa. Havia guardas em todo o perímetro da grande casa e a tensão pendurava no ar. Alguma coisa estava errada. Diminuiu o ritmo. Se aproximando das escadas, perguntou: —O que está acontecendo?

Jonas, outro McClaren, olhou para a janela do segundo andar. —Allie está tendo o bebê.

Isso explicava a tensão. —Pensei que Caleb tinha um subterrâneo criado para o grande evento.

—Allie acha que é importante a primeira respiração do bebê ser de ar fresco.

—Ela estava caminhando para um pavilhão na floresta, — o gêmeo de Jonas, Miquéias, acrescentou, cruzando os braços sobre o peito e inclinando as costas contra a parede.

—Mas concordaram com o quarto no andar acima com uma fresta na janela.



—A capacidade de negociação de Caleb deve ter melhorado. —Jace olhou nos olhos ambos os jovens, percebendo que agora eram totalmente weres maduros, com os músculos e confiança comuns aos McClarens. Droga, estava ficando velho, porque se lembrava de quando eram apenas filhotes irritantes com seus estilingues e seu humor imaturo.

—Foi mais que sorte. O trabalho chegou tão rápido, que Allie não teve tempo para preparar o espaço.

—Ah, e Caleb disse que Senhora Sorte não gosta dele.

—Não o ouvi dizer isso desde que conheceu Allie, — Jared disse, saindo da casa, com a testa escura elevada olhando para Miri, jogada inconsciente sobre o ombro de Jace. Dos seus três irmãos, Jace era provavelmente o mais próximo de Jared, principalmente porque Jared entendia a intensidade das emoções que muitas vezes o derrotava.

—É verdade. Ela o faz lembrar de sorrir.

Allie tinha um jeito de fazer todos sorrirem, o que só tornou o grito que rasgou da janela do segundo andar muito mais perturbador. Nada podia acontecer a Allie. Caleb não seria capaz de aguentar. Inferno, nenhum deles. Allie podia iluminar o momento mais sombrio, com seu humor irreverente e sua recusa em aceitar a derrota. Ela os fazia acreditar e até mesmo se Jace não a amasse por si mesma, a teria amado pela alegria que trouxe ao seu irmão mais velho, tantas vezes muito sério.

Ele olhou para cima, tentando ver através das cortinas fechadas. —Há alguma coisa errada?

Jared correu os dedos pelo cabelo, os dedos de sua outra mão abrindo e fechando, como sempre fazia quando estava ansioso. Um hábito que ficou de seus dias de pistoleiro, quando os dedos flexíveis significavam a diferença entre vida e morte. —Não podem parar o sangramento.

—Merda. — Os homens alinhados na varanda ganhou um novo significado. Allie só podia se alimentar de Caleb, o que significava que teria que se alimentar com muito mais frequência. —Ela o está drenando tão rápido?

—Sim, mas está ficando muito fraco para beber.

Jace deu uma ordem mental para Miri acordar e a deixou deslizar abaixo por seu corpo. —Caleb deve estar no inferno.

—Ele não é um campista feliz, — Jared disse, apontando para Miri. —É ela?

—Sim.

Miri ficou trêmula. Jonas e Miquéias franziram a testa enquanto ela balançava.

—Ela está bem?

—Não sei. — Ele a puxou para seu lado, não gostando do jeito como quase desmaiou contra ele. Outro grito veio da casa, silenciado pelo vento, rapidamente sufocado por algo que não podia ver. Slade está com Allie?

—Por tudo de bom que está fazendo. — Jared estreitou seu olhar. Miri estremeceu quando seu poder a tocou, ficando sem fôlego. Seus olhos abriram. Um grunhido veio dos weres e uma maldição



de Jared. Seu poder se arrastou.

—Não nos disse que era uma Alfa D'Nally, — disse Micah, seu olhar fixo no rosto de Miri.

—O que o faz você pensar que ela seja?

Jonas revirou os olhos. —Se o cheiro não a marcasse como D'Nally, os olhos dourados o fariam.

Somente os alfas D'Nally os tem.

Micah olhou para ele. —Ilan vai matá-lo.

—Ilan vai ter que entrar na fila.

Jace focou em Jared e sua carranca. —O quê?

—Ela está convertida, mas ainda não.

Os McClarens rosnaram, e os outros acompanharam. Jace os fulminou com um olhar. — Superem isso, ou saiam.

Não tinha paciência para o preconceito.

Jared apontou os gêmeos em volta, ficando entre eles e Jace. —Caso tenha esquecido, os McClarens são nossos amigos.

—E Miri é minha esposa. — Ela deu um passo, mais um tropeço. Sua energia estava ficando mais forte. Jace manteve a mão em seu braço, deixando-a encontrar seu equilíbrio.

—Vai levar um tempo para que todos possam absorver, — Jared apontou razoável.

Jace não tinha tempo.

Outro grito veio através da janela, desta vez, abruptamente interrompido. No segundo seguinte, a voz de Allie saiu pela janela aberta, forte, mas rouca de cansaço. —Juro, Caleb, se tentar me ajudar mais uma vez, vou chutar sua cara. Eu o farei.

Jace teve que sorrir. —Não parece que está muito fraca.

—Caleb apenas lhe deu seu sangue novamente.

—E um pouco de sua atitude, ao que parece.

Jared riu. Se Jace ignorasse a borda sombrio, seria como nos bons velhos tempos. —Isso vem naturalmente, acho.

—Provavelmente. — Allie tinha uma vontade de ferro.

Miri balançou novamente. Micah estendeu a mão. A reação de Jace foi imediata, instintiva, e possessiva como de qualquer were. Rosnou um aviso e a puxou contra ele.

Micah olhou para ele, o desafio em sua postura não menos forte que a suavidade da sua expressão. —É melhor se acostumar com isso. Muitos weres vão tentar tomá-la de você. É fértil e Alfa. Não há afrodisíaco mais forte que esse.

Miri rosnou, respondendo instintivamente à tensão. Jace passou a mão em seus cabelos e nas costas dela, mantendo-a perto. —Então muitos weres vão morrer.

—Quem vai morrer? — Perguntou Miri grogue.

Miri estava ficando totalmente consciente. Jace deu a Micah um olhar. —Ninguém, ainda.

Ela empurrou o emaranhado de seus cabelos para longe do rosto. Sua outra mão desceu para o



estômago, enquanto olhava ao redor. Imediatamente enrijeceu quando avistou Micah e Jonas. — Ainda?

—Ainda não.

Ela olhou para os outros weres espalhados pela varanda, em seguida, de volta à Jace, e depois novamente aos weres. Seus ombros quadraram. Um rosnado pairava em sua garganta e colocou todos os seus 55kg na frente dele. Como se pudesse protegê-lo de um homem totalmente maduro. Jace cruzou os braços sobre o peito e a puxou de volta contra ele. —Não precisa mostrar sua loba para ninguém, princesa. Está entre amigos.

Jonas bufou. O olhar que Miri lançou era impenetrável.

—Estou no meio de lobos — ela corrigiu.

—E família. — Jared se aproximou, muito perto para o vampiro de Jace tolerar. Outro grunhido retumbou em seu peito. Para seu próprio irmão, nada menos. Jared sorriu, a preocupação substituindo a diversão. —Já está definitivamente ruim. — Ele inclinou a cabeça para Miri. —Bem-vinda ao clã Johnson.

—Obrigado. — Sua mão conectou com a coxa de Jace quando o último grunhido sumiu. Ela estava tentando acalmá-lo, ou dar um tapa nele?

Outro grito estridente veio da casa.

Miri olhou para a porta. —Quem está ferido?

-Minha cunhada está prestes a me tornar tio.

Ela olhou para os homens de pé no alpendre, e, em seguida, por cima do ombro de Jace. —Sua cunhada não é vampira?

—Ela definitivamente é vampira. — Foi Jared quem respondeu.

—Os vampiros não podem ter filhos.

Jace esfregou os braços. —Isso é o que todo mundo continua dizendo.

O cheiro do terror se espalhou em volta de Miri. —Oh, meu Deus, eles não podem saber.

Não precisava ser um gênio para descobrir quem — eles — eram.

—O Santuário já sabe.

Tremores quase imperceptíveis começaram em seu núcleo. Ela agarrou seu braço, suas garras afundando através de sua pele. Os lobos que os cercavam deram um passo adiante. Desta vez, o vampiro de Jace não rosnou de volta tão fortemente. Nenhum lobo podia ignorar uma mulher em perigo. Era contra seu código de honra pessoal e seus instintos.

—Tem que protegê-la, — Miri ordenou, segurando-o, olhando para Jared, o tremor em seu corpo fazendo sua voz tremer. —Nunca pode deixá-los chegar nela.

—Ninguém vai tocar Allie, — Jared respondeu calmamente. Jace sentiu o toque de sua energia, o pedido de permissão para entrar na mente de Miri. Jace balançou a cabeça. Tanto quanto Jared queria ajudar, Miri não veria alguém entrando em sua mente como algo além de outro estupro. Jace chegou mais perto e acariciou um caminho tranquilo através do terror quando Jared continuou.



—E mesmo que cheguem perto dela, vão descobrir que é um osso duro de roer.

Allie era uma vampira psíquica, capaz de arrancar a mente de um homem da forma como outros rasgavam papel alumínio dos pacotes.

O único problema era que o ato a descarregava completamente e totalmente vulnerável em seguida, mas durante essa explosão de energia era o pesadelo de cada vampiro.

—Ninguém é tão duro, — sussurrou Miri.

Uma memória dela piscou para ele, Miri desafiadoramente se recusando a abrir as pernas. O rosto de um homem, a agonia que queimava através dela quando ele casualmente aplicou um Taser na parte superior da coxa e o manteve lá. A agonia que explodiu por dela, a ruptura completa de sua função cerebral, a degradação absoluta de ser incapaz de impedi-los de tocá-la. A memória veio claramente através da ligação.

Jace roçou os lábios em seu cabelo, canalizando a raiva que o consumia para o fundo, onde poderia deixá-la fervendo até que chegasse o momento de desencadeá-la, mantendo sua voz suave, porque a única coisa que Miri não precisava agora era de mais violência. —Não, doce, ninguém é tão duro.

—É por isso que será protegida, tanto quanto você, — acrescentou Jared, sua fala mansa quase um rosnado. Um olhar para Jared confirmou que ainda estava ligado a ele quando a memória o atravessou. Chamas acendiam os olhos de seu irmão, vivas contra a íris quase verde. As bordas de suas presas estavam visíveis e sua energia se contorcia sobre ele num chicote invisível. Os weres, reagindo à energia, rosnaram.

Miri se encolheu contra ele.

Pare com isso.

Num piscar de olhos, Jared ficou sob controle.

—Não ligue para Jared. Sem sua esposa por perto, ele se esquece de suas maneiras. — Na verdade, Raisa era uma âncora para Jared, emocionalmente e fisicamente, uma companheira de verdade para toda a energia que crescia dentro dele, e tão mortal em seu próprio caminho.

Quando a propagação acalmou, Miri olhou para seu braço ofegante. —Eu sinto muito.

Ela tirou suas garras de sua carne. O agulhão quente permaneceu, um sussurro de prazer prolongado.

—Não foi nada. — Antes que ela pudesse protestar, ele a deixou ver o desejo latente dentro dele numa erótica reivindicação.

O choque dela o fez sorrir.

Weres não são muito diferentes dos vampiros.

Como eu poderia saber?

Ela não podia. Ele foi seu único amante.

Vai ter que confiar em mim.

Seu bufo de descrença mal terminou quando a voz irada de Allie subiu. —Fique tão longe de



mim como o inferno, Slade.

—Precisa de ajuda, Allie.

—Eu te disse, Caleb, estou tendo esse bebê naturalmente.

—Não há nada natural nisso. — A voz de barítono profundo de Caleb estava repleta com impaciência e preocupação.

—Bem, não vai introduzindo qualquer outra coisa não natural.

Jace olhou para Jared. Seu irmão só encolheu os ombros. —Está determinada a não fazer nada que vá traumatizar o bebê.

A voz de Allie continuou calma na noite, cansada, mas refletindo toda a teimosia que aprenderam a associar com ela. —Raisa, se Slade vier perto de mim outra vez com o garfo de salada enorme, vou castrá-lo.

—Feito.

Apesar da gravidade da situação, Jace não pode deixar de sorrir. —Esse — feito — contém uma grande dose de ansiedade. Raisa ainda guarda rancor sobre o último experimento de Slade?

Jared concordou. —Sim. Não gostou de ser atingida em sua bunda por sua própria energia.

Miri puxou a mão de seu peito e se virou para enfrentá-lo. Estava muito pálida e não parecia muito firme. Ele colocou sua mão no seu ombro. A luz da lua tocou seus olhos, trazendo o ouro para sua íris. —Raisa está aqui?

Jared foi o único que respondeu. —Sim.

—Não acho que devia estar fazendo isso. Estava tão fraca.

—Mas a mandou de qualquer jeito? — Havia uma nota perigosa na pergunta.

Miri não vacilou. —Seria morta se ficasse.

A simplicidade da resposta roubou o trovão de energia de Jared.

Através de Raisa, todos souberam o que o Santuário fazia às mulheres no exercício da ciência.

Através de Raisa, souberam o que Miri suportou para que Raisa pudesse viver.

—Tudo que quiser ou precisar, basta pedir, — Jared disse a Miri com convicção.

—Não me deve nada. Raisa e eu trabalhamos juntas.

—Mas você ficou para trás.

Ela encolheu os ombros. —Na verdade, não havia outra escolha.

Jace apertou seu braço. —Não seja tão rápida para despachá-lo. Eu gosto da ideia de Jared me devendo.

—Ele se considera meu devedor e não seu.

—É a mesma coisa.

Ele sentiu o roçar de energia de Jared quando explorou a mente de Miri.

Não, não é.

Inferno, seu próprio irmão estava unido contra ele.

Outro grito veio do andar de cima, seguido rapidamente por xingamento do macho. Miri



esfregou os braços e olhou para Jace. —Gostaria de ajudar.

—Está muito fraca.

—Não tão fraca. — Ela se afastou de seu peito e se impulsionou para a escada da varanda. Jonas e Miquéias deram um passo atrás. Inclinararam suas cabeças quando Miri subiu os degraus para a varanda. Miri parou tão de repente pela deferência que quase se desequilibrou. Jared a agarrou. Ela olhou para os weres cautelosamente. Eles olharam para trás, impassíveis. Jared pegou a mão dela mesmo quando Jace colocou sua mão no meio das suas costas. Ela ignorou a ambos, subindo os degraus, cruzando o pórtico, e se afastando deles.

—Ela precisa se alimentar, — Jared disse, franzindo a testa para suas costas quando ela entrou na casa.

—Provavelmente.

—Por que ouço um "mas" aí?

—Ela, provavelmente, tem planos de fazer um estardalhaço sobre isso. Acredita em rituais e tabus.

—O que isso tem a ver com o preço do chá na China?

—As fêmeas were não bebem de vampiros, — Jonas ofereceu.

Jace olhou para os gêmeos. Nada em suas expressões mostrava algo. —Por quê?

—É proibido — respondeu Jonas.

—Eu deduzi. — Ele olhou para Miri. Estava quase na porta. — Seria interessante saber o porquê.

—Um monte de coisas ficarão interessantes por aqui em breve, —Micah murmurou.

O que não era uma resposta à pergunta Jace, mas levantou os pelos de sua nuca de qualquer maneira.

Isso podia ser um erro. Miri ficou despercebida na porta e observou o caos no quarto. Uma mulher com cabelos castanhos grudados pelo suor em seu crânio estava deitada na cama com seus joelhos para cima. Um homem com cabelos castanhos e ombros largos sentava num banquinho ao pé da cama. Outro sentava na cabeceira. Ele olhou para cima, notando-a. A semelhança com Jace era forte no mesmo rosto quadrado, as altas maçãs do rosto e olhos intensos, mas os olhos deste homem eram mais verdes que cinza, e seu rosto menos severo que o de Jace. Que o fazia não menos bonito e não menos assustador que seu companheiro. Devia ser Caleb.

—Quem é você? — Perguntou ele.

—Miri.

— A Miri de Jace? — A mulher na cama se ergueu nos cotovelos. —É mesmo?

Caleb colocou o braço em seus ombros, a apoiando. —As apresentações podem esperar, Allie.

O homem, ao pé da cama, se virou. Mais uma vez a semelhança com Jace, a carranca no rosto também familiar.

—Não, não podem. — Allie golpeou o grande vampiro como se fosse um mosquito, não mostrando nenhum temor por seu poder. Não era uma mulher atraente, especialmente com o rosto



coberto de sangue e suor, mas tinha os mais bonitos olhos azuis, e quando sorriu, Miri soube por que Caleb olhava para ela como se fosse seu mundo. Era bela. —Estou tão feliz que a encontrou.

—Obrigada.

Allie apertou seu estômago e se dobrou. —Oh, merda. Espere um pouco.

Caleb a abraçou, o sangue aparecendo nas têmporas. Obviamente, estava tentando tirar a dor dela. —Ela não precisa esperar. Tenho certeza que vai notar que é um mau momento e voltará mais tarde.

—Vim para ajudar.

—Sabe alguma coisa sobre ter filhos?

—Ela deve saber, — disse uma mulher atrás dela. — Teve uma sozinha.

Miri reconheceria aquela voz em qualquer lugar. Raissa.

Ela se virou, diante de uma mulher que quase não reconheceu. Foi-se o rosto abatido, a pele pálida, os olhos cheios de dor. Esta mulher florescia com boa saúde. —Está maravilhosa.

Raissa sacudiu a cabeça. A massa espessa de cabelo derramava sobre os ombros. A luz se reunia nas ondas loiras e ondulava em toda sua extensão. —Então aqui está você.

Miri queria abraçá-la, compartilhar com ela todas as emoções se agitando, mas estava congelada na irreabilidade do momento, não tinha certeza da conexão ainda estar lá, sem o desespero para ligá-las. Medo de tocar, medo de cair. —Acho que qualquer coisa parece melhor do que quando nos vimos pela última vez.

—Amém a isso.

—Trouxe os cubos de gelo, Raissa?

—Caleb! — Allie, ofegou. —Está interrompendo seu reencontro.

Estava totalmente sem remorso. —Elas podem conversar mais tarde.

Miri piscou. Sim, podiam. E isso em si era um novo conceito.

—Já se conheceram? — Raissa perguntou, cruzando a sala e entregando um copo a Caleb.

—Estávamos nos apresentando, — Allie disse, estalando um cubo de gelo em sua boca.

—Não, não estávamos, — Caleb rosnou. — E dane-se, Allie, esse cubo é muito grande.

Allie revirou os olhos enquanto Caleb a olhava como um falcão.

—Ignore-o, — Allie ofegou. —Está apenas estressado por muito café e a chegada iminente de seu filho.

Caleb não era um homem que Miri ignoraria, mesmo que sua loba se levantasse para se submeter ao Alfa.

—Se estou estressado por qualquer coisa, — Caleb estalou, —é de lidar com suas crenças sobre parto natural.

—Não vou injetar drogas e Deus sabe o que em seu corpo. — A última palavra terminou num grito quando outra contração chegou. Caleb colocou seu braço em torno de Allie e murmurou suavemente no ouvido de sua esposa, sua raiva frustrada silenciada sob sua preocupação. Mas



voltaria. Disso Miri não tinha dúvida. Homens como os Johnsons achavam a luta mais confortável que apenas sentar e deixar que passasse.

Allie gemeu. Caleb a balançou suavemente. Era tão diferente do nascimento da filha de Miri. A dor claramente era a mesma, mas as emoções que a rodeavam totalmente diferentes. O desespero e o terror não faziam um parto fácil. Mesmo um artificial.

Raisa olhou para Miri. —Faça alguma coisa.

—O que quer que eu faça?

Raisa deu de ombros impotente. —Você é a única que teve um filho.

—Arrancaram ela do meu corpo.

Todo o som na sala cessou. Quatro pares de olhos se prenderam nos dela no espaço de um batimento cardíaco. Oh, Deus, ela disse isso em voz alta.

O homem aos pés de Allie falou. —E vamos fazê-los pagar por isso, não se preocupe.

Parecia tão calmo até que falou, um poço de calma em meio ao caos do quarto, atraindo-a com o aviso muito calmo, mas, em seguida, ele olhou para ela e ela viu a ilusão que se tratava. O homem era uma bomba-relógio de emoção à espera de explodir.

Não queria ser a única que o detonasse. Ela disse —Obrigada, — muito calma.

Ele franziu a testa, olhando para Allie. Embora Miri não conseguisse ver a energia vindo dele, podia sentir. Estava estudando de dentro para fora. Allie puxou os joelhos para cima. O lençol caiu de suas pernas.

—É bom mesmo não estar olhando, Slade.

Caleb soou como Jace, só então Miri sentiu um surto de simpatia por ele.

—É difícil trazer um bebê sem minha visão.

Caleb xingou. —Assim que isso acabar, vou limpar sua memória.

—Graças a Deus!

—Bem, — Allie fungou. —Isso foi pouco lisonjeiro.

—Filho da puta, você a fez chorar. — Caleb passou o polegar pela face de sua esposa.

Slade parecia horrorizado com a ideia. —Não quis dizer nada, Allie, estou apenas aborrecendo Caleb.

—Bem, pois faça-o quando eu não estiver me sentindo tão horrível.

—Vou fazer.

—Seria mais fácil se os homens saíssem.

Miri bem poderia ter deixado cair uma bomba quando fez essa sugestão. Repentinamente era o centro das atenções. Allie olhou esperançosa, Raisa divertida, Slade e Caleb agressivos.

Miri explicou. —Entre os weres não é costume os machos — ela mordeu a palavra — quando os homens franziram a testa mais duro para ela, e substituiu — frequentar a sala de parto.

Caleb não moveu um músculo, apenas ficou lá na cama como um objeto imóvel e disse: —Eu não sou um were.



Moveu-se mais dentro da sala. —Mas acho que sua esposa está desejando que fosse agora. Allie lhe deu um olhar agradecido enquanto Caleb a olhava com raiva. — Que diabos a faz dizer isso?

—Porque está centrado numa coisa, e ela está tentando se concentrar em outra coisa.

—Vamos ter um bebê. Que diabos mais há para se concentrar?

Raisa surgiu ao lado dela, sem tocá-la, compreendendo seu problema com as pessoas a tocando, talvez porque tinha o mesmo. Allie foi a única a responder:—Muitos.

Caleb não se mexeu. —Não vou deixar você.

É evidente que alguém devia tomar conta dessa bagunça. Miri cruzou para a cama, deixando Jace controlar sua dor, ignorando sua fraqueza.

—Há quanto tempo se deitou? — Miri perguntou, cutucando Slade de lado.

Horas.

Isso não era bom. Apontou para o pé da cama. —Se importaria se eu der uma olhada?

Allie acenou com a mão. —Por que não? Todo mundo já fez.

Miri não pode evitar sorrir pela declaração descontente.

Slade a olhava atentamente quando puxou as cobertas.

Allie estava dilatada, mas não perto o suficiente. E havia muito sangue. Mais do que deveria perder. Ela olhou para Caleb. —Pode substituir todo o sangue que ela precisa?

Sua boca fez uma linha reta, um gesto que viu Jace adotar mais de uma vez ou duas. Aparentemente todos os homens Johnson eram teimosos. —Sim.

—Bom. — Ela soltou o lençol. —Como soa ficar em pé para você, Allie?

—Como o céu. Tenho uma câibra na base da minha espinha.

—Não me disse isso, — Caleb acusou.

—Muitas coisas eu não digo.

—E não pense que não vamos discutir isso, quando acabar, — ele rosnou, as mãos pairando prestativas quando Allie empurrou o lençol de volta.

—É seguro? — Slade perguntou.

Ela não tinha ideia, mas pelo que pôde ver, o maior perigo enfrentado por Allie era a perda de sangue. —Provavelmente vai acelerar seu trabalho.

Pelo menos era assim com os weres, e os vampiros não podiam ser tão diferentes. Todos tinham os mesmos equipamentos.

—Como sabe tanto sobre isso? — Raisa perguntou.

—As mulheres da minha linha são parteiras.

As sobrancelhas grossas de Slade abaixaram. —Sua linha?

Ela assentiu com a cabeça. —D 'Nally.

Seu olhar procurou seu rosto, demorando na cor de seus olhos a traindo. —Qualquer relação com Ian?



—Sua prima.

—Porra, Jace está ferrado, não é?

Ela trouxe os joelhos juntos e Allie balançou para o lado. —Não se eu puder ajudá-lo.

—Veja — disse Allie, puxando para baixo a camisola azul pálido e chutando-a para fora de suas pernas. —Nem todo mundo é desgraça e melancolia. — Ela se ergueu com cuidado. —Não posso esperar para ver seu bebê, Miri. É menino ou menina?

Dor e calor afiado rasgaram Miri. Se não fosse pela disciplina que aprendeu nas mãos do Santuário, teria caído de joelhos. Ela estendeu a mão para Allie. —Tive uma menina.

—Aposto que ela é simplesmente preciosa.

—Sim. Ela é.

—Qual o nome dela?

—Faith.

Allie parou, se por outra contração ou pelo nome, Miri não podia dizer. —Esse é um bom nome, — ela engasgou.

—Eu pensei isso. — A dor dentro de Miri cresceu a um buraco que ameaçava engoli-la completamente. Mudou de assunto. —Já tem um nome para o seu?

Caleb estava em seu caminho. Se a reputação dos irmãos Johnson fosse qualquer coisa perto, não havia ossos doces neles. Apenas habilidade, frieza mortal e uma tendência para a vingança que mesmo os mais duros weres respeitavam e admiravam. No entanto, ver Caleb com Ally era doce. Não havia dúvida que compartilhavam um vínculo de alma: sua dor era dele, sua esperança era dele. Era contra tudo que sabia sobre vampiros. Ela deu uma cotovelada em Caleb de lado, ignorando os descontentes rosnados em seu peito. Claramente, ele queria ser o único a apoiar Allie, e se Miri não achasse que a levaria de volta para a cama depois da primeira etapa, ela o deixaria. Mas agora Allie tinha força e precisava continuar. —Não é preciso... reabastecer antes que possa dar-lhe sangue de novo — ela perguntou.

Um lobo não poderia estar mais aflito, o que significava que Allie devia sentir a ansiedade de Caleb, tanto quanto ela. Não era bom.

—Sim.

Miri ajustou o controle sobre Allie. —Acredito que há toda uma linha abaixo de weres dispostos a fornecê-lo.

Outro conceito que levaria algum tempo para se acostumar. Weres que confiavam em vampiros a ponto de ser sua fonte de alimento. Ela os chamava de trolls, lobos escravizados para servir vampiros, mas não houve isso em Jonas e Miquéias. O único momento de deferência que exibiram foi quando reconheceram seu estatuto com um arco de suas cabeças.

-Vampiros fora — Allie brincou. —Se despache e consiga alguns, Caleb, antes que se distraiam e corram em busca de algo.

Caleb riu. Allie deu um passo e então gemeu. —Como pode algo tão bom — ela deu um olhar ao



marido, forçou um sorriso e, com uma voz aguda ligeiramente superior ao normal, terminou — ser tão distintamente desconfortável?

—Sei exatamente o quanto de dor está sentindo, mocinha Allie. Não precisa amanteigar as palavras. — Caleb se voltou para Miri. —Minha esposa é recém-transformada — isso poderia afetar as coisas?

Miri absorveu isso. —Defina "récem."

—Desde o ano passado.

Recentemente transformada, esposa de um vampiro, e tendo um bebê. Ela tinha a total simpatia de Miri. —Não acho isso.

Caleb hesitou na porta, sua necessidade de sangue lutando com sua necessidade de ficar com sua esposa. —Ficará bem?

—Vou ter um filho, Caleb, — respondeu Allie, — não tomar um tiro.

Sua sobrancelha direita arqueou para cima. Aparentemente, todos os irmãos tinham esse atributo. —E isso significa?

—Estou bem. Vá encher o tanque. — Ela olhou para baixo. Sangue marcava seu progresso através do quarto num rastro brilhante carmesim. —Vou precisar dele.

Com uma maldição, ele desapareceu.

—Graças a Deus ele se foi. — Então, tão rápido, Allie chicoteado a cabeça e olhou para Slade. — Se ferir seus sentimentos, contando o que eu disse, vou te capar.

Miri piscou, não apenas pelas palavras de Allie, mas pelo fato que Slade ainda estava na sala. Tinha esquecido dele.

—Nem sonharia isso.

Ela olhou para ele novamente. O homem tinha uma maneira de se misturar ao ambiente que deixaria um lobo orgulhoso, mas agora que olhou para ele, não tinha certeza de como fazia isso. Se uma pessoa concentrasse sua atenção nele, praticamente vibrava com a energia. Um gênio, lan o chamava. Um homem da ciência. Passou a olhar mais de Slade a partir do topo da cabeça até os dedos dos pés das botas arranhadas que usava. Nunca viu um homem da ciência parecer mais um predador à espera de um momento para atacar. —Por que está aqui?

Tinham chegado ao fim do quarto. Ela se virou com Allie, combinando seu ritmo à mulher menor.

Um sorriso enigmático tocou o canto da boca de Slade. —Brincando de médico.

Allie empurrou Miri de lado. —Se não se importa, — ela engasgou, ofegante por uma contração, dobrando lentamente quando a dor apertou seus músculos, — Eu gostaria de tentar isso por minha conta um pouco.

—Claro. — Miri viu quando deu alguns passos. Muitas mulheres não podiam ser tocadas quando em trabalho de parto. Muita coisa acontecendo para ter mais estímulo.

Raisa surgiu ao lado dela quando Allie deu um passo, depois dois. Rumo a Slade. Miri não se



preocupou com sua queda. No segundo que deixou Allie ir, o homem ficou atento. A pegaria se vacilasse.

—Como está realmente? — Raisa perguntou em voz baixa.

A simpatia na voz da outra mulher quase fez Miri desabar. A dor física não tinha nada a ver com agonia mental que lutava. Sentia como se estivesse oscilando à beira de um abismo enorme preto, e tudo o que tinha para se segurar era uma discussão, e sua força cada vez menor. —Vou ficar bem quando tiver de volta Faith.

Era seu mantra. A declaração com a qual reabastecia sua força.

Raissa roçou a mão dela. —Os irmãos vão buscá-la de volta para você.

Allie vacilou. Slade saltou em seus pés num movimento rápido demais para ver, mesmo com suas habilidades de lobo. Miri respirou, se abraçando. —Eu sei.

Ela virou a cabeça e encontrou o morno olhar marrom de Raisa. A saúde da mulher e sua energia a golpeou. Assim como as memórias. O rostinho de Raisa distorcido num grito, a dor em seu olhar em nada comparada com sua determinação em mostrar ao vampiro que sua teimosia era muito mais forte que seu corpo. Miri lembrava de ver os cientistas do Santuário a fazendo sangrar, sofrer, mantendo a ameaça de mais sofrimento para Raisa sobre a cabeça de Miri, se não cooperasse. Mais que qualquer coisa que lembrava eram aqueles olhos frios observando e esperando que uma delas quebrasse. Nenhuma o fez. Não antes que Raisa fosse enviada para o Santuário e não no mês desde então. —Não sei como pensei que você era frágil quando a vi pela primeira vez naquele inferno.

Raisa sorriu, seus traços de duende florescendo com uma beleza que fez Miri piscar. —Não tinha o benefício do sangue de Jared. Ele não me deixa doente, como todos os outros.

Tudo o que precisou foi tomar o sangue de Jared?

—Ou pode ser meu tamanho, — Raisa continuou brincando. —Todo mundo acha que sou uma flor delicada.

—Uh-huh. — Allie grunhiu, voltando na direção delas, em passos arrastados, Slade pairando atrás dela. —É a mesma mulher que fez Jared voltar para casa para tirar uma aranha na noite passada?

—Só porque não gosto de aranhas não me torna impotente.

—Poderia a ter esmagado, — Slade ofereceu numa voz profunda que repercutiu na mente de Miri como um cacho de energia que parecia tão boa, que ela instintivamente se abriu para ele.

—Isso seria grave.

A resposta Raisa escorregou através de uma nuvem de conforto que parecia crescer mais cada vez que Miri focava nela.

Raisa enrijeceu ao lado dela e agarrou seu braço. —Pare com isso, Slade.

Os tentáculos caíram. Miri piscou, desorientada, com a brusquidão da desconexão, suas garras instintivamente surgindo em reação ao desamparo do momento.

—Só estava verificando sua saúde.



Allie parou e se virou, segurando a barriga e ofegando quando o fez. —O que fez?

—Nada.

—Estava na minha cabeça. — O horror se arrastou. Slade esteve na cabeça dela, e ela não foi capaz de impedir, mais do que foi capaz de parar o Santuário de sondar sua mente. *Jace*. O grito foi instintivo e saiu de seu coração. *Jace*.

A chamada inútil só serviu para tornar ainda mais indistinta a linha entre passado e presente. Nunca a ouviu antes. Não se importaria em ouvir agora.

Bem aqui, princesa.

Sua força de vida derramava em sua consciência num fluxo constante, encontrando as rachaduras no seu controle e as enchendo com uma onda de força que sua alma abraçou. Ela estava errada, Miri decidiu, enquanto Jace preenchia a lacuna na sua realidade e a ancorava no seu aqui e agora. Ele se importava. Muito, caramba. Os olhos de Allie se estreitaram quando olhou para Slade. A energia brilhou fora dela em ondas, que foram reforçadas pelos raios igualmente brilhantes de energia que saíam de Raisa.

—Você está fora daqui.

Slade não se mexeu. —Não estou com medo.

—Sim. Está. — Allie apontou para a porta. —Miri está ajudando. Você não está.

Slade não se mexeu. —Miri esteve no Santuário, em cativeiro, por um ano e sua mente é um livro aberto para quem queira manipulá-la. Não é o tipo de ajuda que precisa.

Miri olhou para ele, a dor atravessando numa onda de choque, mentalmente pisando no conforto que Jace imediatamente ofereceu. —Nunca ficaria do lado do Santuário.

—Você faria isso, e nem sequer saberia.

Ao lado dela, Raisa se esticou como uma pedra e gritou: —Jared!

Ela não disse mais nada. Não precisava. Três segundos depois, Jared apareceu na porta, Caleb sobre seus calcanhares, Jace à sua direita. —Você gritou?

Raisa empurrou o queixo para o lado. —Retire Slade.

A testa de Jared subiu e olhou para Slade, para as mulheres e, em seguida de volta para Slade. —Que diabos fez para Raisa estar tão imperiosa com você?

Slade não se mexeu, apenas ficou olhando a todos. —Disse a verdade.

—O que disse, exatamente? — Jace, perguntou, seu olhar no rosto de Miri. Miri tinha a sensação que, apesar de seus esforços, suas emoções eram um livro aberto para ele.

Allie acenou para ele ir embora. —Isso não importa, basta levá-lo.

Caleb estava de volta ao seu lado quando ela começou a se endireitar. Miri podia dizer pelos movimentos de Allie que as dores vinham mais rápido agora que estava em pé, mais fortes, também. Era muito bom. —Ele é a coisa mais próxima a um médico que temos.

—Temos Miri.

—Ela esteve no Santuário, — Slade a cortou — Posso sentir seu toque por todo o cérebro dela.



Raisa deu um passo na direção dele, seus cabelos soprando para trás enquanto atraía energia escura ao redor dela. Os cabelos da nuca de Miri estava em pé.

Perigo.

—Tire-o, Jared, ou vou praticar minha técnica de sucção de energia.

Slade ficou. No próximo segundo, Jace estava na frente de Miri, bloqueando sua visão. Inclinou a cabeça erguida. Ela manteve sua expressão em branco quando ele tentou manter seu campo de energia escondido. —Eu prometi a Miri que não só estaria segura aqui, mas que seria bem vinda, Slade. Fará que eu seja um mentiroso?

—Não estou cego pela luxúria.

—Não. — O polegar de Jace acariciou os lábios numa carícia suave que centrou o pânico que derramava dela. —Apenas é cego.

Não desviou o olhar dela, quando acrescentou por fim para Raissa. —Tire-o daqui.

Caleb era o único ocupante da sala que parecia rasgado. —Allie precisa dele.

Allie saltou. — Allie precisa de uma parteira, que é Miri.

Dele — se referindo a Slade... — cortou Miri como uma faca.

Allie encerrou o assunto com Caleb com um rigor que Miri mesma não tinha certeza que se justificava. —Miri não é do Santuário.

Maculado pelo Santuário ou não, tinha algumas habilidades e não dependiam de habilidade psíquica. —Eu posso ajudar.

—E passar tudo para o Santuário, enquanto está nisso? — Slade perguntou.

Miri disse a verdade. —Não conscientemente.

Caleb a cortou com um olhar afiado. Allie revirou os olhos. —Não podia simplesmente dizer "Não"?

—Não quero mentir.

—Evasiva. — Allie grunhiu, voltando para a cama. —É chamada de evasiva, Miri, e vai te salvar de muita discussão.

Jared encostou no batente da porta, agarrando a mão de Raisa quando o fez, puxando-a com ele, longe de Slade. Sua mão passava pelo braço da mulher pequena e em torno de seu ombro. Miri esperava ver Raisa lutar, como a viu lutar com os homens antes. Em vez disso, Raisa fluiu para seu lado, repousando a bochecha contra o tronco de Jared, confiança e aceitação ao relaxar seu corpo. Jared beijou ternamente antes de por os olhos em Miri.

—Se Miri pode lidar com a parte médica, — Jared disse, macio, — Eu posso lidar com qualquer transbordamento de energia.

Caleb encontrou o olhar de Miri sobre o ombro de Jace, quando perguntou: —Pode lidar com a parte médica?

Quis recuar do desafio em seu olhar. —Jared pode lidar com o resto?

—Fácil.



Que só deixava a questão se poderia lidar com a sua parte. A energia de Jace suavizava ao longo dela, as carícias como ondas selvagens, criando uma ruptura no pânico, grande o suficiente para sentir a confiança em suas habilidades. Da cama veio um chiado agudo de dor. Allie precisava dela. Foi treinada para atender essa necessidade. Não existia nada mais básico que isso. —Sim.

Caleb fez um sinal para a cama. —Então, se aproxime.

Capítulo 7

Miri não queria nunca mais passar por isso novamente. A batalha para manter Allie hidratada com sangue, enquanto lutava para dar à luz ao seu filho a fez se sentir como se estivesse numa corrida que não podia ganhar. No entanto, o fizeram. Graças a Deus.

Miri tropeçou para fora da sala. Jace a pegou. Ela nem sequer tinha força para protestar. A verdade era, seus braços pareciam muito bons, o calor do seu toque muito bem-vindo, a ilusão que tudo poderia ficar bem, enquanto estavam juntos era muito tentadora. Ele pegou seu peso facilmente, guiando-a pelo corredor.

—Sou tio?

—Sim.

—O bebê está bem?

—Foi um parto muito difícil. Todo mundo está cansado. Pelo menos espero que isso seja tudo. O bebê está muito tranquilo, cansado.

—Incluindo você, — murmurou Jace. Ela assentiu com a cabeça, envolvendo os braços em volta dele, porque se sentia tão vazia sem a filha, e precisava segurar algo sólido.

Seus lábios roçaram seus cabelos. —Vou trazê-la de volta para você, Miri.

—Eu sei que vai tentar.

—Isso é uma promessa.

Mas não havia nenhuma garantia que poderia mantê-la. —Eu sei.

—O que for preciso, vou ter certeza que ela chegará em casa com você.

—Obrigada. — Percebeu que chegou ao fim das escadas. A entrada estava logo à frente. Jace a guiou até a porta. —Para onde estamos indo?

—Para um dos camarotes.

Ele se inclinou em torno dela para abrir a porta. Uma brisa fresca da noite explodiu em seu rosto. A luz da lua se derramava no pátio coberto, longe demais para tocá-la, chamando sua alma cansada, erguendo-a. Ela olhou toda a área aberta para as árvores mais além. Seu povo tinha uma afinidade especial com a lua. Desejou não estar tão cansada. Gostaria de correr ao luar, sentir o vento soprando seu cabelo, desfrutar da alegria de fazer parte de um universo que entendia.



—Sentindo vontade de correr?

Ela olhou para a floresta além dela, o deserto aberto que poderia se perder. —Sim.

—O que a segura aqui?

Estaria esperando que dissesse a ele? Ela empurrou o cabelo para trás. —Porque eu cairia ali mesmo nos carros.

Seus dedos se abriram sobre suas costas. Sua energia sondava. —Está cansada?

—Sim. — E não era natural, mas não sabia o que fazer sobre isso e não sabia a quem perguntar sobre isso.

Jace a puxou para o luar. Tocou sua pele com um calor sutil, brilhou ao longo de sua mente numa memória de momentos mais doces.

—Então que tal se eu levar você?

Ser carregada contra ele na noite de lua, sentir a ilusão de liberdade com o vento em seu cabelo enquanto estava segura na defesa dos seus braços? —É muito perigoso.

—Provavelmente. — Ele a pegou. — Mas podemos arriscar.

Ela colocou os braços ao redor de seu pescoço. A saia que pegou emprestada do armário de Allie vibrou até panturrilhas. Seu coração vibrou junto com o dela. Era uma mulher e were. Apreciava um homem forte. E Jace era muito forte, mesmo para um vampiro. Ele acenou para os weres descansando na parte inferior da escadaria. —Será que os senhores nos cuidariam numa corrida?

—Por que não? —Jonas disse, ficando de pé. O olhar que lançou era especulativo, mas não avançado ou crítico. Sua respiração relaxou.

Escavaram acima seus rifles, coisas extravagantes que nunca viu, atiraram-nos sobre seus ombros, e ladearam Jace, uma massa sólida de músculos. —Nos guie.

—Para onde, princesa?

Ela não conhecia a área. —Sobre a campina e através da floresta...

O sorriso iniciou em seus olhos, moveu-se para o vinco na borda de sua boca, e então se espalhou pelos lábios. —Vamos para a casa da vovó?

Ela descansou a bochecha dela contra seu ombro, a sensação da suave risada estranha no peito, como se os músculos esquecessem como trabalhar dessa forma. —Para onde você quiser. Só quero sentir o vento no meu cabelo, respirar a noite, e fingir que está tudo bem.

—Então é isso que vamos fazer.

Com um salto suave, Jace compensou os passos. Ela não sentiu seus pés baterem no chão, não sentiu o som de seus passos, mas sentiu o vento ao longo de seus cabelos, sentiu o chamado tentador da lua, o grito de resposta de seu lobo, o perfume inebriante da floresta, aquela sensação sufocante de ser uma parte de tudo isso. Entram pelo mato. Jace pegou o ritmo. Os lobos mantinham a posição ao lado, correndo com a mesma liberdade selvagem. Um olhar para cima mostrou Jace sorrindo com a mesma selvageria que ela sentia por dentro. Ele adorava isso. Talvez fosse por isso que se davam tão bem, porque ela sentiu uma afinidade imediata com ele. De muitas maneiras, ele era mais lobo



que vampiro, mais em sintonia com os elementos, suas emoções, tudo. Ela encontrou seu olhar e respondeu a pergunta em seus olhos, puxando seu cabelo livre de seu braço, deixando-o fluir através de seu peito um segundo antes de puxá-lo de volta e, com um aceno de cabeça, convidar o ar fresco da noite a brincar com as mechas. Desejo queimava nos olhos Jace como fios em volta das costas, roçando suas coxas. Escuro como a noite, quase imperceptível, um vínculo frágil tecia suas forças de vida juntos. Ela inclinou a cabeça para trás, arqueando seu pescoço. Acima dela, ele rosnou. Ela podia sentir o olhar dele, imaginava que incidia sobre a vulnerabilidade da sua garganta. Outra risada tomou conta do interior como a tentação quando ela o deixou entrar em sua mente. O brilho rico de sua pele, o arco de seu pescoço feminino fluindo para a curva de seu peito, a beleza dela em seus olhos. Grama grudou nas pontas do cabelo dela, dando pequenos puxões. Mesmo a dor não poderia pôr um fim à sua alegria. Era livre. Livre.

Jace diminuiu o passo. Ela abriu os olhos. Os olhos dele estavam muito escuros, com lampejos de fogo vampiro iluminando as bordas. Sobre seu ombro, podia ver os weres os olhando de uma distância discreta.

—Por que paramos?

Ele a deixou cair em seus pés. Seus quadris deslizaram por seu corpo, roçando a espessura de sua ereção. —Preciso de um beijo.

Corajoso, intransigente, ele colocou suas necessidades à frente dela. Ela queria fugir. Não o fez.

—Por quê?

—Porque senti sua falta.

Se dissesse algo floral e doce, ela poderia ter resistido, mas essa declaração direta atravessou suas defesas como uma faca quente na manteiga e, como manteiga, quando suas mãos abriram em sua coluna, ela derreteu contra ele. Suas coxas dobraram, naturalmente contra dele, encostando os seios nos planos mais duros de seu peito, levantando o rosto, franzindo os lábios, faminta como ele estava, apesar de tudo, por causa de tudo.

O toque dos lábios dele era como a própria noite, uma carícia suave e familiar. Amado, querido, e o tinir da consciência que se espalhava por sua boca cobria a dor de sua separação como um bálsamo curativo. Sua boca se abriu.

—Jace.

O nome dele escapou pela dor da saudade, voou dela para ele num gemido gutural. A súplica ofegante não pode ser evitada. Tudo que precisava para esmagá-la era proferir um som único de diversão. Sentia-se tão vulnerável.

Ela esperou por ele, os músculos do corpo tensos, famintos, temendo-o. Não veio. Tudo que veio foi o calor de seu desejo e um gemido faminto quando sussurrou seu nome. Seu beijo se aprofundou.

Oh, Deus, sim! Seus braços envolveram seu pescoço, puxando-a mais perto de sua boca inclinada sobre a dela. Sim. Só isso, só agora. Apenas direto.



Ele a beijou como se estivesse morrendo por isso, como se realmente não acreditasse que a veria novamente, como se estivesse tão desesperado como ela, e ela se quebrou como nada antes. A primeira lágrima escorreu em seu ouvido. A segunda no ombro. A terceiro selou seus lábios, salgando o momento com a fome do passado e o desespero do momento.

Oh, Jace.

Bem aqui.

Me abrace.

Sempre.

E ele o fez, a apertando como se quisesse mantê-la dentro dele para sempre, o que talvez fizesse. Jace era tão possessivo como qualquer lobo, tão dominador como qualquer Alfa, e podia fazê-la rir tanto quanto queria. Gostaria muito de rir com ele novamente.

O aperto de Jace relaxou. Ela agarrou seu pescoço.

—Temos companhia, doce.

Ela piscou. Ele tocou no canto da boca com o polegar. Outra marca do passado que reviveu mais e mais em sua mente durante seu cativeiro. Ele eliminou sua última resistência. Não conseguia manter a raiva, empurrar e puxar entre o amor e ódio que lhe deu forças para seguir quando esteve presa. Este era Jace. O homem que lhe deu o vento nos cabelos e o luar em seu rosto só porque ela precisava. O homem com quem acasalou 18 meses atrás. Para o melhor ou pior. —Desculpe.

Desculpa por duvidar dele. Desculpa por colocar paredes entre eles. Desculpa por não ser capaz de deixar cair suas defesas.

—Não. — Apenas o sorriso suave dele fazia isso com ela. —Está tudo bem, Miri.

Será que queria dizer o beijo ou o que havia entre eles?

—Temos que nos mover, — Jonas chamou. —Se ficarmos aqui muito tempo, alguém do Santuário pode nos localizar.

Jace olhou para o were, em seguida, de volta para ela. —Vou ter que interromper nossa corrida desta noite.

—Tudo bem.

Ele caminhou até ela para abraçá-la. —Não está, mas vou fazê-lo ficar algum dia.

Ela colocou as pernas em volta de sua cintura. —Não precisa.

—Pare de me desculpar.

—Não estou.

—Então, age como se estivesse.

—Não posso evitar.

—Por que não?

—É meu companheiro.

Ele a alcançou por trás e puxou seu tornozelo direito em torno de sua cintura, puxando-a para o lado para escorregar sua mão até sua panturrilha. —E isso faz impossível guardar rancor?



—Parece que sim.

—Bem, no alvo. — Ele a ajeitou em seus braços, apoiando-a com um braço em volta dos ombros e o outro sob seus joelhos. —Estar casado com será uma brisa.

Os weres bufaram em descrença. Ela colocou o queixo em Jace e ouviu a batida firme de seu coração, e sussurrou: —Vou tentar que seja assim.

Jace não soltou Miri até passar pela porta da pequena cabana. Ela ficou onde ele a colocou, observando-o do mesmo jeito desde aquele beijo no prado. Com fome, com medo, e estranhamente aceitando o conflito. Bem distante da confiança aberta a que estava acostumado.

Ele segurou sua mão enquanto trancava a porta e ligava o alarme, uma parte dele inquieta incapaz de acreditar que estava aqui com ele. Que não acordaria e descobriria que ela havia partido. Apenas mais um sonho que não ficaria por aqui.

—Realmente acha que um alarme é eficaz contra o Santuário?

—Se fosse um alarme comum, não, mas Slade diz que este dará um inferno de aviso.

Ela puxou a mão. —Estou surpreso que não o tenha configurado para alertar contra mim.

—Ele queria, mas eu não deixei.

Seus olhos ficaram grandes e ela parou de respirar. —É mesmo?

Nada jamais o incomodou mais que o medo mal escondido naquela pergunta. Deveria ter pensado melhor antes de brincar com algo assim. Não era o homem que deveria ser. Nunca foi. E certamente não era o homem certo para ela. Olhou para baixo, onde os dedos estavam unidos. O modo como o agarrava com força, com fé que iria protegê-la. Contra seu irmão. Porra, se isso não era uma ironia. —Não. Só estava brincando.

Ela olhou pela janela. —Ele não gosta de mim.

—Ele está no limite em relação a qualquer coisa do Santuário.

Todos estavam. Seu lábio inferior deslizou entre os dentes. Seus dedos apertaram ao ponto de dor sobre os dele. —Será que vai impedi-lo de me ajudar a encontrar Faith?

—Faith é uma Johnson. Nada impedirá qualquer um de nós de trazer nossa filha para casa.

Seus lábios não saíram de entre seus dentes. Deu um puxão no seu braço. Ela caiu contra ele. Ele desceu a mão, ainda segurando a dela, para baixo de suas costas, arqueando sua coluna. Sua cabeça naturalmente caiu no oco de seu ombro. Esperou até seu olhar encontrar o dele. —Nada.

—Quando?

Não podia culpá-la pela pergunta. Não conhecia Slade, não conhecia sua dedicação à família, a uma causa. Não sabia que, quando mostrou as informações de Faith que tinha, ele sequer parou para se alimentar, apesar de sua óbvia necessidade. Trabalhava com as informações apresentadas. —Em breve.

Jace franziu a testa ao perceber que Slade saltou um monte de refeições nos últimos seis meses, a tal ponto que Jace estava ficando preocupado com ele. —Slade está trabalhando no endereço



agora. Ao anoitecer de amanhã, saberemos onde ir.

—Anoitecer. — Seus olhos se fecharam lentamente, os cílios escuros abanando contra seu rosto. Assustadoramente escuros. Destacando sua palidez e exaustão. —Isso são apenas 14 horas.

—Não desejamos demorar. Mas precisamos dele.

Ela abriu os olhos numa rachadura, olhando para ele através de seus cílios —Para quê?

—Para descansar e nos preparar.

—Você se prepara. Estou pronta.

—O que vai fazer é dormir.

Ele caminhou com ela para trás na direção da cozinha, sem mudar sua postura, mantendo-a desequilibrada, numa dança silenciosa com a música que só ele podia ouvir. —Logo depois que comer.

Ela estava balançando a cabeça antes de cruzar a pequena sala até a cozinha. —Não vou tomar seu sangue.

—Realmente tem obsessão sobre isso, não é mesmo?

—Sim. — Na porta da cozinha, o sentiu atrás dela com o pé.

—Se dá conta, é claro, que é ridículo fazer estardalhaço sobre algo que já fez uma vez.

—Já fiz um monte de coisas uma vez. Não fiz bem a eles, ou eles a mim.

Ela tropeçou no próximo passo.

—Se apenas seguisse minha liderança, — ele apontou,— não estaria tendo esses problemas.

Seu olhar rápido o advertiu que entendeu seu duplo sentido. —Prefiro fazer as coisas por mim mesma.

—Então vamos ter alguns problemas nesta relação.

Mais dois passos e chegaram na mesa.

—Porque, porque não pode aceitar uma mulher com uma mente independente?

—Não, porque, se você se lembrar, gosto de fazer as coisas por você.

Ela olhou para ele, um olhar de confusão em seu rosto.

A parte de trás de seus joelhos bateu na cadeira. Ele deu um empurrãozinho e ela caiu no banco de madeira. As pernas sacudiram no chão. —Não precisa me olhar como um cervo preso nos faróis. Isso é uma coisa boa.

Dirigiu-se ao freezer.

—Onde vai?

O pânico na pergunta era muito superior aos seis metros que os separavam. —Conseguir seu jantar.

—Jantar?

Ele olhou por cima do ombro. Seu lábio estava de volta entre os dentes. —Sim. Jantar. Tal como um bife.

O rugido de seu estômago interrompeu o silêncio tenso.



—Entendo que está tudo bem com você?

—Sim.

Ele abriu a porta e tirou um par de costeletas. Lobos tinham um apetite voraz. Ele e seus irmãos mantinham o lugar bem abastecido apenas no caso de visitantes. Quando se virou, Miri estava bem atrás dele, uma panela escaldante em sua mão. Ele indicou a panela com um arco de sua sobrancelha.

—Não ouviu a parte onde eu estou preparando o jantar?

Ela inclinou a cabeça para o lado. —Os vampiros não comem, não é?

Com um giro de seu dedo, ele indicou que devia voltar para a mesa. —Medo que arruíne sua refeição?

Ela não se moveu. —Talvez.

O instinto dizia que seus motivos eram muito mais profundos. Ele a empurrou para trás, enfiou o pé na perna da cadeira e a puxou para a esquerda antes de empurrá-la no banco. —Não vou.

Ela não parecia mais relaxada quando ele tirou a carne da embalagem. Ele fingiu manusear desajeitadamente o bife. Ela saltou aos seus pés.

Ele habilmente jogou a carne na grelha. —Tem problemas de controle, não é?

Ela estreitou os olhos para ele. —O que sabe sobre problemas de controle?

—Allie está arrastando a todos nós ao século XXI.

Sua mão fechou em punho. —Todos vocês?

Ele acendeu a grelha, abriu a porta do forno e, cuidadosamente, deslizou dentro da panela. —
Sim.

Virou para encontrá-la olhando para ele, a energia decantando numa onda de raiva. Ele inclinou seu quadril contra o balcão e cruzou os braços sobre o peito. —Qualquer motivo particular para me olhar pronto para cometer um assassinato?

Um piscar, e rapidamente, ela tinha sua expressão sob controle. Seu queixo subiu. —Nenhuma.

—Hã-hã. — Ele acenou com a mão. —Pode muito bem derramar o que quer que seja antes de explodir.

Sua mandíbula se definiu numa linha rígida e evitou seu olhar. —Não tenho o direito.

—Parece que eu o dei a você.

—Eu acasalei com você, sabendo como seria.

Ele questionou se a ponta de satisfação que sentiu quando ela admitiu sua afirmação jamais iria embora. Correu os dedos pelos cabelos. —Estou cansado. Explique para mim.

—Eu sabia que era vampiro.

Ela disse isso como se explicasse tudo. —E eu sabia que você era loba, mas isso não limpa a zona cinzenta.

—Eu sabia que não seria fiel.

Foi sua vez de piscar. Como tinham ido de jantar a traição? De mulher só tinha mencionado Allie... A raiva começou lenta, incapaz de superar a barreira inicial de incredulidade. Ela pensava que



ele dormia com Allie? A mulher de seu irmão?

Ele olhou para seu rosto, vendo nas linhas rebeldes a mágoa, a aceitação forçada. A emoção saltou sobre o choque, e junto com isso veio a repugnância. —Acha que eu dormi com Allie?

A resposta a isso foi um encolher de ombros que não enganaria uma criança de dois anos de idade. Filha da puta, o que ela fez.

—E está bem com isso?

—Sabia o que era antes de ligar minha força de vida à sua.

Não-quem-mas-o que. — E acha que sou o tipo de canalha que deixa sua esposa ao que o destino reservar para ela, e enquanto está sofrendo, se diverte em foder a mulher do seu irmão?

A expressão dela empalideceu. Seus olhos se arregalaram e prenderam no dele. Suas garras se estenderam. O cheiro do medo cobriu o cheiro forte da carne. Estava finalmente entendendo por que ele estava chateado.

—Me responda. — Ele deu um passo a frente. —O meu irmão sabe que estou pegando sua esposa? Ou apenas o deixo de lado?

Outro passo. O queixo dela se aproximou, mas não conseguia esconder o tremor em seu lábio inferior. —Ele deve saber.

Ele colocou o queixo em sua mão e perguntou: —Então como ainda estou vivo?

Seu olhar procurou o dele. —Você é vampiro.

O tremor da sua voz vibrava junto a ponta dos dedos. —O que quer dizer? Curo rápido ou não importa?

—Vampiros partilham suas mulheres.

Ela não desviou o olhar quando disse isso. Não houve nenhum agudo na voz dela, nem hesitação, apenas uma aceitação simples do que ela via como verdade.

Maldição. Ela sinceramente acreditava. Ele colocou o dedo sobre seu lábio inferior, acalmando a agitação que ela não queria que ele visse, focando sua atenção no pequeno gesto, certificando-se de colocar a ponta no centro doce que gostava de golpear em torno de sua língua. A fúria atingiu a razão, exigindo uma saída. Ela devia cheirá-lo. Inferno, provavelmente sentia isso. Sua energia era uma coisa selvagem arranhando para se liberar. Levou tudo que tinha manter sua voz constante. —Diga-me uma coisa: os vampiros também batem nas suas mulheres?

Notou que não era tão rápida para responder. Mulher inteligente.

Ela desconversou. —Por que pergunta?

—Só vendo se tenho permissões para poder exercer minhas opções.

Ela tentou empurrar a mão dele de seu queixo. Não foi bem sucedida. Tornar-se vampiro lhe deu uma incrível força e resistência. Mais que um lobo mal orientado poderia superar.

—Não vou deixar você me bater.

—Essa não foi minha pergunta, embora não veja como pretende me parar. — Ele bateu no lábio e aumentou seu aperto em seu queixo, uma ordem silenciosa para dar-lhe o que queria. Ela ainda



devia aceitar seu domínio físico. A resposta que estava procurando veio solta para ele. —Sim.

—Então, praticamente, na sua opinião, os vampiros são desleais, trapaceiros, criaturas amorais que batem nas esposas, sem poder ficar de fora dos lençóis?

—Todo mundo sabe disso.

—Todos os weres. — Ele se chocou contra um monte de preconceitos em sua época, mas este era o pior.

—Realmente não conversamos muito da outra vez, não é?

Ela não tinha que perguntar o que ele queria dizer. —Não.

Ele puxou o lábio longe de seus dentes com uma ligeira pressão para baixo. Os pontos de seus caninos chamou sua atenção. Se lembrou deles raspando sua pele numa promessa, nunca cumprida, da mordida que desejava. —Você me bateu por um longo tempo. Não conseguia o suficiente de você. Tudo que queria era acariciar você e te fazer sorrir todos os dias.

Ela piscou novamente, desta vez mais rápido. O brilho das lágrimas refletiu a luz da lâmpada acima, fazendo seu olhos brilharem.

—E o todo o tempo pensava que eu era a escória da terra.

Ela-não-se-envolveu em torno de seu polegar.

—Isso é o que você diz.

Ela balançou a cabeça. Seu polegar caiu no canto da boca. Na pele macia que gostava de acariciar.

—Não sei em que acreditar. Havia o que eu sempre soube sobre vampiros e depois havia você. Estava tentando resolver o problema.

—Mas ainda acredita que eu poderia me tornar bruto?

Ela assentiu, um lampejo de vergonha cruzando seus traços, seguido pela mesma rapidez pela raiva. —Um pouco. Antes que me deixasse.

Não ia discutir a semântica de sair novamente. As palavras não iriam consertar esse determinado dano. —Mas ainda assim acasalou comigo.

—Sim.

—Por quê?

Estava esperando que ela decidisse que ele era diferente, afinal, lhe daria algo para se manter. Ela bateu a mão de lado e olhou para ele como se tivesse perdido a cabeça. Sua resposta foi curta e direta, devastadora para sua esperança crescente.

—O acasalamento não é uma escolha.

Capítulo 8



Acasalamento não é uma escolha.

Quatorze horas mais tarde, a caminho da Rua Maple atrás de sua filha, Jace ainda não conseguia se livrar do assunto, o que ela disse na sua cabeça. Todos esses meses pensou que ela o escolheu, da mesma forma que ele a escolheu, independentemente de preconceitos ou obstáculos. Pensou que ela se apaixonou por ele, explorando essa suposição para cimentar o vínculo entre eles, antes que tivesse que sair, que estivesse esperando por ele quando voltasse. Nunca fez isso antes. Mas, com Miri, Jace queria cada obrigação, cada laço emocional forjado. E agora ela dizia que não era amor, mas destino. Frio destino, insensível e inegociável.

Ele desviou o olhar da estrada para onde ela estava sentada ao lado dele no SUV, exteriormente composta, seus belos cabelos trançados, as ondas brilhantes como cetim em sua visão noturna. Sua própria Madonna exuberante, que abrigava no seu interior um pântano de emoções tão fortes que estava tendo muita dificuldade com as consequências sem ir além e segurar sua mão. Mas ela não queria isso. Não via dessa forma. Um marido segurava a mão da esposa. Um companheiro, aparentemente, apenas a fodia e protegia e se houvessem crianças, as protegia também. Mesmo depois de horas deitado no sofá olhando para o teto, contemplando esse petisco, ou talvez por causa disso, ainda estava zangado.

Metal tilintou suave atrás deles quando os weres designados para protegê-los, caso o Santuário conseguisse a localização de Faith, mudavam de posição no banco de trás. Miri saltou. Ela estava no limite, desde que a mandou para o quarto. Obviamente esperava que ele pulasse em seus ossos. Fincasse sua reclamação. Não que ele não quisesse, mas seria condenado antes de ir para a cama de uma mulher porque ela o via como um dever a ser cumprido.

—Estamos chegando perto. Encoste aqui e me deixar dirigir.

Jace não olhou para trás para Tobias. —Eu continuo.

O SUV na frente parou. A porta detrás abriu. —Esse não era o plano.

Não demorou mais que um piscar de olhos para perceber que Tobias não ia recuar. Jace empurrou a porta aberta. —Você é um FDP, não é?

Essa contração dos lábios poderia ser um sorriso. —Gosto de coisas legais.

Do outro lado do carro, Miquéias ajudou Miri a sair do banco de passageiro. Apesar do sono da noite anterior e alimentos, sua palidez não tinha melhorado. Linhas finas marcavam sua boca e em volta dos olhos. Precisava se alimentar, mas recusou, continuando agarrada às crenças e costumes. Ela fechou os olhos e ficou ali, reunindo sua força, balançando com a brisa da noite. Um pálido fantasma assombrando a esperança que desta vez, no final da noite, a filha estivesse em seus braços.

Sua raiva se dissipou quando sua angústia se estendeu. Não importa por que estava com ele, ou no que acreditava. Só importava que precisava de alguém para a segurar e ele queria ser esse alguém.

Miri abriu a porta traseira e deslizou dentro. Tobias encontrou o olhar de Jace sobre o capô do carro.

—Ela precisa se alimentar.



—Não diga para mim, diga para ela.

—Você é seu companheiro. É sua responsabilidade fazer o que é certo para ela, independentemente de seus desejos.

—Forçá-la?

Os grande were sequer piscou. —Se isso for necessário.

—É isso o que faz com sua companheira?

—Não sou acasalado, mas se minha companheira estivesse sofrendo, colocaria um fim nisso.

Jace olhou para o carro, pegou um vislumbre do queixo de Miri, e suspirou. —Fale comigo quando tiver uma companheira.

Ele abaixou dentro do veículo, xingando quando os joelhos próximos bateram no queixo. Miri olhou para ele. —Não vou me alimentar.

Ele estendeu a mão para ela. —Essa é a quarta vez que menciona. Acha que eu sou surdo?

—Não, mas tenho a impressão que pode ser teimoso em aceitar isso.

Ele encostou a porta e esticou as pernas para o outro lado.

Ela chutou seus pés. —Este é o meu lado do carro.

Ele a puxou para seu colo, para que se inclinasse contra seu peito. —Não mais.

Uma ligeira mudança de seu ombro e caiu abaixo dele. A palma da mão cavou suas costelas. — Não estou confortável.

—Considerando a lista de crimes já empilhadas contra mim, não estou muito preocupado.

Ele cobriu os olhos com o chapéu.

—Vai dormir? — Ela parecia chocada.

—Sim.

—Estamos quase lá!

Se ela se preocupasse em verificar sua energia, veria que ele estava tão no limite quanto ela, mas se o fizesse, provavelmente verificaria com seus sentidos. Nos últimos cinquenta anos, aprendeu a esconder a maioria de suas emoções desse tipo de detecção. —Temos uma hora.

—Como consegue dormir?

—Preparação. — Ele empurrou o chapéu para cima. —Só para o caso de quem está com Faith possa ter algumas objeções a entregá-la.

—Podia querer se preparar pela alimentação, — Tobias ofereceu por cima do ombro.

—Podia querer se meter com seu próprio negócio, — Miri soltou.

—Como sou meio D'Nally, você é meu negócio.

Tobias era D'Nally? Merda. Jace não sabia disso. —Ela é Johnson agora.

—Não de acordo com a lei da matilha.

—Desculpem-me? — Isso era novidade para ele.

—De acordo com a lei da matilha, casar com Miri faz de você um D'Nally agora.

Que ele não percebeu antes. —Isso deve ofender os poderosos.



Tobias inclinou a cabeça, tirando o carro do tráfego. — Há alguns que gostariam de remover a praga em nome da família.

— Você é um deles?

Ao lado dele, Miri enrijeceu.

— Estou esperando para ver como acaba.

— Você se diz meu primo, mas não vou tolerar qualquer interferência na minha vida — rosnou Miri, se levantando.

Jace se dobrou e tirou a mão de suas costelas. — Eu asseguro, Miri, por toda minha imoralidade, falta de caráter, posso cuidar de mim.

— Você faria melhor em lembrá-la do seu lugar, — disse Micah do banco de passageiro, a desaprovação pesada em seu tom. — Ela é uma fêmea de Alfa, não Alfa.

— A semântica que me escapa.

Miri continuou a encarar Tobias. — Deixem dessa forma.

— Sabe que não pode ser deixado sem resposta para sempre.

Jace empurrou o chapéu para trás. — O que exatamente seria?

Miri puxou o chapéu sobre os olhos. — Nada.

— Quer que aceite "nada"? Apenas quando as coisas estão ficando interessantes?

— Acasalou com uma fêmea alfa que detém a sucessão da matilha de Tragallion, se o atual líder morrer. Se isso ocorrer, Miri e seu companheiro — você — irão viver com essa matilha e seu companheiro — você — seria o líder.

Agora isso era notícia. — Não posso ver como isso terminará bem.

— Um vampiro nunca dirigiu uma matilha D'Nally, — Miquéias acrescentou.

E a tradição seria quebrada quando o inferno congelasse. A mensagem veio alta e clara. — Bem, parece que minha esposa vem mantendo alguns detalhes muito pertinentes do nosso acasalamento escondidas.

— Nunca escondi nada.

Ele ergueu a sobrancelha para ela. — Só o fato que eu poderia ter a chance de me apropriar de um bando de weres de nariz empinado.

— Isso não era importante.

— Por que não?

— Porque não estaria interessado.

— Não importa se está interessado, — Tobias injetou, seguindo o mesmo caminho. — Há uma abundância de weres observando para tomar a posição dele.

— Claro que sim. Agora que está de volta, — Micah concordou, — vai ser desafiado a cada esquina.

— Nós não vamos viver entre weres.

Ela disse isso como se tudo estivesse resolvido. Jace puxou o chapéu de volta. — Isso não vai



impedi-los de vir.

Ela se apoiou em seu peito. Podia sentir seu olhar nele.

—Claro que vai. Não haveria nenhum ponto.

—Você claramente não entende os homens.

—Eu entendo os lobos.

—Mas não entende os homens e o poder, — Tobias respondeu. —E se alguém matar Jace vai conseguir muita potência.

—Por quê?

—Porque se alguma coisa acontecer ao seu primo Travis, Jace será o líder dos weres Tragallion.

O choque atravessou Miri numa forte contração muscular. Ela olhou para o carro da frente, onde estava seu primo. Ela franziu o cenho para o SUV escuro e, em seguida, de volta para Tobias. —É por isso que Travis está nesta missão? Então, alguma coisa pode acontecer com ele?

—Ele cavalga com a gente porque sua família, sua filha, foi levada e é seu direito protegê-la.

Miri não parecia convencida. —Você nunca gostou dele.

Tobias olhou para trás. —Ele não é fácil de se gostar.

—Ian disse que queria desafiar Travis.

Tobias olhou por cima do ombro neste momento. —Ian tem uma boca grande.

A discussão rapidamente se desintegrou em argumentos. Jace achatou a palma da mão na coluna de Miri com seu casaco e perguntou: —Quantos primos tem?

—Só os dois.

—Presumo que não há herdeiros masculinos do lado dele?

—A sucessão é através do sexo feminino.

—Deve ter alguém lá para entrar em cena.

Micah o cortou com um olhar sobre seu ombro. A luz brilhou no cano de sua pistola especialmente projetada. —Sim. Você.

—Ele não quer o trabalho, — Miri argumentou.

—Você é malditamente rápida para deduzir.

—Você não gosta de responsabilidade.

—Quem diabos te deu essa ideia?

Seu olhar dizia tudo. Não havia dúvida para ela. — Você é um vampiro. — Desculpa que parecia cobrir todas as eventualidades.

—Enquanto estiver vivo, — Micah continuou, — Sempre será uma ameaça para o líder que poderia desafiar sua autoridade.

—E se eu desafiá-lo e depois apenas perder?

Miri balançou a cabeça. Mechas de cabelo caíram sobre seu rosto, caindo na cicatriz, enchendo-a com escuridão. Ela deu um olhar para Tobias. Sua energia piscou. O grande lobisomem a deixava nervosa. Quando ele terminou, descobriu o porquê. —A luta pelo Alfa é uma luta até a morte.



Maravilhoso. Ele empurrou o cabelo dela para trás, colocando-o atrás da orelha, demorando na pele macia atrás. —Então, não importa se quiser o emprego ou não.

—Muito bonito.

De sob a aba do seu chapéu Jace podia ver o aperto dos lábios finos de Miri. Ele não queria nada além de arrastá-la e beijá-la. E quando novas linhas de tensão se instalaram ao lado das velhas, queria chutar a si mesmo. Estava zangado porque ela não o via do jeito que queria ser visto. Irritado porque estava com medo. Irritado, como se ela não tivesse o direito de estar com medo e cheia de dúvidas após o último ano. O carro bateu em algo na estrada. Aproveitou o empurrão para apertá-la mais.

—Não é um problema, Miri.

—É como se viessem atrás de você.

—Isso não é nossa principal preocupação agora.

Poderia ter se matado logo que as palavras saíram de sua boca. Imediatamente seus pensamentos se voltaram para Faith. A tristeza, a agonia da esperança, a perda horrível inundou a energia dele no buraco negro de seu desespero. Ela precisava de seu bebê. Trouxe sua cabeça até o ombro. —Ah, doce, vamos recuperá-la.

Suas unhas cortaram através de sua camisa, no peito, apertando com precisão lenta enquanto ela lutava para manter a compostura em face do seu tormento. Então, lentamente, pode ouvir o estouro dos fios individuais.

Era uma batalha perdida. —E se ela estiver doente?

Ele empurrou o chapéu para trás. —O que a faz pensar que ela esteja doente?

—Como o bebê de Caleb e Allie. E se ela estiver doente? E se precisou de mim e eu não estava lá? E se não há necessidade de nos dirigirmos a qualquer lugar?

—Há necessidade.

Sua voz se levantou. —Como sabe?

Ele tentou segurá-la. —Eu sei.

Ela empurrou para trás. —Você não pode.

Ele sondou sua mente. Ela praguejou e virou para ele. Seu cotovelo travou contra seu peito. Seu braço empurrou para fora do alvo. Tudo o que ela conseguiu fazer foi entortar seu chapéu quando sussurrou: —Ela poderia estar morta.

O carro desviou. Micah amaldiçoou. Jace agarrou seus ombros e a segurou acima dele, apertando-a um pouco até que olhou para ele. Sua trança deslizou por cima do ombro, batendo contra o peito.

—Ela não está morta.

—Palavras, — ela soltou. —São apenas palavras.

—Não, eu sei.

—Você não sabe nada.

—Eu sei de você. Sei o quanto a ama, e não há nenhuma maneira no inferno, tanto quanto ama



nossa filha, que não soubesse se ela estivesse morta.

Os weres olharam para ele, depois uns aos outros. Se não estivesse preocupado com Miri, teria se importunado com o acento de Tobias.

Miri respirou estremecendo. — Isso é apenas um mito.

— Até que possa me olhar nos olhos e me dizer que sabe em seu coração que Faith não mais andando por essa Terra, vou continuar procurando.

Seus olhos procuraram os dele. Ela poderia estar à procura de uma partícula de dúvida, uma onça de subterfúgio. Tudo o que procurava, não ia encontrar. Sua mãe sempre teve um sentido sobre seus filhos, sabendo quando estavam feridos, quando estavam a salvo. Miri era were, com sentidos mais desenvolvidos. De jeito nenhum sua filha morreria e ela não teria um pressentimento.

Ela apoiou as palmas das mãos sobre seu peito. Seus lábios apertaram e logo relaxaram. — Ela não anda ainda. É um bebê.

Ele a abaixou até que se sustentou. — Sabe o que quero dizer.

— Eu sei.

Outra pedra no caminho. Esta a sacudiu contra ele. Ele pegou o movimento, acariciando seu cabelo enquanto ela sussurrava: — Me desculpe.

— O que devo desculpar?

— Quanto mais nos aproximamos, maior dificuldade estou tendo para acreditar.

— Eu também.

— Está brincando.

— Não.

Ela sacudiu o chapéu e deixou-o cair ao chão. — Como não parece?

Envolvendo a parte de trás de sua cabeça em sua mão e acariciando seu polegar sobre a bochecha dela, demorando sobre a cicatriz, ele disse: — Porque tenho um monte de prática para encarar o desespero.

Suas pálpebras se encolheram.

— E, querida, isso não é desespero.

— Então o que é?

Era um pedido por algo para segurar. Ele deu-lhe a mão. — Complicado. Malditamente complicado.

— Mas sabe que ela não está morta?

— Sim.

— Estamos a dez minutos, — Tobias interrompeu.

Jace tanto sentiu como ouviu o pânico de Miri. Um abraço e depois a colocou ao seu lado. — Quando chegarmos lá, quero que você espere no carro.

— Não.

Ele checkou sua pistola, certificando-se que a trava estava acionada. — Isso não foi uma sugestão.



Ela estendeu a mão para a arma. —É minha filha naquela casa.

Ele não recuou. —E uma da minha família em risco é o suficiente.

—Eu vou com você.

O carro virou uma esquina. As árvores se alinhavam na rua, espaçadas pelas calçadas, destacando a transição da estrada para um bairro residencial. Ele olhou para fora da janela. —Se ignorar o fato que todos vivem uns em cima dos outros, é um bairro agradável.

Miri não pareceu apaziguada. Ela estendeu o braço e pegou seu revólver. —As aparências podem enganar.

Ela parecia completamente confortável com a pistola na mão.

—Quem te ensinou a atirar?

—O que te faz pensar que sei?

—O modo como está abraçando essa arma como uma amante.

—Talvez só tenha uma afinidade natural para a violência.

—Talvez. — Só que ela nunca o deixou matar nada, nem mesmo insetos, alegando que a vida era sagrada. —O que aconteceu com sua filosofia de vida?

Ela colocou a arma em seu colo. —Decidi suspendê-la por causa dos bastardos do Santuário.

Uma risada veio do banco da frente. Quando ela olhou para Micah, Jace deparou com a linha limpa de seu perfil. A linha elegante, mas arrogante, do nariz, o impulso ligeiro de seu queixo e seus lábios rosa cheios, os olhos grandes com seus cílios escuros. Sua beleza elegante. A suavidade de suas feições, completamente ausentes da dele. Seu olhar caiu na arma em seu colo e suas entranhas retorceram. —Não deveria estar a uma centena de quilômetros daqui.

—Acredito que este era o ponto de Slade, — Miri apontou.

—Seus motivos não eram válidos.

O queixo que ele tanto gostava, o que gostava de sentir cavando em seu peito enquanto ela sorria para ele depois que faziam amor levantou. —Nem os seus.

Ele pegou a arma de seu colo. O carro ficou mais lento. —Não vou arriscar você.

—Não sou nada sem minha filha.

Ele enfiou a arma atrás e pegou seu queixo em sua mão, levantando os olhos para ele. —É onde está errada. Você é tudo.

Estacionaram os veículos na próxima quadra e atravessaram um terreno baldio, se aproximando cautelosamente da casa. Não tinham como dizer que armadilhas o Santuário estabeleceu, ou se o Santuário chegou aqui primeiro. Eram inteligentes e tinham muito dinheiro acumulado das empresas que investiram para financiar seus projetos imorais. Jace não poderia começar a imaginar o que Slade poderia fazer com os mesmos recursos. Provavelmente resolver os problemas da fome no mundo e a meia-vida dos resíduos radioativos.

Ele combinou sua energia com a da árvore mais próxima, projetando a ilusão, correspondendo



vislumbre por vislumbre, sombra por sombra e ouviu. Com seus ouvidos e sua mente, escutou. A casa estava silenciosa. Escura. Nada incomum para seres humanos às duas da manhã. Muito incomum para fortalezas do Santuário. E seu intestino dizia que isto era do Santuário.

—Está muito tranquilo.

Mesmo no sussurro através do transceptor, Jace podia ouvir a preocupação no tom de Tobias.

—Não posso sentir ninguém dentro.

Nem ele podia. —Podem estar encobertos.

—Ou poderia não haver ninguém lá.

Tinha de ter alguém lá. Sua filha tinha que estar lá. Realmente não podia imaginá-la em sua mente. Toda vez que tentava, a imagem deslizava longe, como se até mesmo tentar imaginá-la fosse uma tentação. Gostava de pensar que tinha os suaves olhos castanho-ouro de sua mãe, no entanto. Uma menina parecida com Miri seria quase perfeita. O brilho de expectativa e esperança era completamente estranho à sua calma pré-batalha normal. Ele o afastou. —Movendo, mas tenha cuidado.

Cercaram a casa. Dezesseis agressivos weres e três Johnsons, ele mesmo, Jared e Slade. Se sua filha estivesse lá, Miri chegaria em questão de minutos. *Constante, Jace.*

Jared. O homem podia sentir a menor quebra de atenção.

Estou bem.

Estou sentindo algo.

Para incluir os weres, Jace ligou o som. —Bom ou ruim? — A segunda metade que Jared levou para identificar algo se esticou como uma vida para Jace.

—O Santuário esteve aqui.

—Há quanto tempo? — Tobias perguntou.

—É impossível dizer.

—Não é algo que eu queria ouvir, — Jace sussurrou de volta.

—Desculpe.

Jace se moveu para a janela. Nada perturbava a calma. Sem ecos falsos de energia, sem densas sombras além do que deveriam, sem ecos de batimentos cardíacos fracos. De todo o exposto, o último era o mais perturbador. Com as costas na parede do edifício, ele olhou para dentro. Através das cortinas parcialmente fechadas, pode ver algo suspenso num objeto no meio da sala. Os tons complexos de preto e cinza fornecidos por sua visão noturna indicavam que provavelmente eram brilhantemente coloridos em luz normal. Brinquedos de crianças. —Tenho sinais de crianças.

—Bom. Estou ansioso para conhecer minha sobrinha, — Slade cortou.

Não tão ansioso como estava para conhecer sua filha. —É melhor estar preparado para perder seu coração, se parecer com sua mãe.

—Vamos esperar que se pareça com sua mãe.

—Foco, senhores. Na contagem de três. Um ... dois ...



Uma perturbação no ar atrás de Jace chicoteou ao redor. Sua arma subiu e o dedo chegou ao gatilho antes que reconhecesse a sombra deslizando em direção a ele.

...Três!

Portas e janelas abriram em slides quase indetectáveis.

—Merda.

O que era?

Jace se moveu para a janela, manipulando o bloqueio, consciente que estava atrás dos outros agora, criando um buraco na vantagem de alguém esperando dentro. *Miri.*

Pensei que lhe disse para esperar no carro.

Jace gesticulou contra a parede com um corte de sua mão. *Eu o fiz.*

Ouvi dizer que é um Alfa de tiro quente agora.

Jace seguiu a energia de Jared pela casa.

É o que estão dizendo.

E ainda assim não pode fazer uma pequena loba te obedecer? Jace tampou a boca de Miri com a mão quando ela teria respondido. *Algumas lobas são mais resistentes que outras.*

Ele apontou para o ponto onde ela parou e a mandou ficar. Ela balançou a cabeça. Com outro golpe de seu dedo, enfatizou seu ponto.

Ele deslizou pela janela e caiu silenciosamente no chão. —Estou dentro

—E Miri?

Ele ouviu um passo atrás dele. Ele ia matá-la. —Aqui, também.

Um breve coro de risadas antecedeu Jared. —Fique aí.

Ele não tinha escolha. Jace agarrou o braço de Miri e a dirigiu para um canto, empurrando-a abaixo, agachando em volta, colocando seu corpo entre ela e a porta.

Suas unhas arranharam suas costas. Um aviso. Ignorou-o e respondeu com um pedido.

Fique abaixada.

Deixe-me.

—Isso não parece bom. — Veio claramente através do seu transceptor. Então Jared disse, — Jace, tire Miri daqui.

Jace girou, agarrou Miri pela cintura e pulou na direção da janela. Jogou-a através dela, depois rapidamente estava sobre ela antes que pudesse ficar de pé. Vozes falavam em seu ouvido, estalando em estática, mas não podia ouvi-los por causa da trituração em seus ouvidos. Queria estar lá, ser parte da ação. Rolou aos seus pés, examinando enquanto o fazia, procurando uma ameaça. Dois McClarens apareceram ao lado dele, as armas prontas. Ele estendeu a mão e puxou Miri de pé. Os weres agarraram Miri pelos braços e a puxaram para trás.

Seu transceptor estava morto.

—O que está acontecendo? — Perguntou, cobrindo sua retirada.

Eles só tinham que dizer uma palavra. —Bomba.



Jace olhou para a casa de aparência inócua. Seus irmãos estavam lá dentro. Seus amigos. Talvez sua filha. —Vou entrar.

Ambos os weres o seguraram pelos braços. —As ordens de Jared são que você fica aqui.

—Como o inferno.

Teriam que matá-lo. Uma brisa perturbou a tensão. Teve um vislumbre de cabelos escuros e pele pálida ao lado, correndo como o inferno para a casa. Tinham esquecido de Miri. Silenciosa e mortal, determinada, toda loba na sua rapidez, já estava a meio caminho de volta ao prédio. Raios.

Ele saltou a distância. Ao desembarcar, ela não estava mais lá, a velocidade do desespero deixando seus reflexos de lobo mais rápidos.

Ele a derrubou no próximo salto, o instinto queimando mais rápido do que pensava quando sentiu a mudança na energia. Ele a arrastou abaixo dele, tomando o golpe de suas garras, suas maldições quando o mundo explodiu em torno deles. A repercussão da explosão o atingiu como um martelo, tirando o ar de seus pulmões. Ele se arrastou um pouco mais sobre o corpo de Miri, cobrindo-a quando a realidade caiu em torno mais quente e mais pesada que qualquer detrito. Faith. Faith. Oh, Deus, sua menina.

O grito não estava só dentro dele, estava em tudo ao redor, gutural e estridente, a cadência subindo e descendo num uivo ímpio que espelhava a dor em sua alma. Miri. Miri estava gritando por sua filha. O som parou com uma brusquidão que foi perturbadora. Vozes preencheram o vazio, masculinas e felizmente reconhecíveis. O transmissor estava funcionando novamente. Horror congelava uma parte de sua mente, enquanto a outra clicava junto com a lógica praticada. Slade, Jared, Michael, Tobias. Listou os nomes, suspirando de alívio com a realidade. Eles sobreviveram.

—Que diabos aconteceu? — Jace perguntou.

—Jace, é você?

Era uma pergunta estúpida. Jared nunca fazia perguntas estúpidas. —Sim.

—Por que diabos não respondeu, então?

—Meu transceptor estava fora.

—Porra, nunca confia em seu próprio poder.

Isso não era exatamente verdade. Ele apenas achava a tecnologia mais confiável.

Abaixo dele Miri se agitou. —Todos saíram bem?

—Ainda estamos tentando localizar Travis. E Jace?

—O quê?

—Era uma armadilha.

—Não me diga.

—Faith não estava aqui.

—Não? — O sussurro veio debaixo dele. Pressionava Miri com tanta força que seus ouvidos sensíveis iam pegando a conversa. Ajudada, é claro, pela forma como Jared estava gritando.

—Está ciente que está gritando?



—Sim.

Jace apostaria cem dólares que era uma mentira. Jared era muito controlado. —Bem, fale baixo e responda à pergunta. — Não queria que Miri ouvisse notícias que a incomodassem. Faith estava lá?

—Não tenho certeza.

Merda.

—O que ele disse? — Miri perguntou.

—Faith não estava lá. — Jace se recusava a acreditar no contrário. Se recusava a dizer o contrário.

—Você está bem? — Ele perguntou à Tobias quando ele e Micah vieram até eles.

—Meus ouvidos estão tocando, mas estou bem, — respondeu Tobias.

Jace olhou para Micah, que assentiu. —Você ouviu?

—Sim.

—Eles vão encontrar Travis.

—Eu sei. — Num movimento rápido, Tobias se levantou e estendeu a mão.

—E sobre Faith? — Miri perguntou por baixo dele.

Quando ele rolou para o lado e sentou, Jace disse: —Tudo que sabemos é que ela não está lá.

—Mas você disse que havia sinais de crianças.

—Eles não têm Faith.

Não podiam ter Faith. Ele se levantou. Antes que pudesse dar uma mão, ela estava de pé, olhando para o prédio como se decidisse entrar no fogo. Ela se inclinou para a frente. Os weres se lançaram sobre ela. Jace pegou sua mão e a puxou para trás.

—O fogo não pode te dizer nada, querida.

—Todas as pistas estão lá dentro.

—E eu tenho certeza que a equipe as coletou antes que o edifício explodisse.

Ele não tinha certeza de nada, mas se arriscar como uma verdade lhe daria um pouco de paz, ia correr com isso.

Os olhos que se voltaram para ele rasgaram sua alma de seu corpo. Tanta dor. —Não pode saber disso.

—E você não pode saber de outra coisa.

Tensão cantarolava sob sua pele num estremecimento perfeito. As chamas do fogo refletiam nos olhos dela. Ele não soltou seu braço. Realmente não acreditava apenas em olhá-la, e, a julgar pela forma como Miquéias e Tobias estavam olhando para ela, nem eles.

O receptor crepitava. —Encontramos Travis.

—E?

—Ele não conseguiu.

Maldição. —Meus pêssames para sua matilha. Perdeu um Alfa forte.

Miri virou e olhou para ele. —Por que não tenho uma dessas coisas? O que aconteceu?



Porque precisava poupá-la da realidade contundente neste tipo de situação. Ele segurou o braço dela apertado, puxando-a para trás quando o calor do fogo cresceu. —Travis não conseguiu. Encontraram o corpo dele.

Seus lábios se apertaram.

“É por isso que ele estava nesta missão?” O que ela disse no carro voltou para ele. Merda! Agora ele estava pensando.

Matilhas eram unidas. Estavam falando de seu primo. Ela simplesmente deu um puxão de cabeça e protelou seu abraço com um frio —Ele fará falta.

Tobias fez uma careta.

Micah acenou para a multidão vindo. —A menos que possa encobrir nossa presença com sua energia, temos que sair daqui antes que alguém bata em nós e descubra que seus pesadelos são reais.

—Eu os ouvi.

Ao mesmo tempo, Jared grunhiu para o transceptor: — Recuem.

Os weres regressaram ao longo do perímetro, Jared entre eles, sua energia visível apenas para Jace. Precisavam recuar, também. O crepitar do fogo parecia a risada do Santuário em seus ouvidos. Olhou para a parede de fogo, a dor da perda crescente. Sua filha podia estar lá. Poderia ter passado os últimos cinco meses brincando dentro daquelas paredes, aprendendo sobre o mundo, rindo e chorando sem seus pais. Filho da puta, precisava ter certeza que havia mais sorrisos que lágrimas em sua vida.

Um toque em seu ombro o fez levantar a cabeça. Tobias apontou o dedo por cima do ombro. — Vamos.

Não precisou puxar Miri, ela foi sozinha, de volta do jeito que veio, através do terreno baldio, uma sombra delgada sumindo na escuridão atrás de Micah.

—Ela não está levando isso muito bem — murmurou Tobias, passando ao lado dele.

—Não há nenhuma razão pela qual ela deva. — Após alguns momentos, ele disse: —Uma vergonha sobre Travis.

Tobias —Sim, foi evasiva.

—Não parece muito triste.

—Sua morte me salvou de algum esforço.

—Ia matá-lo?

—Sou um Executor. Alfas que traem a matilha respondem a mim.

—Como ele traiu a matilha?

Tobias o cortou com um olhar. —Negócio de matilha.

Jace olhou para ele com atenção. Nenhuma emoção coloriu a afirmação plana. O homem era um filho da puta frio. —Bem, contanto que não espere que eu passe à transgressão.

—Não é minha intenção.

—Nem a minha.



O canto dos lábios de Tobias tremeram. —Essa decisão provavelmente será tomada para você.

—Ian não pode me obrigar a fazer nada.

Tobias apontou para onde Miri caminhava na frente, a cabeça erguida, ombros para trás, coluna reta. —A matilha de Miri a manteve viva após seus pais morreram. Se acha que suas raízes não são profundas, não conhece sua companheira.

Ele estava certo. Jace sabia disso. Sentiu a dor do buraco dentro dela toda vez que suas mentes se tocavam. —Os D' Nallys não me aceitarão.

E de nenhuma maneira no inferno ele a deixaria ir.

—Como você é, não.

—Que diabos significa isso?

Tobias não respondeu.

Saíram das árvores. O grupo ficou ao lado dos carros, na invisibilidade, abraçando as sombras. Jace verificou primeiro os irmãos. Jared tinha alguns buracos queimados em seu casaco, mas parecia tudo bem. Enquanto Slade... Puxou uma respiração difícil, quando viu seu irmão suspenso entre dois weres.

—Que diabos fez?

As costas de Slade eram uma bagunça, a carne arrancada dos ossos, talhos sangrentos escancarados entre os fragmentos do tecido. Mesmo com a prova da energia de Slade tocando a sua, Jace não podia acreditar que estava vivo.

—Tive uma pequena discussão com uma bomba — a resposta de Slade veio rápida, típica, encobrindo a emoção.

—Ele se jogou sobre ela quando Travis e Bob dispararam o alarme.

—Então como ficou com as costas rasgadas?

—Não acha que eu ia deixar uma bomba do Santuário nos tirar, não é?

Francamente, Jace não sabia como Slade podia impedi-la.

—O maldito tolo se atirou sobre ela e girou com a energia na espiral da explosão.

—Merda.

—Tinha algo mais forte para dizer, — disse Tobias.

—A porra funcionou, não foi? — Slade resmungou.

—Pela graça de Deus.

—Pela graça da lógica, — Slade anulou.

Jace balançou a cabeça. —Um destes dias a lógica será sua morte.

Slade encolheu os ombros saindo do apoio dos weres. —Falta de lógica é o que vai fazer isso.

Capítulo 9



Jace entrou na cozinha. Caleb e Tobias estavam sentados na mesa com xícaras de café na frente deles. Ambos pareciam cansados.

Caleb olhou para cima. —Como está Miri?

—Tão bem quanto podia ser esperado. Eu a fiz dormir.

Caleb assentiu. —Boa ideia.

—Fez? — Tobias perguntou, as sobrancelhas erguidas. —Como hipnotizada?

Jace não apreciou a pergunta ou o interesse em como cuidava de sua esposa. Seu lábio levantou num rosnado. —Como estimulada a se entregar à sua necessidade natural de dormir.

A reação de Tobias foi indiferente e um pequeno sorriso revelou seus caninos. Ambas as reações eram interessantes na medida que eram reações de um Alfa confiante em seu poder, mas Tobias não tinha direito ao estatuto de Alfa.

—Você é um filho da puta intrometido, — Jace disse a ele, não pela primeira vez.

Tobias tomou um gole de café. —Vem a calhar às vezes.

Jace apostava que sim. Ninguém parecia saber muito sobre Tobias, só que Ian colocou uma pilha de fé em suas habilidades e o usava para trabalhos especiais. Jace estava certo que os trabalhos tinham mais a ver com violência e não muito a ver com perguntas.

Executor. Assumia um novo significado depois do que viu esta noite. Jace olhou para Caleb. — Como está meu sobrinho?

A sombra no rosto Caleb escureceu. —Melhor desde que Slade voltou.

—Melhor — não implicava progredindo. —Merda.

—Allie está frenética, preocupada, o que não está ajudando.

—Ela está indo bem, contudo?

Ele enroscou seu dedo através da asa de sua xícara de café. —Diminuiu o sangramento. — Ele tomou um gole.

Isso explicaria sua aparência pálida. Jace gesticulou para a taça. —Isso não pode estar ajudando você.

Caleb amava seu café, mas não combinava com sua digestão vampírica. Muito e vomitava. Caleb tomou outro gole. —Deixe meu café fora do seu mau humor.

—Slade tem alguma ideia do que está errado com Joseph?

—Não, mas está no laboratório trabalhando numa ideia.

Slade não teve sequer tempo para se recuperar da batalha e suas feridas, e já estava de volta ao laboratório. —Não podemos continuar a deixá-lo fazer isso a si mesmo.

—Não temos outra escolha. Ele é tudo que temos.

—Mas não pode ser tudo que existe.

—Merda. — Caleb bateu a mão na testa. — Não é como se eu não pensasse nisso, mas onde diabos encontramos vampiros brilhantes em quem podemos confiar?



—Poderia ajudar caso se associasse mais com sua própria espécie, — Tobias ofereceu.

—Nós tendemos a irritá-los.

—Posso ver porquê.

Caleb olhou para ele. —Que diabos isso significa?

—Isso significa que pensa mais como um lobo do que como vampiro.

—Cristo, não vamos voltar a esses estereótipos, vamos — Jace estava doente e cansado de ser julgado mais pelo mito que pelo fato.

—Não são estereótipos. Quer acredite ou não, — disse Tobias, —há uma razão pela qual a maioria dos vampiros caem na linha do Santuário, e mais weres caem na linha dos Renegados.

—Pode ser porque a maioria do Santuário está se alimentando de fêmeas.

Tobias puxou uma respiração longa. —Isso pode ser, mas também pode ser porque a maioria dos vampiros são feitos, não nascem e, de repente tornar-se imortal, e mais poderoso do que sempre sonhou, corrompe as pessoas.

—Não posso argumentar com isso.

—Há também o fato que falta a coerência da matilha.

—Quer dizer comunidade? — Jace perguntou.

—Sim.

—Teoria interessante, — Caleb meditou.

Jace conhecia esse tom. —Não vá pensando que pode se converter ao santuário, Caleb.

A porta abriu e Jared entrou, trazendo o cheiro da manhã e profunda satisfação com ele. Seus olhos estavam castanhos claros, algo que só acontecia quando estava em paz. Esteve com sua esposa. O ciúme desse fato cortou Jace como uma navalha.

Não olhe para mim. Se quer que sua esposa o ame, seja doce.

Cuide de sua própria merda.

Jared apenas sorriu e puxou uma cadeira. —Então, quem está pensando em se converter ao Santuário?

—Caleb.

Caleb ergueu a sobrancelha. —Eu não disse nada.

—Você tem esse olhar.

—Tenho que admitir, — Tobias disse, —havia um olhar em você.

Caleb se recostou na cadeira. Sua camisa esticou sobre o peito.

—Só estava pensando que como Raisal, pode haver algumas pessoas ligadas ao Santuário, que não concordam a princípio, mas não tem certeza de uma alternativa.

—Estive pensando por um tempo que apenas um vampiro poderia tirar Faith furtivamente depois que ela nasceu, — Jared disse.

—E, com certeza, alguém tem um caminho para a mente de Allie, — Caleb cortou.

—Pensei que disse que não sentia um vampiro.



—Não quis dizer que não era, — respondeu Caleb. —Só que não o reconheço.

—Raisa não mencionou nenhum vampiro simpático no Santuário? — Jace perguntou a Jared.

—Talvez ela não saiba. Se podem alterar sua energia, não seria uma marca que ela conheceria.

Jace se virou para Jared. —Será que Raisa reconheceria se fosse um vampiro?

—Não, ela é boa com energia. Ela teria reconhecido um deles.

—Só se estivesse procurando. — Miri estava na porta, com as mãos envolvendo seus braços. —

E nós não estávamos procurando.

Jace estava. Ela acenou de volta. Ele a ignorou. —Eu disse para você dormir.

—Achei que eu lhe disse para parar de me dar ordens.

Ela entrou na sala, o rosto tão pálido de exaustão que suas cicatrizes desapareceram. Precisava se alimentar. Precisava de cuidados. Precisava de sua filha.

—Raisa não teve tempo e nem energia para fazer muita coisa.

Olhou ao redor da cozinha, pareceu apenas observar Tobias e piscou. Jace a pegou antes que ela pudesse recuar.

—Ela era diferente lá. — Ela esfregou os braços, não parando quando a puxou contra ele, apenas mudando seus esforços para o lado direito. —Não estávamos fortes.

—Não me parece que esteja tão forte agora, — Tobias disse, antes de tomar um gole de seu café.

Ela lambeu os lábios. Jace estava começando a compreender que os grandes weres a deixavam nervosa. —Confie em mim, estou muito mais forte agora.

—Parece que um sopro de vento pode te derrubar.

Tobias não se mexeu, mas o perfume de Miri se impregnou com medo. Ela se inclinou para trás, olhando para ele. Sombras cobriram seus olhos apertados quando a agressão tencionou seus músculos. —Por que ele ainda está aqui? Seu trabalho está feito.

—Ilan o enviou.

A cadeira de Caleb caiu sobre as quatro pernas com um toque distinto. —Existe uma razão por que ele não deveria estar aqui?

Miri trocou um longo olhar com o were. Sua mão assentou sobre a mesa ao lado de uma faca afiada.

—Não.

—Antes que acredite, poderia querer te perguntar que tipo de negócios de were é isto, — Jared exclamou.

O movimento de Miri era palpável.

—Jared é muito bom lendo mentes, — murmurou Jace.

—Meus ouvidos funcionam bem, também.

—Então que tipo de negócios de weres Tobias faz aqui? — Perguntou Caleb.

—Ele está sentado ali, — Miri assinalou, os dedos puxando a faca em seu punho. —Por que não



pergunta a ele mesmo?

Jace não achou que Caleb veria o mergulho de sua mão, mas ele o fez.

—Porque tenho a sensação que ele mentiria.

—Ele nunca mentiria.

Jace acreditava nela. A pergunta era: o que a fazia ter tanta certeza?

—Como sabe disso?

Ela lambeu os lábios. —Negócios de weres.

Seus dedos fecharam ao redor do punho da faca. Será que estava pensando em usá-la em Caleb ou Tobias?

Tobias chegou pelo outro lado da mesa. —Vou tirar isso do seu caminho.

Com um movimento muito bom, a faca foi removida de seu aperto. A respiração de Miri aumentou e, pela inclinação da cabeça dela, estava vendo cada movimento feito.

Executor.

A palavra gritava através de sua cabeça, saltando de Miri para ele, o medo andando junto com respeito. Jace empurrou Miri atrás dele e se agachou quando Tobias palmeou a faca.

—Quem infernos você é?

—Tobias D'Nally. — Seu olhar foi de Jace para Miri.

Ela respirou fundo e o tocou atrás, o tremor nos dedos vibrando pela espinha. —Bem, não o perturbe, Jace!

—Inferno, doce, se ele não parar de assustar você, em cerca de dois segundos vou tirar a cabeça de seus ombros.

As cadeiras fizeram ruído quando Caleb e Jared se levantaram. —O que está acontecendo?

Tobias tomou outro gole de café. Jared manteve seu olho nele e Jace moveu Miri de volta.

—Eu não sei ainda.

Miri tentou chegar ao seu lado. Ele a empurrou de volta, mantendo-se firme entre ela e o were. —Mas acho que nosso amigo aqui já gastou suas boas-vindas.

—Não pode machucá-lo — disse Miri.

—Fique olhando.

Miri fez um som entre o silvo de um gato e um estrangulamento. —Não, quero dizer que não pode machucá-lo.

Ele não tirava os olhos do were. —Explique.

—Ele é um Executor.

—A imagem não está ficando mais clara.

Jared atravessou a mesa de um pulo, caindo ao lado de Tobias. —Segundo a lenda, em troca de sua promessa de respeitar as leis de seu povo, lhes foi dado força superior, habilidades superiores, e algumas habilidades, mais boatos que fatos, já que nunca ninguém os viu em ação e viveu para contar sobre isso.



Tobias pousou a xícara de café. —Está bem informado.

—Jared sempre foi um otário para contos de fadas.

O canto da boca de Tobias levantou. —Um homem inteligente sempre ouve a verdade na lenda.

—Por que está aqui? — Perguntou Caleb, que irradiava a mesma calma mortal do were.

—Por mim, — sussurrou Miri.

—Tecnicamente, não. — Ele empurrou a xícara para Jared. —Superior, não é?

Jared não se mexeu.

Ele suspirou. —Tecnicamente estou aqui por Faith.

—Não pode tê-la. — cuidadosamente enunciadas, frias, as palavras fluíram no silêncio. Miri contornou Jace e avançou sobre Tobias.

—Ela é da matilha — rosnou Miri.

Jace a segurou. Ela evitou o aperto e deu mais um passo na direção do poderoso were. O cheiro de sangue se misturava com os aromas de café e raiva.

—Ela é da matilha — Miri repetiu quando contornou a mesa num clarão de velocidade, — e ela é minha. — Miri encarou Tobias, suas garras pressionando o oco de sua garganta. —Tente tocar um fio de cabelo na sua cabeça, e vou fazer um aspecto do mito se tornar uma mentira.

Jace saltou para a frente. Caleb agarrou seu braço, segurando-a quando ele teria arrancado suas costas.

Inacreditavelmente, Tobias sorriu como se o sangue não estivesse jorrando dos quatro pontos onde as garras de Miri pressionavam. —Você é uma coisa bonita.

—Foda-se.

Seus dedos tocaram seu rosto. —Sempre que quiser.

—Tire suas malditas mãos de cima dela, — Jace xingou enquanto uma energia invisível o cercava, imobilizando-o. Sentiu o choque de seus irmãos. A mesma energia que o rodeava os prendia.

Tobias olhou. —Ela não parece muito feliz com você.

—O que te faz pensar isso?

—Você não carrega sua marca. — Ele acariciou com o dedo o canto da boca de Miri. —Bonitas weres ficam pouco felizes com seus companheiros que não carregam suas marcas.

Isso era novidade para ele.

Junto com Jared, a energia em torno deles levantou. Com um grunhido, Jace pulou para Miri, seus irmãos em Tobias.

Jace colocou seu braço em volta da cintura de Miri, puxando-a longe do were. Tobias não resistiu quando Caleb e Jared o agarraram pelos braços. —Já ouvi falar de você. Um vampiro com poderes de Executor. — A declaração foi direcionada à Jared enquanto Tobias ficava quietinho nos seus braços.

—Então veio me verificar?

—Sim.



—E levar minha sobrinha.

Tobias deu de ombros.

—Tempo interessante para perder o poder da fala, — Caleb observou.

—Ele não pode mentir — disse Miri.

—Literalmente? — Jace perguntou, segurando-a mais apertado do seu lado, o horror de ficar preso, enquanto ela se colocava em perigo muito forte para permitir que a soltasse ainda.

—Sim.

—O que significaria que não está aqui apenas para ter Faith. Está aqui para tomar uma decisão sobre ela.

Nenhuma resposta de Tobias.

—Está aqui para matá-la — disse Miri muito calmamente.

Isso atingiu Jace mal. —Não, não está.

As garras de Miri arranharam o dorso das suas mãos. —Ele é um Executor. Ele tem que fazer isso.

Jace olhou para o homem. Claro, ele tinha os olhos frios de um homem acostumado a fazer o que precisava ser feito, e tinha fel suficiente para sete homens, mas havia um senso de honra sobre ele. Um propósito claro que vinha de uma consciência limpa. —Matar um bebê não é uma coisa fácil, Miri.

—Tudo é fácil para um Executor. Eles não têm consciência.

Jace encontrou sua quota de homens sem consciência, e o homem estudando Miri e ignorando os dois vampiros segurando seus braços não era um deles. Seus olhos pousaram sobre as cicatrizes em seu rosto e na compaixão que tocava as bordas de seu olhar, antes de desaparecer por trás da máscara de sua expressão em branco.

—Conseguiu suas informações sobre Executores no mesmo lugar que as informações sobre vampiros? — Jace perguntou.

—Sim. — Ela puxou os braços. —O que está esperando? Mate-o.

—Estou considerando a fonte.

O brilho de um sorriso no rosto de Tobias foi outra surpresa. O silvo de raiva de Miri não.

—Será que Ian o enviou? — Perguntou Caleb.

—Sim.

—Por quê?

—Para proteger seus interesses.

Os interesses de Ian eram os interesses da matilha, o que significavam Miri e Faith. Ian enviou o mais poderoso que conhecia para protegê-las.

—Está aqui para me matar? — Jace perguntou.

—Caso seja necessário.

Isso foi honesto. Apesar do rosnado de Miri, Jace perguntou: —O que o faria necessário?



—Vou deixar saber quando eu descobrir.

—Tudo bem. — Jace acenou para Caleb e Jared. —Deixe-o ir.

Assim que estava livre, Tobias pegou sua xícara de café e caminhou até o bule como se a sala não estivesse fervendo de tensão.

—Está louco? — Miri ofegou, olhando para Tobias.

Ele era um monte de coisas, mas não isso. —Não.

—Ele vai matar Faith.

—Quaisquer que sejam os boatos que ouviu, estou olhando para um homem, princesa, e matar uma criança não é algo que um homem faz com facilidade.

—Bem, ele não teria dificuldades para matá-lo.

—Eu não vou cair fácil, Miri. E qualquer homem cujo código pessoal o proíbe de mentir têm regras muito estreitas sobre quando pode matar.

—O direito da matilha diz que tem que matá-lo se não quiser que o controle da matilha vá para um vampiro.

—O direito da matilha diz que pode matar Jace, não que deve, — interrompeu Caleb, observando Tobias da maneira como fazia quando trabalhava um quebra-cabeça.

—Que diferença isso faz? — Ela perguntou, empurrando seu lado.

—Tanta diferença como um companheiro que está marcado ou não marcado, — Tobias respondeu, encostando-se ao balcão.

Miri se mexeu desconfortável e olhou mais duro para o were. —Que não é da sua conta.

Tobias deu de ombros. —É, se eu decidir.

Outro caso. O homem falava muito em se. E cada um parecia arrancar os nervos de Miri. Tanto que Jace estava começando a se perguntar se estava fazendo isso de propósito.

Caleb suspirou e passou a mão pelo cabelo. —Inferno. O que quer fazer?

—Sentar, — disse Tobias.

Jared concordou. —Eu posso fazer isso. — Ele levantou uma sobrancelha para Tobias. —E você?

—Eu não queria levantar em primeiro lugar.

Jace sacudiu a cabeça, seu senso de humor coçando apesar de seu cansaço. —É verdade.

Demorou cerca de um minuto para que todos pudessem se acalmar o suficiente para retomar seus lugares e quando o fizeram, Miri estava na extremidade da mesa, no colo de Jace, com uma parede de Johnsons entre ela e Tobias. A única reação foi outro tremor de seus lábios.

Porra, mas Jace começava a gostar do cara.

Miri virou a cabeça tão rápido que seus narizes bateram. —Não posso acreditar que pensou isso. Está planejando te matar!

—Isso não foi decidido. — E então percebeu o que ela fez. —Você leu meus pensamentos?

—Não foi de propósito.

Jared riu. —Jace sempre foi contrário. Gostar de um homem que quer matá-lo é normal.



—Como você bem sabe. — Ela o cortou, a aceitação em seu suspiro. —Você é muito bom com energia.

—Sim.

Ela olhou para Caleb. —No que você é bom?

—Num monte de coisas.

—E você? — Ela olhou para Tobias.

—Manter a lei.

Seu queixo subiu. —Basta manter a lei longe do meu companheiro.

Tobias tomou um gole de seu café. —Você o está reclamando?

A resposta de Miri foi um flash de seus caninos.

—Weres bonitinhas felizes com seus companheiros não podem resistir a marcá-los. — As palavras do Executor voltaram para ele. Estava protegendo-o com todo o grunhido que tinha, ainda que Miri não o tivesse marcado. E a marca era significativa. Filho da puta.

Jace a puxou mais contra ele, a tensão em seu corpo se transferindo para ele. Onde os lobos deixavam sua marca? No ombro, no pescoço? Imaginou Miri debaixo dele enquanto a amava, seu belo rosto com paixão. Imaginando onde sua boca pousaria. Seu peitoral direito queimou. Queria sua marca lá.

Jared limpou a garganta e Tobias riu. Um olhar para seus rostos e sabia o que estava projetando.

—Cale-se.

Miri franziu o cenho. —O quê?

Inferno, se estava projetando, porque não com ela? —Nada.

Caleb se recostou na cadeira. —Se vamos brincar de King of the Hill², alguém pode me dizer o que diabos aconteceu esta noite?

—Entramos numa armadilha.

—Faith não estava lá?

—Alguém estava lá, mas não sei se era Faith.

—Por que diabos não?

—Troveçamos com uma armadilha antes que pudéssemos chegar e Miri confirmar o cheiro.

—Era Faith.

Não havia dúvidas na convicta voz de Tobias. Miri certamente não tinha.

—Ela está viva. — Não era uma pergunta. —Estava lá até cerca de quatro horas antes de chegarmos.

—Como pode dizer? — Jared perguntou.

Tobias deu de ombros. —Parte dos meus poderes especiais.

² O Rei do Pedaco no Brasil — foi uma série de animação satírica criada por Mike Judge e Greg Daniels, que retratava o cotidiano da família Hill, na cidade fictícia de Arlen, no Texas.



—Seus poderes especiais têm a capacidade de me dizer onde está minha sobrinha agora? — Perguntou Caleb, quase de conversa, embora quem o conhecesse sabia que estava enrolado mais apertado que uma cascavel pronta para atacar.

—Não, mas havia o cheiro esmagador de vampiro.

Os únicos vampiros que Jace conhecia eram os do Santuário. O pequeno suspiro de Miri foi quase indistinto, mas todos os olhos se voltaram para ela. Inferno, não precisava ouvir isso. Jace puxou Miri perto, como se através do aperto de seu punho, pudesse impedi-la de entender o que isso significava. Era impossível.

—Está dizendo que eles a têm.

—Estou dizendo que um vampiro a têm.

—É a mesma coisa.

—Talvez não, — Caleb ofereceu. —Estávamos certos que um vampiro a tirou da fortaleza do Santuário.

—Ele disse que era were.

—Weres não teriam poderes para tirar um bebê do Santuário.

Jace puxou Miri apertada, olhando de novo para Tobias, a suspeita lambendo quente ao longo de seu controle. —Mas poderia ser um Executor.

O olhar — não eu — de Tobias respondeu. —Se eu fosse o único a ter Faith, estaria escondida segura entre os D'Nallys.

—Mas não com a mãe, — Jared murmurou.

Tobias deu de ombros. —Não sabia onde ela estava e minha prioridade seria a segurança do bebê.

—Mas não a segurança de sua mãe?

—Se alguém soubesse que Miri estava viva, sua segurança seria prioridade. Só tomamos conhecimento de sua situação recentemente.

—Minha esposa estava dizendo contos novamente? — Jared perguntou.

Tobias não disse uma palavra. Não precisava. Jace estava começando a achar que os silêncios do homem eram mais importantes que suas palavras. Aparentemente, assim como Jared.

—Posso ver que minha Raisal está um pouco atrasada com os açoites em sua bunda.

A raiva de Miri o atingiu como um martelo quando seu grunhido rasgou na sala. —Não toque nela! — Jace pegou as costas de sua camisa só caso ela pretendesse ir para o homem. Ela não o fez, mas a tensão estava em cada linha de seu corpo. Seu cotovelo conectou com seu lado. —Deixe-me ir!

Jared apenas levantou uma sobrancelha para Jace. —Inferno de temperamento que sua esposa tem.

—Ela é apaixonada por tudo que a preocupa, — ele murmurou, puxando-a com um braço em volta da cintura.

Miri cravou suas garras no braço de Jace, acrescentando novos cortes aos antigos. —Diga-lhe



que não vai tocar Raisal, antes que ela me transforme numa almofada de alfinetes.

Jared, é claro, escolheu aquele momento para se tornar não-cooperativo. —O que faço com minha mulher é meu negócio.

As garras cortaram mais profundo. —Deixe-me ir!

—Não. — Os rosnados de Miri rolavam de sua garganta, pontuados com pequenos suspiros agudos enquanto lutava para se libertar.

—Miri, doce, se acalme. — Em vez de se acalmar, ela lutou mais. Suas garras capturaram sua bochecha, apenas sob seu olho, cortando a pele. Não achava que ela percebeu, já que sua atenção estava toda sobre Jared. —Não, — ela rosnou quando seus músculos se tencionaram para lutar, o olhar fixo em Jared. —Não vou deixar isso acontecer novamente.

Foi o primeiro indício que Jace teve do mistério que guardava tão profundo. Testemunha ou não, não ia perder. —Não deixará o que acontecer, Miri?

O suor escorria de cima dela, amargo, com medo e stress. Imagens passavam por sua mente: Raisal gritando, a agonia em seus olhos, seu rosto bonito distorcido por tudo que estava acontecendo, outra mulher, uma outra face desta vez com sangue; os corpos dos homens em torno da mulher, enquanto a seguravam. Faces girando através da culpa. Tanta culpa por sobreviver, por não ser capaz de dar-lhes o que precisavam para que ninguém mais fosse ferido. Era como se Raisal e a outra mulher abrissem buracos permanentes em sua alma com seus gritos. Feridas que nunca curariam. Dores e feridas que se acumulariam durante o tempo em que pudesse encontrar uma maneira de se esquecer.

Um estrondo se juntou aos gritos. Uma cadeira raspou para trás. Jace olhou para cima e encontrou o mesmo rosnar na boca de seus irmãos, não estava sozinho. Não era surpresa, havia projetado, mas o baixo estrondo vinha de Tobias.

—Não de novo o que, Miri? — Jace repetiu.

—Ele não vai machucá-la por minha causa.

—Filho da puta.

Jared deu a volta na mesa, agachou na frente de Miri e levantou seu queixo.

Ele esperou um segundo, estudou o rosto de Miri, seus olhos brilharam com as chamas, antes de continuar. —Nada vai ferir Raisal novamente. Eu prometo a você.

Nenhuma tensão deixou Miri. —Você é vampiro.

Jared levantou a sobrancelha para Jace numa pergunta silenciosa.

—Basta se colocar ao nível de cocô de vaca. Isso economiza tempo.

—Se somos tão desprezíveis, porque escolheu um como seu companheiro?

Sem uma pausa, as palavras vieram tropeçando de sua língua. —O acasalamento não é uma escolha.

Jace estava ficando malditamente doente e cansado de ouvir isso.

—Bem, não sou da matilha, e para mim isso é uma escolha. Esperei por muito tempo Raisal



entrar na minha vida, então pode ficar tranquila que é o trabalho da minha vida mantê-la feliz e sorridente.

—Ele é muito bom nisso, também, — Caleb ofereceu. —Acho que foi uma semana inteira desde que ela o derrubou na sua bunda.

Miri apenas piscou. Gotas de sangue pingavam sobre a camisa dela, afundando o rosa pálido da blusa. Ela puxou sua mão. Ele a soltou. Ela se levantou, tocando no local. Quando olhou sem entender o vermelho em seus dedos, ele a virou em seu colo, descansando seu rosto em seu cabelo. —Não é a maneira Johnson ferir uma mulher.

—Na verdade, há rumores que estragam suas mulheres, — Tobias ofereceu.

Ele não disse com aprovação.

Miri apenas se colocou contra ele, pouco convencida. —Jared morreria em vez de prejudicar um fio de cabelo na cabeça de Raisa, Miri.

—Então por que ela o derrubou na sua bunda?

Jace roçou seus lábios contra seu cabelo. O cabelo que geralmente cheirava ao hálito puro da primavera, mas que agora abrigava os aromas de pânico, medo e stress.

—Porque ele gosta de brincar com ela e porque só estão juntos há algumas semanas, ele pode ser meio lento a respeito de quando é o bastante.

—É verdade. — Jared sorriu. A severidade de seus traços amoleceu quando se ergueu. —E o fato que ela sente a necessidade de fazer isso comigo é muito atraente depois.

—O sexo figura em algum lugar.

—Como se isso não acontecesse aos lobos.

Tobias deu de ombros. —Não sei. Não sou acasalado.

Miri se endireitou lentamente. Seu olhar se fixou no were como se uma parte do enigma houvesse encaixado no lugar.

—É por isso que está aqui, não é? — Miri perguntou. —Está procurando um criminoso. Acha que ele está aqui.

Tobias não negou nem confirmou.

—É um silêncio muito condenável, — Jared ofereceu.

—E eu pensando que era só silêncio.

—Tem um Executor bandido à solta? — Perguntou Caleb.

—Não temos certeza que seja Renegado.

—Como pode não saber?

—Porque não é um de nós, — respondeu Tobias, uma borda na sua voz.

—Que diabos isso significa? Se anda como um pato e grasna como pato, é um pato, — Jared retrucou.

—Se não há nenhum registro da existência do pato, então pode ser qualquer porcaria que queira.



—Filho da puta. As coisas não costumavam ser tão complicadas antes. Tivemos ladrões de gado ocasionais, raposas raivosas, invasão de ratos, mas pelo menos sabíamos no inferno quem era o cara mau.

—Sentindo-se nostálgico? — Jared perguntou.

Caleb acabou com o resto de seu café. —As coisas estão mudando rápido demais.

—Vampiros, Executor, o que importa? — Miri sussurrou. Ela virou o rosto em seu peito. —Como vamos trazer Faith de volta se não sabemos quem a tem?

O murmúrio suave deslizou em silêncio, colocando todos os seus medos em campo aberto.

Jace abarcou sua cabeça na mão, segurando-a perto, tomando a dor para si mesmo, fazendo seu melhor para abrigá-la de ambos. —Não desistiremos até encontrá-la.

Capítulo 10

Perdida. Miri gemeu, segurando sua barriga contra a dor. Sua filha estava perdida. Ela a enviou para o mundo porque queria fazer o que era melhor, e agora seu bebê estava perdido nas mãos de um monstro.

—Não vai acreditar no pior, Miri.

Ela balançou a cabeça, negando a bolha de riso histérico que explodia contra o duro músculo do peito de Jace. —Por que tenho que fazer isso? Imaginar o melhor já é suficientemente mau.

—Odeio ser o único a apontar isso, — disse Jace, seu sotaque baixo e confiante, — mas seu otimismo está escorregando.

—Você percebeu?

—Posso ser lento para captar.

Nunca foi lento em nada, mas estava tentando poupá-la através de uma distração. Ela podia o sentir sondando sua mente, desviando a emoção em goles suaves, lutando por sua sanidade mais duro do que ela jamais poderia. Ela lambeu os lábios e pegou a salvação que ele oferecia. —Por que estou no comando do otimismo, afinal?

—Porque eu sou o responsável por detonar. Jared é o encarregado de procurar e destruir. Caleb é o responsável pelo planejamento e Slade é o responsável pela sobrevivência. Isso só deixa o otimismo para você.

Ela empurrou o cabelo do rosto, mas não se afastou. Jace era sólido. Forte. E ele estava segurando sua salvação. A esperança que algum dia pegaria seu bebê de volta, voltaria sua fé, voltaria sua confiança.

—Só poderia estar em apuros.

—Não. Não estamos. — Ele a afastou um passo. Ela se ressentia do ar fresco que preenchia a



lacuna entre eles. Se ressentia do tempo entre eles. Se ressentia mais que qualquer coisa que suas vidas não fossem normais, que sua filha não estivesse aqui. Ele se inclinou. Ela o alcançou. No segundo seguinte, estava em seus braços. —Para onde vamos?

—Para a cama. Precisa descansar e se recuperar.

Do aborto ou da conversão?

A resposta caiu em sua mente com a delicadeza de um beijo. *Ambos.*

Não posso falar sobre isso com você.

Ela não precisou explicar o que queria dizer. Ele sabia.

Vai.

Ela fechou os olhos e enterrou o rosto em seu peito. *Não.*

Apesar do que ela pensava, sabia que ia.

Jace acenou para os outros. —Nós encontramos depois dessa noite.

Ela olhou por cima do ombro. Tobias estava olhando para ela. Como sabia que estaria. —Não vão a lugar nenhum — disse ele.

—Não planejamos.

A lembrança a incomodou. Ela estendeu os dedos, cobrindo tanto do pescoço de Jace como podia. Se não precisasse tanto dele, teria pedido aos irmãos para se livrar do were, mas precisava dele. Precisava de tudo que pudesse no resgate de sua filha. E um Executor era uma coisa muito grande.

—Não precisa me proteger, Miri, — disse Jace. —Tobias não é do tipo de me apunhalar pelas costas.

Um puxão de braço entre eles e podia ver o rosto de Jace. —Como sabe?

—Ele é um homem honrado.

—Ele é um Executor. São capazes de qualquer coisa.

—Capaz não é uma coisa má, doce. E se parasse de se mexer, eu ia levá-la de volta à nossa cabana e provar isso a você.

Sexo. Estava falando sobre sexo. —Pensa em algo mais?

Jace abriu a porta da cozinha, respirando profundamente o ar da manhã. O amanhecer estava rachando o escudo da noite, pálidos feixes de luz filtrando através das rachaduras nas trevas e as enchendo com a luz.

—Depois de um ano sem isso, não é mal.

Os sopros suaves de sua respiração cessaram, retraíram, começaram novamente.

—Não tem que mentir para mim, Jace.

O comentário o atingiu mais duro do que deveria. Sua resposta foi seca. —Deixe-me adivinhar. A fidelidade não é algo que os vampiros são capazes.

—Não foi isso que eu disse.



A cabana era ao lado da casa. Muito curta para uma caminhada que o livrasse da sua ira, tempo suficiente para sentir a queimadura de sua descrença. Pulou a escada e pulou na varanda.

—Sabe, com todos os pensamentos negativos que tem sobre mim, é uma maravilha que tenha ficado comigo.

Ela teve a ousadia de olhar surpresa. —Não penso mal de você.

Ele deixou que ela deslizasse abaixo de seu corpo quando chegou à porta. —Bem, se for esse o caso, pode querer começar a dizer algo positivo antes que meu ego leve mais um golpe.

Ela estava ali, os braços em volta do seu tronco enquanto a brisa brincava com seus cabelos, soprando fios em seu rosto como tentáculos de escuridão. Ela não os afastou. —Seu ego parece bastante saudável.

Ele puxou o cabelo do seu rosto, desfrutando da maciez sedosa contra as costas de seus dedos quando os enfiou por trás das orelhas. —Isso é porque está apenas olhando a superfície.

Ela piscou. Ele sentiu o roçar de sua mente. Foi fácil desviar a sonda. Tão fácil como compreender a origem de sua tristeza. Se ela queria respostas, podia apenas perguntar a ele. Se não ia acreditar nessas respostas, então podia simplesmente parar de perder tempo perguntando.

A rodeando, ele abriu a porta. Ela balançou para dentro com um rangido macio. No interior, o painel de alarme brilhou. Os dois passos que deu para chegar perto o suficiente para teclar pareciam colocar uma milha entre eles. No passado, sua energia teria se arrastado para ele, estendendo a mão em tentáculos sutis, acariciando, conectando. Mas agora, quando se afastou, a deixou para trás do outro lado de um abismo profundo. Na superfície, essa lacuna parecia muito grande para uma ponte. Enviou um sussurro de energia; imediatamente sua energia retornou. Superficial. Ele se virou para trás. Miri estava parada perto da porta, sufocando um bocejo.

—Assim que se alimentar, pode cair na cama.

Ela tirou a mão da boca. —Vou direto para a cama.

Isso não iria acontecer. Estava muito magra, muito fraca, e muito determinada a fazer parte de tudo que estava acontecendo para ficar deficiente. —Vai comer primeiro.

—Não estou com fome.

—Se sente fome ou não, seu corpo precisa de alimento. — Ele pegou a mão dela. Seus dedos pareciam muito pequenos nos dele. Seus ossos pareciam muito frágeis, e sua pele estava muito fria. —E precisa se alimentar.

—Não quero me alimentar de você.

—Tenho autoridade para dizer que em casos como este só posso te dizer, “teimoso”.

Sabia exatamente de quem ele estava falando. —Ninguém vai a um Executor pedir conselho social.

—Por que não? — Ele a puxou. Ela plantou seus pés. —Como guardiões da lei, acho que seriam perfeitos para consultar. Além disso, ele ofereceu, eu não pedi.

—Aposto que sim. — Ela pegou em seus dedos e apertou.



Realmente não teve que arrastá-la até a cozinha, mas não diria que ela foi de bom grado. —Vou apenas alimentá-la. Não há nenhuma necessidade de drama.

—Drama? Estou acompanhando como um cordeiro para o abate.

Ele puxou uma cadeira. —Me parece, que para uma Lobinha, a predadora está se confundindo com sua presa.

Ela ficou ao lado da cadeira. —Não me sinto muito como uma loba nestes dias.

—Tenho essa impressão. — Ele gesticulou. —Sente-se.

Ela fez isso, lentamente, como se ela estivesse preocupada em cair. Com os olhos apertados, ele olhou além das linhas de força para a força vital baixo. —O quanto de fraca está se sentindo?

—O que te faz pensar que estou fraca?

—O que te faz pensar que pode esconder isso de mim?

—O que te faz pensar que não posso?

—O que te faz pensar que vou continuar a jogar este jogo?

Ela piscou rapidamente e abriu os olhos angelicamente. —Apenas sonhando?

Ele não pode evitar, abarcou sua cabeça na palma da mão e a beijou duro, riso e exasperação apimentando o momento. Ele descansou sua testa contra a dela, puxando suas respiração ansiosa com as dele. —Pode estar cansada e deprimida, mas com certeza não perdeu nada do seu atrevimento.

—Será que você queria?

Ele descansou sua testa contra a dela. —Nunca quis que perdesse uma mínima coisa.

Os cílios baixaram, cobrindo, mas não se escondendo, de modo que seus olhos escureceram até sua íris misturar com o preto de suas pupilas e somente fora dos aros ficou o ouro dos D'Nally. Seus lábios se apertaram numa linha completa. Ela piscou, lutando contra as lágrimas. Ele se odiou novamente por não entender o que ela precisava dele na época. Pela arrogância em assumir que o amor seria suficiente. Por ignorar sua cultura e como isso afetaria suas necessidades. Por não a colocar primeiro num caminho que ela compreendesse.

—Posso ter sido um idiota arrogante um ano atrás, muito cheio de mim mesmo, muito confiante que você olharia além das minhas próprias necessidades, mas não houve um minuto desde que te conheci, que não te amasse.

A língua dela saiu e umedeceu a curva do lábio inferior. Não era um gesto sexual, mas seu corpo faminto reagiu como se fosse. Seu pênis esticou e ingurgitou, pegou seu pulso, sua respiração acelerou. Sendo were e sua companheira devia cheirar seu interesse. A lágrima que pairava no olho dela escorreu pelo rosto. Ele a pegou no seu polegar, a juntou por um minuto antes de desistir da luta com a gravidade e deslizar pelo dedo.

—Isto não era para fazer você chorar.

—É tarde demais para nós.

—Por que diz isso?



—Porque simplesmente não importa mais. Não sou a mesma mulher que conheceu. Não posso ser quem quer, ver as coisas do jeito que eu costumava. — Ela encolheu os ombros. —É muito tarde.

Ela realmente acreditava no que dizia. Sua deserção, como a via, a tortura que sofreu no último ano, sua luta por seu bebê, então a perda do passado, tudo cobrou um preço em seu otimismo. Ele se ajoelhou, assim seu rosto ficava no nível do dela. Ele colocou seu rosto em suas mãos, colocando os polegares sobre as cicatrizes que sabia a envergonhavam. —Nem tudo é sobre perda, princesa.

—Agora é. Minha matilha, meu companheiro, minha filha...

Ele acariciou seus dedos indicadores sobre as maçãs do rosto. —Você nunca me perdeu.

—Eu sei, agora. — Seus dedos ao redor de seus punhos, uma ligação frágil. —Foi somente a ilusão de quem eu pensei que você era.

A estabilidade, equilíbrio foram. Ele conseguiu isso. —Isso não tem que ser uma coisa ruim. Uma pequena diferença mantém uma relação interessante.

Ela lambeu os lábios. —Sei que quando ficamos juntos, te dei a impressão que estava à procura de excitação, e talvez estivesse, mas aprendi que não sou realmente esse tipo de pessoa. Sou uma were nos meus ossos. Preciso de um companheiro em quem posso confiar. Aquele que não me deixará adivinhando se vai voltar para casa.

As palavras vieram como uma forte chuva de golpes pelo corpo. Enfatizaram mais que tudo quanto de dano foi feito em seu relacionamento. A pior parte era que não podia culpá-la. Ele a decepcionou. Não importa que não tenha sido intencional. Os resultados eram os mesmos. —Não vou deixar você de novo, querida.

A tristeza do mundo estava em seus olhos quando olhou para ele. —Não importa mais se o fizer.

—Disse que o acasalamento não era uma escolha.

—Disse.

—Não estou percebendo seu ponto.

—Este não é o momento para isso.

—É, se eu digo que é.

—Eu não te amo mais, Jace.

O inferno não o fazia. Queria enfiar esse fato por sua garganta, forçá-la a enfrentar o que sabia estar no seu coração, mas não podia. Não quando olhava para ele daquele jeito. Não quando estava tão fraca que suas mãos tremiam. Era seu marido. Seu companheiro. E não importa o quanto fodeu o passado, daqui em diante seria o homem que ela imaginava. —Você está cansada.

O olhar que lançou mostrava que ela sabia o que estava fazendo. —Isso não muda a verdade. — O olhar dela não vacilou no dele. —Além do acasalamento, não há conexão entre nós.

Ele fez uma pausa, seus polegares centraram na borda afiada das maçãs do rosto abaixo dos olhos de lobo que viam tanto. —Então acho que será minha parte nos reconectar.

Seu lábio inferior tremeu. Essa vibração tremeu na palma da mão, alojamento nas terminações



nervosas ali, abrindo um caminho dela para ele. Ele tirou o máximo partido disso, baixando a cabeça, levando a boca a uma respiração da dela. Ela não se mexeu, não respirou, apenas ficou lá parada, a única coisa os juntando era a expectativa de seu beijo. Esperou para ver se ela superava a distância entre eles, se podia dar o primeiro passo.

Isso não aconteceu. Não importava. Não tinha medo de dar o salto. Ela podia pensar que não era uma escolha o acasalamento, mas para ele era. Desde o momento que a viu sentada sobre a rocha cercada por árvores e flores silvestres, soube que esta era sua mulher.

Toda vez que estavam juntos, cada vez que sua energia os tocava, apenas reforçava a realidade para ele. Achava que era o mesmo para ela. E era, mas ela precisava de mais níveis. Ele não percebeu então, mas agora que sabia o que ela precisava, poderia dar a ela. Sem tabus. Do modo como ela queria. Tudo que ela precisasse.

Ele fechou a distância entre eles. A firmeza dos seus lábios tocou a maciez dela, absorvendo a suavidade, refletindo de volta, cada batida do seu coração, cada bocado de emoção no incrivelmente doce beijo que tentou dar a ela. Comunicando-se com seu corpo, a atingindo com sua mente, vendo a conexão, encontrou sua cautela em vez... e não se importou. Depois de todos estes meses de preocupações, tinha a boca dela de volta sob a dele, confundindo sua respiração com a dele, o corpo dela em seus braços, os seios pressionados contra seu peito. Seu mundo estava se corrigindo e isso era tudo que importava para ambos.

Com um arrepio, Miri desmoronou contra ele. O cheiro de seu desejo perfumou o ar à sua volta. Se misturava com o dele, mais leve, feminino, perfeito. Um afrodisíaco em si. Jace confiava em sua necessidade de se conter, deslizando as mãos abaixo sobre seus ombros até suas omoplatas. Seus dedos se abriram em suas costelas quando a puxou da cadeira para seu colo, virando-a de lado, descansando entre as coxas dele. Seu pescoço deslizou na curva de seu ombro como se fosse criado para isso. O que acreditava que foi. Ele enroscou os dedos pelos cabelos longos e gloriosos que amava e os sentiu deslizar sobre sua pele. Sua cabeça inclinou para trás. A sua ou a dela? Ele não sabia, não importava. Estava apenas apreciando a beleza de seu rosto, garantindo que era sua, uma vez que se fundiu em seus ossos.

Ela o olhou, os olhos nublados de desejo, escuros com a indecisão enquanto os lábios se separavam, como se esperasse seu beijo. Seus lábios doíam com a expectativa. Sua cabeça inclinou, abaixou. Eletricidade chiou entre eles. Miri estremeceu. Faíscas dançaram sobre sua pele, os impulsos elétricos vibrantes e reluzentes em prontidão, como se cada pedaço de desejo que suprimiu desde o ano passado esperassem esse momento para voltar à vida, avançando quando o momento delicado culminou com a maior das conexões.

Ele tomou seu suspiro, exigiu com sua boca aberta sobre a dela, facilitando sua língua entre os lábios, esperando ter que procurar sua resposta, mas encontrando-a esperando. Suas mãos subiram por cima dos ombros e os dedos prenderam ao pescoço, as unhas beliscando sua pele num convite erótico por mais.



Ele deu, exigindo a resposta que sempre foi sua, com um suspiro de alívio. Não importa o quanto ela queria negar a ligação emocional, estava lá por trás do medo, por trás do desespero. Estava lá. E tudo que tinha a fazer era chegar em sua mente para encontrá-la. Ele fez, puxando-a para si. Seu gemido, quando ela se rendeu, traía como nada que nunca ouviu.

—Ah, princesa, senti sua falta.

A tristeza que corria sobre a energia entre eles contava sobre seu medo que isto fosse apenas físico. Ele a puxou mais perto, compartilhando seu calor e convicção com ela.

—Não senti sua falta para isso, doce Miri, embora isso seja bom. Muito bom. Senti falta de seu sorriso e sua risada, do jeito que fica toda mal-humorada quando brinco com você, do jeito como sorri quando está feliz. — Ele beijou seu nariz. —Só senti sua falta.

—Não senti saudades. —Havia mais agressividade que verdade nessa declaração.

—Aposto que não. Provavelmente estava muito zangada comigo para ter pensamentos caridosos. — Sua pequena partida foi outra traição. Ela nunca precisou esconder seus sentimentos. Foi mimada e satisfeita. E se pudesse escolher, ela teria ido ao túmulo com apenas esse conhecimento, mimada e adorada pela vida. No entanto, não podia escolher. —Sei como é estar irritada, Miri.

O intervalo de sua respiração foi como o dardo rápido de sua língua sobre os lábios. —De quem teve raiva?

—Meu irmão.

Havia um monte de desespero nela. — Por quê? — E uma perda de substância. Estava acabada.

Ele levantou, acalmando a intensidade, mas não soltou totalmente o vínculo emocional. — Depois que comer, vou te dizer.

—Não estou com fome.

—Sim, está.

—Como sabe?

—Seu estômago está borbulhando.

Suas mãos deslizaram para os ombros. —O que ele sabe? É apenas um estômago.

Ele sorriu. —Aparentemente ele tem bom senso para saber quando precisa ser alimentado.

—Ele também sabe quando vai vomitar tudo que passar por ele.

Jace franziu o cenho. —Está se sentindo enjoada?

Ele colocou sua mão sobre a barriga, sondando. Seus músculos exteriores estavam lisos, sem tensão, mas quando sondou abaixo, pode sentir a contração do estômago. O protesto contra ser negado. A necessidade de sangue. Seu sangue. —Precisa se alimentar.

—Que diferença vai fazer se tudo que engulo volta?

—Não comer... se alimentar.

Ela piscou e teimosia substituiu o cansaço nas linhas tênues gravadas ao redor dos olhos. — Estou bem.



—Não está bem. É casada com um vampiro. Tanto quanto queira negá-lo, sua vida está ligada à minha. Uma troca de sangue é necessária.

—Eu não vou te morder.

—Por que diabos não?

—Porque esta é minha escolha.

E decidiu não escolhê-lo. Jace passou as costas de seus dedos por sua face. Um sorriso puxou o canto da boca. —Isso é um desafio?

Um surto de pânico, depois mordeu o lábio antes dela sacudir a cabeça. —Não.

Sem dúvida lembrou do quanto ele gostava de um desafio. —Eu acho que é. — Ele deslizou para o lado dela, a apoiando com o braço em volta dos ombros antes de a erguer. —Além do mais, acho que vou levá-la para cima.

Ela pegou sua mão. —O que eu quero conta para alguma coisa?

Ele a levantou. —O que quer conta para praticamente tudo. — Ele ergueu seu queixo com o dedo, até que ela encontrou seu olhar. —Mas até que possa olhar nos meus olhos, abrir sua mente, e me dizer para permanecer fora da sua vida, vou ficar.

Foram brutais 30 segundos enquanto Jace esperava para ver se ela o mandava embora. Os segundos passaram, mas embora Miri não desviasse o olhar, também não disse uma palavra.

—Esta é sua chance, princesa. Esta é a oportunidade para me tirar de sua vida de uma vez e para sempre. Tudo que precisa fazer é abrir os lábios um pouco e me dizer para ir.

Seus punhos cerraram. Sua boca abriu, mas não disse uma palavra. De certa forma lamentou isso. Desejou que ela se acendesse para ele e dissesse como estava com raiva, dissesse o que precisava fazer para consertar. Ele desejou que ela o mandasse embora, em vez de guardar essa dor tão profundamente enterrada como um câncer, a comendo de dentro para fora.

Depois que um minuto passou, ele a puxou de volta para seus braços. Seu rosto pressionou contra o peito, o topo da cabeça aconchegado sob o queixo. Como sempre. Novamente, o senso de retidão derramou sobre ele. Ele descansou a bochecha no topo da cabeça dela.

Seus braços rodearam sua cintura lentamente, hesitantes. Houve uma mudança na sua energia. Uma quebra em suas defesas pontuada por uma linha soluçante. Seu nome saiu num sussurro fraco. —Jace?

—O quê?

—Fique por perto. Por favor.

Ela não tinha que mendigar. —Está preparada para me dar uma chance?

—Eu quero.

—Então vai precisar de um pé de cabra para me tirar de sua vida.

Ele conseguiu fazê-la comer um sanduíche de manteiga de amendoim. Ainda bebeu um pouco de leite, embora jurasse que odiava isso. Ele pegou o copo de leite vazio da mão dela e o colocou



sobre o balcão.

Quando se virou, ela estava olhando para ele novamente. —O quê?

Ela empurrou sua cadeira para trás e levantou. —Vou lavar os pratos.

Ele pegou o prato de sua mão a meio caminho da pia. —Acho que posso lidar com um copo de leite e uma faca.

—Mas você preparou.

—E você vai ficar quieta.

—Prefiro pensar nisso como evitar uma briga.

—Porque acha que pode teimar?

—Porque sei que posso.

Ele não queria brigar com ela, também. —Talvez devesse apenas me distrair.

Ela inclinou a cabeça para o lado. Seu cabelo caiu sobre o ombro. —E como sugere que eu faça isso?

Ele acenou com o prato e deu seu melhor sorriso. —Poderia tirar essa camisa de seu ombro. Tem ombros muito bonitos.

Ela bufou, um ronco muito elegante do seu ponto de vista. Ele colocou os pratos na pia, não tirando seu olhar do dela. —Sem Strip-tease, não é?

—Já viu tudo que há para ver.

—Não quer dizer que jamais me canso de olhar.

—Sou were, lembre-se. Espero que meu companheiro me deseje. Isso não me impressiona.

—Bem, inferno. Sabe o que isso significa, não é?

—Não, o quê?

—Algumas das minhas melhores linhas são boas mortas e enterradas.

Um sorriso pálido tocou seus lábios. —Acho que sim.

Embora seu sorriso fosse pálido, era forte em comparação com sua energia. Jace largou os pratos e veio para o lado dela. Pegou sua mão e a levou a uma distância de toque. Ela não resistiu quando a puxou. Caiu contra ele numa aceitação cansada que o preocupava.

Ela deu um tapinha no seu peito. —Me prometeu uma história.

—Que tal se for uma história de ninar?

Seu cabelo derramou através de seu braço, e ela balançou a cabeça. —Quero um banho primeiro.

—Posso, provavelmente, arranjar isso.

—É um procedimento simples que não exige muito do arranjo.

Ele balançou a cabeça por sua cegueira. —Caso não tenha notado, estou tentando cuidar de você.

—É isso que está fazendo?

—Sim. — Ele a colocou na grande cama. —O que achou que eu estava fazendo?



Ela se inclinou para trás. Seus seios pressionaram contra sua camisa. —Pensei que fosse manter o controle sobre mim.

Maldição, ela tinha seios bonitos. —Preciso?

Ela encolheu os ombros. —Você está bastante seguro, pelo menos até encontrarmos Faith.

—Já colocou tanta expectativa em mim?

Novamente, o encolher de ombros. —Você é tudo que tenho. Primeiro não houve uma escolha de acasalamento, e agora não há outra opção.

Ele se inclinou, seguindo-a abaixo quando ela caiu para trás, mantendo seu peso nos cotovelos, aprisionando-a contra o colchão com seu corpo. —Não deixa para um homem muita confiança.

Ela colocou as palmas das mãos contra seu peito. Como obstáculo não era muito. Especialmente quando levou em conta a forma como esfregava as mãos numa sedução sutil.

—Eu ia tomar um banho.

Ele se acomodou entre os quadris dela. —Eu sei.

—O que está fazendo, então?

Ele abaixou o tronco, e a maciez de seus seios amorteceu o último centímetro de sua descida. —Roubando um beijo da minha esposa.

—E se não quiser te dar um beijo?

A falha na sua respiração traiu seu interesse. Ele não respondeu até que seus lábios estavam a um arrepio de um — Sim — dela. —É por isso que é chamado de roubo.

Ela agarrou sua camisa, com uma expressão feroz endurecendo a pele nos cantos dos olhos. As pontas dos seus caninos brilharam entre os lábios entreabertos. —Ninguém toma nada de mim, nunca mais.

Ele não se moveu, apenas deixou que a agressão ondeasse por ele, de volta à sua origem, canalizando-a. —Então por que não me dá?

Aquelas presas afundaram no lábio inferior. Sua cabeça inclinou em um pouco de lado, levantou... A coisa mais difícil que ele já fez foi não entortar o pescoço e tomar o que tanto queria. —Está me matando, Miri.

—Como? — Ela sussurrou em seu rosto.

—Você sabe.

—Você está com fome.

—Faminto.

—Por um beijo?

—Seu beijo.

Seus olhos se fecharam por um momento comovente. —Oh, Deus, tenho tanto medo de fazer isso novamente.

Ele não podia fazer nada, apenas deixar seu tormento fluir sobre ele. Algumas coisas ela tinha o direito de decidir por si mesma. —Fazer o quê?



—Me dar a você.

Ele deslizou a mão entre ela e o colchão. —Nunca vou te deixar ir.

—Mas queria.

—Nunca.

Os dedos dela esvoaçavam sobre sua bochecha. —Eu pensei que queria.

—Sinto muito por isso.

As lágrimas nos olhos dela se juntaram e agruparam nos cantos. —Por que as lágrimas?

—Porque acredito em você.

Ele pegou uma lágrima antes que pudesse cair. —E isso dói?

—Tudo dói.

—Compartilhe comigo, Miri. Tudo. Deixe sair, querida.

Ela balançou a cabeça. —Eu não posso.

—Eu posso levá-lo.

—Eu não posso.

—Então me beije.

Ela o fez. Um beijo com lágrimas salgadas, inundado de mágoa. Um beijo que torceu o coração em seu peito. Seus lábios se separaram, e ele aceitou o convite, deixando-a entrar em sua alma, sua mente, permitindo-lhe se manter distante, entender porque ela sentia que tinha que fazer.

Seus braços rodearam seu pescoço, puxando-o para baixo. Ele continuou, dando-lhe um pouco mais de seu peso, gemendo quando suas pernas envolveram seus quadris, puxando sua virilha para ela, balançando um pouco numa sensual saudação.

Ele pegou seu quadril em sua mão. —Devagar.

Ela beijou o canto da boca. —Por quê?

—Porque está cansada e ferida, e acabou de perder um bebê.

O medo contaminou a beleza da excitação. —Não era algo que eu queria.

Ele sabia muito bem que não pensava no bebê que perdeu. O fato que continuasse usando o termo “algo” quando falava dele dizia tudo. —Mas o bebê era parte de você.

Ela piscou rapidamente. —Não te trai.

—Você não o fez.

—Eles acharam que tinham encontrado alguém com quem eu seria compatível. Implantaram o óvulo fertilizado, me deram drogas para mantê-lo vivo.

Ele a cortou. —Não tem nada que pedir desculpas. Não sou were, sou vampiro, e antes mesmo costumava ser conhecido como um imparcial filho da puta.

Sua neutralidade escorregou. —Eu não o queria no início.

—Era um menino?

Ela engoliu em seco e assentiu. —Eu não queria, mas ele estava vivo, parte de mim. Antes de abortar, senti sua presença.



—Jesus Cristo.

—Eu não podia odiá-lo. Tentei protegê-lo, mas não podia.

Ela enterrou o rosto em seu ombro, as lágrimas ensopando sua camisa, sem fazer barulho, apenas chorando lágrimas que falavam de uma dor profunda demais para palavras. Ele a segurou, dando-lhe o único suporte que podia, tentando imaginar como isso faria sentido. Uma gravidez forçada, dar sentido à vida, sabendo que o marido não toleraria outra descendência, não sabendo como ele reagiria, ter se ligado com a agitação fraca e vê-la arrancada. Ele não podia, mas podia dar-lhe um pouco de paz.

—Eu teria acolhido a criança, Miri.

—Isso não importa.

Ele puxou a cabeça para trás e enxugou a umidade de seu rosto com a palma da sua mão. —É importante para mim. Seria parte de você. Só isso já me faria amá-lo.

Ela fungou. —Obrigada.

—Acredita em mim?

—Sim.

Pelo menos ela sabia muito sobre ele. —Obrigado.

O polegar não estava fazendo um bom trabalho em limpar seu rosto. —Espere um segundo.

Abriu seus tornozelos atrás dele e se levantou. Quando voltou, ela estava quase dormindo. Ele limpou o rosto com a toalha quente, puxou um lenço da estante da cama, e entregou a ela. Quando ela terminou de assoar o nariz, ele segurou a pequena lata de lixo para que jogasse fora. Ela mal conseguia manter os olhos abertos.

—Que tal o chuveiro esperar até de manhã?

—Você ia me contar uma história.

—Vou contar, enquanto se preparar para dormir.

Ela se virou de lado e enfiou a mão sob seu rosto. —Estou pronta.

A ternura o impregnou. —Em seguida, feche seus olhos.

Ela estava fora antes que ele tirasse o cabelo do seu rosto. Despiu-a até sua calcinha, parando para olhar as bordas afiadas de suas costelas, os pontos parecidos com facas nas omoplatas. Puxou as cobertas para trás antes de a colocar no travesseiro. Ele se despiu e caiu ao lado dela, envolvendo seu corpo muito maior ao redor dela, o braço em volta de sua cintura, puxando-a para seu calor. Ela murmurou alguma coisa. Talvez aprovação. Ele beijou o cabelo dela. —Durma, princesa. As coisas serão melhores amanhã.

Capítulo 11



As coisas não estavam melhorando. A dor da conversão no estômago de Miri estava se intensificando, o desespero em sua alma aumentando enquanto o passado e o presente guerreavam com o certo e o errado. Tudo nela queria apenas uma coisa: a única coisa que tinha medo de aceitar. Jace. Ele estava deitado na cama de casal ao lado dela, colocando a mão na sua coxa durante o sono, seu calor a envolvendo num abraço persistente, mas de certa forma, poderia muito bem haver milhas entre eles. Miri virou ao seu lado na cama grande, no calor aquecido do abraço de Jace. A vastidão de seu peito enchia sua visão. Os ossos grandes preenchidos com músculos lindamente esculpidos. Totalmente masculino. Totalmente tentador. Ela colocou o dedo no músculo marcado apenas sob seu ombro, onde sua marca estaria se decidisse completar sua união, antes de seguir a linha definida abaixo sobre seu lado. Poder e paixão formavam Jace. Um pouquinho de pelos escuros no peito coçou nas costas de seus dedos enquanto ela admirava a prova visual de sua força. Não admira que a fizesse sentir tão distintamente feminina e vulnerável, ao mesmo tempo. Se fosse do tipo violento, provavelmente poderia quebrar suas costas com apenas um único golpe.

Ela afastou os dedos até que apenas as pontas sensíveis foram banhadas no calor de sua pele. Um de seus maiores prazeres pré-Santuário foi colocar seu rosto em seu peito e ouvir a batida constante de seu coração, sentir sua própria batida devagar, ouvir o seu aumentando até que estivessem em sintonia total. Ele a fazia se sentir segura, inteira, parte de um todo muito maior. A forma como pertencia à matilha. Esse sentimento de acerto total foi que fez possível tomar a decisão devastadora de dar as costas para sua matilha.

Entendia agora que foi muito fácil. Era uma fêmea, nasceu em segurança, seu sexo e linhagem, prometendo uma vida de mimos e adoração. Se tivesse pensado junto com os sentimentos, teria pelo menos escrúpulos com a perspectiva de deixar tudo que conhecia. No entanto, um olhar de Jace e da selvageria que usava com tanta facilidade, e ela se atirou em seus braços, envolvida em sua própria vida, porque o chamado selvagem nela nunca seria solto com um companheiro carinhoso que a protegeria como uma Alfa were.

Não queria cometer o mesmo erro novamente.

Ela passou sobre as almofadas, tomando cuidado para não atropelar a cama e acordar Jace. Ele dormia muito pouco. Alinhando o rosto com o dele, colocou a mão no seu peito entre as placas do seu peitoral. Contra a lateral de seu polegar podia sentir sua pulsação. Lenta, constante e confiável, não menos irregular. Como o próprio homem.

Eu teria acolhido a criança, Miri.

Acreditava nele, o que levantou todos os tipos de estragos com suas convicções novamente. Um ano e meio atrás, declarou Jace todo lobo. Após sua prisão, o declarou todo vampiro. Agora, tinha que escolher um extremo ou outro, ou liquidar uma terceira opção. Que talvez ele fosse um homem que não sabia bem como o que era. A última hipótese era assustadora, porque isso significava que devia olhá-lo sob uma nova luz, avaliá-lo novamente com o coração aberto. Expor-se a se machucar novamente.



Ela moveu-se na cama, estudando sua expressão, querendo as respostas que procurava escritas sobre seu rosto tão claramente como sua confiança. Adorava a face de Jace. As marcas da selvageria de sua natureza gravadas em todos os planos agressivos. A forma como suas bochechas proclamavam o predador no interior, o modo como a saliência do queixo declarava sua determinação. E agora, estava determinado a completar a união entre eles. Se movendo lentamente, deitou o rosto no ombro dele. A dor em seu estômago aprofundou. Não sabia quanto tempo ia durar contra ela. O vampiro de Jace estava definitivamente manobrando seu lobo quando fez a pressão para concluir a conversão. Mas poderia resistir mais um pouco, dar-se tempo para tomar a decisão certa. Como se ouvisse seus pensamentos, os cílios de Jace piscaram, e ele franziu a testa. Os lençóis sussurraram um aviso quando sua mão se moveu, sussurrando novamente quando os dedos abriram na parte inferior das suas costas e pressionaram. Ela sentiu o toque do seu poder. As náuseas diminuíram e assim fez a dor, o abandono de sua consciência batendo inofensiva contra um tapa invisível. A carranca de Jace suavizou. Ele grunhiu de satisfação.

Vendo sua expressão de um par de minutos, ela se assegurou que ainda estava dormindo antes de suspirar e se aconchegar um pouco mais fundo em seus braços. Ela cometeu um erro um ano e meio atrás ao julgá-lo por suas normas. Provavelmente porque um monte de coisas sobre sua personalidade a fez pensar em matilha — sua lealdade absoluta para a família, a honra que fazia de sua palavra sua obrigação, seu autocontrole, e seu cuidado com as coisas que eram mais fracas do que ele. Essas eram três características muito familiares Alfa, e que ela se apegou ao tomar a decisão de acasalar fora da matilha. Não queria ver ele todo. Apenas a parte familiar, porque poderia entender, e precisava do conforto de um marido, entendeu. De muitas formas, estava começando a entender que os problemas entre eles foram culpa dela. Jace nunca pediu que ela fosse mais do que era, mas ela queria que ele mudasse, a ponto de descartar qualquer parte dele que não fosse de lobo. Não era uma percepção confortável, mas não podia ignorar. Eu teria acolhido a criança, Miri.

Novamente a afirmação calma, com absoluta certeza, reproduzida através de sua mente. Não era pequeno o presente que Jace oferecia. Aceitação completa dela e tudo que era importante para ela, sem perguntas. Seria mais difícil para um were essa aceitação, as crianças adoravam sua cultura, mas weres machos eram definidos por sua capacidade de proteger. Uma companheira roubada retornando com uma criança que não fosse sua, seria difícil para um macho aceitar facilmente por causa do que representava: falha nas duas coisas que foi criado para fazer: proteger sua companheira e guardar sua matilha. Jace, no entanto, tinha uma visão mais aberta. Era tão agressivo como qualquer lobo em guardar o que era seu, mas em seu mundo, merda acontecia. — E quando acontecia, as pessoas se ajustavam e seguiam em frente. Era uma visão menos absoluta do mundo, e que poderia apreciar, estando deste lado do inferno.

Sempre levemente, Miri tocou a barba na bochecha de Jace. A diferença de sua cor de pele era apenas mais uma das muitas diferenças entre eles. Sua pele café com leite era pálida contra seu bronzeado. Por ser vampiro deveria ser claro. Se misturaria melhor com os outros vampiros se fosse



pálido, mas Jace não estava interessado na mistura. Usava seu passado de criminoso e pistoleiro como todos os Johnsons alegadamente faziam como uma bandeira e um desafio. Ela sorriu e tocou seu nariz. Seu bandido. Seus olhos se abriram. Um sorriso sonolento derrubou seus lábios. —Bom dia.

Era bobo se sentir tímida, mas ela o fez. Se afastou. —Bom dia.

O colchão afundou quando ele moveu seu peso mais para o lado dele. —Como está se sentindo esta manhã?

Doente. Deprimida. Otimista. —Melhor que ontem à noite.

—Por que tenho a sensação que está disfarçando?

Ela deixou sua palma descansar contra sua bochecha. —Talvez porque eu esteja.

Ele estendeu o braço, roçando os dedos nas suas costas, ombro e antebraço antes de cobrir a mão dela, segurando-a contra seu rosto. —Quer me dizer por quê?

Surpreendentemente, ela o fez. —Nunca cheguei a conhecer o verdadeiro você, não é?

—Essa foi minha impressão.

Nada em sua inflexão lhe deu alguma ideia, mais ou menos, de como se sentia sobre isso. —Acho que estava com medo que se o fizesse, teria que deixá-lo ir.

Sua sobranalha subiu. —Age como se eu não tivesse uma palavra a dizer no assunto.

Pareceu tão natural ficar lá em seus braços, sonolenta, dormindo um dia inteiro e falando sobre o passado, como se a noite os envolvesse num sonho suave em torno deles. —Na matilha, as mulheres fazem a escolha.

Virando a cabeça, Jace pressionou um beijo quente no centro da palma da sua mão. Pequenas linhas se espalharam pelos cantos de seus olhos, traíndo o sorriso ainda pleno aos lábios. —E é o homem quem a convence. — Outro beijo, um sorriso mais profundo, e o toque de borboleta de sua língua. —E seria um verdadeiro prazer persuadi-la mais uma vez.

Com um brilho de sensação, sua energia deslizou sobre a dela, aumentando a ilusão que só haviam eles, nesta sala, nesta casa, nesta época. Fazia tanto tempo desde que teve esse sentimento de segurança, essa paz especial, e ela não queria perdê-lo por medo de pegar o que era oferecido. — Talvez devesse.

Tudo nele ficou imóvel. —Deveria?

Agora estava sendo obtuso. —Não se questiona um convite, uma vez que chega.

—Uh-huh. — Ele virou para ela. —Não quero mais mal-entendidos entre nós.

Podia aceitar isso, mas não podia aceitar essa distância entre eles. —Me beije, Jace.

Ele se apoiou em seu cotovelo. Sua sombra caiu sobre ela. —Por quê?

A aspereza da barba espetou sua pele quando ela tocou a ponta do seu polegar na suavidade do seu lábio inferior. Isso era difícil, assustador, e libertador. —Preciso de você para me lembrar de como eu era.

—Estou receoso que não possa fazer isso. — Ele avançou a mão pelo braço, por cima do ombro, até os dedos enroscarem no cabelo na sua nuca. —O passado já passou.



A dor de sua admissão apunhalou profundamente até o polegar dobrar no canto da boca e sussurrar: —Mas posso te mostrar como será daqui para a frente.

Sim. Algo para segurar. Para acreditar. Isso era o que ela precisava. O que tanto precisava. O sussurro dela foi tão macio. —Me mostre.

A flexão de seus músculos foi a única indicação que ela o surpreendeu. —O que está pedindo, princesa?

—Quero que faça amor comigo, Jace. Não como um homem seduzindo uma inocente com muitas estrelas em seus olhos. Não como um homem que tem alguma coisa a compensar, mas apenas como... você.

Seu olhar se estreitou. Invisíveis faíscas arquearam entre eles, uma energia crepitante de consciência.

—Não estou certo do que quer dizer.

—Os homens usaram meu corpo por um monte de razões.

—Eu nunca usei.

Ela tocou o cenho franzido, o entendimento vindo com ela. —Sim, você fez. Da maneira mais agradável possível, mas no pouco tempo que estivemos juntos, parte da razão pela qual fez amor comigo foi para me convencer da ligação com você.

Aborrecimento brilhou dele para ela. —Fiz amor com você porque era bem agradável.

—Sim, era, mas o que estava entre nós nunca chegou a crescer em algo mais. Corremos contra o tempo.

Sua testa enrugou. —Mas quer que cresça hoje à noite?

O ceticismo em seu *hoje à noite* não foi perdido por ela. Nem a esperança na palavra — quer. Ela pressionou seu polegar contra a boca numa paródia de beijo. —Com tudo em mim, quero esta noite com você.

Ele ajeitou o corpo, sexy e poderoso completamente sobre ela, bloqueando os restos de luz que alimentavam sua visão da noite, ela mergulhou na escuridão onde havia apenas o calor do seu corpo, o cheiro da sua pele, e o toque de sua energia. —Tem certeza que quer que faça amor com você?

—Sim.

—Sabe o que está pedindo?

A simples sugestão de um rosnado marcou seu sotaque. —Estou pedindo que me mostre quem você é.

—Posso ser selvagem.

Ela sorriu, sabendo que podia vê-lo e a antecipação fluiu através dela. —Eu sei.

—Eu poderia te assustar.

Havia um monte de coisas que poderia imaginar Jace fazendo com ela, mas assustá-la? Isso não era um delas. —Não, não vai.

Ele fez uma pausa, a cabeça de lado, permitindo um pouco de luz entre eles. Seu polegar



acariciou sua bochecha. —Sei que foi estuprada, Miri.

A verdade feia estava entre eles. Foi estuprada no início, como castigo e uma forma de persuasão, mas como não funcionou e retardou suas experiências por dois dias, os vampiros do Santuário mudaram seu foco para outras táticas. Táticas que foram muito pior. Métodos que carregavam a humanidade para longe e faziam dela nada mais que um navio de seus objetivos. Até que sentia que Miri desaparecia e o número sete-oito-três-quatro era tudo que restava.

O estupro de sua individualidade foi muito pior que o estupro de seu corpo. Ela virou o rosto ao passado e olhou nos olhos de Jace, segurando a emoção lá, o carinho, a maneira como a via como pessoa. Sua princesa. Ela piscou atrás a dor das lágrimas. —Isso não importa.

Ele não deixaria passar, seu olhar como um radar interno na turbulenta agitação em sua mente. —Vai importar se eu fizer algo que provoque uma lembrança.

—Não há nada que poderia fazer para acionar as memórias. — Exceto perguntar sobre elas. —E mesmo se fizesse isso, vou me controlar.

Ele estava balançando a cabeça antes dela terminar a frase. —Não quero que controle. Quero que confie em mim com o que aconteceu, me deixe ajudá-la a superar.

—Vou ficar bem. — Miri moveu seus quadris mais perto dele. O beijo de sua ereção foi um bálsamo para suas preocupações. Mesmo se não houvessem outros, ainda a queria. Pegando a mão dele, ela a colocou em seu seio.

Quando os dedos curvaram, uma sensação de familiaridade fluiu com sua respiração. Depois de tanta coisa errada, isso era tão certo. O prazer que puxava para baixo as pálpebras.

—Diga-me o que está pensando.

Seu tom era um rouco profundo, o equivalente humano a um grunhido satisfeito. Ela não hesitou. —Como parece certo seu toque.

Seu polegar acariciou o mamilo, os calos arrastando contra sua pele sensível. —Comparado com o quê?

Ela franziu a testa, sem querer analisar o sentimento, preferindo apenas apreciá-lo. —Em comparação a nada. É só ... certo.

Ela abriu os olhos. Ele estava olhando para ela, seus olhos brilhavam com o calor de vampiro, sua expressão terna e apaixonadamente feroz.

—Sim, é.

Desta vez, o dedo demorou e pressionou. A onda propagou calor para dentro do seu mamilo, se estendendo em linha reta ao seu núcleo. Ela se levantou a fração de polegada necessária para conectar seus corpos.

Os lençóis farfalharam. O colchão afundou quando Jace rebateu seu movimento com um próprio. Não completou a ligação, bastava segurá-lo, lembrando que ele sempre foi de prolongar o momento, crescer a antecipação.

—Desta vez só vamos ser eu e você, — ela respirava.



—E uma centena de memórias que não pode esperar para esquecer.

Miri não queria pensar sobre isso. Não queria acreditar que o passado que estava trabalhando tão duro para enterrar e esquecer podia se intrometer neste momento entre eles. —Só quero o novo entre nós, Jace.

—Não pode haver novo sem velho, princesa. Sei disso e você sabe disso. É por isso que está lutando tanto contra o pensamento.

Ela passou as unhas em seu peito do jeito que ele gostava, deixando um rastro de manchas avermelhadas, marcas transitórias, não permanentes que ela deixaria se acreditasse que isso poderia durar. Mas era sua marca de todo modo. Seu gemido suave o incentivou, o sussurro: —Sabe que quer fazer amor comigo.

Ele frustrou seus esforços para alcançar com uma mão seu quadril. —Não assim, Miri. Não agora, com a maior pretensão em sua vida entre nós.

—Sim, agora. Precisava disso agora, antes que desaparecesse, antes que perdesse a coragem. — Não pode me negar.

—Isso é uma regra were?

—Sim.

—Bem, uma que não será seguida. Quando fizermos amor, será porque ambos sentimos que é certo.

A raiva inchou dentro, queimando os dedos, a boca, sua alma com a dor infinita que sempre sufocava, mas descobriu que agora queria lançar nele, um grito que não tinha mais controle. Ela cerrou os dentes e se segurou por pura força de vontade. —Estamos acasalados.

Sua mão roçou seu rosto antes de descer por sua garganta, como se tivessem todo o tempo do mundo, descansando sobre o pulso abaixo. Ela não tinha como esconder o quão rápido se coração estava batendo.

—E está ferida. — Não houve diferença no aço subjacente à declaração cuidadosamente arrastada. Nenhuma ruptura na carícia de seu toque, na suavidade de sua energia que a segurava, mesmo enquanto dava o golpe fatal em seus planos. —Isso fica fixado antes do outro se entregar.

Dane-se! O pensamento rugia em sua mente, pairava sobre sua língua. Custou tudo nela não soltar a maldição. E através da luta violenta, mas breve, Jace a olhava, provavelmente aprendendo mais do que ela queria nos poucos segundos que demorou para recuperar o controle.

Uma batida na porta da frente irrompeu no silêncio tenso. Jace estava fora da cama num flash. Miri agarrou os cobertores no peito. Sabendo que ele podia ler a energia que ela só podia sentir, ela perguntou. —Quem é?

—Jared e alguns outros.

As batidas vieram mais fortes, mais urgentes. —Jace!

—Espere aqui. — Jace não se incomodou com a roupa, só saiu da sala, inconsciente de sua nudez, suas nádegas tensas quando se moveu com potente graça e beleza masculina. Miri jogou as



pernas para fora da cama, segurando a barriga contra a onda de náusea. Agarrando o lençol, ela o envolveu em volta dela, puxando-o da cama enquanto se movia para a borda do colchão. A porta da frente abriu com um rangido desarticulado. Apurando os ouvidos, pegou uma palavra no murmúrio de vozes. —Bebê.

Não precisava ouvir mais nada. Correu para a frente da casa, arrancando o lençol, preso na perna da cadeira, quase caindo, acabando por tropeçar chamando a atenção de todos. Jace a pegou com um alcance aparentemente casual, os dedos envolvendo em torno de seu braço.

Tobias e Micah olharam para ela, a desaprovação em seus olhares escuros, quer em relação a seu estado de nudez ou por interromper uma conversa de machos, não sabia ou ligava. A reação de Jace era tão fácil de ler, visto que seu olhar se centrou em seu peito. Ela olhou para baixo. Seus seios estavam nus.

—Eu disse para esperar no quarto.

Ela puxou acima seu lençol a um nível mais modesto. —Alguém mencionou um bebê.

Ele suspirou, puxando-a para ele. —Sim.

Como se soubesse o quão devastadora a palavra errada poderia ser para o fio frágil de sua sanidade, Jace falou com muito cuidado. —Dizem que alguns vampiros do Santuário encontraram um bebê a 30 milhas ao sul daqui.

A respiração de Miri falhou numa parada, o inchaço fechando sua garganta, queimando com esperança. Faith. Oh, meu Deus. Poderiam ter encontrado Faith.

Ela estendeu a mão e agarrou a mão de Jace no lugar onde repousava sobre seu ombro. —Faith.

—Não fique muito esperançosa, Miri, — Jared advertiu. —Estamos checando todas as pistas. Pode não ser ela.

—Quantos bebês weres poderiam estar correndo por aí sem sua mãe? — Ela conseguiu raspar para fora.

Jace a virou para o lado dele, abraçando-a firme. Sob sua pele, podia sentir a mesma carga elétrica de descrença colidindo com esperança.

—Não parece provável haver um monte deles. Mas não podemos saber com certeza até chegarmos lá.

—Também pode ser uma armadilha, — Tobias interveio nesse frio tom sob medida.

Miri olhou dele para Micah, odiando-os pela simpatia e piedade em seus olhos. Simpatia que tentava sufocar a esperança que não iria desistir.

—Mas isso não vai impedi-los de olhar, não é?

Seu coração martelava em seu peito. A adrenalina corria por seu corpo, fazendo a dor e náuseas crescer no seu estômago. Não poderia impedi-los.

Sentiu o roçar da energia de Jace, então seu batimento cardíaco ficou mais lento e sua ansiedade diminuiu. Ele inclinou a cabeça. —Nada vai nos impedir de olhar.

Era uma promessa. Respirou-a junto com seu cheiro. Não. Jace não deixaria de procurar.



Passos silenciosos soaram atrás dela. —O plano é a busca, tomando as precauções que pudermos.

Ela girou a cabeça ao redor. Jared emergiu das sombras. Ela o fixou com seu brilho. —Assumo os riscos.

—Nós também.

—Apenas não vamos arriscar você, — Jace esclareceu.

O que explicava a desaprovação de Tobias e Micah. Pensaram em esconder isso dela, seus instintos naturais de proteção exigindo que fosse poupada do esforço de — pode ser. — Precisavam entender que não era uma opção. —Até eu.

Jace inclinou a face para cima. —Você nunca estará sobre a mesa.

Tobias consultou o relógio. —Precisamos nos mover.

Miri desviou para fora do braço de Jace. —Vou ficar pronta em dez minutos.

Tobias olhou com aqueles olhos âmbar frios dele. —Você não vai.

—Não pode me impedir.

—Estou proibindo-a.

—Não sou mais da matilha.

—Uma vez da matilha, sempre da matilha.

Ela piscou. Isso era uma coisa muito radical para um Executor dizer. Eram mais conhecidos por manter a tradição que quebrá-las. E seu acasalamento com Jace a colocava fora da matilha porque um vampiro não seria autorizado a dirigir, não importa o que a tradição dissesse sobre seu marido. — Eu vou.

—Não.

Ela encontrou seu olhar e o manteve, não sentindo nem um pouco de desconforto no desafio tão descarado de um macho alfa. Depois do último ano, precisaria de muito mais que um olhar para assustá-la em submissão. Sustentou seu olhar por um segundo e depois a enormidade do que Jace disse rolou por cima dela. Um bebê. O pensamento não saía da cabeça. Encontraram um bebê sem mãe. Um bebê levado por vampiros. O fôlego prendeu em seus pulmões. Seus olhos fecharam, bloqueando a expressão de Tobias à vista. Bloqueando tudo fora, exceto a esperança. Tinha que ser Faith. Tinha que ser.

A energia de Jace tocou as bordas da dela. —Respire, Miri.

Ela não achava que ia respirar de novo. Girou nos calcanhares, indo para o quarto e suas roupas. Jace pegou seu ombro. Ela olhou para ele, apenas um vislumbre de seu rosto. Foi o suficiente para deixá-la saber que concordava com Tobias. Ela virou pelo resto do caminho, com a mão na frente, seu lábio num rosnado. —Não diga isso.

—É muito perigoso.

—Você vai.

—Sou um vampiro com força total, com muita experiência detonando.



A frustração transbordou. —O que realmente quer dizer é que você é um homem.

—Ser homem me dá muito mais músculos.

Ela puxou o braço. —Não me importo.

—Eu sim.

Sua energia a rodeava, testava sua determinação. Ela não a bloqueou. Ela queria que visse a verdade. Se a deixasse aqui, ela apenas o seguiria.

Suas mãos se moveram sobre seus ombros para os lados do pescoço, pesquisando, investigando. Seus lindos olhos brilhavam com uma beleza a partir da qual ela não conseguia desviar o olhar. Sua energia a puxou. O desgosto tocou sua expressão.

—Sinto muito.

Um impulso de sua energia, uma súbita pressão de seus dedos, e então tudo ficou escuro.

Jace agarrou Miri quando ela caiu, apoiando a cabeça com a mão.

—Ela vai ficar chateada pra caramba quando acordar, — Slade disse, entrando na casa.

Jace olhou para ele quando pegou Miri em seus braços. —Enfrentar seu temperamento é melhor que tê-la em apuros.

—Ela é definitivamente mais que seu quinhão disso, — Tobias concordou, seguindo Slade.

—E teve o que merecia. — Miri não era racional quando se tratava de encontrar Faith. Estava muito desesperada, muito disposta a se sacrificar. Não podia permitir isso. —Ela precisa ser protegida.

—Eu entendo, mas não tenho tanta certeza se Miri vai.

—Bem, vou lidar com isso quando chegar a hora.

Entretanto, ela estaria segura. Isso era tudo que importava. Ele a acomodou quando se virou para o lado através da porta do quarto. Manter Miri segura e buscar sua filha de volta, soltou um suspiro, se Deus quisesse, hoje ia conseguir.

Ele parou perto da porta. A cama desarrumada, o cheiro persistente de sua paixão dominou seus sentidos.

Faça amor comigo.

Seu cabelo roçou sua panturrilha, deslizando sobre sua pele na memória de uma carícia. Um dia destes, ela estaria de volta em sua cama. Toda sua, e não apenas as partes que ela achava que ele podia entender. Depois que passasse a raiva pelo que estava prestes a fazer, é claro.

Ele a deitou na cama, colocou a mão sobre sua testa, e enviou um comando profundo em sua mente.

Ele sentiu uma presença. Não olhou para cima, dando a primeira ordem.

Sono.

—Isso vai segurá-la por cerca de dois segundos.

Ele olhou para Jared, descansando na porta.



Ele alisou os dedos sobre a ruga entre as sobrancelhas. —Preciso que ela durma por um inferno muito maior que isso.

Jared cruzou a distância para a cama, seu poder surgindo diante dele como uma entidade viva. As pessoas chamavam Jace de selvagem porque não escondia quem era, mas em seu livro, seus irmãos eram os únicos a serem observados. Caleb com suas habilidades excepcionais encobertas por esse controle implacável. Jared com seu poder que nunca ninguém via sair a menos que ele permitisse. Slade, com sua inteligência que se sobrepunha ao descuido do desrespeito das regras. Inferno, eram todos muito mais perigoso que ele.

Jared passou seus dedos sobre a testa de Miri, as pontas passando pelos dedos de Jace. —Tem que fazer isso como se quisesse substituir seus instintos maternos.

Jace seguiu a energia de Jared na mente de Miri, estudou como anexou o comando como uma fechadura na porta do seu subconsciente, prendendo-a em sua própria mente.

A analogia o deixou desconfortável.

—Quer que ela nos siga, assim que sairmos? — Jared perguntou.

—Não. — Ele não podia permitir que Miri se colocasse em perigo. Deixou o bloco em sua mente e olhou para Jared. —Obrigado.

Um sorriso chutou o canto da boca de Jared. —Não estou tão certo que deva estar me agradecendo. Ela não vai gostar disto.

—Você já disse.

—Já fiz.

Jared estudou Miri. —Ela tem um monte de ideias estranhas sobre vampiros, não é?

—Acho que o mito pode substituir a razão nos imortais, assim como nos mortais.

—Talvez.

—Você não parece convencido.

—Miri me parece uma mulher muito racional.

Jace esperou, sabendo que vinha mais.

—Cuja sanidade mental está pendurada por um fio muito fino, — Jared acabou.

Jace piscou. —É tão óbvio?

Jared deu de ombros. —Sua mente é um livro aberto, com poucas defesas naturais.

A dor nas mãos e o cheiro de sangue alertou para o fato que suas garras cortaram suas mãos. — O Santuário tomaria essa vantagem.

Jared concordou. —Slade estava certo. Seu toque está em toda sua mente.

Jace fez a pergunta que estava com medo de descobrir a resposta. —Estão controlando sua mente?

—Não, mas não deixaram muito para ser reconstruído. — Ele estudou Miri, seu poder centralizado. —Ela precisa de algo para se ancorar.

—Estou tentando.



Jared franziu a testa, sua energia se intensificou. Miri gemeu. Jace controlava o impulso primitivo de atacar seu irmão, tirá-lo da mente de sua companheira. Precisava mais das respostas que precisava de um momento de testosterona, como Allie o chamaria.

—Ela confia em sua força, mas precisa de mais.

—O quê?

Jared deu de ombros. —Eu não sei.

Grande. Só o que precisava. Uma diretiva, sem orientações.

Com um empurrão em seu queixo, Jace fez um sinal para a porta. —Assim que eu a acomodar aqui, encontro com você.

Jared balançou a cabeça, virou e depois hesitou na porta. —Estou contente por tê-la encontrado, Jace.

—Obrigado. Eu também.

Outra hesitação e então ele se virou para trás, seu olhar seguindo Jace. —Você provavelmente já sabe disso, mas ela é um inferno de lutadora.

—Eu sei. — Ele traçou a linha do queixo, a ponta do queixo. Jared ainda não foi embora. Jace olhou para cima. —O quê?

—Acho que com o incentivo certo, a velha Miri voltará.

Seria bom se alguém pudesse dizer o que ela precisava, o incentivo que poderia funcionar. — Vou manter isso em mente.

Sentiu mais do que ouviu a partida de Jared.

Jace deslizou Miri abaixo na cama, desembrulhando-a do lençol, sacudindo-o sobre ela. Tocou seu rosto pálido. Ainda era linda, apesar das cicatrizes e da perda vibração que a rodeava. Quando puxou o edredom em cima dela, ele sussurrou,—Só tenho que encontrar a chave, princesa, e tudo vai se encaixar.

Jace se juntou aos outros na varanda. Slade jogou uma arma. Ele a pegou com a mão livre, apoiando sua espingarda contra a parede. Ele a olhou. —Alguma novidade sobre isto?

—Replicador de luz solar é um inferno de muito mais forte.

Jace avistou pelo cano. —Isso vai ser útil. — Ele guardou a arma e disse para Slade, —Você parece com o inferno.

—Obrigado. — Slade passou a mão pelo cabelo, a longa franja caindo sobre a testa, dando-lhe um olhar selvagem mais adequado ao lado bandido do seu passado que sua vida atual como cientista. Os círculos escuros sob seus olhos e a sombra de barba no rosto adicionavam um olhar desacreditado para o pacote total. —Joseph não está indo tão bem.

Maldição. —Alguma ideia de porquê?

—Tenho testes em execução, mas pelas informações que tenho... — Pôs sua espingarda no ombro. —Não tenho a menor ideia.

Slade olhou para a casa principal e as luzes acesas lá. A porta se abriu. Um homem saiu. Apenas



um homem se portava assim, andava assim. Caleb.

—Merda, eu disse para ele ficar aqui.

Mesmo desta distância, Jace podia sentir a preocupação saindo de Caleb. Quando Caleb chegou até eles, Jace disse: —Por mais que eu aprecie isso, precisa ficar aqui com sua esposa e filho.

Caleb encontrou seu olhar, o verde de seus olhos intenso, o conjunto de sua boca resoluto. Ele estendeu a mão. Slade passou para ele uma espingarda. —Se é Faith, vai precisar de mim.

—Mas se não for...

—Não sabemos que não seja. — Ele olhou para Slade. —Você parece com o inferno.

Slade mexeu o chapéu na cabeça. —Então, estou dizendo. Quando eu chegar perto de me clonar, vou fazer uma nota a dar-lhe bochechas rosadas.

Tobias empurrou a grade e entrou no círculo.

Caleb pôs sua espingarda no ombro e aceitou um pacote de munição de Tobias. —Precisamos encontrar alguma ajuda.

Slade encolheu os ombros. —Boa sorte para encontrar alguém suficientemente brilhante, que sabemos com certeza que não é do Santuário.

E isso era o inferno dele, Jace sabia. Slade era o único com tendência científica em sua mente que era cem por cento Johnson. Tinham muito a perder para se arriscar com intrusos. —Obrigado por vir. — Ele olhou para Caleb. —Mas acho que deve ficar aqui. Sua esposa e seu filho precisam de você.

—Minha esposa foi quem me empurrou para fora da porta.

—Uh-huh. — Ele não acreditava nem por um minuto. Nenhuma mãe recente com uma criança doente queria que seu marido saísse para a batalha.

—Para sua informação, Allie disse que teria minha cabeça numa bandeja, se eu não for com você.

—E sobre Joseph?

Uma sombra cruzou o rosto de Caleb; preocupação escureceu seu olhar. Ele soltou um suspiro. —Agora está estável. A mistura que Slade criou parece manter seu alimento.

Os homens se entreolharam. Não era difícil saber o que os weres estavam pensando. Se Faith estivesse com os mesmos problemas que o bebê de Allie, poderia não estar viva para voltar para casa.

Por mais que quisesse a ajuda de seu irmão, Jace não podia aceitá-la. —Suas responsabilidades estão aqui.

—Não vou negar isso, mas não há como prever quanto tempo isso vai levar para tirar a criança de lá, e sou o único em quem pode confiar para chegar em sua casa se o sol subir.

—Podemos lidar com isso, — Tobias ofereceu.

A oferta veio um pouco rápido demais para o conforto de Jace.

Ele trocou um olhar com Caleb.

Miri não confia nele, Jared lembrou a ambos.

Havia uma chance que Miri não estivesse pensando direito. Havia também uma chance que



estivesse.

E Tobias não era da família.

Caleb deu um aceno imperceptível e se voltou para Tobias. —É mais forte do que eu?

Tobias não se abalou com a pergunta direta. —Pode andar no sol?

Caleb atrelou seu rifle. —Sim.

O choque de Tobias se refletiu na onda de sopro que atravessou os outros weres. Vampiros caminhando na luz do sol era uma coisa inédita.

Tobias se recuperou rapidamente. Balançou a cabeça. —Vocês Johnsons são um bando contrário, não é?

—Acredito que o termo politicamente correto é "imortalmente maximizados," — interrompeu Slade.

Caleb pegou uma arma. —Bom... eu e minha auto imortalmente maximizada vão com você. Olhando para os três, a pequena Faith vai se perguntar como desembarcou numa família de arruaceiros.

—Ah, sim, — Jared resmungou. —E, olhar para seu rosto vai diminuir esse medo?

—Um inferno de muito mais rápido que olhar para sua vontade.

Jace olhou para seus irmãos e os weres enquanto a discussão ganhava impulso. Os sacrifícios que estavam todos fazendo eram tremendos, mas não hesitavam. Sua filha precisava de ajuda. Estavam lá. Era tão simples. Não parecia ter nada mais a dizer, exceto obrigado, e simplesmente não era o suficiente. Ele agarrou o escudo de energia e o jogou para Tobias. —Vamos começar a nos mexer.

Capítulo 12

Depois de uma longa e tensa caminhada para chegar perto da área, seguida por uma fria escalada através do chão coberto de neve para a cabana distante, a batalha real seria anticlimática. Jace olhou pela janela. Existiam só alguns Vampiros do Santuário guardando o lugar, e claramente não estavam esperando companhia. Do lado de dentro, dois vampiros estavam sentados jogando cartas numa mesa. Pelo sussurro de seu transmissor, Jace ouviu os weres fazendo o registro de entrada.

—Alvo um derrubado.

—Alvo dois derrubado.

Eram um grupo eficiente.

Jace deslizou por uma janela. Do outro lado, Caleb refletiu os movimentos de Jace — se aproximando do seu alvo na mesma velocidade, encobrendo sua presença com ilusão e mascarando sua energia com as nuances das ameaças comuns que já existiam, visível apenas um para o outro pelo



caminho mental deles.

Os dois vampiros do Santuário rosnaram sobre uma aposta, claramente chateados. Isso não significava que eram inocentes. Fediam a perversão do Santuário e valorização. Sua agressão ampliada praticamente fervia com a necessidade de uma saída. Jace estava mais que feliz em dar isto para eles.

Alinhado atrás de seu alvo, Caleb movimentou a cabeça.

Lembre, sem bagunça e limpo.

Eu ouvi você.

Só haveria uma mudança leve no plano.

Num piscar de olhos, Jace soltou a ilusão, movimentando a cabeça para o vampiro chocado através da mesa. Caleb xingou quando a mesa voou através do quarto. Ambos os vampiros pularam de pé e saltaram para o inimigo que podiam ver. Jace.

Grandes, poderosos, queriam seu sangue. Jace queria briga. Ele sorriu.

—Filho da Puta, Jace.

Caleb não teve tempo para agarrar seu vampiro. Jace o fez. Com um sorriso horrendo e a velocidade superior concedida a ele em sua conversão, começou o ataque, deslizando lateralmente com as garras estendidas. Com eficiência suave, abriu a primeira garganta, o lançando de volta em direção ao seu irmão, o spray de seu sangue estragado alimentando a ira primitiva que rolava por dentro. Tinham sua filha. Poderiam até ser as pessoas que machucaram Miri. Precisava matá-los com suas mãos nuas.

Caleb pegou o vampiro ferido e o lançou no chão. Uma brilhante luz se acendeu enquanto a pistola de luz solar atravessava o tórax dele.

—Isto deveria ser limpo, Jace,— ele rosnou.

—Uh-huh.

O segundo vampiro agarrou Jace por trás, confiando em sua força. Jace quebrou seu agarre e girou rápido o suficiente para pegar o choque na expressão dele. Ele sorriu, esmurrando sua mão pelo outro tórax do vampiro, fechando seus dedos ao redor seu coração. —Onde está o bebê?

O vampiro ficou perfeitamente quieto. —Você é Jace Johnson.

Jace apertou, apreciando a careta do outro homem. —Isso não foi uma resposta.

Astúcia se juntou ao desespero no rosto do vampiro. —Você tem uma bonita companheira.

Jace o ergueu tirando os pés dele do chão, se segurando em seu controle por um fio, apreciando o puxão de espasmo do vampiro enquanto a batida do seu coração era abortada. —Onde está o bebê?

—Jace...— Caleb advertiu. —Nós precisamos dele.

Os olhos do vampiro brilharam vermelhos; sangue gotejava do canto de sua boca. Jace o deixou ficar em pé e relaxou seu aperto no coração dele por poucos segundos, o que deixou o homem voltar a respirar e seu coração retomar a batida.

Ódio entortava a expressão do vampiro.



—Não vou dizer nada,— ele rosnou para Caleb. Ele cuspiu sangue e encontrou o olhar de Jace. —Mas para você, direi um segredo. Sua companheira tem a mais apertada, mais suculenta pequena...

Outro flash ofuscante de luz, e calor que queimava atravessou a bochecha de Jace. Diante dele, a cabeça do vampiro explodiu. Osso, sangue e cérebro voaram para trás, espirrando na parede. Jace soltou o corpo e se afastou. Olhou para cima enquanto Caleb avançava. —Não foi você a pessoa que me advertiu que precisávamos dele?

Caleb permaneceu sobre o corpo, sua expressão fria como gelo enquanto ele estava queimado no coração. —Nós não precisamos dele tanto assim.

—Era meu direito matá-lo.

—Você estava demorando muito.

—Uh-huh.

Jace liberou sua energia pela cabana com três cômodos minúsculos. Existia um odor prolongado que podia ser a criança, mas nada fresco e nada concreto. Tobias apareceu na entrada. Ele observou o sangue e os restos de carne. Sua sobrancelha subiu.

—Divertindo-se?

—Não tanto quanto eu gostaria— Jace rosnou, a ira ainda rondando por ele. O bastardo tocou Miri. Ele queria o despedaçar, osso por osso, tirar camadas por camada, uma terminação nervosa de cada vez.

Fique conosco, Jace, Caleb acautelou.

Jace agitou sua cabeça e enterrou sua ira. —Algum sinal do bebê?— Ele pediu ao Executor.

—Não. Os quartos são limpos.

Não era o que queria ouvir. Ele procurou. —Eles estavam guardando algo.

—Yup.

—Ela poderia ter sido movida,— Tobias ofereceu, entrando no quarto.

—Talvez.— Mas Jace não achava. Existia algo nebuloso mordiscando nas extremidades de seu subconsciente.

Jared entrou no quarto. —O perímetro está seguro.— Ele procurou. —Por causa desses restos mortais, estou achando que está seguro aqui, também.

Caleb grunhiu e perguntou a Jared, —Pode sentir alguma energia perdida aqui?

—Inferno, vai levar uma hora para esta violência baixar o suficiente para ler qualquer coisa.

—Maldição.

Jace se moveu mais distante no quarto. O algo nebuloso não ficou mais forte, mas não foi embora, também. Um homem surgiu ao lado dele. Tobias.

—O que seus sentidos dizem a você?

—Eu não sei.

Energia, distintamente masculina e poderosa, deslizou sobre ele e então se retirou. Jace devia ter ficado surpreso que o Executor fosse telepático. Não estava.



—Você é um empático,— Tobias disse.

—Não que eu notei.

—Eu já tive o suficiente disso.

Jace caminhou em torno do quarto, mas tudo que podia cheirar era o vampiro podre com as perversões que o Santuário dava a seus membros. —Mantenha isto para você mesmo.

—Tem mamadeiras no refrigerador,— Slade gritou.

O bebê esteve aqui. A certeza afundou profundamente. Jace girou em seus calcanhares e quase atropelou Caleb. —Não parece provável que a teriam movido já.

—Não deixando as garrafas para trás.— Tobias soltou a coronha de seu rifle no chão e então fez uma carranca. —Todos os guardas são vampiros, certos?

—Sim.

Tobias procurou. —É uma maldita cabana ensolarada para um vampiro rondar.

Jared levantou sua cabeça de lado. —Sim, é.

Jared andou a passos largos para a porta de parte de trás e abriu isto. —Não existe nenhuma entrada de caverna e nenhuma encosta óbvia.

A porta da parte de trás se fechou. Jared voltou para o quarto. Slade pisou no chão no meio da sala de estar. O som era diferente do que quando Tobias bateu nisto com a coronha do rifle. —Este lugar tem um porão?

Jared estendeu suas garras e as deslizou na fenda entre as fendas da madeira que formavam o chão e puxou para cima. —Vamos descobrir.

Os pregos gritaram e a madeira rachou. Ele lançou a tábua de lado.

Jace examinou o porão sujo abaixo. Mal-estar se espalhando por sua pele. —Por como parece, não ficou muito.

Eles não se incomodaram em procurar pela porta. Tobias arrancou outra tábua, Jace outra. Umidade se ergueu no ar bolorento do quarto abaixo. Jace deixou seu rifle no chão e se segurou na extremidade da abertura. —Cubra-me.

Slade agarrou seu braço. —Nos dê um minuto e poderíamos ser capazes de...

Jace não estava esperando por qualquer coisa. Sua menininha poderia estar lá embaixo. Ele saltou no buraco e aterrissou suavemente no sujo e duro chão. O lugar era escuro, nenhuma luz de qualquer tipo. Um sepulcro úmido, impiedoso.

A energia do bebê era limpa aqui embaixo, não forte o suficiente para identificar se era Faith ou não, mas próxima o suficiente para identificar se era were ou vampiro. Jace seguiu isto, rastreando para um quarto mais longe. Liberou sua energia. Não existia nada. Nenhum guarda, nada, apenas uma linha fraca de energia que pertencia a uma vida minúscula.

Um sentimento doente brotou no intestino de Jace. Os captores de Faith sabiam que os irmãos viriam procurar por ela. Seria fortemente defendida. Quem este bebê era, provavelmente não era sua filha. Ainda assim, a esperança não morreria. Não queria voltar para Miri novamente de mãos vazias.



A energia do bebê ficou mais forte quando chegou ao fim do túnel pequeno. Não existia nada familiar no padrão. Nada familiar no odor que gotejava para ele. A única coisa que sabia era que era fêmea, e were, com uma ressonância estranha de vampiro. Podia ser Faith.

—Jace?— Jared gritou.

—Tudo limpo,— ele gritou tardiamente de volta.

Ele entrou no quarto. Era minúsculo e um pouco maior que um armário. Uma caixa estava colocada sobre uma mesa raquítica contra a parede. Bolsas de IV penduradas em estacas encravadas na parede. Só o Senhor sabia o que era o líquido gotejando nos tubos abaixo que desapareciam no interior da caixa. O lugar cheirava a mofo e decadência. O modo que imaginava que uma tumba cheiraria. E existia um bebê lá. O conhecimento azedou em seu intestino.

Um som fraco como de um gatinho chorando, veio para ele. O bebê. Não podia se obrigar a se mover adiante. Ouviu passos atrás dele. Olhou por sobre seu ombro. O horror cruel que sentia por dentro estava refletido nas expressões apertadas nos rostos de Jared, Caleb, e Slade. Tobias, em contraste, não tinha nenhuma expressão própria. Caleb surgiu ao lado dele.

—Com medo do que vai encontrar?

—Sim.

—Quer que eu vá?

Jace agitou sua cabeça. Se fosse sua filha lá, queria que o primeiro rosto amigável que ela visse fosse o seu. —Não.

Ele sentiu a energia à frente dele, pequenos tentáculos de luz que procuravam fortuitamente por uma conexão. Mentalmente tocou um. A luz retrocedeu, um grito apavorado em sua mente. Outro pequeno soluço de som transtornou o silêncio, então desfaleceu parecendo ter sido uma invenção de sua imaginação. Exceto que não era.

Ele deu um passo e então outro. O próximo o trouxe perto o suficiente para ver a caixa e cheirar o fedor de urina e fezes. A princípio pensou que era um amontoado de trapos, que o bebê se foi e as intravenosas e tubos eram as sobras descartadas da ocupação, entretanto os trapos se contorceram. Com seu dedo alcançou a caixa e moveu a ponta do material sujo para o lado. Sua bÍlis se levantou.

O mais minúsculo dos bebês estava deitado lá. Esquelético, pálido, quase azul com frio. As intravenosas perfuravam suas pernas e seus braços, e outra entrava em seu tórax. Líquido gotejava num fluxo fixo em seu corpo. Tudo nele exigia que a pegasse, a aquecesse. Não ousou tocá-la com medo que se quebrasse. —Slade.

—Aqui mesmo.

—É ela?— Jared perguntou.

—Não.— Não existia nada dele ou Miri na energia ou odor da criança. Ela era, estranhamente uma mistura com vampiro, mas não era sua filha. Mas ainda, nunca viu qualquer coisa que mais precisasse de salvação. Os olhos marrons grandes dela o observavam com uma mistura de terror e resignada aceitação.



Jared olhou por sobre seu ombro. —Nós os matamos muito rápido.

Slade grunhiu e passou levemente suas mãos sobre o corpo frágil.

—Sim.— Jace não podia esperar mais. Ele deslizou suas mãos debaixo do bebê gelado até que ela descansou na almofada de suas palmas, sentindo a dureza plana da caixa abaixo. Eles sequer acolchoaram isto.

Jared apontou para duas marcas de mordida no antebraço dela. —Parece que tentaram convertê-la.

Isso explicava a energia do vampiro. Jace cuidadosamente a levantou. Os tubos arrastaram atrás dela, como tentáculos a ligando com sua prisão. Jace queria arrancá-los. Ergueu seu queixo e se forçou a falar com calma.

—Será que precisa estar ligada a isso? — Jace perguntou ao seu irmão.

—Inferno — Slade respondeu tão baixinho, examinando as bolsas sem marca. Enfiou a garra e coletou uma amostra do conteúdo. —Não sei mesmo o que essa coisa é.

—Alguma substância natural? — Perguntou Caleb.

Slade tocou uma bolsa cheia de líquido claro. —Esta é a solução salina.

—Deixe uma, então — disse Jace, cada gota do líquido desconhecido que penetrava o corpo do bebê deixando-o doente. Retire o resto.

Pareceu demorar uma eternidade para Slade desligar os tubos feios de seu torso.

O bebê chutou. Os trapos soltaram.

—Uau! — Slade virou a cabeça por um momento, piscando contra os gases liberados, mantendo a pressão num ponto de inserção para manter o sangue fluindo. —Ela precisa de um banho.

Provavelmente era um truque. Jace sabia que ela era muito pequena para entender a linguagem, mas quando o lábio inferior tremeu e seu rosto enrugou, quis bater em Slade. Lágrimas pingavam de seus olhos e desciam para os poços de suas têmporas afundadas. —Veja o que diz, Slade.

Saiu mais acentuado do que ele pretendia. Slade ergueu a cabeça para trás, deu uma olhada no rosto da menina, e xingou. —Oh, inferno.

—O que fez? — Perguntou Caleb, verificando a sala antes de entrar.

—Ele a fez chorar.

Caleb deu uma olhada no rosto do bebê e acrescentou suas próprias maldições à mistura. — Pobre pequena criatura. — Ele olhou para Jace quando mais lágrimas vazaram de seus olhos. Quando ela puxou uma respiração irregular, ele arrebentou. —Não fique aí parado, arrume-a.

—O que propõe que devo fazer? — Jace perguntou.

—Alguma coisa.

Slade retirou lentamente a agulha em seu peito. O bebê gritou num gorjeio de alta-frequência.

—Depressa, caramba!

O suor escorria nas têmporas de Slade. —Estou indo tão rápido quanto posso. Está no coração.



Tenho que curar enquanto tiro ou ela vai sangrar.

A criança estremecia da cabeça aos pés. A agulha estava quase fora. —Jesus, de que comprimento é essa coisa?

Outro tremor e Jace não aguentou. Enrolou o bebê em sua energia, tirando sua dor e stress, se esforçando para dar conforto e carinho. Não foi fácil. Não só a mente era menos desenvolvida e, portanto, menos centrada no bebê, mas também era óbvio que nunca conheceu um toque de nenhum tipo. Qualquer ligação a apavorava.

Ele encontrou uma abertura e caiu dentro. Seu grito parou tão abruptamente como tinha começado. Ela olhou para ele, sem piscar, sem se mexer, apenas olhando como se ela não se atrevesse a acreditar. Lembrou muito o olhar de Miri em seus olhos quando ela pensou que ele não podia ver.

—Eu tenho você, — ele prometeu a ela, sua voz rouca, com a desumanidade do ato. Da privação que esse ser minúsculo resistiu.

Slade tirou a agulha.

Um feixe de energia frágil se estendeu para Jace. Trememente, hesitante. Ele levantou o bebê com cuidado e pressionou seu corpo minúsculo no peito. Sua cabeça balançava. Ele a embalou na palma da mão, apoiando-a, ignorando seu cheiro, com foco na emoção que derramava dela para ele, o medo, a esperança, a maravilha do contato. Suas mãos tremiam quando colocou seu rosto em sua cabeça minúscula. Querido Deus. —Eu tenho você, Amendoim.

—Ela está fria — disse Caleb.

Jace cobriu tanto das costas como podia com as mãos.

—Deixe-me tirar estas outras agulhas fora, e podemos enrolá-la. — A fala arrastada de Slade não estava mais estável que as mãos de Jace. E não admira. Havia algumas coisas muito feias para levar estoicamente.

Os filhos da puta, — Caleb rosnou encolhendo os ombros para fora do casaco antes de despir a camisa.

—Você foi o único com pressa de despachá-los e começou a soprar as cabeças, — replicou Jace.

—Da próxima vez vou saber melhor. — Caleb envolveu a camisa de algodão sobre o braço de Jace. —Pode usar isso para a primeira camada.

—Obrigado.

—Ela é provavelmente muito jovem e, definitivamente, muito fraca para controlar sua temperatura corporal, — Slade disse, deslizando a última agulha.

—Vou mantê-la dentro do meu casaco.

—Isso vai funcionar.

Jace olhou para cima. Tobias estava de guarda, o fuzil apoiado em seu quadril, observando-os com uma expressão estranha em seu rosto. Quase poderia ser chamado de satisfação. —Tem algum problema?



—Muito pelo contrário.

—Que diabos isso significa?

Tobias não respondeu, apenas entrou na sala, olhando para o bebê. O batimento cardíaco do bebê estava acelerado com a abordagem do were. Seus braços e pés chutaram. Estava com medo. O vampiro de Jace cresceu. Seus lábios se afastaram de suas presas. Tobias ou não percebeu ou não se importou.

—Isso é perto o suficiente, — Jace advertiu.

As palavras saíram um pouco atrapalhadas quando seus ossos se transformaram.

Tobias parou, levantando as sobrancelhas. O bebê chutou novamente. Seu olhar caiu. Ele franziu o cenho. —Pelo menos sabemos como chegaram lá.

—Como? — Slade perguntou.

—Posso dizer que ela é de uma matilha de fundamentalistas.

—Vocês tem matilhas fundamentalistas?

Tobias balançou a cabeça, dando mais um passo para frente, tocando os fios de cabelo na cabeça do bebê. —Não muitos, felizmente, mas eles seguem os velhos costumes e velhas superstições.

—Confunde a mente o que um imortal poderia considerar velhos costumes, — Jared comentou secamente.

O bebê se acalmou sob toque de Tobias. Jace ficou em guarda, mas depois a coisa aconteceu, e o caos na mente do bebê foi limpo. Conectado como estava, Jace sentiu o cansaço e sua felicidade em ser segura. A singularidade da experiência para ela. Seu contentamento pelo golpe de dedos de Tobias nas costas, as cócegas quando seus dedos tocaram o pé. Ele olhou para baixo. Seu pé torto.

—Os bebês raramente são deformados, — explicou Tobias. —Nas matilhas fundamentalistas, quaisquer que sejam tendem a ser considerados como maus presságios e abandonados na floresta para serem recuperados pela natureza.

—Isso é uma forma bonita de dizer deixados para morrer, — Slade arrastou.

Tobias olhou para cima, sua mão nunca deixando o bebê. Jace não protestou porque alguma coisa sobre o Executor de olhar duro abrandava quando tocava na criança. Os olhos de Amendoim fecharam. Seus lábios franziram e fizeram um ruído rítmico como se chupasse uma chupeta invisível.

—Eles consideram como deixar a natureza consertar o erro.

—Eles podem considerar da forma que quiserem, ainda é crime.

—Ou pior, — Jared resmungou sombriamente, olhando ao redor da sala antes de tirar a camisa caída sobre o braço de Jace e segurá-la.

—Quanto tempo acha que ela tem? — Perguntou Jace para Slade enquanto mantinha o bebê longe, para Jared poder envolver a camisa ao redor dela.

—Dois meses. Talvez.

Ele abriu o zíper do casaco, enquanto Caleb dava de ombros. —Jovem.



Os olhos do bebê se abriram quando a puxou de volta contra seu peito. Quando reassentou sua bochecha contra sua garganta, um tremor sacudiu seu corpo pequeno. Ele puxou a lapela para fora quando fechou o zíper de novo, se certificando que o fecho não pegasse seu cabelo. —Conheço alguém que adoraria conhecê-la, menina.

Suas palavras sopraram os tufo no topo de sua cabeça.

—Planeja levá-la para casa? — Perguntou Caleb.

Ele olhou para o irmão. —Tem uma ideia melhor?

Caleb balançou a cabeça. —Só para saber.

Tobias puxou a lapela de volta para olhar para seu rosto. —Miri não vai agradecer por isso.

—Por que não?

Miri tinha braços que doíam por um bebê e uma necessidade de ser necessária. Amendoim precisava de uma mãe.

—Miri está ferida.

—Ela precisa de algo para ancorá-la.

Quatro dias atrás, Jace não tinha nada a oferecer a Miri que lhe desse um propósito, mas agora tinha. Jace beijou o ponto fraco no topo da cabecinha do bebê, sentiu a sedosidade dos cabelos lá. —Então será Amendoim.

Era sua carta na manga.

Miri estava esperando por ele na varanda quando chegasse em casa. À luz da madrugada, era fácil ver a esperança iluminando seu rosto e o nervosismo que a fazia apertar as mãos na frente. Não precisava ler sua energia para saber como ela estava ansiosa. Suas garras em suas mãos nodosas estavam brancas e os ombros curvados, enquanto sua cabeça estava atirada para cima e para trás, quase como se estivesse esperando um golpe.

Droga, ele esperava que ela estivesse dentro.

Ele olhou para Jared. —Disse que ela ficaria dormindo.

—Deve ser mais forte do que eu pensava.

O olhar de Miri caiu no bojo do casaco de Jace, suas mãos, a maneira como estava ninando o bojo. Ele sentiu o reflexo da esperança, o fôlego entusiasmado. Ela o olhou com inabalável intensidade enquanto ele se aproximava. Jace não queria mantê-la em suspense, mas não queria dar a má notícia antes que estivesse perto o suficiente para segurá-la quando a desilusão a atingisse. Seus músculos faciais doíam com o esforço de não mostrar o quanto estava machucado por ela.

Quanto mais perto chegava, menos esperança havia em sua expressão. Quando chegou ao fundo da escada, o lábio inferior estava entre seus dentes e a angústia em seus olhos.

—Você encontrou um bebê.

—Sim.

Ela esperou um segundo doloroso. Ele não conseguia falar.



—Não é Faith, é? — A pergunta derivou numa nuvem de ar insubstancial.

Ele subiu os quatro degraus, a mão em concha atrás da cabeça, e se inclinou para ela. Ela se esquivou. A rejeição foi direto ao seu centro. —Sinto muito, Miri.

Ela cruzou os braços sobre o estômago e esfregou as mãos acima e abaixo de seus braços, como se afastando um calafrio. —O bebê — quem é ela?

—Eu não sei.

—Sua mãe deve estar ficando louca.

Tobias não parece pensar assim.

—Isso é insano.

Ele estendeu a mão para o zíper de seu casaco. Miri deu um passo atrás. Sua língua estalou nos lábios. —Não. Não quero vê-la.

—Eu prometi cuidar dela.

—Prometeu a quem?

—Amendoim.

A surpresa queimou em seu olhar. —Vai chamá-la de Amendoim?

—Tenho que chamá-la de alguma coisa. Não sei o nome dela.

Ela deu mais um passo atrás. —Acho que não.

—Slade vai trazer algumas mamadeiras e um pouco da fórmula.

As narinas de Miri instintivamente procuraram o cheiro da filha. Seu cenho se aprofundou, sem dúvida, exacerbada pela composição original da criança. Were e vampiro. Como sua filha. —Será que pode comer isso?

Ele abriu a porta da frente. —Não sei. Acho que vamos descobrir. Uma coisa é certa, ela precisa comer alguma coisa.

Ela acenou com a mão na frente do seu nariz enquanto ele passava. —Ela fede.

Ele podia sentir seu ressentimento por ter trazido esta criança para ela em vez da sua própria. Poderia até mesmo entender. Não fazia diferença, no entanto. —Me conte uma novidade.

Miri o seguiu para casa, mantendo sua zona de segurança de quatro pés. —Não temos um berço.

—Vamos fazer um.

—Não sabemos nada sobre bebês.

—Vamos aprender.

—Podemos estragar tudo.

—Não podemos fazer pior que o Santuário.

—Nós...

Ele se virou e a cortou. —Miri?

—O quê?

—Entendo que queira Faith e que esse bebê não é seu. Entendo que está ressentida e ansiosa,



mas enquanto não tem nada a ver com ela, eu não posso virar as costas.

Ela não disse uma palavra, só o olhou com aqueles olhos castanho-dourados que revelavam a dor em sua alma. Se dirigiu para a cozinha. No caminho ele virou para cima do termostato. O forno chiou quando ele estava a caminho da pia. O bebê saltou. Ele levantou a lapela e olhou para baixo. Ainda estava dormindo, chupando a boca pequena sobre uma dobra da camisa.

Ele sentiu a presença de Miri atrás dele. Ele não se virou, acabou de ligar a água quente e esperou.

—Por quê?

—Por quê?

—Porque não pode dá-la a alguém?

Porque ela já tinha sido jogada fora uma vez, e não estava nele fazer isso com ela novamente. Porque, se alguém encontrasse Faith nas mesmas circunstâncias ele queria que a cuidassem, dessem amor. Porque alguém tinha que compensar o que fez o Santuário. Mas não podia dizer a Miri nada, sem explicar as condições em que haviam encontrado Amendoim. Nunca colocaria Miri nisso, nunca daria a ela a realidade em que basear suas preocupações por Faith.

—Terá apenas minha palavra para acreditar.

A água estava quente. Acrescentou a fria e testou a temperatura, até que ficou perfeita. Ele precisava tirar Amendoim do casaco.

—Como Allie e Joseph estão?

—O sangramento de Allie parou, mas Joseph vomitou a última mamadeira.

Isso significava que a mistura de enzimas não estava funcionando.

—Maldição. — Ele esperava por boas notícias nessa frente, pelo menos. —Poderia me conseguir uma toalha de banho de casal, uma toalha de rosto e um pouco de sabão?

Miri saltou sobre o pretexto para sair da sala como um pássaro num besouro. —Claro. — O alívio dela permaneceu em seu rastro.

Jace esperou até ter certeza que ela saiu antes de se encolher para fora do casaco. O jogou numa cadeira, que balançou sob o peso, as pernas fazendo barulho no chão. Os braços do bebê e as pernas saíram em linha reta para os lados enquanto ela saltava.

—Devagar. Não quis te assustar.

Ele ouviu a porta do armário da sala fechar. Quando Miri não voltou imediatamente, ele suspirou. —Isso pode ser um pouco mais difícil do que planejei, Amendoim.

Peanut³ não se moveu, e o aperto de morte de sua energia tinha na dele não enfraqueceu. Tirou-a da camisa. Seus olhos se abriram quando o ar frio tocou sua pele. Eram castanhos, sem vestígios de ouro. Pelo menos sabiam que não era Alfa D'Nally.

Amendoim puxou uma respiração profunda. Suas costelas empurraram contra sua mão. Se estivesse mais forte, tinha certeza que teria rebentado os tímpanos com o protesto que soltou.

³ Amendoim



Miri voltou correndo para o quarto. —O que está fazendo com ela?

Ele olhou com espanto para a mudança dramática na lactente. —Não estou fazendo nada.

—Ela está chorando!

—Porra, acho que todo esse barulho pode me dizer isso.

—Ela está com medo.

—Como pode dizer?

—Os bebês só choram assim quando estão com medo.

—Você sabe como soa?

—Todo mundo sabe como parece.

Para ele, todos os gritos de bebê pareciam iguais. Ele balançou Amendoim. —Poderia colocar uma das toalhas na pia?

Miri o cortou com um olhar divertido. —Claro.

Ele se virou para que ela não pudesse ver Amendoim, enquanto ela fazia como ele pediu. —Obrigado, eu consigo a partir daqui.

—Consegue? — Havia um mundo de dúvidas nessa frase. Ela colocou o sabonete e xampu no balcão.

Ela recuou, mas não saiu. Jace afastou Amendoim. —Shh, vai se sentir melhor quando se limpar. Tenho autoridade para dizer que um banho deixa todas as mulheres de bom humor.

—Por acaso erroneamente está me citando? — Miri perguntou.

Ele olhou por cima do ombro. —Pensei que estava saindo.

—Estava apenas curiosa.

—Sobre o quê?

Uma longa pausa e então ela disse: —Como o coletor vai escorrer com uma toalha nele?

Ele não tinha pensado tão longe. Já estava enchendo. Tinha que parar antes que ficasse muito fundo. Ou então limpar Amendoim realmente rápido. —Não vai.

—Oh.

Depois de testar novamente a água e ajustar o fluxo, ele colocou Amendoim na toalha. —Isso é melhor que um fundo de dissipador frio e duro, hein?

Amendoim não pareceu impressionada. Só ficava uivando. Ele ensaboou a toalha de rosto e a banhou com cuidado. Não importa o quão cuidadoso fosse, não podia evitar que o sabão queimasse a pele e a irritasse. Sua energia alcançou a dele. Ele respondeu imediatamente, segurando-a com força mental, tirando a dor. E ainda, ela chorava.

—Se não tiver cuidado, — a advertiu, — vou sacar meu último recurso. E confie em mim, ninguém quer me ouvir cantar uma canção de ninar.

Uma mão tocou a junta de sua coluna, suavemente, hesitante. —Eu gostaria de ouvir isso.

Jace não conseguia se mover, com medo de assustá-la. Amendoim precisava dela. Inferno, ele também. Ele a segurou. —Não, você não gostaria, luz.



Contou três respirações antes de Miri deslizar uma mão e depois a outra na sua cintura. Sua testa pressionou suas costas. —Não quero ser assim, — ela disse com uma voz carregada de desespero.

Estava falando sobre sua relutância em aceitar Amendoim.

—Não a estou mantendo contra você.

—Talvez eu a esteja mantendo contra mim.

—Por que está dizendo isso quando não posso te abraçar?

—Punição?

Ah, inferno, nenhum deles precisava de mais sofrimento. —Acho que nós dois fomos punidos o suficiente. Amontoar mais em cima do que já temos é um exagero.

Esfregou a cabeça para trás e para frente. Seu cabelo balançou contra sua camisa. —Diga-me como a encontrou.

—Tivemos uma pista. — Ele colocou sua mão e jogou água sobre o corpo franzino do bebê. O cuidado com que o fazia não parecia acabar. Ela só continuou chorando, a boca tão grande que ele jurava poder ver suas amígdalas.

Miri levantou a voz para ser ouvida sobre os gritos. —Eu quis dizer como a encontrou.

—Eu sei o que quis dizer.

—Mas não vai me dizer?

—Não.

O último sabão saiu. Ele desligou a água, levantou Amendoim, e a colocou sobre a toalha seca. Atrás dele, Miri se moveu. Ele a bloqueou com o cotovelo e um comando mental.

Miri abaixou sob ambos. —Por que não?

—Porra!

Era tarde demais. Ela viu tudo, o corpo franzino, as contusões do IVs, os olhos encovados, o pé torto.

Ele colocou uma mão no peito de Amendoim e outra em volta dos ombros de Miri, preso no meio, o elo comum ligando suas angústias separadas. Ele não conseguia tanto.

—Oh, meu Deus! — Miri ofegou. Suas garras afundaram em sua pele. —Eles a jogaram fora.

Capítulo 13

Jace tinha alguma coisa com rejeitados, Miri decidiu. Primeiro ela, e agora este pobre e patético bebê que precisava de uma mãe e estava preso a ela. A mulher cuja garganta fechou e as extremidades entorpeceram quando tentou tocá-la. A criança que deveria ficar adormecida durante todo o tempo que Jace estivesse fora para encontrar com seus irmãos. A criança que acordou



naturalmente dez minutos depois que ele partiu. A criança que agora estava deitada na gaveta acolchoada que servia como seu berço, chorando desesperadamente. A criança que não podia tocar por que... —Silêncio,— ela sussurrou. Amendoim não fez nada. Ela estava provavelmente faminta ou suja. Provavelmente precisava de cuidados.

Se Jace estivesse aqui, saberia imediatamente qual era o problema, mas não estava. Estava na casa principal se encontrando com Caleb. Miri olhou para fora da janela. Não existia nenhum sinal de movimento no jardim. Nenhuma pessoa que estivesse passando que ela pudesse recrutar para a tarefa. Só existia ela. E, diferente de ontem à noite, quando escondeu seu problema passando a noite ostensivamente ajudando Allie, isso dependia dela.

O bebê chorou mais alto. O som triste arranhou suas terminações nervosas como a lixa mais áspera. Seu tórax apertou na mesma reação adversa que teve desde a primeira vez que tentou pegar Amendoim. Deveria ser tão fácil pegá-la e consertar o que estava errado. Uma extensão simples e então uma flexão de músculos. Esfregou suas palmas suadas nas coxas. Uma extensão simples e flexão que a evitavam, não importa como desesperadamente tentasse. Não importa o quanto quisesse, não podia tocar naquele bebê, não podia fechar a porta da esperança que Faith voltaria. Era irracional. Era neurótico. Era ilógico. Ela sabia de tudo aquilo, mas ainda assim, nada que dissesse a si mesma abalava a convicção que caso se pegasse a Amendoim, toda esperança que Faith voltasse para casa estaria perdida.

Ela era uma pessoa terrível.

Miri?

Oh, Deus. Não era ruim o suficiente que ela soubesse que era uma pessoa terrível. Agora ela alertou Jace que ela era uma pessoa terrível.

Ele a chamou mentalmente novamente. Ela o ignorou e deu um passo mais perto do bebê. Sua batida do coração acelerou. Amendoim gritou mais alto. Não conseguiu que seu pé se movesse mais perto. Ela pausou e inalou devagar por seu nariz e cuidadosamente exalou pela boca, como Allie a ensinou ontem à noite. Tentando ficar calma, ela fez isto novamente. Não estava ajudando. A tensão aumentou. As extremidades de sua vista borraram.

Ela moveu seu pé adiante. Arrastou através do chão de madeira. No fim não estava certa de quanto era grande o passo que deu, mas tentou outro. E outro. Quando alcançou o berço, estava tão tonta que não ousou se inclinar e pegar o bebê. Assumindo que conseguiria passar o bloqueio mental que dizia que se o pegasse, isso mataria Faith.

Isto era ridículo. Ela não teve nenhum problema em pegar Joseph. Allie disse que era porque Joseph não dependia dela, então se sentiu segura. Ela disse que Miri tinha medo que precisassem dela e falhasse. Miri tentou respirar. Tudo que conseguiu foi um chiado. Allie disse muitas coisas enquanto caminharam com o pobre Joseph ontem à noite. Nenhuma delas a estava ajudando agora.

Amendoim continuou a chorar. Ela continuou parada lá, presa no inferno de seu tormento auto-induzido. Nenhum ar entrava em seus pulmões, nenhuma das ordens de seu cérebro alcançavam seus



músculos. A fechadura da porta da frente chocalhou. A porta se abriu. Jace entrou por ela. Ela não conseguia nem girar sua cabeça para olhar para ele. A ansiedade a mantinha completamente paralisada.

Jace fechou a porta e a trancou atrás dele. Mal relanceando o olhar para o alarme, ele digitou o código. Ela observou pelo canto do olho à medida que ele se aproximava. Ele olhou para ela e então para Amendoim. Sua carranca se aprofundou. —Há quanto tempo ela está fazendo esse estardalhaço?

Nada poderia fazê-la se sentir mais fracassada do que essa única pergunta. —Mais ou menos cinco minutos.

Ele se curvou e pegou Amendoim, acomodando-a contra seu ombro, esfregando suas costas. Ele fez isto muito facilmente. Ela se sentiu tão inútil.

Não havia mais como escapar de sua pergunta assim como não havia como escapar de seu olhar. —Há quanto tempo está parada desse jeito?

—Eu não estou certa.

Ele balançou a criança por algum tempo e ela começou a se acalmar. Com um último fungado que Miri poderia jurar que terminou com um olhar acusatório em direção a ela, Amendoim parou de chorar.

—Você só estava sozinha, não é, Amendoim?— Jace sussurrou para o bebê, que sugava o afeto como uma esponja, sua pequena cabeça indo para cima e para baixo e seus pés chutando com felicidade ao som da voz de Jace.

—Eu tentei...— Miri deixou sua defesa diminuir. Não importava o que ela tentou. Ela não teve sucesso.

O braço de Jace veio ao seu ombro—pesado, morno e familiar enquanto ele a prendia ao seu lado. —Eu posso ver isto. Eu também posso ver que está cansada e tem que lidar com você mesma quase tanto quanto com o chique de Amendoim.

Sua compreensão a aborreceu. Não era certo. Ela não estava certa. Ela o empurrou. Ele não a deixou se afastar. Aumentou o desejo de ter um acesso de raiva total. Ela permaneceu quieta em seu abraço e advertiu,—Você deveria querer reconsiderar me manter aqui.

—Eu deveria?—Ele ergueu sua sobrelance para ela.

—Eu estou prestes a emitir um grande lamento.

—Por que?

Era tão natural descansar sua fronte contra ele. —Eu não quero ser assim, Jace.

—Amendoim entende.

Amendoim não podia entender coisa alguma. —Amendoim precisa de uma mãe real.— Ela relanceou o olhar para a pequena menina que já estava parecendo melhor depois de um dia sob os cuidados de Jace. —E um nome real.

—Quando você estiver pronta, daremos um nome a ela.



—Você não pode esperar por mim.

—Por que não? Eu tenho a eternidade.

Ela rolou seus olhos. —Porque existe uma possibilidade distinta que ela estará de pé em sua cerimônia de acasalamento, em seu lindo vestido de reivindicação, e seu Alfa se levantará e será forçado a chamar através do corredor do bando, “Eu reivindico Amendoim.”— Ela agitou a cabeça, deixando seu cabelo cair sobre o rosto. —Acredite em mim, isso arruinará completamente o momento.

Como se isso não fosse nada, ele riu. —Eu correrei os riscos.

Ela levantou as mãos. —Como pode rir e dizer que isso não importa? Eu estou fazendo uma confusão com tudo isso! Não é que não queira ajudar, eu só... não consigo.

—Allie diz que é um ataque de pânico, e não é para sempre.

—Allie é uma otimista.

—Ela raramente está errada.— Jace esfregou a mão de cima abaixo em seu braço. —Você vai passar por isto.

—O que deixa você tão certo?

Sua cabeça se curvou, e ela o sentiu roçar seus lábios no topo de sua cabeça. —Por causa de quem você é e de quem Amendoim é.

—O que Amendoim tem a ver com isto?

—Amendoim quer você como sua mãe.

A batida de seu coração era um calmante pulsando debaixo de sua orelha.—Amendoim não sabe que eu existo.

—Amendoim chora tanto para conseguir sua atenção. Ela gosta de sua energia.

—Como sabe?

—Ela me disse.

—Ela é telepática?

Ele teve a graça de parecer envergonhado quando ela o empurrou. Seu braço se afastou relutantemente. Com as mãos nos quadris, ela exigiu,—Ela conversa com você?

—Algo parecido.

—Desde quando?

—Desde esta manhã.

—E me deixou acreditar a noite toda que você era algum tipo de super pai que simplesmente sabia, intuitivamente, o que ela precisava?

Um sorriso ondulou os cantos de seus olhos. —Você precisa admitir, eu estava apreciando aqueles olhares de adoração que estava enviando em minha direção.

—Seu rato!— O canto de sua boca coçou para balançar em um sorriso. Ela estivera bastante impressionada.

—Vampiro,— ele corrigiu, como se isso fosse uma boa coisa.



—O que só faz de você rato voador e sanguessuga,— ela assinalou.

O sorriso se estendeu para seus lábios. Ele era um homem incrivelmente bonito quando sorria.

—Ou um vampiro que conhece sua esposa.

—Então isto tudo não está vindo para você instintivamente.— Ela acenou sua mão. —Ela está guiando você?

—É muito fortuito agora mesmo, mas ela definitivamente tem suas preferências.

Ela olhou fixamente para a pequena criança. —E ela me quer?

—Sim.

Amendoim afastou seus joelhos. Miri agitou sua cabeça.

—Ela provavelmente vai crescer e ter um péssimo gosto para homens, também.

—Ela é um lobo.— Ele levantou Amendoim e fez cócegas debaixo de seu queixo. —Ela não terá uma escolha, lembra?

—Ela terá uma escolha.— Ela desejou as palavras de volta assim que as disse.

Jace tinha aquela quietude predatória sobre ele que não pressagiava nada de bom. —Você não teve.

Miri saiu de debaixo de seu braço. —Ela escolherá quem ela ama.

Ele fechou a cara. —Eu não entendi.

—Eu sei.— Ela se afastou antes que ele pudesse agarrá-la. Agarrou seu casaco e se arremessou para fora da porta antes que ele pudesse exigir que ela explicasse.

Teria sido a saída perfeita se não esquecesse sobre o alarme. Saiu com um grito alto que ecoou em torno do complexo. As portas se abriram; homens armados se derramaram no interior do pátio. Atrás dela, ouviu Jace gritar,—Tudo limpo.— Ela girou. Ele estava observando-a, naturalmente. Uma mulher não podia soltar uma granada explosiva como essa e simplesmente ir embora.

Ela cobriu seus ouvidos e gesticulou com os lábios,—Eu sinto muito.

Ele assentiu e se inclinou. Ela não podia ver sua mão, mas assumiu que estava esmurrando o código de segurança. O alarme parou tão abruptamente quanto começou.

Os homens agitaram suas cabeças e se dispersaram. Todos, exceto Tobias e Jace. Os dois a olhavam como se ela fosse fazer algo louco a qualquer minuto.

—Eu só esqueci de desativar o alarme.

Amendoim começou a chorar novamente. Miri lembrou o que Jace disse sobre esta criança querer que ela fosse sua mãe. Ela deu um passo para trás.

—Eu sinto muito.— Ela não sabia se estava dizendo isto para o bebê, para Jace, ou para todas as pessoas que ela assustou, só sabia que sentia muito. Jace se moveu em direção a ela. Sem dúvida para abraçá-la novamente e fazê-la se sentir melhor. Para cuidar dela. Ela agitou a cabeça. Ela não queria que cuidassem dela. Já passou da hora de aprender a cuidar de si mesma. Ela deu outro passo para trás, e ele franziu o cenho. Teria caído de costas no jardim se mãos fortes não a pegassem.

—Cuidado.



Caleb. O irmão de Jace. Aquele que ele respeitava. Ela pensou que Caleb a empurraria de volta para a varanda. Ao invés, ele girou seu corpo e a colocou no chão ao lado dele. O gelo rachou debaixo de seus pés em um frágil acompanhamento a como se sentiu por dentro quando examinou seu rosto.

Havia um mundo de compreensão em seus olhos verdes quando disse, —Por que não sobe para a casa e passa algum tempo com Allie e Raisa?

Miri relanceou o olhar em direção a Jace. Esfregou seus braços contra o frio. Caleb lhe deu um pequeno empurrão em direção da grande casa. —Vá, antes que congele até a morte.

—Eu...— Ela não conseguia desviar os olhos do olhar de Jace.

—Ajudará a tomar uma decisão se eu disser que estou aqui porque Allie me pediu para vir buscar você?

Sim, ajudava. Ela lhe deu um olhar agradecido. —Obrigada.

Caleb tocou seu ombro, a vacilação no gesto só mais uma indicação do quanto ela mudou. As pessoas não costumavam ter medo de tocá-la, não costumavam suavizar a voz quando falavam com ela. As pessoas não costumavam pensar que ela era louca.

—Jace esperará, Miri. O tempo que for preciso.

Machucava profundamente saber que ele esperaria, também. Ela desejava que Jace a condenasse, mas a compreensão naqueles olhos cinzas nunca mudava. Nem sua convicção de que ele teria sua antiga companheira de volta. Ela não era mais aquela mulher, mas também não era esta mulher—esse destroço emocional que não conseguia funcionar. Ela tinha que se encontrar. Movimentou a cabeça para Caleb. —Obrigada.

Seguiu em direção à grande casa, deslizando na escuridão, movendo-se em direção à luz de boas-vindas que se despejava da porta. Seus passos soaram anormalmente altos na varanda, e os olhos dos lobos que protegiam o complexo pousaram sobre ela em um olhar fixo e pesado. Eles a condenavam por acasalar com Jace?

Tobias estava em pé na varanda. Apesar da indiferença em sua postura, seus olhos de âmbar a observavam se aproximar.

—Eu disse a Jace que você não aceitaria o bebê.

Idiota. Ela ergueu o queixo e encontrou seu olhar, sem vacilar, apesar de que tudo nela querer bajular servilmente o poder que existia lá. —Agora é um adivinho, além de um Executor?

—Não, só um were como você.

—Eu não faço mais parte do bando. Eu sou uma vampira.

Seus olhos estranhos se estreitaram um pouco. Ela sentiu uma picada em sua espinha.

—Agora mesmo, acho que está machucada demais para ser qualquer coisa, mas isso mudará.

—Algumas sugestões úteis até lá?

Ele sorriu. —Meus poderes só vão até aqui.

Exasperação, raiva, e até diversão correram por ela. —Seus poderes vêm e vão muito convenientemente.



Ele não pareceu nem um pouco culpado. —Eles fazem isso mesmo, não é? Deve ser o ar da montanha.

—Certamente é alguma coisa.— Passou por ele em direção a casa. A brilhante vibração da decoração imediatamente fluiu acima dela em boas-vindas.

—Oi, alguém em casa?

Os passos no piso precederam o aparecimento de Raisa. —Olá, Miri,— ela chamou, seu leve acento russo dando uma profundidade agradável a suas palavras. —Trouxe o bebê?

Ela agitou sua cabeça. —Jace está cuidando dela.

Era só uma leve deturpação do que aconteceu. Raisa suspirou. —Ainda não consegue tocá-la, hein?

—Não.

—Bem, vamos para cima. Allie está com Joseph.

—Como ela está?

—Ela está bem.— Raisa olhou por sobre seu ombro e veio a meio caminho degraus abaixo. —Eu estou realmente preocupada com Joseph, entretanto. E se a expressão no rosto de Slade quando pensa que ninguém está olhando for alguma indicação, então ele também está.

—O que pensa que pode ser o problema?

—É como se tudo que comesse realmente não o alimentasse.

—Allie deve estar frenética.

Raisa esperou que ela a alcançasse. —Você pensa a mesma coisa.

—Ela não?

Raisa sacudiu a cabeça e mordeu o lábio antes de sussurrar, —Eu acho que ela está em negação.

—Ela não está aceitando?

Certamente Miri não conhecia Allie muito bem, mas não parecia o tipo de pessoa que negava a realidade. Parecia mais o tipo que a agarrava pelo pescoço e fazia o que ela queria.

—Ela diz que tem certeza que Slade encontrará uma solução.

Pobre Slade. Parecia que todo mundo contava com ele.—O que Slade disse?

—Ele resmungou algo sobre provavelmente ser somente indigestão e então voltou para o laboratório para fazer um pouco mais daquela mistura de enzima.

Elas cruzaram o pequeno patamar. Do quarto à esquerda, Miri podia ouvir os sons de uma mulher que falava em um tom suave. Mais um murmúrio, que palavras reais, os sons e ritmo claramente com a intenção de acalmar. Miri espiou no quarto. Allie estava sentada na cadeira com Joseph em seu colo. Ele estava embrulhado em um cobertor de bebê azul claro, sua cabeça escondida no berço de seu cotovelo.

Ela bateu. Allie olhou para cima. Seu sorriso era tão suave quanto a pele do bebê parecia, quando ela movimentou os dedos, pedindo que se aproximassem. —Ele está quase adormecido.

Miri andou nas pontas dos pés para seu lado e quase se derreteu quando viu seu rosto, seus



cílios abanando através de suas bochechas, sua pequena boca separada ligeiramente. —Oh, ele parece um anjo.

—Ele parece com Caleb.

Ele parecia. Embora o bebê fosse muito magro e sua pele perfeita fosse mais pálida do que deveria ser, Miri podia ver Caleb em seu queixo e no formato de seus olhos, e Allie em sua fronte e suas maçãs do rosto. Não existia nenhuma dúvida de quem eram seus pais e, olhando para ele enrolado nos braços do Allie, nenhuma dúvida que era amado.

Allie olhou para ela debaixo da franja espessa de seus cabelos, seus olhos parecendo muito azuis. —Como está sua pequena?

—Bem. Jace diz que ela é telepática.

—Que legal! Pode ouvi-la?

—Ainda não.— Provavelmente porque não estavam vinculadas.

Allie sorriu serenamente. —Não se preocupe, você a ouvirá.

Miri sacudiu os cabelos para trás dos ombros. —Eu posso citar você nisto?

—Absolutamente.— Ela olhou para seu pequeno Joseph. —Você vai poder fazer isto algum dia, moleque?

Joseph fez um pequeno som vigoroso com seus lábios.

—Moleque?

Allie encolheu os ombros. —Depois do modo que está me mantendo levantada, não quis dar a ele um apelido muito bonito. Não pode pensar que seus pais são frouxos.

—Eu estou achando que o frouxo seria Caleb?— Por mais difícil que fosse acreditar nisso.

—Além de um caso perdido.— Allie agitou a cabeça, beijando Joseph ligeiramente em sua testa ligeiramente enrugada. —Ele realmente se preocupa à frente do tempo, se pode acreditar nisto.— Ela rolou seus olhos. —Tê-lo ao redor é como tentar dormir em um hospital. Toda vez que Joseph começa a adormecer, Caleb o desperta para verificar alguma coisa.

—Aquele tipo autodestrutivo, não é?

Allie bufou. Não era um som refinado de uma dama. —Totalmente. Eu pedi que buscasse você, assim Joseph poderia dormir.

—Eu estava me perguntando por que mandou me buscar.

—Eu precisava de salvamento.

—Fico contente por poder ajudar.

—Você pode sempre ameaçar reter as Tortas Bear Paws⁴ de Caleb para mantê-lo na linha,— Raisa sugeriu.

—Eu espero evitar chegar a esse extremo.





Allie balançou um pouco a cadeira, embalando Joseph em seus braços, parecendo muito contente e em paz, o que machucava Miri somente por olhar para ela. Queria isto, com seu bebê. Com Amendoim.

—Miri?— Raisa perguntou.

Miri piscou. Deveria estar projetando emoção. As lágrimas contra as quais lutava desde que Amendoim entrou na casa queimou seus olhos.

Ela gesticulou para Allie. —Eu só queria poder estar assim.

—Com Amendoim?

Allie olhou para em cima. —Seriamente, precisa dar um nome melhor para ela.

—Eu preciso fazer muitas coisas, começando com ser capaz de segurá-la.

—Ainda tendo os ataques de pânico?— Allie perguntou.

—Eu fiz isto ao lado de sua cama.

—Então está melhorando.

—Mas não o suficiente.

—Precisa caminhar antes de poder correr,— Allie ofereceu.

—Eu estou doente e cansada de estar danificada.— Ela correu os dedos por seu cabelo. Elas compreenderam os grunhidos. Era a última gota d'água. Ela os puxou, conseguindo nada além de dor em seu couro cabeludo e criando um tapete. —Maldição!

Raisa agarrou sua mão e pôs fim aos puxões, trazendo sua mão para baixo desemaranhando os fios de seus dedos. Seu olhar encontrou o olhar de Miri. —Precisa dar um tempo a você mesma para se curar.

A única coisa que impediu Miri de a golpear foi o fato que Raisa estivera lá, também, sabia o que ela estava passando, porque ela mesma deve ter passado por alguma parte disso. —Eu não quero ser assim,— sussurrou. —Eu quero ser forte novamente.

—Você é umas das mulheres mais fortes que conheço.

Ela mordeu o lábio. —Não do lado de dentro, não onde conta.

—Do lado de dentro, do lado de fora, e em todos os lugares.

Raisa lhe deu um abraço. O primeiro que estavam aptas a compartilhar. Miri simplesmente ficou lá, enquanto os braços de Raisa a envolviam, paralisada pelo passado, uma voz desesperada em sua mente gritando um aviso, *não deixe que eles vejam. Não deixe que eles vejam.*

A voz de Raisa.

—Malditos,— Raisa sussurrou, pegando o cântico em sua cabeça e trazendo à luz. —Deixe que eles vejam. Não podiam nos tocar então, e certo como o inferno que não podem nos tocar agora.

Miri levou suas mãos para o alto, tremendo por dentro e por fora, a emoção saindo de dentro dela em um soluço severo. Sentindo como se o chão estivesse desaparecendo embaixo de seus pés, ela abraçou Raisa, por um momento suspenso acima do nada, presa sem esperança. E então, algo mudou dentro dela, avançou do esconderijo onde o enterrou. Algo que ela escondeu tão bem que



perdeu seu rastro. Enquanto isso estalava no lugar, ela conseguiu respirar. Ela arrastou ar em seus pulmões, abraçou Raisa tão forte quanto quis abraçá-la quando foram encarceradas juntas. — Definitivamente, malditos.

Energia roçou ao longo das extremidades de sua mente.

Miri?

Ela deu um passo atrás e enxugou as lágrimas de suas bochechas com as costas das mãos.

Jace?

Você está bem?

Miri olhou para Raisa e Allie, que estavam chorando sem parar com ela, então olhou dentro dela mesma para o pedaço perdido que voltou. Um pedaço frágil de si mesma. Respirou e agarrou a força da energia de Jace, se concentrando, seguindo-a.

Eu acho que eu realmente estou.

Ela sentiu sua surpresa por que ela respondeu e então sua esperança na emoção atrás das palavras. Sua energia veio para ela, ainda mais dura, mais forte, envolvendo-a em calor.

Maldição. Volte para casa para que eu possa abraçar você.

Miri caminhou até a janela e puxou a cortina de renda, olhando para a cabana que compartilhavam. Casa.

Não estava mais presa e sozinha naquele lugar onde qualquer carinho levava ao sofrimento, onde qualquer debilidade era explorada. Isto não era uma ilusão. Estava livre do Santuário. Ela tinha um futuro. Jace devolveu isto para ela. E a queria em casa para que pudesse abraçá-la. Ela queria aquele abraço, mas precisava de um pouco mais de tempo para si mesma antes que pudesse compartilhar isso com ele.

Eu estarei em casa logo.

Uma hora mais tarde, o telefone celular de Allie tocou. Enquanto escutava, seu sorriso diminuiu até que se tornou uma completa carranca. Ela fechou o telefone, encerrando a ligação. —Era Tobias.

—Tobias tem o número do seu celular?— Raisa perguntou, sentando em frente a poltrona reclinável. —Caleb sabe?

—Caleb não precisa saber tudo.

—O que ele queria?— Miri perguntou, um sentimento nauseante começando em seu estômago.

Allie lançou o telefone no sofá ao lado dela. —Aparentemente os McClarens tiveram uma reunião, e querem discutir os resultados com Jace.

Raisa desenrolou seus pés debaixo dela. —Com respeito a que?

—Eles querem discutir a situação de Amendoim.

—Ela não tem uma situação.

O sentimento doente no estômago de Miri cresceu. A lei do bando era absoluta. Os pais tinham direito de lidar com uma criança deformada da maneira que quisessem. Eles podiam aceitá-la, amá-la, ou devolvê-la para a Mãe Natureza. Na ausência de um pai, o bando que aceitasse uma criança teria a



opção de seguir a escolha original dos pais ou fazer uma nova.

Miri puxou uma respiração, segurou até que ela soube que sua voz seria firme, e então respondeu. —Sim. O bando pode decidir que os desejos originais dos pais devem ser seguidos.

—Derek nunca deixaria isso acontecer. — Allie protestou.

—Derek não está aqui, — Raisa assinalou.

—O que acontece então?

Allie e Raisa olharam fixamente para ela enquanto esperaram que respondesse. Elas não iriam gostar do que iria dizer. —Nesse caso, o bando poderia requerer que o conselho tome a decisão, e a maioria decide o veredito.

Uma decisão do conselho poderia ser ruim para Amendoim. Não existia nenhuma dúvida que a pequena menina que Jace tanto amava foi abandonada. Nenhuma dúvida que o Santuário se aproveitou disto, e fez experimentos nela, mudando-a do que ela era, completamente were. Não era culpa de Amendoim que alteraram sua química, mas o fato que não era mais completamente were, seria suficiente para alguns membros quererem fazer cumprir a escolha original dos pais.

—Jace não permitirá que nada aconteça para Amendoim.

—Eu tomarei este momento para assinalar que este complexo está cheio de weres — Allie falou. —Os Johnsons estão em maior número.

—Isso não fará com que os irmãos deixem de proteger Amendoim, se chegar a esse ponto, — Raisa disse, suas garras se estendendo.

Allie não parecia menos feroz. —E guerreando entre nós conseguiremos o que? Nós precisamos de um plano, não uma briga sem sentido. Então—ela olhou para as mulheres—o que vamos fazer?

Isto tudo era sua culpa. —Nós não vamos fazer nada. — Miri caminhou para a janela. —O que eu devia ter feito vem em primeiro lugar.

—E o que seria?

Só uma lasca de luar iluminava o pátio. Era suficiente para sua visão de were enxergar bastante claramente. Jace e Caleb estavam em pé na varanda da cabana. Um grupo de weres se aproximava. Até daqui ela podia ver a tensão nos ombros de Jace, ver o modo como suas mãos estavam abraçadas protetoramente através do corpo do bebê. Ele morreria por Amendoim e não lamentaria isto nem por um momento. Um sussurro passou através dos weres. Aumentou quando Caleb permaneceu ao lado de Jace, pés firmes além da largura dos ombros. Uma coisa que o bando entendia e respeitava, era uma briga até a morte para aquela família. E do modo como Jace estava segurando Amendoim, era claro que ela era da família. Infelizmente para Jace, sem uma fêmea were para falar pela criança, sua reivindicação era nula. —Eu preciso consertar um engano.

Allie surgiu na janela quando Caleb convidou os homens para entrar. —E o que esse engano seria?

Miri dirigiu-se à porta. —Que Jace está sozinho nisso.

Raisa agarrou seu casaco. Allie pegou Joseph e sorriu. —Agora está falando como uma Johnson.



Todo som parou quando as mulheres entraram na sala de estar da pequena cabana. Em todos os lugares que Miri olhava, machos were permaneciam com ombros enquadrados de um modo que dizia que tinham uma opinião e queriam que fosse ouvida. Caleb, Jace, Jared e Slade permaneceram com a mesma determinação. Ela não sabia que os dois últimos estariam aqui, mas entendeu. O que tocava um irmão Johnson tocava todos eles. Eram incrivelmente como uma matilha em seu comportamento. Era sempre confortante perceber isto.

Tobias avançou, bloqueando seu caminho, um sorriso leve em seu rosto. —Isto é uma reunião do conselho.

Allie passou por ele como uma brisa, andando a passos largos pelo grupo como uma rainha que caminha para seu trono, sem se deixar intimidar pelos weres carrancudos ao seu redor. Ela chegou a ir tão longe ao ponto de menear cinco dedos para um ancião were e dar a ele um sorriso insolente.

—Allie...— Caleb advertiu, seu rosto um pouco sério demais, provavelmente para esconder o fantasma de um sorriso no canto de sua boca.

—O que?— Ela pareceu inocente. —Só porque é uma reunião de conselho não significa que eu não posso dizer oi para as pessoas que conheço e gosto.

Caleb pegou sua mão quando ela se aproximou, puxando-a para seu lado e soltando um beijo no topo de sua cabeça. —Odeio te decepcionar, mas significa.

—Tenho certeza que beijar sua esposa em reuniões de conselho não é considerado apropriado, também.

Dessa vez foi Tobias que respondeu. —Quase.

Raisa caminhou pelos homens com a mesma confiança em seu passo que Allie mostrou, o olhar dela sustentando o de seu marido enquanto o amor irradiava entre eles em um arco de energia tão pura que Miri quase podia ver isto. —Todos realmente precisam modernizar suas reuniões,— ela informou aos weres em geral.

—Nós gostamos das coisas da maneira que são,— alguém falou da parte de trás.

Allie deu ao homem um olhar desdenhoso enquanto se recostava contra o tórax do seu marido, o pequeno Joseph aquecido na faixa em seu braço. —As pessoas sempre dizem isso quando é hora de mudar.

Era uma ideia intrigante, que a maior resistência acontecia sempre antes da mudança. Miri examinou Jace de pé entre seus irmãos, preparado para lutar por aquilo que queria. Ele verdadeiramente sempre a quis?

Sim.

A resposta mental não faiscou aquele dardo familiar de medo e negação instintiva dentro dela. Isso era um bom sinal. Talvez estivesse se curando. Talvez pudesse fazer isto.

Um murmúrio de desgosto passou pela multidão, sacudindo acima de sua educação. Como se ecoando a desaprovação, dor chamejou em seu abdômen. Através da sala o olhar de Jace encontrou



o seu. Não com paixão, mas com uma pergunta. Ela não sabia a resposta. Não sabia se tinha alguma força restante. Amendoim choramingou. Esfregando sua grande mão em suas costas minúsculas, Jace a acalmou antes de entregar o bebê para Raisa. O tempo todo ele observava Miri, a pergunta ainda em seus olhos.

Ela se afastou do batente da porta. Se existia uma coisa que aprendeu no ano passado, era que ninguém podia se afastar de sua herança. A realidade era que ela era uma Alfa were fêmea. Ela tinha responsabilidades com seu bando, com os outros lobos ao redor dela, com Jace, e com o bebê que ele segurava em seus braços. O bebê que precisava dela agora tanto quanto seu próprio bebê precisava de alguém que a segurasse. Miri deu um passo em direção a multidão. Encontraria a força para fazer o que precisava ser feito.

Os homens imediatamente se fecharam ao redor dela, fechando o cerco. Ela não se surpreendeu. O instinto faria com que bloqueassem seu acesso a um vampiro, mas aquele reflexo estava totalmente fora de lugar nesta instância. Jace era seu companheiro. A lei do bando não dava a nenhum deles o direito de se interpor entre eles.

Ela rosnou baixo em sua garganta. Uma advertência. No outro lado da multidão, ouviu um — Jesus— e então Caleb precavendo alguém: —Mantenha distância.— Até ela sabia que não iria acontecer. Jace não deixaria nada se colocar entre eles, e os weres eram obrigados a mostrar, pelo menos, uma luta simbólica. Se por nenhuma outra razão além de fazer uma exibição habitual, provar seu valor para deles. Dos rosnados aos sons de punhos encontrando carne, Jace não se importou muito, como de costume. Dois segundos mais tarde, vários machos weres foram lançados para o lado e Jace estava ao lado dela. Seu rosto estava transformado parcialmente e suas presas estavam expostas, e quando a agarrou, suas garras brilhavam fracamente à luz da lâmpada. Ele era um vampiro muito assustador. O were mais próximo a ela rosnou uma advertência. Mas Jace também era seu. Ela colocou sua mão na dele.

Imediatamente ele a puxou para trás dele, empurrando-a para trás, pela multidão, até que alcançaram a lareira e seus irmãos.

Weres despejaram no caminho, fechando-o. Não existia nenhuma retirada agora. Era nós contra eles.—Nós, os were.—Eles, os vampiros. Colocando sua palma no meio das costas de Jace, ela sentiu Jace preparar-se para a matança, seus instintos extenuados.

—Não pode fazer isto, Jace.

Tobias riu.

Ela olhou para ele. —Esse não é um assunto para rir.

—Eu acho que depende de que lado da disputa você está.

—Para trás, Executor.

Jace colocou a si mesmo entre ela e Tobias, todos os músculos tensos para uma briga, sua energia chamejando na multidão, estalando de volta para golpear acima dela antes de chamejar novamente. —O que você está fazendo, princesa?



Ela saiu por detrás dele. —Eu estou consertando as coisas.

—Para mim parece que você está começando as coisas,— Caleb inseriu.

—Merda,— Allie estalou. —Vocês homens já tiveram muito o que dizer sobre isso.

—Isto é um problema do conselho,— um dos anciões disse.

—É um problema de família,— Miri rebateu, sentindo seu antigo fluxo de confiança sobre dela, sentindo a retidão de estar de pé aqui ao lado de Jace se expandir de seu centro.

Ela tomou uma respiração cautelosa e deixou o sentimento se espalhar. Quando encheu cada canto frio, vazio do lado de dentro, ela mordeu seu lábio e levantou a mão. O silêncio caiu na sala. Era agora ou nunca. Com o pulso batendo em suas têmporas, foi em direção a Amendoim, onde ela estava aconchegada nos braços de Raisa. Seus dedos encontraram o ar. Ela estava muito longe. A sala borrou fora de foco. Fechando seus olhos, deu o próximo passo com fé, na esperança que não iria congelar. Sua mão conectou com um cobertor macio. Ela estava tocando-a. Tocando Amendoim.

Por favor, não faça isto também. Não deixe que a salvação de Amendoim me custe Faith.

A frase de Jace—Você conseguiu, princesa— veio para ela em uma linha de orgulho. Ela agitou sua cabeça. Não ainda, ela não conseguiu.

Outra respiração, outra oração.

Por favor, por favor, por favor.

Com a oração desesperada ainda tocando por sua mente, abriu seus olhos, vendo a preocupação e orgulho de Jace, sentindo seu apoio. Não olhando em nenhum lugar além de seus olhos. Mantendo a imagem de Faith firmemente em sua mente, ela anunciou:

—Eu sou Miri D'Nally. Fêmea alfa dos weres Tragallion . E esta é minha filha.— Ela não podia oficialmente nomeá-la Amendoim, chamando-a por esse nome numa reivindicação.

Ela olhou ao redor antes de estender a mão, palma para cima, para Jace. Sem vacilação, Jace colocou sua mão na dela. Ela a trouxe até seus lábios, interceptando seu olhar com o dela, notando como seus olhos chamejavam um fogo azul à medida que ela disse, —Este é meu companheiro, Jace Johnson.— O chamejar saltou para chamas quando ele percebeu o que ela estava fazendo. Sua energia rodou ao redor dela, rica e quente. Ela beijou as costas de seus dedos em um gesto de submissão e aceitação que todos os weres reconheceriam. Ainda segurando seu olhar, ela terminou o ritual. —Todos que desejarem desafiar minha escolha podem avançar.

Pelo canto do olho, Miri viu Jared se afastar da parede e permanecer pronto para a luta.

—Merda. Não gosto do som disto.

Jace trocou seu aperto para a parte de trás de seu pescoço. Seus dedos pressionaram delicadamente, inclinando sua cabeça para trás. Ele abaixou a cabeça, sua sombra bloqueando a luz mas não sua satisfação enquanto dizia, um pouco antes que seus lábios se encontrassem,—eu aceito.



—Para uma were que se orgulha de seu controle, você certamente tem temperamento.

Não que Jace estivesse reclamando. Ele gostou quando Miri mostrou seu temperamento. Jace observou enquanto Miri agarrava o gelo do refrigerador e esvaziava na toalha. Um resíduo de raiva reverberou no modo que bateu o gelo no balcão para quebrá-lo em pequenos pedaços.

—Não tinham nenhum direito de atacar você.

—Era um desafio. Você os convidou.

—Tudo que tinham a fazer era oferecer uma luta simbólica e a tradição seria honrada.

—Princesa, não é uma mulher para inspirar qualquer coisa simbólica.

Ela trouxe a toalha. Jace quis beijar a carranca em seu rosto enquanto ela apertava a toalha em seu rosto contundido.

—Ainda que tivessem derrotado você, não ganhariam nada com isso.

—Ganhariam você.

—Não, não ganhariam.— Ela tocou o corte debaixo de seu olho. —Tobias não precisava bater tão forte em você.

Ele colocou a mão sobre a dela, apertando a compressa em seu rosto. —É por isso que foi toda Alfa para cima deles?

O modo como ela ainda ia contra ele fez Jace perguntar-se se ela pensava que ele achava que isso era uma coisa ruim.

—Eu não fui educada para ser submissa.

Ele movimentou a cabeça. —Só obediente. Interessante dicotomia.

Ela muito suavemente colocou a compressa de gelo em sua mandíbula. —É meu trabalho equilibrar a lei do bando.

—E aquele golpe que deu em Tobias? Aquele criava equilíbrio?

—Sim.

Ninguém ficou mais surpreso que ele quando ela avançou na pilha de weres em cima dele. Rosnando e cortando, repelindo-os com a força de sua fúria.

Com as pontas de seus dedos roçou os pelos de sua sobrancelha. —Você podia ter se machucado.

Seus olhos arderam. —Eles estavam machucando você!

—Eu estava lidando com eles do meu jeito.— Na verdade se ela não tivesse saltado direto na luta então, fazendo impossível que ele lançasse alguns weres para fora, ele teria chutado alguns traseiros seriamente. —Não que eu não tenha apreciado, mas entrar na briga como entrou, colocou um freio em meu momento de brilhar.

—Você está brilhando muito bem,— ela disse, movendo a compressa de gelo para seu olho roxo.



Ele pegou sua mão, tomou a compressa e colocou no balcão.

—O gelo não funciona tão bem como beijos,— ele explicou quando ela lhe deu um olhar interrogativo.

—Quer que eu o beije para que melhore?

Ele a arrastou para seu colo. —Sim.

Seus braços rodearam seu pescoço. —Este é um tipo de processo curativo de vampiros?

Ele mudou um pouco a posição de suas pernas para lhe dar um ângulo melhor. —Muito secreto, conhecido somente por mim.

A raiva deixou seus olhos para ser substituída por uma faísca de humor. O toque dos lábios dela na parte inferior de seu queixo era uma bênção de esperança.

—Então a qualquer hora que eu encontrar um vampiro ferido, devo beijá-lo para curá-lo?

Apesar de saber que ela só estava provocando, seu vampiro estalou. Ele sentiu sua alegria interna pela onda possessiva. Ela era were. Gostava desse tipo de exhibições. —Só funciona comigo.

Aqueles lábios mais que suaves roçaram a linha de sua mandíbula. —Ah.

Ele levantou a cabeça para dar a ela um acesso melhor ao seu pescoço. —O que *ah* quer dizer?

—Quer dizer que entendo.— As extremidades afiadas de seus caninos acharam a coluna de seu pescoço e viajaram para baixo. Seu coração sofreu um espasmo e então decolou em uma corrida de otimismo. Sua pele sensibilizada, as terminações nervosas por baixo da pele, doloridas em antecipação de sua mordida. De sua marca.

No outro quarto, Amendoim chorou.

Merda!

Miri se debruçou contra ele. Seus ombros se agitaram. Sua respiração bateu na pele dele em lufadas divertidas. —Ela só está sozinha.

—Ela tem uma péssima noção de tempo.

—Ela quer seu papai.

Ele bateu a ponta do dedo em seu rosto. —Seu papai quer sua mamãe.

Seus olhos se dilataram diante da declaração contundente. Sua pulsação aumentou. Ele acariciou o polegar através de seu lábio inferior. Ela ainda tinha um caminho a percorrer até que alcançasse seu nível de desejo, mas ele a deixava ofegante.

—Eu não ofego.

Ele sorriu. —Pegou isto, não é?

—Sim.— Ela saiu de seu colo. Amendoim chorou mais alto. —Não foi apreciado.

—Eu trabalharei em minhas aspirações.— Ele dobrou seus pés debaixo dele, preparando para se levantar. Miri colocou a mão no meio de seu tórax, mantendo-o parado. Seus dedos deslizaram entre os botões, correndo através de sua pele em um toque de fogo. —Eu a pegarei.

—Tem certeza?— Além daquele leve toque na reunião improvisada do conselho, ela não tocara Amendoim. O que quer que tivesse acontecido mais cedo, devolveu um pouco mais da mulher que



ele lembrava. Colocar em perigo aquela recuperação não era uma opção. —Positivo.

Apesar de toda a confiança da declaração, existia a mais simples hesitação quando ela alcançou o arco que levava ao segundo quarto.

—Você não precisa provar nada para mim, Miri.

Ela olhou por sobre o ombro. —Mas eu tenho muito a provar para mim mesma.

Ele não soube o que dizer diante disso.

Mentalmente esquadrinhando seu progresso pelos quartos, ele sentiu e também a ouviu parar antes de alcançar o berço provisório do bebê. —Ei, Amendoim.

Amendoim chorou mais alto. Ela não se moveu adiante. Seu medo era tão palpável quanto sua esperança. Ele deslizou sob seus pés. Nos três segundos que demorou para chegar até ela, não viu qualquer resolução para seu dilema. Quando ele chegou ao seu lado, ela disse, —eu tenho medo de tentar.

Ele envolveu o braço ao redor de sua cintura. —Eu sei.— Olhou para o berço e para o bebê com o rosto avermelhado. —Ei, Amendoim. Alguém já disse que tem uma péssima noção de tempo?

Amaldiçoado fosse se Amendoim não deu a ele um sorriso lacrimejante.

—Você viu isto?

A risada de Miri era tão fraca quanto o sorriso de Amendoim. —Eu vi.

—A pestinha está nos enganando.

Ela não fez nenhum movimento adiante. —Eu acho que ela só está muito feliz por ser uma Johnson.

A declaração abriu uma porta pela qual ele desejava espionar. —E que tal você? Está feliz por ser uma Johnson?

Suas mãos tocaram a dele, pressionando-as em seu estômago. Ele podia sentir a náusea crescendo e a dor ameaçando logo atrás. O deixava louco que ela sofresse em lugar de tomar seu sangue.

—Desistir de minha matilha foi a coisa mais difícil que eu já fiz.

—Eu sei disso.

—Mas eu estou começando a entender que não desisti da minha matilha quando acasalei com você. Eu apenas me mudei para uma nova.

Ele enviou energia para dentro dela, mascarando seu desconforto enquanto fingia afronta para distraí-la do que ele estava fazendo. —Você está me chamando de werewolf, mulher?

Seus dedos deslizaram pelos dele, dobrando-se em suas palmas, apertando ligeiramente. —Você e seus irmãos pensam tanto como uma matilha, que eu às vezes me esqueço que você não é.

Ele fez uma cara para Amendoim, que olhou fixamente para a contorção estranha, fascinada. Fez com que ela parasse de chorar, que era seu objetivo. —Eu acho que fui insultado.

—Você sabe que não foi, então não tente me distrair com uma falsa afronta.

—Maldição, você é muito rápida para mim.



—E não esqueça isto.— Ela deu um passo em direção ao bebê. O instinto de Jace era pegá-la de volta. Ele forçou a si mesmo a deixá-la ir.

Ela ficou lá um segundo, o coração disparado. O seu corria direto ao lado do dela. Ele queria tanto isso para ela. Ela se curvou. Alcançou. Parou de respirar.

Ele também. *Não chore agora, Amendoim.*

Amendoim olhou fixamente para Miri, mas não se contraiu ou fez estardalhaço quando Miri deslizou suas mãos debaixo de seu corpo minúsculo e a pegou no colo.

Miri simplesmente ficou lá, segurando Amendoim a meio caminho de abraçá-la, suas costelas elevadas com a tensão do que estava fazendo. —Rápido, diga-me que isto não significa que eu nunca mais conseguirei Faith de volta, que eu não estou condenando-a à morte.

Ah, inferno, isso era o que ela pensava? Ele envolveu seus braços ao redor de seu peito e soltou sua bochecha contra a dela, umedecida pelas lágrimas. Sua pele, áspera pela barba, deslizou por sua bochecha lisa. —Você não está matando Faith, princesa. Faith voltará para casa. Deixar você dar a Amendoim o que ela precisa, só lançará um bom karma lá fora para Faith pegar.

—Karma?

—Ei, eu não tenho sido um recluso total nos últimos séculos.

Ela ainda não se moveu. Ele podia sentir o desconforto em seus músculos, em sua mente. Amendoim, incomodada com a posição, começou a fazer beicinho.

O apelo veio no mais desprotegidos dos sussurros. —Ajude-me, Jace.

Ele daria a sua alma se ela precisasse disto. Comparativamente, colocar suas mãos debaixo das delas e fornecer o poder de seus músculos para abraçar Amendoim contra seu peito era mamão com açúcar.

Assim que o bebê se reclinou contra seu peito, sua respiração saiu em um suave —Oh.

—O que?

Ela balançou a cabeça. Embalou a cabeça de Amendoim em sua palma e a pressionou contra sua garganta. Girou para olhar para ele. As lágrimas estavam fluindo por seu rosto, e o mais pungente dos sorrisos preenchia sua expressão. —Isso é simplesmente tão bom.

As emoções despejavam dela para ele, em ondas tão entrelaçadas que era difícil identificá-las, mas quando o fez, as predominantes eram o amor e o júbilo.

Seu coração trançado se retorceu em seu peito. —Sim, é.

Uma hora mais tarde, com o amanhecer rastejando pela janela e Amendoim esperançosamente deitada em um sono profundo, Jace se sentou na extremidade da cama e escutou os barulhos de Miri no banheiro. O ar úmido do chuveiro fluía por debaixo da porta, perfumado com os odores de flores silvestres e alecrim. Adorava o cheiro que ela tinha. Recostou-se contra a cabeceira e apreciou a intimidade do momento e a satisfação de saber que a mulher do outro lado era sua esposa, que quando despertasse ao anoitecer, mais que uma memória estaria ao lado dele.



Ele fechou seus olhos. Finalmente.

A água foi desligada. Jace imaginou Miri parada no outro lado da porta, hesitando, lambendo seus lábios nervosamente. Do jeito que fizera em sua primeira vez. Ele abriu as pálpebras. Não iria cometer o mesmo engano que cometera da outra vez, entretanto. Se ficasse muito tempo com seus próprios pensamentos, Miri poderia se entregar a uma comoção autodestrutiva.

A maçaneta girou. Aparentemente Miri aprendeu algumas coisas, também.

Ele abriu seus olhos por todo o caminho. A porta se abriu lentamente, derramando luz amarela nas sombras. Ele se sentou, o desejo pulsando com a batida pesada de seu coração. Ela estava de pé, as mãos acariciando o tecido diáfano que mal cobria suas coxas. —Oi.

—Oi, para você também.

Ela não moveu.

—Algum problema?

Ela lambeu seus lábios. —Não.

—Eu ouço um ‘mas.’— Ele balançou suas pernas fora da cama. Ela saltou. —Você estava pensando, Miri.

—Só um pouco.

—Algum ângulo em particular?— Quando chegou perto o suficiente, estendeu sua mão, a palma para cima. Ela colocou a sua sobre a dele. Muito menor que a sua. Muito mais frágil—ele esfregou seu polegar através da parte de trás—e ainda assim possuía tanta força. Ele a trouxe para si com um movimento lento, dando tempo a ela para resistir. Ela não resistiu. Simplesmente fluiu em seu abraço, esperando até que ele a tivesse firme em seus braços antes de confessar.

—E se não for do mesmo jeito?

Ele colocou as mãos em seu cabelo úmido, puxando sua cabeça para trás. —Meu amor, toda vez que estou com você é único.

Seu olhar evitou o dele. —Eu não sou mais bonita.

Ele beijou a cicatriz em sua bochecha direita. —Você realmente pensou muito.

—Foi um banho demorado.

—Não foi tão longo.— Ele desviou sua atenção para a cicatriz em sua bochecha esquerda, dando a ela o mesmo cuidado especial.

—Nunca existiu, nem jamais existirá, nada mais bonito no mundo para mim do que este rosto.— Ele beijou sua boca, sentindo-a tremer. —Nada que possa soar mais perfeito que o som de sua voz.—Virou-a e a derrubou sobre a cama, deitando em cima dela, sustentando seu próprio peso em seus cotovelos. —E nenhuma sensação que possa ser melhor do que este corpo contra o meu.

Seus braços envolveram seu pescoço. —Você tem certeza?

—Nunca estive mais certo. E para provar isto, eu aceito sua reivindicação.

—Que reivindicação?

—A que fez no andar de baixo.



Ela piscou. —Eu estava tirando você dos problemas!

—Hum hum. Você me reivindicou.— Ele deslizou os dedos sobre seu braço, provocando sua pele sensível com suas unhas, não parando até que alcançou suas mãos, assim poderia entrelaçar seus dedos entre os dela. —Talvez não de acordo com a política do bando e talvez não de uma maneira que o bando possa formalizar, mas me reivindicou, e agora está presa a mim.

—Eu sinto muito. Isso não foi justo com você.

—Você me ouviu reclamando?

—Você deveria. Eu ainda estou em uma confusão interna Jace.

Ela disse isto como se fosse um segredo. Ele trouxe sua mão direita ao redor de seu pescoço. —Mas você é minha bagunça.

Ele trouxe a mão esquerda dessa vez, pausando com os dedos em seu pulso, e ela disse, —Você deveria me rejeitar.

—E por que eu iria querer fazer isto? Quando se ajusta tão bem a mim?

Empurrou seu cabelo para fora de seu rosto, correndo a parte de trás de seus dedos por sua bochecha, maravilhado com a suavidade de sua pele, sentindo o cume da cicatriz. Seu lábio inferior deslizou entre os dentes. Ele sentiu o roçar de sua energia e, imediatamente, sua retirada. —Converse comigo, Miri.

—Sobre o que?

—Sobre a real preocupação que está ruminando.

—E se eu não estiver pronta para conversar?

—Você precisa, de qualquer maneira. Se não consegue achar as palavras, então eu a ajudarei. E se não estiver pronta, então dirá a mim e trabalharemos ao redor isto. O que não pode fazer é manter isso tudo dentro de você e esconder, porque isto não é algo que qualquer um de nós possa fugir.

Ela olhou fixamente para ele, as sombras em seus olhos se multiplicando, mas não obscurecendo o vislumbre de esperança que aparecia nas extremidades. Seus dedos se enrolaram em punhos ao lado de sua cabeça. Ele colocou as mãos sobre as dela, soltando seus dedos um por um. O odor do xampu que ela usou em seu cabelo provocava seus sentidos, flores silvestres e Miri. Uma combinação indelevelmente gravada em sua mente. Miri nua e deitada ao luar, o alcançando com sua mente e seu corpo, oferecendo-lhe o lar que sempre procurou, sem temer.

—Lembra de nossa primeira vez, princesa?

—Sim.

—Você não hesitou. Você se abriu para mim muito docemente.

Ele beijou sua bochecha, seu nariz, seus cílios, sorrindo quando tremularam.

—Você estava deitada no meio das margaridas e dentes-de-leão, aceitou-me com todos os meus defeitos.

—Você não tem nenhum defeito.

—Se você não fosse imortal, teria que se preocupar sobre ir para inferno por essa mentira.



Estou longe de ser perfeito.

—Você era perfeito para mim.

—Você tem certeza que sim, mas a verdade é, tinha muito mais para temer de mim naquela época do que tem agora. Naquela época, eu era um vampiro desconhecido cobiçando seu corpo jovem e atraente.— Os cantos de seu lábios tremeram. —Eu estava com a intenção de percorrer meu caminho malvado com você.

—Eu lembro.

Ele desabotoou a confecção cintilante que mantinha seus seios longe do peito dele. —Eu pretendia que estivesse completamente seduzida pela manhã.

Seus olhos se abriram. Seu sorriso floresceu. Aquele sorriso magnífico que roubou sua alma na primeira vez que o viu. —Eu estava.

Abriu o tecido, expondo as curvas doces de seu peito. —Quando reivindiquei você naquele dia, era para sempre, para mim.

Deslizou sua mão, procurando medo em sua expressão. Não existia nenhum.

Ela arqueou seu seio contra sua palma, enchendo sua mão com a promessa que ela deu a ele naquela primeira noite. —Eu sei.

—Não, você não sabia. Você pensou que “para sempre”, para mim, duraria somente enquanto eu desejasse você, mas eu estava disposto a trabalhar nisto, persuadindo-a a acreditar em mim.

—Entretanto você teve que partir.

—Temporariamente. Mas para você significou que estava terminado. Pensou que eu a abandonei. Eu sinto muito por não ter entendido isto.— Um roçar de seus lábios acima da borda de suas maçãs do rosto. —Sinto muito.

—Eu sinto muito, também.

—Bom.

—Jace?

—O que?

—O que é diferente agora?

—Ah, agora.— Ele apoiou seu seio nas mãos, admirando o montículo suave e generoso debaixo da camisola de seda, o modo que a ponta mais escura fazia o menor dos cumes. Seria necessário muito pouco esforço para imergir sua cabeça e tomar aquele cume suave em sua boca, lavá-lo com sua língua, beliscar aquela dureza delicada do jeito que sempre a fazia gemer em êxtase.

Ele teve que enfocar no que queria dizer para conseguir as palavras. —Agora você sabe que não existe nenhum perigo. Agora você conhece o tipo de homem que eu sou, o tipo de amante que sou. Você sabe que eu sou do tipo que permanece. E sabe que sou seguro.

Ela piscou. —Seguro?

Seu ceticismo fez maravilhas para seu ego.

—Completamente.



Ela se mexeu e a camisola se esticou.

—Onde conseguiu esta pequena camisola sensual?

—Allie.— Ela se retorceu debaixo dele, olhando como seu polegar passava por cima de seu mamilo. Ele esqueceu como ela gostava de olhar. A lacuna em sua memória o aborreceu. O que mais esqueceu? O decote deslizou para o lado, expondo seu seio com sua ponta cor de pêssego. O mamilo estava semi duro, exigindo sua atenção.

Ele se debruçou. —Eu terei que agradecê-la.

Sua cabeça se levantou tão rápido, que ela quase rachou sua mandíbula. —Não ouse!

Ele riu quando ela caiu de volta sobre o colchão. —Eu tenho certeza que ela sabia o que aconteceria quando você vestisse isto.

—Eu não me importo. Prometa que não dirá nada.

Como não queria que ela se distraísse pela preocupação, prometeu.

Outra torção expôs mais pele suavemente amanteigada. Seu seio se moveu em sua direção. Ele aceitou o convite, curvando a cabeça e tomando aquela ponta doce em sua boca. O gosto dela se espalhou através de sua língua. Sabão e Miri. Ele fechou os olhos, imprimindo esse cheiro novamente em seus sentidos, deixando afundar em seu centro em um fluxo de prazer que ansiou por muito tempo. Ele ficou tanto tempo sem ela. Precisava dela desesperadamente. —Eu amo o gosto que você tem.

Ela arqueou sua energia, ondeando por ele em uma erótica tentação.

Jace.

Somente Miri dizia seu nome assim, como se o paraíso estivesse em suas mãos e ela esperasse que ele o entregasse para ela. Levantou a cabeça para ver seu rosto. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. —Ei, a conversa doce não deveria fazer você chorar.

Ela secou as lágrimas com a parte de trás de sua mão e fungou. —Eu acho que está sem sorte.

Ele se levantou, trazendo-a com ele. Suas pernas foram instintivamente ao redor de sua cintura. Ele girou, sentando no colchão. Deixou que ela se apoiasse com os braços ao redor de seu pescoço enquanto passava as mãos pelas trilhas úmidas em suas bochechas. —Porque isso era tão difícil?

Ela balançou a cabeça. Seu cabelo se movimentou pelas coxas dele. Ele pegou um punhado e os colocou sobre seus próprios ombros, vinculando-os, seguindo o caminho de volta até que pudesse enrolar seus dedos ao redor de sua nuca.

—Porque eu pisquei e você não foi embora. Você é real.

Ele se sentia do mesmo modo. A alegria por ela estar aqui, o pânico prolongado que esse fosse só outro sonho do qual acordaria, seu nome um eco de esperança desesperada em sua cabeça. Levantou seu rosto para o lado com uma pressão de seu polegar, deslizando seus lábios acima de sua bochecha até o doce ponto atrás de sua orelha, aquele que se beijasse, enviaria arrepios para cima e para baixo em seus braços. —Muito real. Quer que mostre o quanto?

Ela inclinou sua cabeça, dando a ele um acesso mais fácil. —Sim.



Ele tinha muito prazer em obedecer. Seguindo o desejo que se movia quente e rico por seu sangue, tocou o lugar com sua língua, seu prazer se tornando o dele quando ela se arrepiou. Sorriu contra sua pele. —É bom saber que algumas coisas não mudaram.

Suas mãos em concha envolveram sua cabeça, segurando-o para ela, oferecendo-se para ele. — Sim, é.

A paixão contra a qual ele lutou rugiu adiante, rasgando seu controle, à solta com suas boas intenções. Respirou para se controlar. —Princesa, dizer coisas assim para mim agora é um inferno em meu controle.

A língua dela tocou o canto de sua boca. Relâmpagos de sensação, se atiraram por sua espinha antes de se reunirem na base em uma urgência quente e dolorida. —Então, quem quer que você se controle?

—Você quer, porque quero você demais para tentar te enganar,— ele disse com voz estridente.

—Quem está pedindo que me engane?

—Eu estou há muito tempo faminto e sofrendo.

Ele girou sua cabeça para que a suavidade de seus lábios encontrassem a dureza dos dele, então sua respiração se misturou com a dela, suas energias se mesclaram. —E a única coisa que não quero nunca ser, é a próxima coisa que machucará você.

—Você não pode me machucar. Não você.

Ela golpeou a língua dele com a sua. Ele estremeceu, incapaz de controlar sua resposta. Ele queria aquela pequena língua quente lambendo todo o seu corpo. —Eu podia perder minha cabeça, tomar você muito rudemente.

Ela colocou as mãos em seus ombros, ficando rapidamente de joelhos antes de empurrá-lo para trás. —Existe só uma maneira de descobrir.

Ele recebeu seu peso alegremente, empurrando quando ela pressionava, ancorando-a com as mãos em seus quadris. —Eu estava pensando em conversar sobre isto.

—Você disse que se eu não estivesse pronta, você me ajudaria.

—Eu disse. Precisa de ajuda?

Ela estirou seu torso junto do dele, tomou o lóbulo de sua orelha entre seus dentes, e mordiscou. —Sim.

Seu aperto tremeu em seus quadris. Ela riu da perda de controle, as exalações suaves atijando a corrida de fogo através de sua pele.

—O que sugere?— Ele perguntou quando conseguiu encontrar sua voz.

—Eu estava esperando que fizesse amor comigo.

Ele rolou para que ela ficasse embaixo dele. Um pouco rápido, se sua momentânea desorientação fosse qualquer coisa para se considerar.

Ele sorriu para ela. —Estava?

Suas palmas tocaram seu tórax, seus polegares tocando seus mamilos.



—Eu estava pensando nisto.

Seu olhar prendeu o dele, enquanto ela beliscava seus mamilos. Sua respiração sibilou quando seu pênis empurrou em suas calças. Ele a estudou enquanto estava deitada embaixo dele, o fino arco de suas sobrancelhas acima do morno marrom-dourado de seus olhos, a linha elegante de seu nariz acima da perfeição luxuriante de seus lábios, e aquele queixo teimoso. Traçou as linhas de suas maçãs do rosto, apreciando a suavidade de sua pele, tão realçadas pelos tons de pêssegos e nata de sua aparência. Para ele, não existia nada mais perfeito que o modo que suas características se reuniram em um forma corajosamente feminina que combinava força incrível com incrível vulnerabilidade. Ela era tão linda.

Ele agarrou sua mão e a trouxe até seus lábios, pressionando um beijo em sua palma. Encontrou seu olhar. —Mantenha esse pensamento.

Sua língua correu por seus lábios. —E se eu não quiser?

—Você não tem escolha.— Ele podia sentir a dor crescendo dentro dela novamente, podia sentir a debilidade provocada pelo desequilíbrio de um acasalamento não completo. —Existe algo que precisamos fazer primeiro.

—O que seria?

Ele correu a unha através de seu tórax. O sangue fluiu, o odor subindo entre eles. Suas narinas chamejaram. E sua fome também. —Você precisa se alimentar.

Ela agitou sua cabeça. —Eu estou bem.

Ela estava longe de estar bem. Ele capturou uma gota de sangue na ponta do dedo e espalhou em seus lábios. —Eu não posso mais ver você sofrer, princesa.— Era o mais próximo que poderia chegar de uma desculpa. Suas pupilas chamejaram quando o gosto deslizou por seus lábios. —Além disso, nós temos uma noite longa à nossa frente.— Seu olhar vagou por seus seios, com seus mamilos duros e suavidade cremosa. —E vai precisar estar totalmente forte se planeja continuar.

Ao longo da noite.

Palavras idênticas as que ouviu no passado. As memórias assustadoras e sombrias, enterradas dentro das sílabas arranharam para sair, batendo em seu controle. Ela respirou, segurou, contando até três, e então soltou. Esse era Jace em cima dela—forte, indomável Jace, com seus olhos sorridentes, o temperamento irritadiço, e o toque incrível. Jace, que inspirava sua fome. Uma fome natural, não a imitação pervertida que o Santuário tentava fabricar na esperança que isso a ajudaria a conceber.

A mão dele atrás de sua cabeça trouxe seu rosto para seu tórax. —Você tem que se alimentar, Miri. Precisa estar forte.

Ela tomou uma respiração, deixando seu odor se afundar profundamente. Não deixaria as memórias a roubarem dele. Encontrando seu olhar, deu a ele o sorriso—aquele de muito tempo atrás, o que ela praticou no espelho quando sonhava com um pretendente que iria se vincular a ela. O



sorriso que aperfeiçoou ao ponto de ser tornar ardente, quente e picante. Certamente o excitaria muito.

Sua recompensa foi uma piscadela de seus olhos magníficos, e então um sorriso lento.

—Você teve uma amostra, meu amor, e eu vou levá-la nesse convite.— A pressão de seu aperto coincidiu com o abaixar de sua cabeça. Não conseguia desviar o olhar de seus olhos. Eram castanhos, então azuis, e então iluminados com fogos que dançavam em padrões intrigantes. O roçar de seus lábios como uma pétala suave, a divisão um convite aberto para além da paixão. Queria aquela paixão, queria os segredos que lia em seus olhos, que sentia dentro de si. Aceitou seu beijo, enquanto ele tomava seu controle, em incrementos lentos, deixando a surpresa desvendar em uma persuasão lenta e preguiçosa. O ajuste sutilmente familiar de seus dedos dirigindo sua boca para baixo, acima da coluna de sua garganta, através do cume de sua clavícula, e acima do liso feixe de músculos, substituindo o gosto de seu beijo com o sabor potente de seu sangue. Encantada, seguiu a atração mental, sucumbindo ao desejo de beber, gemendo alto quando suas células explodiram com felicidade enquanto o fluido tonificante deslizava sobre sua língua.

Os dedos de Jace acariciaram seu seio, preparando-a para seu toque, fazendo-a esperar por ele até que a antecipação a deixou gemendo, sua risada correndo por seus ouvidos quando ela se abriu para ele, mente, corpo e alma, aceitando sua paixão como dela, dando sua paixão para ele, entrelaçando-os com desejo. Seu nome ecoou em sua mente, caiu de seus lábios. —Jace.

—Estou bem aqui.

—Eu preciso de você,—sussurrou contra seu peito, sua fome de sangue se enfraquecendo para ser substituída por outra. Seus dedos envolveram seus seios, sustentando-os para seu toque. Seu polegar beliscou a ponta em uma culminação minúscula. Ela ofegou contra seu peito, energia quente e ofegante surgindo dentro dela, procurando por uma saída. —Eu preciso de você.

Jace a puxou em direção ao poder de seu beijo. —Você não está pronta.

—Eu não me importo.— Miri observou indefesa, enquanto ele selava o ferimento em seu peito. Ela lambeu seus lábios onde seu gosto permanecia. —Eu só quero você.

—Você me terá. Cada polegada de mim.— Ele sugou mais prazer de seu peito, mais fogo para sua carne, mais necessidade para seu âmago. —Mas vou explorar você primeiro, me reacostumar com todos os toques em todos os lugares que fazem você gritar.

Ela envolveu as pernas ao redor sua cintura e com a mão livre puxou sua calça jeans enquanto se pressionava para cima. Sua ereção se jogou contra sua carne sensível. —Não.

Ele se afastou, seus olhos iluminados com chamas mais azuis que castanhas, presos aos dela. Suas presas brilhavam de tão brancas. Seu pescoço formigou. Ela queria sentir sua mordida.

—Não?

Podia senti-lo se agitando, sentir a película de suor em sua pele. Ele precisava dela. —Desta vez, rápido,— ela respirou. —Da próxima vez, explorações.

—Não me tente.



Ela arqueou seus seios em direção ao peito dele —Por que não?

Ele não tinha uma resposta pronta. Ela mordiscou em seu lábio superior, passando as unhas por seu peito em um padrão sinuoso que o deixou arqueando como um gato selvagem em direção ao seu toque.

Sua resposta, quando veio, foi exprimida em um grunhido. —Porque isto é para você.

Ela envolveu suas bochechas em suas mãos, amando as chamas nas extremidades das íris em seus lindos olhos, amando saber que queimavam para ela, só para ela. Adorava que ele se preocupasse com ela.

—No ano passado, Jace, pessoas usaram meu corpo de todas as maneiras, para todos os tipos de coisas, nenhuma dos quais eu queria.

Ele beijou a parte interna de seu pulso, o desgosto em seus olhos. —Maldição, amor.

Ela não o queria triste.

—Eu não acho que posso ficar nem mais um minuto com aquelas memórias em minha cabeça. Não agora, quando posso ter a coisa real. Por favor, não pode esquecer, só por essa noite, e fazer amor comigo do jeito que faria se voltasse como planejou, e eu estivesse lá esperando?

—Miri...

Ela não o queria cauteloso, também.

—Eu sempre imaginei que faríamos amor rapidamente porque estaríamos tão famintos um pelo outro, como o encontro de um trovão com um raio de tempestade. Selvagem, louco.

—Miri?

—O que?

Sua fronte encostou na dela. O riso agitou seus ombros. —Você ganhou.

Colocou a mão entre eles. Houve um o som de zíper deslizando e dois segundos mais tarde ela sentiu seu pênis contra ela—duro, quente, grande, e pronto. —Oh, Deus.

—Espere.

Ela esperou, agarrando seus ombros, suas unhas afundando nos músculos espessos com a mesma pressão fixa com que ele fundiu seus corpos. Sua vagina se estirou, floresceu.

Ele pausou, lhe dando um minuto para se ajustar, enquanto seus olhos queimavam sobre ela, a desafiando.

Ele pensou que ela não estava pronta para isto?

Ela prendeu seu olhar, afundando os calcanhares no colchão, empurrando, tomando-o em um deslizamento suave, ofegando enquanto o prazer em chamas detonava em algo mais.

Jace. Afinal, Jace.

Ela manteve seus olhos abertos, trancando sua mente na dele, enquanto o desejo explodia por ela, gritando quando o êxtase assumiu o comando, alcançando, refletindo de volta, seu prazer se tornando o dele, ligando-os em um turbilhão de satisfação que gritava somente uma coisa.

Acasalada!



Capítulo 15

Os McClarens desafiaram Jace por quatro dias e ela teve o suficiente disto. Miri permaneceu na cozinha esperando que a mamadeira de Amendoim aquecesse e olhou para Tobias, que se recostou na entrada. —Quando vão aceitar que ele não irá embora?

—Provavelmente quando ele parar de ganhar,— Tobias respondeu, se afastando do batente da porta.

—Isso não faz sentido.

Ele encolheu os ombros. —Eles são weres, e têm algo para provar. Não precisam fazer sentido.

Ela quis golpeá-lo na cabeça com uma panela. —Você é um Executor. Você pode fazer qualquer um fazer qualquer coisa.

—É isso que dizem.

Ela rolou seus olhos. O nervosismo aumentou. —Que sorte a minha, um Executor sem músculos.

Todo o insulto só o fez estremecer em uma risada. —Como seu marido assinalou, existem regras.

—Você não parece o tipo que se preocupa com regras.— Ela pegou a mamadeira para experimentar. Amendoim alcançou a panela. Ela puxou-a para trás, deixando cair a mamadeira e espirrando água quente em seu braço.

—Droga!

Tobias virou seu braço e alisou o polegar acima da pequena queimadura. A ardência desapareceu. —E pode relaxar.— Seu olhar encontrou o dela. —Eventualmente perceberão que isto não está progredindo e que terão que apresentar outra solução.

—Enquanto isso atacam Jace. Isto é tão confortante.

—Você viu o McClarens?— O movimento de suas sobrancelhas e a contração de seus lábios demonstravam sua diversão. —Eu acho que ele está lidando bem com isso, do seu próprio jeito.

Ela não tinha nada a dizer sobre isso. Jace estava lidando do seu jeito. Só estava cansada de vê-lo com hematomas. Miri esperou que Tobias a lembrasse que ela podia pôr fim a isto com uma pequena mordida especial. Ele não fez. Simplesmente fez cócegas debaixo do pequeno queixo de Amendoim e disse, —eu ouvi você dando um nome a ela.

Ela estava grata pela diplomacia. Não achava que poderia explicar o pânico misturado com desejo que o pensamento de marcar Jace inspirou. —Sim. Penny.

—Tentando algo parecido com Amendoim, hein?

Não que ela quisesse admitir. —Eu acho que o nome lhe cai bem.



Penny começou a fazer manha. Miri a balançou, distraíndo-a de sua fome com a excitação do movimento. Ela desejou que fosse tão fácil se distrair. Esteve inquieta o dia todo, seu sangue parecendo correr mais quente, seu temperamento mais perto da borda, e as mordidas de amor que Jace espalhou por seu corpo na noite passada arrepiando-a com uma excitação que não podia afastar. Alimentar-se de Jace não só a fez mais forte, mas também a mudou. Só não sabia como.

—Bem, não podem desafiá-lo agora. Então se estiver trazendo um desafio, simplesmente dê meia volta e leve-o para fora de minha porta. Ele ainda não teve a oportunidade de se curar da última vez.

Tobias estendeu as mãos para o bebê. —Eu não penso que isto seja da sua conta.

—Eu estou fazendo que seja.

Miri lhe entregou Penny e assistiu o milagre do Executor mortal se transformar em homem afetuoso bem na frente de seus olhos. Acontecia todas as vezes que ele segurava a pequena menina, e todas as vezes, era como assistir um pequeno milagre. Dessa vez não foi diferente. Quando a balançou acima de sua cabeça, as linhas severas do rosto de Tobias se derreteram em um sorriso gentil.

—Penny⁵ é um bom nome para você, pequenina.— Ele a balançou para frente e para trás. —Você é certamente tão brilhante e reluzente quanto uma moeda nova.

Ele trouxe o bebê para baixo e a colocou contra seu lado. Penny se arraigou ao seu redor e então agarrou-se ao colarinho de seu casaco de couro. Tobias não puxou o material para longe dela, só deu leves tapinhas em suas costas, enquanto levantava uma sobrancelha diante do olhar fixo de Miri.

—Executores são seres humanos, sabe.

Ela não percebeu que era tão óbvia. —Você pode ler mentes?

O lado direito de sua boca se levantou. —Não preciso me esforçar muito, quando o que você está pensando está tão claro em seu rosto.

Aquilo não era exatamente uma negação da habilidade de ler mentes.

Ela suspirou. —Jace diz a mesma coisa.

—Não é uma coisa ruim.

—Também não é uma coisa boa.

Especialmente quando as pessoas estavam tentando conseguir informações dela. O que parecia ser o que todo mundo estava tentando fazer nos últimos dias—de Allie tentando ter certeza se ela estava bem até Tobias tentando ver... Ela olhou para o were. Não sabia o que ele queria saber, mas estava procurando por alguma coisa.

Desligou o gás debaixo da panela de água, um sentimento de inadequação que veio sobre ela sem saber de onde. A chama apagou com um sopro que ecoava seu aborrecimento. A única que parecia pensar era que não fez seu melhor enquanto estava encarcerada pelo Santuário. Enquanto

⁵ Nota da tradutora: A autora se refere à moeda de um centavo de dólar.



todos a elogiavam por ter resistido, não podia evitar uma sensação de fracasso. Que de alguma maneira deveria ter sido mais forte, encontrado uma maneira de fugir, uma solução melhor para o problema de como salvar Faith. Que era sua culpa se Faith não estava aqui agora, sendo mimada por seu pai e todos os outros homens ao redor. Ela era uma fêmea Alfa. Deveria ter sido capaz de fazer algo diferente do que fez. Miri olhou fixamente para a mamadeira meio cheia. Deveria ter sido capaz de fazer alguma coisa.

—A mamadeira está pronta?— Tobias perguntou.

Em um último piscar de olhos, Miri escapou da mortalha de inadequação e se virou. O were estava tentando soltar a boca da pequena Penny do colarinho de seu casaco de couro. Ela não estava contente com a tentativa. Quanto mais ele tentava, mais fortemente ela chupava.

—Eu sinto muito. Aqui, eu a pegarei.

Tobias não entregou Penny. —Não tem problema. Eu estou só pensando que isto provavelmente não é a coisa mais limpa para ela mastigar.

Ele parecia tão domesticado que ela teve que piscar novamente. Executores eram todopoderosos na cultura were, uma mistura de lenda e realidade. Eram a lei suprema, o último juiz do destino. Eram o bicho papão que as mães usavam para modificar o comportamento das crianças. Eles não eram pais em potencial, mas um estava de pé em sua cozinha brincando com um bebê, deixando que ela chupasse seu colarinho enquanto se preocupava sobre germes. Ele não podia parecer mais paternal. A tal ponto que, se qualquer fêmea o visse desse jeito, ele saltaria para o topo da escala de companheiro em potencial. Exceto que ela nunca ouvira falar de um Executor tomando uma companheira. Uma companheira seria uma debilidade, uma vulnerabilidade. Executores não tinham permissão para serem fracos.

Miri testou a temperatura em seu pulso. Estava morna. Perto o suficiente. —Eu a pegarei agora.

Assim que Tobias tentou afastá-la de seu corpo, o pequeno rosto de Penny começou a fazer beicinho.

—Vá agora,— ele persuadiu, mantendo seu rosto no mesmo nível do dela. —Você não quer chorar enquanto vai tomar uma boa mamadeira, não é?

Penny, não perdeu seu beicinho, mas também não gritou, quando Miri a pegou. O que foi um alívio. Os pulmões de Penny ganharam força considerável ao longo da semana passada.

Tobias sorriu quando Penny não diminuiu seu beicinho para ele mesmo quando Miri a acomodou no colo. —Ela tem opinião, a danadinha.

Miri a encaixou na dobra de seu cotovelo. —Ela tem mesmo.

No momento em que o bico tocou seus lábios, Penny o agarrou, chupando forte.

Tobias a observou de perto, antes de perguntar, —Ela não está tendo dificuldade com a comida?

Miri agitou a cabeça. —Ela parece estar prosperando.

—Isto é bom.



Sim, era. Dava-lhe esperanças para sua própria filha. Que talvez ela estivesse indo tão bem, e não lutando como Joseph.

—Sim, é.

Tobias estudou o bebê por mais alguns segundos e então perguntou, —Jace está por aí?

Os cabelos atrás de seu pescoço arrepiaram. Seu lábio superior empurrou com o desejo de rosnar. —Não se você estiver trazendo outro desafio.

—Não há necessidade de saltar em minha garganta. Eu sou apenas o mensageiro.

Ela altamente duvidava disso. Tobias aparentava ser um homem que estava por trás de um inferno de coisas, e no controle de tudo. Colocou a mamadeira no balcão. Penny sempre mamava muito rápido e o bico desta garrafa foi cortado muito grande. Ela a recostou contra seu ombro e começou a bater levemente em suas costas. —Então, você trouxe?

Tobias pegou o pano de prato de frente do fogão e dobrou debaixo do queixo do bebê. —Eu não estou certo.

—Não está certo sobre o que?

Jace entrou na sala, seu poder parecendo preenchê-la enquanto sua energia alcançava e envolvia Penny e Miri. Seu pulso acelerou em boas vindas e pelas recordações. A memória da noite anterior estava em seus olhos. Ele veio para ela selvagem. Ela o acolheu do mesmo modo selvagem. Uma mecha passou por ela em uma carícia íntima. A inquietação dentro dela se acalmou, enfocou, centrou. Seus seios doeram e incharam.

O sorriso de conhecimento nos lábios de Jace tocou sua raiva tanto quanto os cortes em seu rosto e no maxilar enfureciam sua alma. O McClarens não tinham nenhum direito de continuar fazendo isso com ele. Penny deu um pequeno arrote e começou a procurar ao redor de seu ombro.

—Eu acho que Penny está pronta para sua mamadeira novamente.

Ela agitou a cabeça. Ela foi enganada muitas vezes antes para não saber que era prematuro. — Ainda não.

Só então Penny arrotou muito alto para alguém de seu tamanho. Os dois homens riram, como se fosse uma boa coisa para uma menininha arrotar como um homem adulto em uma competição de arroto.

—Isto dificilmente é um som refinado, pequenina,— ela disse a Penny, tentando manter seu enfoque em Penny e não em Jace. Seu desejo aumentou, seu anseio por seu toque era quase palpável e seria facilmente detectável por um Executor do calibre de Tobias. O que seria constrangedor.

Suas esperanças de permanecer neutra foram frustradas quando Jace cruzou a sala imediatamente para o seu lado e a prendeu, juntamente com o bebê, debaixo de seu ombro. O formigamento subiu pelo seu braço, em direção ao peito, pegando os batimentos de seu coração, e acelerando, antes de surgir no exterior em uma consciência vital. Ela lutou contra a pequena rebelião em submissão com várias respirações fundas. Isso durou até que ele começou a correr os dedos para cima e para baixo em seu braço. Um olhar rápido mostrou as linhas de um sorriso lânguido nos



cantos de seus olhos, indicando que ele sabia exatamente o que estava fazendo com ela. E o quanto ele estava apreciando. Se não estivesse com o bebê em seus braços, se Tobias não estivesse a quatro pés de distância observando-os com aquele mesmo tipo de sorriso em sua boca, ela o teria chutado nas canelas.

—Deixe-a, Miri. Um apetite saudável não é motivo para brigar com a menina.— Jace disse.

Ela imediatamente pensou em Joseph. Não, não era. Ela beijou o topo da cabeça de Penny quando Jace perguntou, —Então o que traz você aqui, Tobias?

—Eu tenho uma mensagem do D 'Nally.

—Ele quer me desafiar, também?

A energia de Jace zumbiu com uma tensão interna. O lugar em seu pescoço onde ele mordeu esta manhã, enquanto faziam amor, queimou. Ela esfregou a bochecha em seu braço, tentando acalmá-lo enquanto fazia uma sondagem mental para descobrir o motivo de sua irritação. Ela era desajeitada na coisa mental. Seus esforços foram frustrados com a mais suave das repulsas. Ela suspirou. Jace apertou-lhe levemente. Uma desculpa ou uma advertência?

—Não. Seria o bando Tragallion que desafiaria seu direito de ser seu líder.

—O que ele quer, então?

—Aparentemente, conversar.

—Sobre o que?

Tobias encolheu os ombros. —Ele não disse.

Miri franziu o cenho. Por mais que tentasse, não conseguia sentir a essência ou qualquer pista que indicasse as emoções do were. Ele estaria mentindo? Era uma armadilha? —Bem, até que digam, ninguém se reunirá com ninguém.

Tobias podia parecer incrivelmente arrogante quando queria. —Isto não é da sua conta.

Ela não se importou. —Eu estou fazendo com que seja.

Penny começou a se remexer em seu ombro, seu rosto se enrugando em um beicinho alarmante que sempre anunciava um grito. Ela trocou a posição da criança, tentando manter seus olhos nos dois homens e no bebê.

Jace deu um beijo em seu cabelo e soltou a mão de seus ombros. —Por que não terminamos esta discussão lá fora, assim não perturbamos o bebê?— Ele disse para Tobias quando Penny começou a chorar.

Miri roçou o canto da boca do bebê com a mamadeira olhando Jace intencionalmente. —Você não está tentando me excluir desta conversa, não é?

—De jeito nenhum. Apenas pensei em tomar um ar fresco.

Quem ele pensava que estava enganando? —Está fazendo dez graus lá fora. A única coisa que você irá pegar será um cubo de gelo.

Ele encolheu os ombros enquanto agarrava seu casaco no gancho junto a porta. —Eu sou um vampiro, Miri, amor. Se quiser que dez graus pareça tropical, parecerá.



Ela rolou os olhos. —Por favor, você só está só indo lá para fora porque eu não posso ir com o bebê para lá.

Tobias riu, abrindo a porta. —Ela está em cima de você.

Jace agarrou seu Stetson no cabide na parede e o colocou em sua cabeça. —Assim parece.

—Ela está ficando aborrecida porque estão falando dela como se ela não estivesse aqui.

Tobias sorriu, seus longos cabelos castanhos esvoaçando sobre seus ombros quando ele pisou na varanda. —É bom ver que ela conseguiu seu espírito de volta.

Jace riu. —Ela conseguiu muito mais coisas de volta, e eu estou lutando mais em casa do que do lado de fora, ultimamente.

Ele não parecia nem um pouco chateado por causa disso. —Você não teria que lutar tanto,— Miri rebateu, enquanto provocava o canto da boca de Penny com o bico, —se apenas recusasse de vez em quando.

Jace angulou o chapéu sobre a testa, acima de sua sobrancelha, os olhos brilhando, enquanto sua energia fluía sobre ela em um toque de puro pecado. —E privar os McClarens de sua diversão?— Ele agitou sua cabeça. —Eles nunca me perdoariam.

O ar da noite era um bálsamo sobre sua pele. Jace lentamente fechou a porta atrás dele e puxou seu casaco.

Tobias apontou para a direita, em direção ao campo de prática. —Você quer conversar ali?

Jace olhou por cima do ombro para a janela da cozinha onde ele podia ver Miri olhando para fora, os observando. Eles não precisavam estar no alcance da voz da casa para ter esta conversa. —Funciona para mim.

Partículas de gelo foram trituradas debaixo de seus pés, fixando um ritmo fácil para o passo enquanto passavam pelas duas casas entre eles e o campo. Ao lado dele, o Executor andava de cabeça erguida, ombros para atrás, uma fácil confiança em cada passo, parecendo completamente à vontade.

Tobias olhou para ele. —Como Miri realmente está passando?

Jace, porém, não estava à vontade com a preocupação do outro homem com sua esposa. Tobias estava aqui por uma razão. Jace não gostou da sensação que estava tendo de que isso tinha a ver com Miri. —Isso é da sua conta?

—Ela é uma D 'Nally.

—Ela é minha companheira.

—Um não exclui o outro.

Ele ergueu a sobrancelha para ele. —Engraçado, tive a impressão que sim.

Houve a mínima interrupção na energia do were. —Sim, posso ver por que teve essa impressão.

Tobias parou na beira das árvores que delinearão o campo retangular. Houve uma mudança em



sua energia, um aprimoramento da atenção.

— Isto significa que o jogo de adivinhação sobre porque está aqui está finalmente terminando?

Tobias sorriu. — Nós estávamos jogando?

— Eu acho que sim. Caleb concorda, mas está deixando você ficar porque diz que é um homem honrado da mesma maneira que é perigoso.

E ele queria saber qual era o jogo.

Tobias sorriu. — Eu entenderei esse “perigoso” como um elogio, já que Caleb tem uma reputação nesse departamento, também.

— E cada pedaço dessa reputação é merecida.

Tobias se encostou contra a árvore, cruzando os braços sobre o peito. — E você também tem. E tenho a impressão que essa reputação é sobre o que os D 'Nally querem conversar com você.

Jace o olhou. — Fiquei com a nítida impressão que a única coisa que os D 'Nally quisessem conversar comigo era sobre minha morte iminente.

— Estavam insatisfeitos sobre como usou Miri e a abandonou.

Jace estreitou seus olhos. — Eu não a abandonei. Eu terminei uma missão.

— Para um lobo, não existe muita diferença.

— Então me considero informado, mas estou achando difícil acreditar que nenhum lobo nunca deixou sua companheira, especialmente no meio desta guerra.

— Ah, você compreendeu que existe uma pegadinha.

Jace encolheu os ombros. — Tem que existir.

— Sabe que existe mais de um nível de acasalamento were?

— Não. Ou os corpos estão vinculados ou não estão.

Tobias enganchou os polegares nos bolsos dianteiros de sua calça jeans. — Isto é porque está analisando de uma perspectiva humana. Onde qualquer coisa que se faça com o outro é uma escolha.

— Miri me disse diretamente que acasalar não é uma escolha.

— Ela não está alimentando você com coisas sem sentido. Existe mais de um nível de acasalamento.

Outro nível de compromisso explicaria a sensação que tinha que Miri estava se contendo. — Eu entendi que tem que existir uma saída.

— Muitos weres acasalados não estão apaixonados. Normalmente existe amizade, compreensão, e certamente paixão, mas nem sempre existe amor.

Isso era uma revelação. E uma possível explicação sobre a agressiva possessividade dos machos were. Uma pontada do que estava passando por ele agora mesmo. — O que acontece se estiverem acasalados e se apaixonarem em outro lugar?

— Eles cumprem seu dever e trabalham algo, um compromisso, mas apenas se não estiverem marcados.

Existia aquela referência a marcar novamente. — Que tipo de compromisso alguém pode chegar



nessa situação?

—Acasalamento em sua forma mais básica é para procriação, pois somente os casais acasalados podem conceber. Sendo assim, alguns casais ficam juntos somente para esse propósito.

—E?— Ele tinha um pressentimento de onde Tobias queria chegar, mas não podia envolver sua mente em torno disto. Especialmente quando se tratava da were mais Alfa, e mais possessiva que ele conhecia.

—Um casal acasalado sem marca está livre para formar laços sentimentais em outro lugar.

Nem no inferno. Jace mataria qualquer were que se atrevesse a pensar em se aproximar de Miri sobre qualquer propósito. Só de pensar nisso deixou seus lábios se enrolando e suas garras se estendendo. —Eu acho que a possibilidade de ser morto seria um impedimento para se comprometer.

—Não é tão difícil quanto pensa. Weres são muito abertos quando se trata de crianças, e se nenhum dos dois estiver marcado, geralmente podem trabalhar em torno da relação.

Não em seu livro. —O que a marca tem a ver com isto?

—Os weres não podem escolher com quem se acasalam, mas têm escolha completa sobre quem marcam. — Tobias lhe deu um olhar penetrante. —Miri não marcou você.

Jace lhe deu um sorriso frio que parecia tão duro quanto os músculos em seu rosto. —Pode ter certeza que coloquei minha marca em cada parte dela.

Ele foi selvagem na noite passada, incapaz de se controlar, deixando mordidas de amor por todo seu corpo, marcas pequenas e sutis que ninguém poderia ver. Marcas que declaravam que ela era sua e de nenhum outro .

—Eu não acho que exista qualquer dúvida que a quer.

Ele queria dizer que duvidava que Miri o quisesse? —Essa seria a razão pela qual os McClarens se sentem compelidos a lutar comigo toda vez que me vêem?

—Sim. É parte do processo de acasalamento.

—Matar o companheiro?— Ele agitou sua cabeça. —Processo infernal.

—Eles estão dando a você uma maneira de se provar para Miri.

—Pelo menos isso explica por que se contêm.

—Eu me perguntei se percebeu isso.

—Eu não sou um tolo. Se realmente estivessem tentando me matar, com a quantidade de lobos que vindo para cima de mim, eu estaria morto.

—Você poderia ser tão compreensivo com respeito aos D 'Nallys?

Os D'Nallys era o bando de weres mais rígido que já encontrara. Lutadores ferozes, intensamente leais, mas uma vez que tinham uma noção em sua cabeça era difícil convencê-los do contrário, e agora tinham a noção de que ele era melhor morto. —Depende do que os D'Nallys querem.

—Eles querem conversar.



Hoje era o dia. Ele arqueou uma sobrancelha para Tobias. —Só conversar ou conversar e desafiar?

—Só conversar.

—Por enquanto.

O were assentiu. —Por enquanto.

—Por que?

—O bebê.

—Faith?

Tobias balançou a cabeça. —Não, a pequena pestinha que resgatou do inferno.

—Penny?

—Sim.

—Como sabem sobre ela?

—A palavra viaja.

—Com sendo o condutor?

Tobias não negou. Jace teve uma sensação desagradável no estômago. Ian estava pensando em reivindicar Penny? Isso mataria Miri. —Nesse caso, pode levar uma outra mensagem.— Ele mostrou suas presas. —Diga a Ian que Penny é uma Johnson.

—Se Ian a quiser, ele a levará.

—Ele pode tentar.

Tobias levantou sua cabeça para o lado. Jace sentiu o toque de seu poder. Ele o empurrou para trás. A sondagem imediatamente parou. Muito fácil. Isso foi muito fácil. O desconforto de Jace aumentou enquanto a sensação de que algo estava acontecendo cresceu.

—Você pensa que pode derrotá-lo?

—Sim.

Tobias pareceu meramente curioso. —Porque é um vampiro?

As garras de Jace se estiraram em suas palmas. Ele podia sentir os ossos em seu rosto começando a mudar. Penny não seria tomada. —Porque ela é minha.

Tobias assentiu, como se estivesse satisfeito. —Ian ficará contente por ouvir isto.

Que diabo isso queria dizer? —Ian é um maldito filho de uma cadela.

—E é possessivo. Você dois devem se dar muito bem.

—Eu não estou interessado em me dar bem com ele.

—Já que é seu primo agora, isso fará com que as coisas fiquem embaraçosas nos encontros de família, se não fizer.

—Hum hum. Eu vou tentar me importar com isso.— Jace se recostou contra uma árvore, forçando-se a manter a calma enquanto a suspeita o devorava. —Então o que Ian tem perguntado sobre mim e Penny?

—O fato que insistiu em salvá-la e depois a trouxe para sua casa como se fosse sua.



—Eu não estou acompanhando.

—Um vampiro a teria deixado quando descobrisse que a criança não era dele.

—Eu discordo.

—Ele está se perguntando se é verdadeiramente um vampiro.

Jace arreganhou os dentes novamente. —Eu até tenho as presas para provar isto.

—Quando se encontrar com os D 'Nallys—Tobias apontou seu queixo, indicando sua exibição— eu menosprezaria isto.

—Quem disse que vou me encontrar com eles?

Tobias arqueou a sobrancelha, parecendo tão imperioso quanto qualquer Alfa. —Você vai menosprezar um pedido dos D 'Nallys?

Jace não disse palavra. Ele realmente não precisava. Ambos sabiam que não iria acontecer. Jace não podia arriscar a aliança só porque queria chutar o rabo de Ian.

Com uma contração dos lábios Tobias reconheceu o “Não” formulado em silêncio. —Eu não achava que iria.

—Então quando Ian quer esta reunião?

—Imediatamente. E quer que Miri venha, também.

—Ele não é muito insistente, não é?

—Ele tem suas razões.

—Da mesma maneira que tenho as minhas para dizer não para a ida de Miri.

—Eles são primos, Jace. Ele está preocupado com ela.

—Ela é minha esposa. Eu estou preocupado com ela, também. Que garantia tenho que isto não é uma armadilha só para me levar lá e levarem Miri de volta para o reduto D 'Nally?

Tobias se endireitou. — A minha palavra.

Inferno. Como poderia discutir com isto? De acordo com o McClarens, a palavra de um Executor era lei.

Ele estudou a energia e a linguagem corporal de Tobias à medida que perguntava, —Ian está ciente que está oferecendo isto?

Somente uma centelha em seus olhos indicou a decepção do outro homem. Jace assentiu e disse, —eu pus condições na entrega da mensagem.

—Isso deve ter ido mais além.

—Teve seus momentos.

—No entanto, Ian concordou?

—Sim.

Ele realmente não estava perguntando. —Ian deve estar se suavizando em sua velhice.

—Os tempos estão mudando, e Ian está mudando com eles.

—Inferno, eu pagaria para ver isto.

Tobias deu um sorriso que dizia que sabia que tinha vencido. —Ainda assim, isso não lhe custará



nada.

Somente, talvez Miri. A solidão por seu bando era uma dor constante dentro dela. Uma vez que estivesse entre eles, ela poderia decidir ficar. A parte egoísta dele quis dizer não, mantê-la longe da tentação. A parte que a amava entendia a perda da família e o quanto ela sofria por isto. Merda! — Diga a Ian que estarei lá.

—Com Miri?

Do lado de dentro, seu vampiro rosnou um protesto. Sua honra cutucou. Maldição. Ele precisava de mais egoísmo e menos honra. Jace movimentou a cabeça. —Sim.

—Você tem certeza de que isto é seguro?

Era a terceira vez que Miri fazia aquela pergunta nos últimos cinco minutos. Pela trigésima vez desde que deixaram o SUV quatro horas atrás para seguirem a pé. O inferno de tudo isso era que ela não estava preocupada sobre o Santuário. Estava com medo de sua própria matilha. Mesmo com Tobias com eles, ou talvez por causa disto. Jace agitou a cabeça.

—Ian é seu primo, Miri.

—Também é um were Alfa.

—Princesa—ele segurou um galho para que ela pudesse passar por baixo dele— —Ian cresceu com você. Você cresceu sendo uma D 'Nally. Todas as leis na terra não farão com que seja fácil para eles matarem você.

Ela não pareceu segura. Seu lábio inferior deslizou entre seus dentes. Seu olhar saltou para ele. —Sem mencionar que você estará lá.

—Sem mencionar isto.

Uma brisa arrepiou seus cabelos contra o azul profundo de sua parka quando ela se curvou para passar debaixo do galho, os longos fios capturando brilhos do luar e refletindo-os de volta em brilhos pálidos de branco em ônix.

Ela parou e girou. —Ian pode ser muito rígido.

—Tobias disse que ele está mudando, se adaptando aos novos tempos.

—Você está certo que estava falando sobre Ian?

—Ele pareceu seguro disto. De qualquer modo, em alguns minutos, descobriremos por nós mesmos.

Miri olhou depressa para ele. —Nós estamos tão perto?

Ele apontou para a frente. —Está vendo aquela grande rocha inclinada na montanha?

Ela apertou os olhos. —Sim.

—Isto não é realmente uma pedra.

Ela parou e franziu o cenho para ele. —É uma ilusão?

—Sim.

Era impossível ler a expressão em seu rosto. —Ian sabe que você tem uma entrada dos fundos



para o complexo D 'Nally?

—Sim.

Seu cenho se aprofundou. Muito em breve ocorreria a ela questionar por que vampiros poderiam ter acesso a uma entrada secreta para a fortaleza were. Muito em breve se transformou em alguns segundos. Miri bateu levemente nas costas de Penny em uma leve exibição de tensão.

—Você a criou antes de formar a aliança, não é?

—Sim.— Ele não precisou ler sua mente para saber o que ela estava pensando. —Ian foi uma dor no traseiro durante algum tempo.

As emoções que ocorreram para ela eram claras e previsíveis. Primeiro alarme instintivo e então uma sensação forçada de calma. —Todos os vampiros sabem sobre esta entrada secreta?— Ela perguntou cuidadosamente.

Ela poderia alegar que não era mais da matilha, mas todos os instintos que tinha, diziam o contrário. Os vampiros terem este conhecimento era uma ameaça para sua matilha e estava reagindo de acordo. —Não.

Ela lambeu os lábios e moveu o bebê para seu outro quadril. Sua parka de nylon sussurrou um protesto. —Apenas os Johnsons?

—Sim.

Ela olhou para ele, seus olhos quase negros ao luar.

—Ian deve ter muita fé em você.

—Ele costumava ter.

Ela suspirou. —Até que eu...

Ele agitou a cabeça. —Até que ele topou com a necessidade de mudar. Ian não é um grande fã de mudanças.

—Não, mas aparentemente, está trabalhando nisto.

—Eu estou tomando isto como um sinal encorajador.

—E é por isso que não está preocupado sobre esta reunião?

Ele soltou o galho, que estalou de volta em seu lugar. Ele a observou ir embora, admirando o balanço de seu traseiro atraente. Um sorriso tocou seus lábios. Ele pôs uma marca lá, também. —Isso e o fato que Ian é um homem honrado, e homens honrados não fazem armadilhas para amigos ou convidados.

O olhar que ela lançou acima de seu ombro era compassivo. —Você não entende os weres.

Jace bateu levemente naquela bunda atraente, deixando seus dedos se demorarem no lugar onde sua marca descansava. —E você não entende os homens.

Ela se afastou, lançando-lhe um olhar reprovador, suas bochechas com um rubor rosa. —Huh!

Ele supunha que era uma boa coisa que ela não dissesse nada mais sobre o assunto. A verdade era que estava inquieto sobre esta reunião. Miri era were. Ela não estava comprometida com ele, e baseado em sua discussão com Tobias na noite anterior, ali poderia estar apenas uma brecha para



explorar, quando se tratava de seu casamento.

Os cabelos atrás de seu pescoço se levantaram com um formigamento estranho de energia provocando sua consciência. Vampiro, mas não vampiro, cerca de cem metros à direita do campo aberto à frente deles. Ele levantou um dedo. Tobias assentiu.

Jace deteve Miri com um puxão de sua mão. Ele a apoiou e a inclinou contra um grande pinheiro, colocando o dedo em cima de sua boca para impedi-la de falar.

Quieta.

Ele mascarou sua presença e a do bebê com uma segunda camada de energia que igualou com as árvores ao redor, deixando-as invisíveis para qualquer sondagem. *Fique aqui. Vou verificar as condições do terreno.*

Ela assentiu, seus olhos enormes, seus dedos se espalhando protetoramente acima das costas de Penny. Ele fez sinal para Tobias seguir à esquerda. Ele foi para a direita, resvalando para as sombras na extremidade da clareira. A energia se moveu, trabalhando a extremidade na direção oposta a ele, de volta para Miri. Jace recuou rapidamente, catalogando a energia à medida que ia implantando as nuances em sua memória para referência futura. Slade gostaria de saber sobre isto.

Por mais rápido que ele fosse, a energia era ainda mais rápida. Conseguiu chegar a vinte metros de Miri antes que a alcançasse. Surgindo ao lado dela, ele colocou a mão sobre sua boca, a cobrindo. Ela apertou o rosto de Penny em sua parka à medida que saltava. Vibrantemente ciente da fonte invisível de energia à direita, procurando, Jace descansou sua bochecha contra a dela, acalmando-a com um golpe de sua energia.

Não se mova a menos que eu diga para se mover, mas se eu disser, corra como o inferno de volta para aquela rocha.

Ele lhe deu a chave para a ilusão, mentalmente imprimindo a combinação em sua mente, ignorando seu medo e o apego de suas mãos.

O complexo D 'Nally está a dois quilômetros por aquele túnel.

Ela agitou a cabeça, seus lábios firmes, os olhos estreitos. *Não sem você.*

Se ela tivesse que correr, ele estaria se afundando e não afundaria sem saber que ela estava salva. *Me obedeça.*

A energia estava se aproximando. Suas garras se estendendo. Ele podia sentir o fogo queimando em seus olhos quando o vampiro veio à tona, pronto para lutar. *Prometa.*

Ela finalmente concordou. Olhando nos seus olhos, vendo seu terror e a determinação encobrindo tudo isso, ele amaldiçoou a decisão de não trazer uma escolta maior, mas uma grande festa era dura de mascarar. Isso significava que era uma boa coisa ter sido agraciado com poder e velocidade incríveis. Que poderia ser colocado em teste hoje à noite. Especialmente se o Santuário viesse com um novo acessório com o qual corromperia seus membros.

Ele testou a energia novamente. Ainda havia algo fora sobre isto. Algo que ele não conseguia alcançar. Um fluxo sutil no vínculo.



Procurou por Tobias. Não estava à vista. Jace não podia arriscar chamar por ele por temer que o vampiro localizasse a fonte do chamado. Maldição.

Ele se afastou de Miri. A energia não se moveu, apenas continuou onde estava, pairando. O movimento em direção a Miri foi somente uma coincidência? Quando ele estava a uma distância segura longe de Miri e do bebê, ele vazou um rastro de energia. Ainda nenhum movimento.

Rastejou para mais perto, quase perto o suficiente para fazer contato. A energia piscou. Um movimento através do campo. Seis weres saíram por trás da ilusão. Seus cabelos e peles escuras proclamavam que eles D 'Nallys. Como se precisasse disso para identificar o mais alto dos dois que estavam na frente. A arrogância com que caminhava o marcava tão seguramente quanto um crachá. Creed D'Nally. Segundo no comando de Ian. Em sua mão segurava uma caixa, e nela havia muitos interruptores. Houve um ligeiro movimento e a energia piscou para sua esquerda. Ele girou. Rapidamente piscou a sua direita. Creed sorriu através da distância que os separava. A advertência de Jace morreu em sua garganta. A energia piscou. Os weres continuavam chegando. A energia não reapareceu.

Jace endireitou. Que diabos estava acontecendo? Creed inclinou a cabeça quando chegou perto o suficiente. —Vampiro.

—Lobo.

Um sorriso se demorou nos cantos da boca de Creed. Jace sabia muito bem que o homem não estava feliz em vê-lo, o que significava que qualquer outra coisa o estava divertindo. —Procurando por algo?

Jace olhou para o controle e então para o sorriso de Creed. As peças se encaixaram no lugar. Creed estava controlando a energia.

—Eu estava.— Ele fez um sinal para a caixa na outra mão do homem. —Eu não percebi que os weres tivessem alguém trabalhando em um replicador de energia.

—Ian sente que precisamos continuar.

—É mais um espelho,— o outro were informou. Ele era uma versão mais jovem de Creed.

—Um parente?— Jace perguntou a Creed, indicando o homem jovem com o dedo polegar.

—Meu sobrinho, Bain.

—Como em “a maldição de sua existência”?

O mais jovem were sorriu. —Eu tento.

Creed lhe deu um olhar que era mais afeto que mal estar. —E tem sucesso frequentemente.

—Então meu trabalho aqui está feito.

Jace agitou sua cabeça, removeu a proteção de Miri.

Venha aqui.

Ela foi, se apressando através do espaço entre eles, um sorriso trêmulo em seus lábios, seu olhar preso em Creed.

—Olá, Creed, Bain.— Ela acenou para os outros, seu sorriso se agitando nas extremidades.



—Oi, Miri.

Existe mais de um nível de acasalamento.

As palavras de Tobias ecoaram na cabeça de Jace diante da calorosa saudação de Creed. Jace puxou Miri para seu lado, longe dos werewolves que circulavam ao redor. Penny choramingou, sentindo a tensão. A atenção de Miri se desviou para acalmá-la.

—Então o que achou do nosso novo brinquedo?— Bain perguntou.

—Inteligente, mas precisa de aperfeiçoamento.

Creed sorriu, exibindo seus caninos. Ele era um filho da puta arrogante. —Conseguiu confundilo.

—A energia não está muita ajustada. Eu teria percebido com mais tempo.

—Merda. Estávamos preocupados com isto,— Bain resmungou. —Preciso que me dê sua opinião sobre isso enquanto estiver aqui. Os vampiros sentem a energia diferente dos weres.

Não foi formulado como um pedido. Filhote de cachorro arrogante. —Nenhum problema. Desde que tenha intenção de compartilhar a tecnologia.

—Claro que ele compartilhará,— Miri interrompeu, esfregando o rosto ao lado de seu peito, enquanto sua energia deslizava ao longo de suas extremidades em um calmante inconsciente. Ela não queria que ele lutasse com sua família.

Isso iria ser malditamente difícil de controlar, considerando como os homens observavam o gesto, o mais jovem com uma sugestão de chamas em seus olhos. Jace deu um passo em direção a ele. —Se seu sobrinho quiser viver para ver mais um minuto, seria melhor ele colocar os olhos para trás de sua cabeça e longe da minha companheira.

O sorriso provocador de Bain o marcou ainda mais como membro da família de Creed. —Você usa sua marca?

Jace rangeu os dentes. —Você valoriza esse seu sorriso de menino bonito?

Miri agarrou seu braço. O filhote de cachorro ajustou seus ombros. Tobias se materializou fora das sombras. —Nós não temos tempo para isto.

Jace acenou para a parede de homens. —Diga isso a seus amigos.

Tobias ignorou o comentário e estendeu as mãos para Penny. —Oi, olhos brilhantes.— Ela sorriu e foi para ele facilmente. Ele a balançou. —Senti minha falta?

—Inferno, claro que não,— Jace replicou, enquanto Penny fazia dele um mentiroso com seu grito feliz para Tobias. —Ela tem um gosto melhor do que isto.

—Eu acho que ela discorda,— Creed observou.

Tobias fez cócegas no queixo da criança. Ela deu a ele outro grande sorriso babado. —Vamos lá pequenina. Vamos levar sua mamãe e papai para um lugar seguro antes que seu papai envergonhe a si mesmo comprometendo-se em uma confusão desnecessária.

Jace relampejou suas presas para um dos weres maiores em uma agressiva paródia de sorriso. Um cujos olhos se demoraram um pouco demais sobre as coxas de Miri. —Quem disse que seria



desnecessário?

As garras de Miri beliscaram sua palma quando ela o puxou adiante. —Eu disse.

Capítulo 16

Se mais um macho were sáísse da homenagem tradicional dos D 'Nallys alinhados no caminho que levava a casa do Alfa e viesse até Miri para lhe dar as boas-vindas com um aperto de mão prolongado e um sorriso de duplo sentido, Jace iria bater o inferno fora de seu sorriso. Junto com alguns dentes.

Um were alto estava à frente deles, tenso em antecipação à aproximação de Miri. Jace disparou os olhos para Creed. —Se estes garotos não recuarem, o clã D 'Nally vai perder alguns de seus machos principais.

—Eles só estão verificando Miri,— Creed disse, nenhum sinal de diversão em sua voz enquanto olhava para os weres fascinados com Miri e Penny.

—E porcos voam.

Jace reconhecia homens à espreita quando os via, e os machos D'Nally que flanqueavam cada lado deles estavam definitivamente rondando Miri.

—Seria melhor que recuassem uns bons vinte metros.— As palavras eram quase incompreensíveis devido ao grunhido embaixo delas. A pele acima de suas garras coçava com a necessidade de se libertar. Suas presas doíam.

—Jace!

A precaução de Miri só fazia a situação pior. Ele estava com ciúmes, claro e simples. Não estava acostumado a sentir ciúme, mas a emoção o estava consumindo agora, estimulada pela maneira que a energia de Miri chamejava e cintilava em um padrão que variava entre excitação e medo, enquanto subiam o caminho para a casa principal. Ele podia sentir sua emoção em ver os velhos amigos de pé na fila de boas-vindas em ambos os lados do caminho, sentir a saudação reservada da matilha, sentir como a machucava que essa reserva estivesse lá. Mas acima de tudo, ele sentiu o anseio pelo seu lar. Ela fazia parte da matilha, e até este passeio ao longo do perímetro de aceitação alimentou algo nela que nunca poderia fornecer. Uma parte dela que ele não entendia. Ele não gostou disto.

Sua mão tocou a dele. Seu olhar encontrou o seu. —Por favor.

Inferno, ela sabia o que fazia com ele quando o olhava assim. Jace suspirou e pegou o cotovelo de Miri, forçando seu mau humor a desaparecer. Talvez mais tarde existissem repercussões para Miri quando a matilha deixasse para trás o fato que ela estava viva, e se movesse para o fato que estava acasalada com um vampiro, mas agora mesmo, estava feliz porque estava em casa. Não tiraria isso dela.



O caminho se curvava para cima em direção à uma colina íngreme. A fila da matilha se diluía aqui para alguns machos bem separados, homens de olhos duros com mais desconfiança que saudação em seus olhares. Guardas. Cabanas pontilhavam os dois lados da colina. A porta de uma se abriu quando passaram ao lado dela.

Uma silhueta familiar estava emoldurada pela luz. Derek.

Jace caminhou para a parte inferior da varanda. —Você parece péssimo.

Mas Jace parecia, também. Sua estrutura muscular deve ter diminuído em vinte quilos, seu rosto desenhado para o ponto que os ângulos eram quase brutalmente cortados. Arranhões arruinavam seu tórax. Uma contusão escurecia seu rosto. Derek grunhiu. —Eu não posso deixar Kim por muito tempo.

—Ela está bem?— Miri perguntou, estudando seu rosto.

O sorriso no rosto de Derek era sombrio. —Estamos tentando nos entender.

Miri rosnou. —Se a machucar, McClaren...

Pegando seu braço, Jace a puxou de volta.

Surpreendentemente, Derek sorriu. Foi uma distensão dos lábios cansados, mas um sorriso, apesar de tudo. —Caso não tenha notado, sou eu quem está com as cicatrizes.

Merda, isso não era animador. Miri puxou seu braço para se soltar. Jace manteve os olhos nela. A última coisa que precisavam era uma guerra civil entre os clãs.—Precisa de ajuda?— Ele perguntou a Derek.

—Eu estou dando conta.— Derek olhou para a cabana no alto da colina. —Além disso, vai ter suas mãos suficientemente ocupadas em breve.

—Sabe o que Ian quer?

—Isto são negócios dos D'Nally,— Creed cortou a conversa.

Jace se voltou para ele. —Quem perguntou a você?

O segundo homem de Ian no comando só olhou friamente para ele.

Derek movimentou a cabeça. —Ele está certo. Esse é o clã dos D' Nally e explicarão seus planos.

Do interior da cabana veio um gemido e uma suspiro áspero.

—Sua quase companheira exige sua atenção, McClaren,— Creed rosnou.

Por um segundo Derek pareceu dividido entre sua lealdade.

—Quase companheira?— Jace perguntou com um arquear de sobrancelha.

Os dentes de Derek se juntaram com um estalo. —Ela é uma mulher muito teimosa.

—Você era conhecido por ter suas próprias opiniões.

—Uma mulher were não levaria seu desafio para este nível.

—Mas você não acasalou com uma were,— Miri suavemente interrompeu.

—Eu sei.— Os lábios de Derek se afinaram numa linha direta. —Ela não entende nada disso, e briga por tudo.

—Ela passou por muita coisa. Não pode saber como foi para ela...



Os olhos de Derek brilharam com fúria were quando a interrompeu. —Eu sei o suficiente.

A angústia correu em Miri em ondas picantes. Penny se remexeu. Jace colocou seu braço ao redor das duas. —Derek nunca machucaria uma mulher.

Pelo menos, esperava que não. O McClaren estava estirado pela tensão interior. Outro gemido veio da cabana, seguido rapidamente por uma maldição. Jace apontou para a porta com sua arma. —Cuide de sua companheira. Eu lidarei com os D'Nally.

—Chame se precisar de mim.

—Chamarei.

—Diga a Kim que estou pensando nela,— Miri sussurrou.

Estudando-a por um segundo, Derek assentiu. —Eu direi.

Ele girou e entrou na cabana. A porta fechou com um duro clique.

—Os D'Nallys não são manipulados,— Creed estalou, apontando em direção à grande cabana no topo da colina. A luz das lâmpadas despejava das janelas, derramando-se pela colina íngreme em um brilho dourado. Esse era seu destino. As estrelas brilhavam no céu profundamente negro atrás dela. Era uma cena incrivelmente pitoresca para o que poderia ser um encontro muito volátil.

—O D 'Nally conseguirá qualquer coisa que eu lhe der.

Jace olhou para Miri. Sua face não estava mais tão corada quanto estava antes e podia ver o início das olheiras sob seus olhos. Sua energia estava diminuindo. Carregar um bebê, mesmo um tão leve como Penny, por toda aquela colina drenava suas forças. Precisaria de toda a sua força para o confronto que se aproximava. —Passe Amendoim para mim. Eu a levarei durante algum tempo.

—Eu posso levá-la.

—Não há necessidade, já que estou aqui.— Ela olhou intencionalmente para os machos ao redor deles. Ele demorou um segundo para fazer a conexão. Ela estava preocupada com a imagem dele ao encontrar Ian. Ele beliscou o nariz de Amendoim. Ela fez uma careta e enrugou os olhos. —Se o ego de Tobias pode lidar com o fato de ser visto carregando um bebê, eu acho que o meu também pode aguentar o tranco.

—Os homens não carregam bebês durante ocasiões formais.

Ele tomou a criança de seus braços, passando Amendoim para o alto, do jeito que ela gostava, recebendo um sorriso enquanto os weres esperavam e observavam. —Esse seria novamente um pensamento were, mas Miri, eu não sou...

—Were,— ela terminou por ele. Nada em seus olhos dizia a ele como ela se sentia sobre isso agora que estava em casa entre sua matilha. Seu ciúme ficou mais forte. —Você podia pelo menos tentar se encaixar,— ela lamentou.

Ele colocou o braço livre ao redor de sua cintura quando começaram a subir a colina. —Você não pode fazer uma bolsa de seda com uma orelha de porco.

Esperava um protesto, mas ao invés disso, ela apoiou um pouco mais do seu peso sobre ele, mais que o normal. —Você está bem?



Ela assentiu. Mas ele não estava convencido. Ela precisava se alimentar novamente?

Creed, escutando, girou ao redor. Sua respiração congelou o ar entre eles. —Ela está cansada?

Jace relanceou o olhar sobre de. —Ela teve uma semana difícil.

—Pelo que eu ouvi, foi um ano difícil.

—Eu estou bem.

Jace fez com que os dois parassem, protegendo-a dos olhos da multidão atrás deles. —Não é nenhum pecado se quiser descansar.

Ela agitou a cabeça.

Creed disse, —Ninguém pensará menos de você.

Então era isto. Ele deveria saber. Miri estava preocupada que sua matilha a visse tão fraca. As fêmeas alfa nunca eram fracas. Sobre o pretexto de roubar um beijo, sussurrou em sua orelha, —Você se apoia em mim, e eu a levarei até o topo da colina, seu orgulho intacto.

—Como?

Ele correu a mão sobre seu braço em uma trilha sedutora, sabendo como isso pareceria para a multidão que os observava. Mordiscou sua orelha, virando-a ligeiramente para ele. —Fingindo ser o companheiro ciumento.

Ela estremeceu delicadamente. —Fingindo?

Ele sorriu contra sua bochecha. —Preciso admitir, não será um fingimento.

Houve uma longa pausa e então ela se debruçou contra ele. —Obrigada.

Sobre a cabeça de Miri, Jace pegou uma expressão estranha no rosto de Creed. Aprovação? Um grunhido retumbou na multidão.

—Você poderia guardar as demonstrações públicas para privadas, — o outro homem sugeriu.

—Que diversão eu teria com isto?

Creed mudou seu rifle para a curva de seu braço. —Se acha que é inofensivo provocá-los, não conhece os weres.

Jace examinou os olhos dos homens ao seu redor, sabendo que queriam o que ele tinha, sabendo que nunca a teriam, porque nunca desistiria dela, estando ele marcado ou não. Sob a Lei do bando ou não. Ele lhes lançou um sorriso fácil e soltou um beijo no topo de cabeça do Miri. —Isso é o que todos continuam me dizendo.

A porta se abriu assim que se aproximaram da varanda. Mesmo que Jace não soubesse que Ian era um Alfa, sua postura teria proclamado isto. Ombros alinhados, ele permaneceu em pé, esperando que o pequeno grupo o alcançasse. Ian tinha a cor dos D'Nally, com olhos cor de âmbar que pareceram arder quando observou Miri e o bebê. Jace não diria que parecia feliz, mas também não diria que parecia zangado.—Despedaçado—poderia ser a palavra certa. A pergunta seria, pelo que? Quando alcançaram o último degrau, Ian movimentou a cabeça. —Bem-vinda ao lar, Miri.

Seus longos cabelos pretos esvoaçaram sobre seu rosto quando desceu um degrau, cada pisada



soando alto no ar frio da noite. Seus olhos dourados tinham um leve brilho quando olhou para Miri. De pé atrás de Miri como estava, Jace não podia deixar de sentir o começo de sua apreensão que ele alcançou o chão.

Miri inclinou a cabeça. —Obrigada.

O olhar de Ian se demorou nas cicatrizes nas bochechas de Miri. Ele inclinou o queixo dela, levantando seu rosto para a luz da varanda. Um grunhido retumbou em seu peito.

Ele tocou uma cicatriz com o polegar.

Contra Jace, Miri estremeceu, seu coração doendo. Atrás deles, o bando observava. Jace deslizou sob a guarda mental de Miri, tocando em sua mente, procurando por medo, encontrando somente um anseio profundo de sua alma por um abraço do homem que ela considerava como um irmão. Um sinal que estava tudo bem. Que ainda a via como sempre viu. Ela queria isso com toda a fibra do seu ser.

O mínimo que deve a ela é um abraço.

Exceto por uma contração muscular Ian não demonstrou que ouviu a mensagem, mas a resposta em forma de pensamento veio para Jace, alta e clara.

Não interfira nos assuntos weres.

Jace não dava a mínima para os assuntos weres. Tudo que se importava era com a dor de Miri enquanto o silêncio a estirava em um medo torturante. Abrindo um canal de Miri até Ian, Jace deixou Ian experimentar a emoção que despedaçava Miri. Houve um recuo nos cantos dos olhos de Ian. A neve foi triturada quando ele trocou seu peso. Ele estendeu as mãos lentamente. Miri parou de respirar quando suas mãos se fecharam sobre seus ombros. Ela foi quando ele a puxou, dando um pequeno passo em direção a ele, então hesitando. Jace não podia ver seu rosto, mas podia adivinhar sua expressão. Esperança chocando-se com medo por trás daquela fachada de coragem que usava. Jace queria pegá-la de volta, abrigá-la. Afastar a dor, protegê-la de uma possível rejeição.

Muito baixo para ser ouvido, Ian sussurrou, —Merda.

Então, muito cuidadosamente, como se temesse que ela se quebrasse com muita pressão, Ian a abraçou. Inferno. Talvez não matasse o grande were afinal.

O peito de Miri estremeceu em um soluço sem som, tão doloroso de observar. Suas mãos se aproximaram, seus dedos em punhos sobre o casaco de Ian, seus ombros estremeecendo. Ian descansou sua bochecha em sua cabeça, puxando-a para mais perto, segurando-a mais apertado enquanto ela soluçava. Seus olhos se fecharam. —Nós sentimos sua falta.

A alegria e alívio de Miri inundaram Jace em uma incrível corrida de emoção. Ian apenas a abraçou mais forte, protegendo-a, desviando a ansiedade tão habilmente que Jace não estava certo se Miri reconheceu o toque, mas ele sim, e agora deveria ao D 'Nally. Como se esse fosse o sinal que todos estavam esperando, a matilha convergiu para Miri. Homens e mulheres lhe deram as boas-vindas ao lar, tocando seu cabelo, suas roupas, centenas de toques que reforçaram a conexão entre eles. Cada toque a levava para longe dele, de volta para a matilha. Jace ouviu Miri soluçar duramente,



teve um vislumbre do rosto devastado pelas lágrimas antes que alguém ficasse entre eles, interrompendo seu contato. Ele segurou Amendoim e forçou a si mesmo a ficar atrás. Miri precisava deste reencontro da mesma maneira que as flores precisavam do sol. Enquanto pudesse suportar ficar longe, ele a deixaria ter esse momento.

Tobias surgiu ao lado dele. —Bela jogada.

Ele fingiu inocência. —O que?

—Forçar a mão de Ian.

—Ele estava demorando muito.

Tobias cruzou os braços sobre o peito e assistiu ao reencontro. —Você não dá a mínima sobre tradição, não é?

—Não, se isso machucar Miri.

—Ele a teria abraçado eventualmente.

Jace notou que Tobias não só sabia o que ele fez, mas sabia também a razão por trás disto. —Miri estaria ferida, então.

Tobias deu de ombros e lançou um olhar de avaliação. —Se não o conhecesse melhor eu diria que era Ian falando.

—Pare de me comparar a esse bastardo.

—Não posso me controlar, quando é tão parecido com ele.

Os weres recuaram, deixando um caminho pelo centro. —Parece que agora é a sua vez e a de Amendoim.

Ian e Miri vieram em direção a ele. O rosto de Miri estava vermelho de chorar, molhado pelas lágrimas, mas seus olhos estavam radiantes. Ian caminhava ao lado dela, segurando sua mão. Jace rosnou. Ian riu alto. —Relaxe, vampiro. Ela é minha prima.—O olhar de Ian caiu sobre Penny, onde ela relaxou contra o peito de Jace, chupando seu punho. Existia algo no enfoque de sua energia que eriçou os pelos atrás do pescoço de Jace. —Você não tem nenhum direito sobre Penny.

Ian não lhe dirigiu o olhar. —Realmente, eu tenho.

Jace entregou Penny para Miri. —Então nós temos um problema.

Miri rosnou e tirou Penny do alcance de Ian.

Por um instante, a surpresa brilhou nos olhos de Ian, então sua expressão se fechou, mas não antes de Jace pegar um vislumbre de dor. Contra sua vontade, Jace se encontrou sentindo pena do homem. Era evidente que Miri não confiava mais em seu Alfa. Isso deveria doer. —Não mexa com minha família, Ian,— Miri advertiu.

—Você está chamando um vampiro e uma criança were alterada, de família, Miri?

Ian fez isto parecer impossível. Talvez em sua opinião fosse. O queixo de Miri se empinou. Fogo relampejou em seus olhos. Por mais que o ano passado tivesse bagunçado a confiança de Miri, ela ainda era cem por cento were e ninguém mexia com a família de um were. —Faça qualquer coisa para machucar qualquer um deles, e eu matarei você.



Desta vez a vacilação de Ian era visível. Jace sentiu sua dor e praguejou interiormente. Maldição! Alguns dias não valia a pena sair da cama. Colocou seu braço no peito de Miri quando ela se voltou em direção a ele. Ian poderia ser um filho da puta, mas Jace não acreditava nem por um minuto que machucaria Penny ou Miri. —Graças à influência do Santuário, Miri tem todos os tipos de preocupações, tais como se iria me matar porque sou vampiro, e o bebê porque ela tem uma deformação. — Ele alfinetou Ian com o olhar. —Sabe, coisas tolas como essas.

Os olhos de Ian se estreitaram. —Nos velhos tempos nós teríamos feito exatamente isto.

—Nos velhos tempos? Quer dizer no ano passado?— Miri, perguntou, o sarcasmo envolvendo sua voz.

—Allie não lhe disse?— Ian perguntou, arqueando a sobrancelha. —Os D'Nallys evoluíram.

Jace examinou o grupo de homens que estavam ao redor dele. Homens de olhos duros com músculos desenvolvidos por treinamento constante. Se fosse dada uma escolha entre uma arma de fogo e um iPod, ele podia ver que este grupo escolheria a arma de fogo todas as vezes. —Sim, eu posso ver isto.

Desta vez, o olhar de Ian foi de avaliação. —Eu apostarei. — Ele ficou para trás e apontou para as escadas. —Entre e discutiremos isto.

—Disse a aranha para a mosca,— Tobias murmurou.

—Faça-me um favor, pare de ajudar. — Jace apoiou Miri com uma mão em seu cotovelo quando ela subiu o primeiro degrau.

—Sem problema.

Miri olhou por sobre o ombro. —Você não vai entrar?

Tobias agitou a cabeça. —Eu acho que você pode lidar com isto, a partir daqui.

—Você vem?— Ian perguntou.

—Assim que disser para minha esposa que nenhum mal vai acontecer a ela ou a Penny.

Um cotovelo espetou seu lado. Miri franziu o cenho para ele. —Ou a você.

—Não faz sentido empurrar o homem em promessas que não pode manter, princesa.

Miri plantou seus pés. —Eu não irei a lugar nenhum se ele não prometer.

Novamente algo cintilou no rosto de Ian—dor?

—Os D'Nallys não prejudicarão você ou os seus. Como Alfa eu lhe dou esta promessa.

Miri ainda não parecia convencida. Jace tocou as extremidades da mente do were. Ian estava falando sério. Com uma pressão constante em suas costas, Jace guiou Miri pelos degraus. —Ele é seu primo, Miri, o menino com quem cresceu. O homem em quem confiava. O último ano pode ter sido um inferno e mudou algumas coisas, mas não mudou tudo.

Ela parou no degrau superior. Seu olhar fixo em Ian. —Ele também é Alfa.

O olhar de Ian enfocou nas cicatrizes nas bochechas de Miri. Não havia como negar a emoção que o destroçava agora. Ira. As chamas quentes iluminavam as extremidades das íris de Ian. —Seu Alfa, Miri Tragallion. — Miri não cedeu. —Aquele que vingará o mal que foi feito a você.



Nem no inferno. —Esse privilégio é meu.— Jace não queria nenhum mal entendido ali. Miri era dele. A vingança também seria dele.

O lento movimento de cabeça de Ian foi o primeiro reconhecimento que Jace teve que o Alfa provavelmente aceitaria este acasalamento.

—Mas seria melhor fazer isto rápido,— Ian advertiu, seu olhar ainda preso nas cicatrizes de Miri, seus dedos se enrolando em um punho.

Ou Ian assumiria o comando. Jace podia respeitar isto.

—Eu tenho algumas coisas para resolver primeiro.

—Isso inclui o resgate de seu filho?

O queixo de Miri se levantou ainda mais depois daquela palavra, uma clara semelhança com a arrogância de Ian, na maneira que ela abaixou seu nariz quando passou por ele em direção a cabana. —Nossa filha.

Ian piscou em choque. Jace fez uma nota mental. Ian não sabia que o bebê de Miri era uma menina. Interessante. Ele seguiu Miri para a casa.

A primeira coisa que Jace reconheceu ao entrar na cabana era que havia outra pessoa presente. Were, a julgar por sua energia. Chateado, se seu odor era alguma indicação. Ele soube o momento em que Miri sentiu o odor. Ela ficou dura como uma tábua. —Quem está aqui?

—Nós precisamos conversar sobre isto.

Ian não era um homem de se restringir. Isto não seria bom.

Um homem apareceu na porta no fim do corredor. Seu cabelo era castanho, seus olhos assombrados, e suas mãos cerradas em punhos.

—Merda.— E Ian não estava muito feliz em vê-lo.

—São eles?— O homem perguntou. Antes que Ian pudesse responder, Creed andou pela porta da frente e se dirigiu ao corredor. —Eu lidarei com isto.

Quatro passos rápidos e estava na porta. Com uma mão no tórax do homem, o empurrou de volta ao cômodo, aparentemente um escritório, pelas estantes de livros visíveis pela abertura. A porta se fechou. Ouviram o som de uma briga, vozes baixas discutindo. Um impacto...

Jace levantou uma sobancelha para Ian. —Problemas no paraíso?

—Pode-se dizer que sim.— Ian correu as mãos pelo cabelo, jogando-os para trás com um movimento rude. —Vocês Johnsons nunca fazem nada da maneira mais fácil.

—Parece fácil o suficiente para nós.

—Você nem sabe do que eu estou falando.

—E ainda assim acho que é fácil o suficiente.

—Eu aposto.— Ian soltou suas mãos para os lados. Todos estavam quietos na sala pelo espaço de três respirações. —Não era suficiente que reivindicasse uma mulher were, teve que ir e reivindicar um bebê were.

—Eu não vi qualquer outra pessoa dando um passo à frente para cuidar dela.



—Sim, isso complica as coisas.

—Complica o que?— Miri perguntou.

Ian não respondeu imediatamente. Ele, porém, olhou em direção ao escritório demasiadamente silencioso.

Penny acordou, piscando duas vezes. Seu estômago acordou uma fração de segundo depois. Seu rosto se enrugou em um pré-gemido para o beicinho. Miri tentou em vão distraí-la enquanto Ian parecia aliviado por não ter que responder a pergunta.

Jace não estava conseguindo um ondulado morno no peito. —Miri, por que não leva Amendoim para a cozinha?

—Mas...— Ela lançou um olhar preocupado para ele então um olhar desconfiado para Ian.

—Vai dar tudo certo.

Ela não se mexeu. Quando ele olhou para baixo, ela estava olhando para nele, esperando por algo.

—O que?

—Curve-se, por favor.— Ele não entendeu o que ela queria até que sua mão surgiu atrás de seu pescoço—pequena, feminina, e forte. Ele se inclinou um pouco mais perto quando seus dedos tocaram os cabelos em sua nuca. Sua cabeça inclinou para o lado. Ela ficou nas pontas dos pés. Ele deslizou a mão ao redor de sua cintura, sustentando-a enquanto seus lábios se abriam contra os dele, quando sua língua deslizou por seus lábios em uma quente carícia, realmente provocante o suficiente para conseguir seu sangue se animando—e então ela recuou e se virou para Ian. —Eu estava falando sério mais cedo. Se tocá-lo, eu matarei você.

A cabeça de Ian se virou bruscamente. —Você se esqueceu de si mesma.

Jace teve que concordar. Primo ou não, Miri acabou de cruzar uma linha. As mulheres não desafiavam machos Alfa. Ela não parecia se importar.

—Eu não esqueci de nada. De fato, até aprendi coisas novas. Inclusive que alguém em meu próprio bando me entregou para o Santuário.

—Não fui eu.

—Como posso saber disto? Como posso saber se não vai mudar do lado de Jace, para o de quem me entregou?

—Chega, Miri.— Jace colocou a mão em seu ombro, empurrando-a para a frente e à esquerda, passando por Ian, em direção à cozinha. Seus músculos estavam tão apertados quanto um tambor. Penny, sensível à emoção, chutou os joelhos se empinando.

—Mas...

—Está me fazendo parecer mau na frente da criança.

Ela plantou seus pés dentro da cozinha, olhando por cima do ombro para onde Ian esperava. —Você será cuidadoso?

—Ele é seu primo, Miri.



—Não conhece os weres.

—Estou começando a pensar que eu os conheço muito melhor que você.

—O que isso quer dizer?— Ela perguntou acima do grito impaciente de Penny.

Ele não teve coragem de dizer que ela perdeu sua fé. —Estou perdendo minha oportunidade de me comprometer com Ian.

—Não estou certa se quero você comprometido com Ian acima da necessidade de me proteger.

Ele entregou o pacote com as mamadeiras. —Difícil.

Ela pegou, mas deu a ele e Ian um olhar suspeito antes de dizer, —Só não se comprometa muito duro.

—Eu tentarei resistir.

Atrás dele, Ian bufou. Quando Jace teve certeza que Miri estava ocupada cuidando de Penny se reuniu com Ian.

—É bom saber que não a quebraram,— Ian disse, um leve sorriso nos lábios quando indicou a Jace a sala onde iriam.

—Chegaram muito perto.— Jace disse, o conhecimento disso doendo em sua consciência. —Em alguns dias fica particularmente frágil, enquanto em outros chuta traseiros.

—Você não está acasalado.— Ian pegou uma garrafa de uísque do gabinete no outro lado da sala. —Por que?

—Provavelmente por uma daquelas razões were que ela está sempre me falando.

As sobancelhas de Ian se levantaram e ele fez uma pausa em despejar a bebida no vidro. — Razões were?

—Toda vez que eu faço algo que ela não aprova, ela me diz que eu não entendo os weres. — Ele aceitou o copo de Ian. —Parece pensar que faz seu ponto e liquida o argumento.

—Então o que está dizendo é, que está comprometido com ela, mas ela está arrastando seus pés.

Jace recostou-se contra as almofadas macias e tomou um gole de uísque. O líquido queimou espalhando-se por sua garganta. Caleb jurava que os D'Nallys tinham o melhor uísque. Jace teve que concordar. —Quase, mas não cometa nenhum engano sobre isto. Ela é minha.

—Você diz isso com a veemência de um were.

—Eu estou dizendo com a veemência de um Johnson.

Ian tomou um gole de seu uísque, olhando para Jace sobre a borda do copo. —Alguns dias, não parece existir muita diferença entre os dois.

Jace abaixou seu copo. —Eu não sou were.

Ian encolheu os ombros. —Mas passaria por um.

E isso pareceu ser importante por algum motivo. —Qual o problema, Ian?

—Talvez só queira ver meu primo acomodado.

—Foi por isso que enviou o grande comando para que eu aparecesse?



—Perverso como é, eu não podia enviar somente um convite.

—Eu estou aqui. O que quer?

—O quanto Miri é importante para você?

—O suficiente.— Ele seria amaldiçoado antes que discutisse seus sentimentos com Ian.

—Suficiente para viver na matilha?

Ele deixou seu copo cuidadosamente no topo da mesa. —Que diabos está falando?

—Miri é a herdeira do Tragallion. O clã está em apuros.

—Travis não era um líder ideal?

—Não.— Ian suspirou. —Ele levou o bando ao chão. Infelizmente, conseguiu ser morto antes que as coisas pudessem ser endireitadas.

—O que isso significa?

—Significa que ou eu indico você como líder deles pelo direito de tradição, ou te mato e começo a procurar um companheiro para Miri.

—Com essas opções, estou um pouco surpreso por estar sentando aqui conversando com você.

—Por incrível que pareça, me encontro relutante em matar você.

—E por que?

—Pode ser uma dor na bunda, sem o respeito adequado pela tradição, mas é a única dor na bunda que Miri terá.

—Você entendeu isto, não é?

—Vamos apenas dizer que acredito nela quando disse que a resposta a qualquer tentativa contra você seria a vingança.

—E isso assusta você?

Ian sorriu aquele seu sorriso agravante. —Você tem muito a aprender sobre weres, mas uma das primeiras coisas que deve entender é, quando um macho D'Nally chutar seu traseiro, é com as fêmeas que tem que tomar cuidado.

—Você quer que eu acredite em me escolheu para chefiar um grupo de weres porque tem medo de minha esposa?

—Isso funcionaria?

—Inferno, não.

—Então que tal o fato que é honrado e direito e pode ser confiável? Artigos difíceis de se encontrar por estes dias.

Ele tinha que estar brincando. Só que não existia nenhum olhar de diversão no rosto do were. —Isso nunca dará certo.

—Com um vampiro comum eu diria que não daria, mas você é mais were que vampiro, e isso poderia funcionar para nós.

—Nós?— Ele levantou a sobrancelha. —Pelo que posso ver, o único a ser convidado a se acomodar para tomar porrada todos os dias da semana sou eu.



Ian encolheu os ombros. —Você nunca correu de uma briga.

—Você faz isto parecer tão malditamente atraente.

—Não é atraente, mas é necessário. E existe também o fato que não irá embora.

Jace arreganhou suas presas. —É tão inteligente de sua parte entender isto.

—Só mais uma qualidade were que vai fazer você se ajustar bem com o Tragallions.

—E o que seria?

Ele agarrou seu uísque.

—Essa defesa agressiva do que sente que é certo.

Jace tomou um gole da bebida. A bebida alcoólica queimou totalmente o caminho até seu estômago. Ian deveria estar muito desesperado para sugerir isto. —Não existe mais ninguém para fazer o trabalho?

—Não.

—E acha que isso vai funcionar?

—Sim. Porque você e Miri não só deram a luz a uma pequena menina, mas você salvou outra. Quando conseguir que os Tragallions passem pelo pequeno inconveniente de você ser um vampiro, será um maldito herói.

—“Pequeno inconveniente”?

Ian tomou outro gole de seu uísque. —Chame isto do que quiser, mas se casar com Miri fez de você um D'Nally, e os D'Nallys tem responsabilidades.

—Independente se as quero ou não, aparentemente.

—Você quer que Miri seja feliz, certo?

—Você já sabe a resposta para isso.

—A matilha faz Miri feliz.

Ele sabia disso, também. —Então o que é preciso fazer para isso acontecer?

—Já está feito.

—Simples assim?

—Uma das vantagens de ser Alfa. Minha palavra é lei. — Ian terminou rapidamente seu uísque. O copo estalou na madeira quando o colocou. —E agora nós temos que discutir outras coisas...

Ele nunca chegou a terminar a frase. Um impacto veio do escritório. Uma porta bateu contra a parede. Segundos mais tarde um grito irrompeu da cozinha, seguido por grunhidos. Miri!

Jace estava fora de sua cadeira, alcançando-a com sua mente antes que chegasse a entrada. Ian estava em seus calcanhares. Ele sentiu o pânico e a raiva de Miri. O grito de Amendoim colocou asas em seus pés. Corredor abaixo, Creed tropeçou fora do escritório, o sangue escorrendo de seu rosto dilacerado e seu braço em volta do tronco.

—Que diabos aconteceu? — Ian rosnou.

—Ele sentiu o cheiro do bebê. Eu não pude segurá-lo.

—Merda!



Jace irrompeu na cozinha. O estranho were forçava Miri de costas em um canto da parede. Penny estava deitada no balcão, chorando. As garras de Miri estavam estendidas e seus lábios recuados, expondo suas presas. O macho were não parecia mais estável. E tinha garras malditamente impressionantes.

Se aproximando do perímetro, Jace manteve sua voz tranquila enquanto abria caminho entre Miri e o were desconhecido. —Miri, querida, tem uma tendência real para encontrar problemas.

Ela observava o were cuidadosamente. —Eu não encontrei nada. Ele me encontrou.

—Marc, fique calmo,— Ian estalou.

—Vá para inferno, Ian,— o homem estalou de volta.

Ian foi para a direita, Jace foi para a esquerda e Creed foi para o meio.

—É bom ver que tem seu bando sob controle, Ian.

—Ele não é meu, é seu.

O homem era volumoso com músculos suficientes para fazer Tobias parecer pequeno, e irradiava uma agressão desesperada. E ele era um Tragallion? —Que figura.

—Nenhum de vocês está ajudando,— Miri estalou.

—Eu estou trabalhando nisto, princesa.— Jace moveu outro pé, se colocando em uma melhor posição para atacar, se necessário. —Quero que pegue Amendoim agora e muito cuidadosamente caminhe na minha direção.

Ela ergueu seu lábio mas não se moveu.

—Bom saber que tem sua companheira sob controle, Johnson,— Ian comentou, avançando continuamente à direita.

Jace levantou o dedo do meio em um gesto obsceno.

—Eu quero minha filha,— Marc rosnou.

Merda! —E quem é você para estar querendo qualquer coisa?

—Marc Tragallion.— Ele apontou para Penny. —E aquela é minha filha.

Isso não era bom. Não era bom de jeito nenhum. Um lobo lutaria até a morte pela família.

—Assumindo que ela seja... —Jace começou.

—Ela não é,— Miri rosnou.

Não tirando os olhos de Marc, Jace tentou novamente. —Assumindo que seja sua filha, por que diabos a daria para um homem que não poderia protegê-la?

—Porque eu matarei você se não o fizer.

—Me parece, que para alguém em posição de não fazer nada, está fazendo muitas ameaças.

O homem deu mais um passo em frente. Jace foi com ele. Miri girou e agarrou Penny, puxando-a para seu peito com força suficiente para deixá-la gritando ainda mais alto. O movimento repentino fez com que o lobo se movesse. Seu cheiro veio para Jace junto com o de Miri e de Penny. Não existia nenhuma dúvida que o lobo estava relacionado a Penny; seus aromas eram bem parecidos. Algo que Miri teve que reconhecer.



Jace olhou para Ian. —Estou apostando que a lei were tem algo para cobrir isto.

E como a lei were era bastante arcaica, baseada em fazer o que era certo, Jace estava apostando que os velhos guardiões aplicariam as regras.

Ian movimentou a cabeça, seus olhos nunca deixando Marc. —Todas as crianças perdidas pertencem a quem as encontrou, se a reivindicarem.

—Ela foi reivindicada na frente do conselho McClaren,— Miri disse depressa.

Jace olhou para ela bruscamente. Ela falou tão rápido, como se tivesse esperado este momento e se preparado para ele.

A frase de Marc—Ela é minha— soou baixa e mortal em seu peito.

Jace ouviu aquela frase com bastante frequência para saber que estavam em uma situação complicada. As mãos de Marc se flexionaram, piscando garras longas o suficiente para cortar Miri ao meio com um único golpe. E estava se agarrando ao seu controle por um fio. Nada bom.

—Você ouviu a senhora.

—Eu o desafio por ela.

—Bom o suficiente.

Creed surgiu entre eles, limpando o sangue de seu rosto. —Este tipo de desafio é a morte, vampiro.

As presas de Jace se estiraram e seu rosto começou a se transformar. —Não tem problema.

Miri apertou Penny contra o peito e se afastou de costas até se apoiar contra o balcão, prendendo a atenção do were. —Você falhou com ela uma vez. Eu não a entregarei para que possa falhar com ela novamente.

Essa era sua Miri, indo para a jugular. Marc endureceu. —Eu não falhei com ela.

—Sabe como nós a encontramos? O que estavam fazendo com ela? Como a deixaram carente?

Existia somente uma descrição para a contorção nas feições do homem; angústia pura, angústia não adulterada. —Não.

Lágrimas corriam pelo rosto de Miri. Seu rosto começou a se transformar. Jace nunca viu seu lobo interior muito perto da superfície. Marc girou em direção a ele. Jace também nunca viu tanto tormento nos olhos de um homem, nem tanta determinação. Ele deslizou sua mente ao longo da mente do were, testando suas emoções. Dor. Dor infinita, sentimento de culpa, e amor. O amor de um pai por sua filha. Tanto amor, que não estava certo de como o homem conseguia se controlar para não gritar. Ah, merda, por que estas coisas nunca eram fáceis?

—Você os matou, vampiro?

Jace sorriu. —Arranquei suas vísceras enquanto ainda podiam apreciar a experiência.

Marc olhou fixamente para ele, o rosto inexpressivo, e então movimentou a cabeça. —Obrigado.

—Deve saber que eu perdi um.

A cabeça de Marc se levantou rapidamente. —Ela é minha.



—Só se pegá-la primeiro.

—A lei dos weres...

A ira que Jace estava contendo explodiu. Deu um passo em direção a Marc. —Não dou a mínima para a lei were. Eu estava lá, senti seu terror ao ser tocada, enquanto tudo dentro dela ansiava por um toque. Tive que tirá-la da sujeira que estava, naquele túmulo glorificado, tive que segurá-la enquanto Slade puxava as agulhas colocadas em seu coração. Segurei sua energia e seu terror e não existe uma maldita lei nesta maldita terra que me impedirá de fazê-los pagarem.

Marc investiu contra ele e o agarrou pela camisa, o poder do movimento o jogando contra os armários. Jace deixou, querendo a briga longe de Miri. Madeira se lascou, pratos se agitaram. Sobre o ombro de Marc, Jace podia ver Ian agarrando Miri quando ela saltou atrás dele.

—Faça uma imagem para mim, vampiro,— Marc ordenou em um grunhido gutural. —Em minha cabeça, mostre-me o que encontrou.

Jace ficou tentado. Muito tentado. A angústia do homem veio para ele novamente. A piedade temperou seu impulso. Ele agitou a cabeça. —Não quer ir lá. Confie em mim.

Marc o agitou, fazendo os pratos se agitarem novamente. Ele olhou fixamente para a pequena Penny enquanto ela gritava de terror, ao mesmo tempo que Miri lutava com Ian. Jace poderia tê-lo matado nesse momento. Seria mais amável que fazer o que o homem estava insistindo que fizesse. Mas não o matou. A energia de Marc se enrolou numa tensão letal, seu rosnado quando se voltou e encontrou o olhar de Jace. —Se aconteceu com minha filha, deve acontecer a mim, então me mostre uma imagem, vampiro.

Jace fez, enviando as imagens tão rápido que eram como um borrão. O aperto de Marc mudou para seu pescoço. —Lentamente.

Merda.

—Eles a machucaram porque você se preocupou mais com sua imagem do que se preocupou com sua filha,— Miri chamou atrás deles, chicoteando o homem com a culpa enquanto Jace alimentava sua mente com as memórias.

Marc soltou Jace quando a última memória aterrissou. Ele cambaleou para trás, o rosto pálido, as mãos trêmulas.

Ian soltou Miri. Ela correu para o lado de Jace. Ele a puxou para seus braços, aceitando a pressão de sua energia enquanto se virava para Marc. —Eles a machucaram porque você não se importou, seu bastardo!

Se havia uma coisa que Jace certamente sabia era que este homem se importava.

—Miri... minha.

Ela girou em seus braços, apertando rosto de Penny em sua garganta. —Não adianta dizer isto, Jace. Eles a torturaram, e ele deixou.

Ian e Creed ladearam Jace, seus grunhidos de advertência juntando-se ao dele quando Marc veio em direção a sua pequena menina. Miri se afastou, sua necessidade desesperada de se agarrar a



Penny quase tão forte quanto a necessidade de Marc simplesmente abraçá-la.

Jace só sabia uma coisa. Esse homem não deixou sua pequena menina jogada em lugar nenhum.

Marc olhou para cima. —Eu não quero machucar sua companheira, mas levarei minha filha para casa comigo.— Ele estendeu a mão.

Rápido como um raio Miri cortou seus braços abertos. O cheiro de sangue encheu o ambiente quando as gotas espirraram no chão. —Não toque nela.

Estranhamente, o ataque de Miri não irritou o were. Em vez disso, pareceu estabilizá-lo. Ele respirou fundo, seu olhar sobre Miri e o modo protetor como segurava sua filha, e um pouco da agressão deixou seus ombros.

—Minha companheira da matilha seguiu as antigas normas. Eu a deixei para conseguir comida. Ela entrou em trabalho de parto antes que eu chegasse em casa, e quando o bebê nasceu imperfeito, ela a retornou para a natureza. Quando retornei, eu a fiz me contar onde deixou o bebê, mas ela mentiu, e quando percebi isso, minha filha não estava mais lá.

—Penny,— Miri rosnou. —Seu nome é Penny.

Marc continuou como se ela não tivesse interrompido. —Estou seguindo as pistas por dois meses, procurando por ela.

Marc prendeu os olhos de Miri. —Eu ouvi dizer que conhece a dor de saber que sua filha está em algum lugar no mundo precisando de você, a ouvindo chorar durante a noite em seus sonhos, mas não consegue alcançá-la antes de despertar.

Miri ofegou e a agonia, que nunca estava longe da superfície, queimou. Jace a puxou para seu lado.

—Outro golpe baixo como esse e arranco seu intestino.

—Inferno, eu farei isto para você, agora mesmo,— Creed estalou.

Marc ergueu o queixo. —Não existe nada que me manterá longe de minha filha.

—Você é um convidado em minha casa, Marc, mas está começando a desgastar minha hospitalidade,— Ian disse.

Marc olhou para Ian. —Então pegarei minha filha e partirei.

—Não.— A resposta de Miri não era tão veemente agora. Jace encaixou sua mente à dela. Angústia, angústia, e mais angústia. Não podia deixar Penny ir embora, não podia perder outra filha. Não podia tomar a filha de outro homem. Estava desesperada por uma solução para uma situação impossível.

Jace olhou por cima de sua cabeça para Marc. —Você é um were Tragallion?

Ele assentiu.

—Quanto quer sua filha? O suficiente para barganhar por ela?

Seus olhos se estreitaram, mas ele assentiu.

—E sua esposa?

—Minha companheira não está mais no contexto.



—Você a matou?

—Não.

Uma impressão vaga veio para ele. Mas alguém a matou. Jace não conseguia se importar.

Miri virou seu rosto para o peito dele. *Não faça isso comigo.*

Desajeitado e incomodado, o apelo mental invadiu sua mente. *Eu não estou fazendo nada, meu amor.*

Em voz alta ele disse, —Minha esposa não pode perder outro bebê.

—Eu não posso perder minha filha.

—Ela precisará de proteção. O Santuário irá caçá-la.

—A matilha ajudará.

—Sua matilha não tem um líder.

—Travis está morto?

Não havia absolutamente nenhuma inflexão na pergunta. —Ele morreu lutando contra o Santuário.

Houve um lampejo de alívio nos olhos de Marc. —Uma boa morte.

Para um homem não tão bom? Jace se perguntou.

A mão de Miri abriu-se em seu peito. *Não, Jace.*

Você não pode manter um homem afastado de sua filha, meu amor. A menos que esteja disposta a perder sua filha do mesmo jeito.

Eu sei. Suas lágrimas molharam sua camisa. *Mas não posso dizer as palavras que a deixarão ir.*

Ele também não podia. Não completamente. Ele encontrou o olhar de Marc.

—Você apoiaria um vampiro para líder?

Miri empurrou, perturbando Penny, que estava quase adormecendo. Ela acariciou suas costas.

Marc também pareceu parar de respirar. Seu olhar ficou mais cauteloso. —Você seria esse vampiro?

Jace não podia culpá-lo. A solução de Ian era radical.—Sim. Ian parece pensar que eu seria bom no trabalho.

Marc se virou para Ian. —Você apoia isso.

—Os Tragallions precisam de um líder forte. O Johnsons são fortes e Jace está acasalado com a fêmea Alfa de sua linha.

—Designar um vampiro irá separá-los.

—Ou aproximá-los ainda mais,— Ian rebateu.

Marc empurrou seu queixo em direção a Jace. —Por cima de seu corpo morto.

Miri ofegou. —Não.

—Shh.— Jace acariciou suas costas, acalmando-a.

Ian encolheu os ombros. —Ele está disposto a correr o risco.

O olhar de Marc abrangeu o modo como Miri estava agarrada em Jace, sua mão acariciando as



costas dela. A compreensão suavizou sua expressão. Ele apontou para Miri. —Por ela?

A pergunta era obviamente dirigida a Jace. Ele não via nenhum sentido em esconder a verdade. —Sim.

Ele faria muitas coisas para fazer Miri feliz. Levar algumas pancadas na cabeça para lhe dar a matilha que ela queria era o mínimo.

—Então não protestarei contra sua indicação.

Que não era o mesmo que apoiá-la. —Você poderia querer esperar até ouvir minha condição.

—Fale logo.

—Declarará Miri e Ian guardiões de Penny por direito de reivindicação.

Ele estava propondo uma aliança permanente entre o Alfa D'Nally e a família imediata de Marc. Era uma honra enorme para qualquer família e raramente concedida, por que significava que o Alfa e sua matilha podiam ser chamados para ajudá-los e não poderiam recusar.

Marc não tirou seus olhos de Miri. —Sua companheira viverá com você no complexo Tragallion?

—O que isso tem a ver com a situação?

—Eu não tenho nenhuma parente feminina. Minha filha precisa de uma mãe.

Jesus Cristo! Outro were iria tentar roubar sua companheira?

A mão de Miri em seu braço cortou sua ira possessiva. —Ele não quer dizer o que você está pensando, Jace. As mães substitutas são comuns entre os weres e as crianças frequentemente têm mais de uma casa.

Marc pareceu surpreso e depois divertido quando percebeu a preocupação de Jace. —Eu não tenho nenhum desejo por sua companheira.

Antes que Jace pudesse responder, Miri cortou a conversa, —E respondendo sua pergunta— sim, eu me mudarei com meu companheiro.

—Eu não decidi isto ainda, Miri.

Ela sorriu docemente para ele. —Eu lhe poupei desse problema.

Marc sorriu. Ian e Creed riram.

A mulher era o inferno para sua imagem. —Foi gentil de sua parte.

—Então, Marc,— Ian perguntou, —o que vai ser?

—Eu aceito a barganha.— Marc estendeu as mãos. —Eu posso segurar minha filha agora?

Jace estabilizou Miri mentalmente enquanto ela afastava Penny para longe de seu corpo. —Ela não vai facilmente com estranhos...

—Eu não sou um estranho, eu sou seu pai.— Suas mãos deslizaram debaixo das dela.

—Eu só não quero...

Miri nunca terminou a frase. Com um olhar maravilhado em seu rosto, Penny foi tranquilamente para os braços de seu pai.

E nos braços de Jace, o coração de Miri se partiu.



Capítulo 17

A matilha Tragallion não estava exatamente dando-lhes boas-vindas de braços abertos. Jace permaneceu com Miri na extremidade do complexo Tragallion e inspecionou a ordem de weres se exibindo no desafio tradicional de boas vindas. A maioria dos olhares eram francamente hostis. Alguns curiosos. Alguns cautelosos. Mas ninguém estava sorrindo. Ao todo, eram um grupo irritado com aparência cansada. Jace comprimiu Miri um pouco mais perto ao seu lado. —Lembre-me de cobrir Ian da próxima vez que eu colocar os olhos nele.

Ela o olhou. —Se você segurá-lo, eu farei isto para você.

Ele riu e soltou um beijo em sua cabeça, sentindo a onda de mal estar espalhando pela multidão à medida que fazia isso. —Não, eu quero fazer algum dano.

Marc olhou sobre o ombro. —Não há necessidade de apresentar um show. Eu posso praticamente garantir que o único motivo que acreditam que está aqui é pelo poder.

—Eu estou aqui por Miri.

—Bem, essa parte precisará de algum convencimento.

Um macho were se afastou da multidão. Ele se portava com a confiança de um guerreiro experiente. Seu cabelo era longo e castanho, seus olhos dourados. Um Alfa D'Nally. Mas aparentemente, não próximo na linha para liderança. Jace deixou que chegasse a dez passos antes de levantar a mão. —Você já está perto o suficiente.

As sobrancelhas do homem se levantaram, mas ele parou.

Jace olhou para Miri. —Fique aqui.

—Eu tenho tanto direito quanto...

Ele a cortou. —Até que eu saiba que é seguro, não ficará a uma distância de ser agarrada.

—Os weres Tragallion são honrados,— o desconhecido D'Nally disse, uma carranca em seu rosto.

—Me perdoe se não considerar sua palavra quanto a isso, no que se refere a minha companheira.

O homem assentiu. Vampiro ou were, a necessidade de proteger uma companheira acima de tudo era um instinto universal.

Marc deu um passo à frente e fez as introduções. —Jace Tragallion-D'Nally, este é Brac Tragallion. Segundo no comando para o Alfa.

Jace olhou o homem e fez uma rápida verificação de sua energia. Era tranquila, o que poderia significar que não tinha nada a esconder, entretanto, era o segundo no comando de Travis, alguém que Ian claramente não confiava. Aquela tranquilidade podia significar somente que era muito bom em mascarar sua duplicidade, mas Jace duvidava. Existia força neste homem. O tipo de força que



vinha de um forte código moral. —Eu sinto muito sobre Travis.

Brac assentiu. —Obrigado.

Contudo, uma outra implicação, através do silêncio, que Travis não foi um bom homem.

Miri sufocou um bocejo. Jace franziu o cenho. Ela estava se cansando mais facilmente do que ele esperava. —Existe um lugar onde podemos nos limpar?

—A casa do líder foi preparada.— Brac acenou a mão em direção a uma casa no centro do complexo. Grande, com um exterior bem cuidado, tinha uma prosperidade que faltava nas outras casas. —Sigam-me.

—Siga-me— significava levar Miri através de uma linha de weres que se estendiam por uns bons cinquenta metros de cada lado do caminho. Uma pontada de desconforto desceu pela espinha de Jace. Miri surgiu ao lado dele e deslizou sua mão na dele.

—Se vamos fazer isto,— ela sussurrou, —então realmente precisamos começar da maneira que queremos continuar.

Ele olhou para a coleção heterogênea de weres. —Momento infernal para jogar minhas palavras na minha cara.

Ela encolheu os ombros. —Temos que confiar em alguém, em algum momento. Eles são o que temos.

Ela estava certa. Eles chegaram tão longe, e chegar tão longe significava que estavam solidamente em território D’Nally. Se o plano fosse matá-lo e atribuir um novo companheiro para Miri, estavam muito além do ponto de volta. —Se me matarem, estará em seus ombros.

Seu sorriso era frágil, mas corajoso. —Que bom que meus ombros são largos.

Ele tocou os ombros em questão. Femininos e delicados, inspirando a réplica óbvia, mas a confiança em seu sorriso abafava isto. Há muito tempo não via aquela segurança em Miri. Muito tempo. Outro sinal que estava encontrando seus pés novamente. Concordar em assumir o comando da matilha Tragallion foi a coisa certa a fazer. Na realidade, até o momento em que ele fez o anúncio que assumiria a posição de Alfa de Tragallion, e sentiu a onda de alegria passar por ela, nunca valorizou o quanto fazer parte de uma matilha significava para Miri. Matilha para ela era muito parecido a ser um Johnson para ele. Era parte da definição de quem ela era. E retornar para a cultura que conhecia, mesmo nestas circunstâncias, pôs o salto de volta em seu passo.

Marc grunhiu e entregou Penny para Miri levar. —Seus ombros não podem carregar um mosquito.

Ele tomou uma posição no outro lado dela e pendurou seu rifle no ombro.

Jace arqueou uma sobrancelha para ele. —Para alguém que não está esperando nenhum problema, parece malditamente preparado para encontrar algum.

—Eu fiz uma promessa. Ela será mantida.

Ainda que ele tivesse que matar alguém para fazer isto. Jace agitou sua cabeça. De certa forma, lidar com os Tragallions era como voltar no tempo para os seus dias mortais, quando um homem vivia



pela força de seu braço e sua palavra. O que poderia explicar por que se encontrou gostando tanto deles apesar de seus modos irritáveis. Algo que Tobias insinuou antes que voltasse algumas milhas para cuidar de algo.

Miri bateu levemente no braço de Marc. O were, como sempre, franziu o cenho pela familiaridade. Miri, como sempre, ignorou seu desgosto. —Obrigada, Marc, mas a arma não vai ser necessária.

—Hum hum.

—Miri, se não parar de tocar no homem, eu vou ter que começar seriamente a considerá-lo um rival.

—Bobagem.

—Bobagem? Que tipo de palavra infernal é esta?

Os lábios de Marc poderiam ter torcido. Difícil dizer. Ele saiu de seu caminho para não sorrir. Especialmente ao redor de Miri, que saiu de seu caminho para tentar alcançá-lo. Ela disse que era importante para Penny. Jace tinha o pressentimento que era porque ela pensava que era importante para Marc.

Miri puxou a colcha para longe do rosto do bebê. —Uma perfeitamente boa, de acordo com a Raisa.

—Aquela mulher tem rancor contra um bom palavrão,— Jace lamentou, movimentando a cabeça para o paciente Brac que esperava que estivessem prontos.

—Ela é antiquada.

—Ela pode ser qualquer coisa que quiser desde que mantenha Jared sorrindo do jeito que faz.

—Ele está apaixonado por ela, não é?

—Não há necessidade de medir as palavras. O homem é um caso perdido e todo mundo sabe isto.

Ela franziu o cenho. —Isso ainda aborrece você?

Ele relaxou em frente a ela quando se aproximaram da multidão. —Porque foi ela quem transformou Caleb?

—Sim.

—Não.

À medida que começaram a subir a estrada, passando pelo mar de rostos hostis, ondas de descontentamento chegaram até ele, soprando mais forte que o vento que enchia o vale. Embaixo, em um sussurro mais suave, como uma sugestão de primavera, havia uma sensação desesperada de esperança. Ele olhou em volta novamente. Os Tragallions deveriam estar terrivelmente desesperados para depositar suas esperanças de libertação em um vampiro.

Jace tocou sua mente em Miri. Levou um segundo para que ela respondesse, mas não tanto como antigamente. Ela estava melhorando na comunicação mental.

Eu estou achando que Travis não era um bom líder.



Miri achava que Jace estava certo. Existiam certas coisas que falavam de prosperidade e estas pessoas não as tinham. Os pátios e as casas eram estéreis de ornamentação. As roupas eram de uma cor e estilo uniforme, como se tivessem sido compradas a granel. As calças das crianças eram muito pequenas, os joelhos remendados. O próprio complexo tinha uma atmosfera geral de negligência, como se o ar estivesse muito pesado pela tristeza, sem as risadas que vinham da segurança de uma matilha bem administrada.

Não era de admirar que não existisse um sorriso de boas vindas. Se o estilo de liderança de Travis era manter o melhor para si mesmo, então as pessoas provavelmente estariam se perguntando o quanto um vampiro não tomaria. Miri sorriu para a mulher à sua direita. A mulher não sorriu de volta.

Você está certo. Eles não parecem prósperos.

Movimento relampejou em sua visão periférica. Mesmo ela tendo conhecimento disso, Jace a puxou para trás dele. Um olhar para a ameaça revelou uma pequena menina, talvez com mais de cinco anos de idade. Seu cabelo castanho escuro, puxado para os lados de sua cabeça em tranças, era do mesmo tom castanho de seus olhos. Olhos que estavam arregalados em choque diante do grande vampiro de repente parado em frente a ela. Num piscar de olhos, weres Tragallion avançaram, Brac na liderança. Miri colocou a mão no centro de seu peito, impedindo-o de seguir. O choque do contato reverberou em seu braço. —Espere.

Brac olhou para sua mão e depois para seu rosto, a arrogância não perdida nela. Ela não se importou. Eles estavam começando da maneira que queriam continuar, e não queria continuar como uma fêmea Alfa esmagada, atropelada pelos preconceitos e medos dos outros. Marc surgiu ao lado dela, adicionando seu corpo para sua posição. Seu rugido de advertência retumbou em sua garganta.

Um suspiro chamou sua atenção para a pequena menina, cujas mãos estavam apertadas na frente dela, com algo claramente em seu aperto. Ela olhou para Jace e seu rosto se enrugou, seus olhos se encheram de lágrimas quando o terror substituiu a determinação com que ela saiu da multidão. Jace se agachou. Brac se mexeu. Miri não removeu a mão de seu peito. —Jace morreria antes de machucar uma criança.

Brac não pareceu convencido, mas não a empurrou para o lado. O que era bom, porque se a tivesse empurrado, provavelmente teriam um problema inteiramente novo para lidar. Jace não suportaria isto.

A aura de violência ao redor de Jace suavizou. —Oi.

Os lábios da pequena menina tremeram. Miri podia imaginar como aquilo afetou Jace. Tudo que Amendoim tinha que fazer era pensar em chorar e ele se desmanchava.

—A sua mãe está aqui?

A criança assentiu e apontou para uma mulher jovem e bonita atravessando a multidão. A mulher avistou Jace ajoelhando na frente de sua filha e gritou, —Brenda Lynn!



Os olhos da pequena menina se arregalaram ainda mais. —Oh.

De onde estava, Miri podia ver diversão de Jace e o estremecimento no canto de sua boca. Ele levantou a mão. A mulher parou. Seus dedos enrolados em punhos. Miri deu seu um sorriso encorajador. Foi ignorado.

—Eu acho que não deveria dizer oi para mim, hum?— Jace perguntou naquela fala arrastada, profunda e quente que convidava a confiança. Brenda Lynn não era mais imune a ela do que qualquer outra fêmea. Seu lábio pausou em um meio estremecimento, e sua expressão relaxou.

—Eu não quero dizer oi para você. Você é um vampiro.

—Brenda Lynn!— Sua mãe ofegou.

—Está tudo bem,— Jace disse a mãe. Miri podia ouvir o riso em sua voz, entretanto ela duvidou que era evidente para qualquer outra pessoa. Ele se voltou para Brenda Lynn. —Quem estava procurando para dizer oi?

Ela olhou fixamente para ele, o tremor em seu queixo firmando antes que ela relanceasse olhos para Miri e apontasse com suas mãos em concha. —Ela.

—Por que?

Brenda Lynn abriu suas mãos e cuidadosamente separou seus dedos para revelar seu tesouro— uma rã muito pequena. —Eu trouxe isto para ela.

—Isto é uma rã boa e poderosa.

—Ela é especial.

—Entendo.

Seus lábios se juntaram em um beicinho e ela franziu o cenho. —Eu quero que ela o beije.

Era um sapo de aparência doentia, com muitas verrugas. Miri fez uma careta. Existiam limites para o que Miri faria por uma criança. Ao lado dela, Marc tossiu. Ou riu.

—Você acha que ele é um príncipe?— Jace perguntou, mantendo um rosto sério com óbvia dificuldade.

Brenda Lynn lhe deu um olhar que claramente questionava sua inteligência. —Ele está doente.

—E acha que o beijo de Miri pode deixá-lo melhor?

A pequena menina movimentou a cabeça tão fortemente que suas tranças se agitaram.

—O que faz que você pense isto?

—Minha mamãe falou.

A mãe de Brenda Lynn gemeu.

—Ela falou?

Sem dúvida a mulher disse algo que não deveria ser ouvido e provavelmente não muito lisonjeiro. Definitivamente algo que ela não queria repetir, a julgar pela preocupação em sua expressão.

—O que ela disse?

—Ela disse que a fêmea Alfa é uma santa ou um demônio...



Miri podia ouvir a parte final de uma piada entrando na citação cuidadosamente recitada.

—Porque se pensa que pode transformar um vampiro inútil em um Alfa, ela tem que ser de um ou de outro, do céu ou inferno.

De repente houve uma agitação de tosses e roçar de rostos daqueles que estavam próximos o suficiente para ouvir, o que, com a acuidade de audição de lobo, eram muitos.

—Sua mãe está certa. É preciso alguém especial para fazer isto.

Eu não vou beijar um sapo.

Na verdade, é uma rã, então está bem.

Rã, sapo, ela não iria beijar, e era hora de intervir antes que Jace promettesse que beijaria. Miri tirou a mão do peito de Brac. Entregou Penny para Marc, que a pegou sem jeito, fazendo malabarismos com a arma e o bebê antes de ter que aceitar o inevitável e lançar a arma para Brac.

A energia de Jace a alcançou à medida que se aproximou, circundando-a quando ela apertou a mão entre seus ombros. A espessura de seu casaco a impediu de sentir o movimento de seus músculos quando ele olhou para ela. Nada poderia impedi-la de sentir seu abraço de conforto e sua diversão. —Esta é Brenda Lynn. Ela tem um problema.

—Eu ouvi. Oi, Brenda Lynn.

Tudo que recebeu de volta foi um olhar determinado.

Inclinando-se estudou o triste e pequeno anfíbio. —Eu não acho que ele precisa de um beijo,— disse para a pequena menina, que cheirava a perfume lilás. —Eu acho que só está muito sedento.

A pequena menina não pareceu segura mas trouxe o sapo até o nível do nariz, o olhou fixamente nos olhos e perguntou, —Você está com sede?

O sapo não se moveu, mas os olhos de Brenda Lynn o examinavam. Ela era muito preciosa, e Miri não podia evitar de se perguntar se Faith seria tão precoce em sua idade. E se chegaria a ver isto. Ela tomou uma respiração lenta para equilibrar a agonia antes de responder, —eu não acho que posso curá-lo com um beijo, mas gostaria que eu o levasse para a casa e visse se posso fazê-lo se sentir melhor?

Brenda Lynn franziu o cenho. —É ela. Seu nome é Wilhelmina.

—É um bonito nome.

—Bonito suficiente para beijar,— Jace ofereceu.

Miri bateu em suas costas. —Silêncio.

Brenda Lynn ficou absolutamente branca, olhando fixamente para Jace com horror. Ela nem piscou quando se afastou. Ao redor os rosnados aumentaram. Os homens se moveram. A mãe de Brenda Lynn a puxou de volta. Ninguém estava olhando para Miri. Todos estavam olhando para Jace.

Da mesma maneira fácil que fazia tudo, Jace estendeu o braço, pegou a mão de Miri—aquela que havia batido em suas costas—e a trouxe acima de seu ombro. O beijo que ele colocou em sua palma não era nem discreto nem inocente. Chamas lambeiram seu braço, queimaram seu peito, e suspendeu sua respiração. Quando ele terminou, seus joelhos estavam fracos e suas bochechas



vermelhas.

—Não dê atenção a ele,— Miri, se esforçando para manter a normalidade, disse a Brenda Lynn enquanto Jace se levantou, seu braço vindo para seus ombros. —Ele está sempre brincando.

—Ele é muito grande.

Miri bateu levemente no tórax de Jace. —Ele é não maior do que Marc.

—Ele é grande de um jeito diferente.

Porque ele era um Alfa. Porque podia fazer qualquer que quisesse e, tecnicamente, ninguém podia impedi-lo. Poderia até intimidar pequenas meninas e suas mães e seria seu direito.

Miri forçou seu sorriso para que ficasse suave e sua raiva para ficar enterrada. —Isto é para que ele possa protegê-la. Você sabe que é por isso que ele veio, não é? Ele sabe que Tragallions não gostam de vampiros, mas o D 'Nally disse a ele que existia uma pequena menina aqui que precisava de um protetor especial, alguém para mantê-la segura. Ela precisava de alguém grande e forte que não tivesse medo dos sujeitos ruins.— Ela encolheu os ombros como se a escolha tivesse sido óbvia. —Ele enviou Jace.— Brenda Lynn piscou, e seu queixo caiu um pouco. Parte de seu medo se transformou em admiração. —O D 'Nally o enviou para mim?

A implicação daquela questão ofegante aterrissou duramente. Alguém ousou machucar esta preciosa garotinha? —Sim.

—Ele protegerá minha mamãe, também?

A pergunta caiu no silêncio com o som de uma pedra caindo em uma lagoa, as ondulações se espalhando entre os weres que os observavam. A mãe de Brenda cobriu a boca de sua filha com a mão. Lambeu seus lábios e disse em uma voz tão impotente quanto seu olhar, —eu sinto muito.

Sobre a extremidade dos dedos de sua mãe, o olhar de Brenda Lynn mudou para Jace. Ela claramente estava esperando por uma resposta. A mesma raiva que Miri sentia dentro de si estava refletida em sua energia, mas não em sua voz quando ele suavemente perguntou, —Qual é o nome da sua mãe?

Brenda Lynn se torceu para se livrar do aperto de sua mãe. —Marjorie.

—É um bonito nome, e sim, eu vim para proteger você duas. Ninguém ameaçará vocês sem responder para mim. E meu amor, eu sou um vampiro malvado quando eu quero ser.

A declaração foi lançada para ficar. Uma promessa para todo mundo ouvir. Outro murmúrio retumbou pela multidão. Marjorie empalideceu ainda mais e não havia como disfarçar o pânico em sua expressão.

Miri poderia ter beijado Jace por ter o entendimento para dizer em uma voz muito mais baixa, —não existe nenhum laço nessa proteção, a propósito.

—Você não gosta de laços?— Brenda Lynn perguntou.

Marjorie cobriu a boca da pequena menina novamente e se desculpou em uma voz fraca, —Ela... ela nunca sabe quando ficar quieta.

Jace encolheu os ombros, ainda parecendo completamente másculo, completamente no



controle quando sorriu indulgentemente. —Eu nunca conheci uma criança que soubesse, e minha promessa ainda permanece. Se souber de qualquer outra pessoa que precise de proteção contra alguém, estranhos ou família, faça com que me enviem uma mensagem. Eu lidarei com isto.

—Você não pode intervir entre um macho e suas fêmeas,— Brac protestou.

Jace levantou seu rifle, parecendo mais Alfa naquele momento do que em qualquer outro que ela já viu, de pé com os ombros arqueados, os pés ligeiramente separados. O orgulho despejou por ela quando ele sorriu e disse —eu desafio você a fazer algo sobre isso —sorriu e demorou preguiçosamente, —eu posso fazer qualquer mer... coisa que eu quiser.

O palavrão foi modificado, obviamente, para benefício de Brenda Lynn.

—Os machos não gostarão disto.

—Os machos terão que se acostumar com a mudança. Eu sou Alfa e um vampiro. É uma garantia de uma combinação bombástica.

—Você deixou de fora o fato que é um dos irmãos Johnson,— Marc interrompeu, puxando o canto da colcha para fora da boca de Penny e substituindo pela chupeta. —Que é provavelmente sua característica mais irritante.

—Mais irritante que ser vampiro?— Miri perguntou.

—Droga sim. Todo mundo sabe que uma vez que um dos Johnsons colocam uma ideia na cabeça é quase impossível tirá-la de lá.

E Jace decidiu liderar os Tragallions. Miri não sabia se devia receber as palavras de Marc como uma advertência ou uma ameaça.

Brac pigarreou. Ele queria continuar andando. Ela também. A dor estava começando em seu estômago e o conhecimento do quanto essa matilha foi prejudicada não estava ajudando com o estresse que isso acarretava. —Que tal se eu levar Wilhelmina para casa e sua mãe levá-la em uma hora e verificar se ela está bem?— Ela perguntou a Brenda Lynn.

A criança não entregou a rã. —Eu não posso contar o tempo ainda.

Marjorie não se ofereceu para fazer isto para ela. Miri forçou a mão da mulher, contando com o comando da matilha para conseguir o acordo que precisava. Como fêmea Alfa, precisava começar por algum lugar. Esta pequena rã era isto. —Sua mãe pode.

A mulher disse alguma coisa baixinho que Miri não conseguiu entender, então: —Eu a trarei em uma hora.

Ela souou como se preferisse enfrentar um pelotão de fuzilamento.

Miri não se importou. Com grande relutância, Brenda Lynn colocou a rã nas palmas de Miri. Com grande relutância Miri a aceitou. A rã apenas sentou-se apática em suas mãos. Nem mesmo tentou fugir. Ela quis soltá-la. Ao invés, forçou um sorriso e passou a rã para Brac. —Eu verei você em uma hora, então.

Marjorie colocou a mão na cabeça da filha. Existia exasperação e amor no gesto. —Obrigada.

Miri sabia exatamente como se sentia quando Marc entregou Penny para ela, e o bebê



imediatamente começou a se alvoroçar. Não existiam muitas comodidades em ser uma mãe.

—Seja cuidadoso,— Brenda Lynn advertiu Brac, coçando os olhos. —Você pode quebrá-la.

Sua expressão era adequadamente solene quando ele respondeu, —eu não a quebrarei.

Isso era bom, Miri pensou, porque pela aparência das coisas, já foram quebradas muitas coisas por aqui. A criança ainda estava coçando os olhos. —Há algo errado com seus olhos?

—Não. Eles só ficam coçando.

Jace deu ao sapo um olhar cauteloso antes de colocar o braço ao redor dos ombros de Miri. — Se eu conseguir pegar verrugas eu sei a quem culpar.

Miri olhou para ele. —As verrugas são os menores de nossos problemas.

—O que faz você dizer isto?

—Salvar Wilhelmina é nosso primeiro trabalho oficial de liderança. Se nós falharmos, nunca seremos capazes de nos redimir aos olhos da pequena menina.

Jace olhou para o pequeno sapo. —Então seria melhor nós não falharmos.

A casa nova era espaçosa, com grandes quartos e janelas que recebiam muita luz, o que seria uma boa coisa se Jace não fosse um vampiro. Um olhar para cima revelou claraboias escurecidas por algo.

O olhar de Brac seguiu o seu. —A matilha não tem muita coisa em matéria de prevenção. Entretanto, nós os cobrimos com firmeza.

Jace assentiu enquanto olhava ao redor. —Eu aprecio isto.

Miri não gostou da sensação da casa. Era muito aberta. Ela se moveu para mais perto de Jace. — Nenhuma luz entrará quando as sombras forem afastadas?

Os lábios de Brac na implicação. —Eu mesmo verifiquei as sombras.

O que não dizia muita coisa. Ela não sabia o quanto ele era confiável. Jace colocou o braço ao redor de seus ombros e lhe deu um abraço, e quando a soltou, de alguma maneira ela estava atrás dele novamente. Franziu o cenho para ele. Como ele continuava fazendo isto?

Seus dedos roçaram seu braço. —Eu ficarei bem, Miri.

Ela tinha um mal estar no estômago que lhe dizia que nada disso ficaria bem. A matilha era hostil, e Jace estava muito exposto. E pelo que acabava de perceber, nada disso era surpresa para Jace. O que significava que sabia desde o princípio o que estava arriscando por ela, e o fez mesmo assim. Porque era seu marido, e porque se importava com ela.

Sua mão não estava livre, mas ela se apertou contra suas costas e beijou sua omoplata por cima do casaco. Ela pensou que a carícia era muito leve para sentir através do tecido, mas quando ele relanceou o olhar por cima dos ombros, chamadas brilhavam em seus olhos. Junto com perguntas. Tudo que tinha a oferecer em resposta neste momento era um sorriso em conflito com a mistura de emoções dentro dela. Penny se agitou novamente.

—Os sons para mim parecem de alguém que está ficando faminto.— Marc passou por ela. —Eu



prepararei sua mamadeira.

Brac olhou para ela, a rã em sua mão. —Wilhelmina precisa de cuidado, também.

Ele claramente estava se coçando para livrar-se da rã. Ela estava muito contente que ainda tinha Penny para segurar. Ela a colocou sobre seu quadril. —Por que tudo isso de repente é minha responsabilidade?

—Você é a Alfa.

Claro que ele daria aquela resposta. —Estou descobrindo que isto não é tão glamouroso quanto fui levada a acreditar.— A rã piscou. Ser uma princesinha disfarçada aparentemente não estava funcionando para ela, também. Suspirou quando Penny chupou seu ombro, fazendo sons de beijos molhados. —Nós poderíamos ir para a cozinha.

Seu estômago estava se convulsionando, mas não com a necessidade de comida. Ela precisava de sangue. Especificamente, de Jace. Seu apetite pareceu dividir entre sangue e comida real. Alimentar-se de um, em detrimento do outro causava um desequilíbrio aparente que torcia seu interior. Ignorar os dois tinha um resultado igualmente doloroso. —Miri?

Delator. Jace sentiu seu desconforto. Ela lhe deu um sorriso. Ele enganchou a mão atrás de seu pescoço e prendeu seu rosto em sua garganta, deixando-a saber que sentiu sua dor. Abaixou os lábios para sua orelha. —Você precisa se alimentar.

—Mais tarde.

Sua mão se abriu sobre a parte de baixo de suas costas, massageando ligeiramente. —Não muito mais tarde.

Era uma ordem. Ela imediatamente sentiu as necessidades contraditórias para obedecer e resistir. Porque nenhuma das duas eram razoáveis, ela moveu sua boca para a dele e o beijou. —Certo.

Seus lábios roçaram sua fronte antes que ele a deixasse se afastar. —Obrigado.

Através da sala Brac observava, seu rosto inexpressivo. Ela ergueu o queixo e ignorou seu rubor. Ela não tinha nada para se sentir envergonhada.

—Está tudo bem,— ela disse ao homem. —Nós somos casados. Temos todos os tipos de liberdades um com o outro.

O canto da boca do were com seu olhar de mau se retorceu. Nenhuma outra indicação dava uma ideia se estava aborrecido ou divertido, considerando que o levantamento das sobrancelhas de Jace claramente indicava sua diversão. —Reclamando seus direitos, princesa?

—Talvez.

A energia de Jace a tocou com a intensidade de um choque. Um calafrio correu por sua espinha quando o calor de sua pergunta deslizou junto a suas terminações nervosas. Ela não olhou ao redor. Não poderia fugir de seu acasalamento, mas não tornaria público o conhecimento de como podia deixá-la indefesa e arquejante com só um olhar.

Uma fuga tranquila para o quarto à direita da sala de estar era uma boa pedida. —Penny precisa



ser trocada.

Jace assistiu a retirada de Miri, seu lado Alfa exigindo que seguisse a rendição em suas palavras, em seu cheiro. Seu lado humano compreendendo que seria um erro embarcá-la daquele modo quando se sentia tão claramente vulnerável. Ele ouviu quando ela falou com o bebê, ouviu a pequena agitação de Penny quando Miri a deitou, ouviu o zíper deslizar quando abriu a bolsa de fraldas.

Na cozinha, ouviu Marc abrindo a geladeira. Em algum lugar atrás, um gerador zumbia. Percorreu o caminho através da mobília e luminárias graciosamente feitas artesanalmente, franzindo o cenho na falta de uniformidade das peças, exceto seu valor. Eram obviamente caras. Em sua experiência com o D 'Nallys e o McClarens, o Alfa, embora pelo título deveria receber o melhor, servia-se por último. Julgando pela pobreza do lado de fora e a riqueza dentro da casa, Travis não subscreveu essa filosofia.

Marc ergueu os olhos das mamadeiras que desempacotava da bolsa térmica quando ele entrou. Seu olhar passou por ele, procurando por Miri. Ou talvez Brac? Quando não encontrou nenhum dos dois, aquele vazio que todo Tragallion parecia reunir foi substituído por precaução. Jace conhecia aquele olhar. Sabia o que significava. Esta matilha tinha segredos—segredos ruins, se não estava enganado.

—Não me entenda mal, Marc, mas tenho a impressão que a matilha Tragallion caiu em tempos duros.

Um pouco daquele vazio diminuiu quando a boca de Marc se apertou. —Nós não temos a localização privilegiada dos D'Nallys. É difícil para nós comercializarmos as coisas que conseguimos fazer. Estamos muito longe de ter qualquer tecnologia real.

A luminária de óleo no canto teve um novo significado. —Vocês tem eletricidade?

—Não em todas as casas.

Jace passou os dedos pelo cabelo. Isso iria tocar o inferno com os dispositivos do Slade. —Grande.

Marc o olhou afiadamente. —A qualquer hora que quiser, pode dar a volta e voltar para casa.

E roubar de Miri a felicidade borbulhante que ela se esforçou para conter desde que anunciou que tentaria liderar a matilha? Provavelmente não. —Você pode muito bem se acostumar com a ideia. Eu estou aqui para ficar.

—Eu não tenho que me acostumar a nada.

O rangido da tábua corrida no corredor alertou Jace para o retorno de Miri. Seu cheiro fluíu antes dela, sua energia não muito atrás. Jace olhou por cima do ombro e então encontrou o olhar do lobo. —Sim, você tem, porque não vou a lugar nenhum.

Marc levantou as sobrancelhas. —Por causa dela?

—Por causa de muitas coisas, e uma delas é que eu fiz uma promessa para o D'Nally.

A expressão do lobo não relaxou. —E quanto específica é essa promessa?

—Específica o suficiente para que pudesse desistir de tentar me afugentar.



Marc apontou o queixo na direção de Miri quando ela entrou a cozinha. —Você acha que vale a pena matar ainda mais por ela?

—Pode ser que eu apenas aprecie um desafio.

A energia de Miri deslizou junto a sua. Se não estava enganado havia um grunhido em sua voz quando ela perguntou, —Quem está desafiando você?

Jace apontou para o fogão. —Aquele monstrosidade.

Ele colocou o braço ao redor dela quando ela veio para seu lado, fazendo cócegas na bochecha de Penny com as pontas dos dedos do jeito que sempre a fazia sorrir.

Miri olhou fixamente para a relíquia de ferro fundido. —O que é isto?

—Um fogão.

—De que século?

Jace não pôde evitar um sorriso pela ironia. —Do meu.

O sorriso de Penny pelo seu toque se dissolveu para fazer beicinho e ela fez o tipo de ruído que sinalizava o início de seu descontentamento. —Então sabe como operar isto?

—De fato, eu sei.

—Bom, então poderia aquecer a mamadeira de Penny?

—Sem problemas.

Outro grunhido, este um pouco mais agudo, indicando o crescente descontentamento de Penny. —Quanto tempo levará?

Não havia o mínimo de calor saindo da superfície. —Cerca de meia hora.

—Ugh, paciência não é uma das virtudes de Penny.

—Vou ver se consigo esquentar em vinte minutos.

Penny choramingou. —Então eu mostrarei a Penny nossa nova casa enquanto você esquentar.

Jace se agachou e abriu a câmara de madeira. Havia apenas brasas e nenhuma madeira empilhada ao lado do fogão. —Você fará isto.

Ele fechou a porta quando Miri iniciou uma canção de ninar e valsou com Penny para fora da cozinha.

—Ela compreende que Penny não vai ficar aqui?— Marc perguntou.

Jace movimentou a cabeça. —Ela só precisa fazer algo para ela, para se sentir confortável deixando-a ir embora.

—Ah.— Marc pausou. —Obrigado novamente por salvá-la.

—Não há necessidade de agradecer. Não existe um homem que se preze que teria deixado aquela pequena menina lá.

—Minha companheira teria.

O que ele deveria dizer sobre isso? Ele perguntou o óbvio. —Por que?

—Ela era muito fundamentalista.

—E você não é.



—Não.

—Então por que acasalou com ela?

—O acasalamento não é uma escolha. Quando ficou óbvio que éramos compatíveis para a procriação, fizemos nossa obrigação.

—Existirá uma manhã fria no inferno antes que eu veja Miri como uma obrigação.

—Mas você está aqui.

—Eu disse a você, eu gosto de um desafio.

—E sua companheira faz parte de uma matilha.— Marc abriu a porta da geladeira.

Jace encolheu os ombros. —Isso fará com que funcione totalmente.

—Ela ama minha filha.

—Sim, ela ama.

—Embora seja deformada e não seja seu sangue.

—Miri não vê o mundo em termos de perfeição.

Marc assentiu, colocando uma mamadeira na geladeira e mantendo outra em sua mão. Fechou a geladeira. —Eu notei isto. Ela será boa para as pessoas.

—Ainda que eu seja parte do acordo da matilha?

—Eu não decidi sobre você ainda.

Isso pelo menos era honesto. Jace tirou a poeira das mãos. —Existe uma provisão de madeira para Bertha aqui?— Ele indicou o fogão. —Ou tenho que cortá-la?

—Existe provavelmente cortada. Travis não gostava de sentir frio e se certificava que uma enorme quantidade sempre fosse entregue.

Jace arqueou uma sobrancelha. —Ele não cortava sua própria madeira?

Os lábios de Marc se afinaram de volta àquela linha direta que dizia tanto. —Travis pensava que ser líder dava a ele muitos direitos.

Jace colocou seu chapéu na cabeça. —Eu acho que isso significa que não cortava sua própria madeira.

—Quase. Ele tinha a matilha para fazer isso para ele.

Travis usou a matilha para muitas coisas. Jace abriu a porta de trás e parou. Tinha que ter pelo menos dez pilhas de madeira lá. O lugar era grande, mas não tão grande assim, e estavam no final do inverno, a pilha deveria estar no extremo oposto da balança enorme. Ele tentou se lembrar se viu esta quantidade de madeira atrás das outras casas. Realmente não podia se lembrar de ver nenhuma. Caminhou em direção a pilha mais próxima e agarrou uma braçada. Quando se voltou, Marc estava observando.

—Esta pilha de madeira é da comunidade?

—Não.

Ele não achou que fosse. Jace passou por ele, colocou a madeira no chão ao lado do fogão, e mexeu as brasas com o atizador. —Eu não estou aqui por tempo suficiente para saber o que é o que,



mas se existe alguém precisando de madeira, traga alguns homens aqui e distribua esta pilha entre aqueles que precisam disto.

O assoalho rangeu novamente. Ele olhou para cima. Brac permanecia na entrada, uma tigela transparente cheia com o que parecia pedras coloridas e água em suas mãos. —O que faz você pensar que alguém está passando necessidade?— Ele perguntou quando recostou seu ombro contra o batente.

O movimento na tigela indicou onde a rã estava. Jace empilhou a madeira em uma pirâmide pequena.—Tem uma quantidade absurda de madeira para ainda estar aqui no fim do inverno. E meu palpite é que existem muitas pessoas necessitadas para que isso esteja desta maneira.

Ele podia sentir Brac olhando para ele.

—Você pensa que distribuir um pouco de madeira vai conseguir que caia nas boas graças da matilha?

Jace torceu o jornal firmemente e o deslizou debaixo da pilha de gravetos. —Eu não pretendo fazer nada, além de manter as pessoas quentes.

Brac não pareceu seguro. Jace não deu a mínima.

—Você veio por alguma coisa ou estava se sentindo curioso?

—Eu pensei que gostaria de saber que as mulheres estarão aqui em breve. E a rã ainda precisa de uma casa.

Ele soprou nas brasas. —Por que?

—Porque estou ficando doente de bancar a babá de uma rã.

—Parece que está fazendo um trabalho muito bom com ela.

Brac levantou a tigela. —Eu roubei um par daqueles vasos na sala de estar.

—Wilhelmina provavelmente nunca teve nada tão bom.— Jace olhou para cima. —Por que as mulheres estão vindo?

—Para ver se existe alguma coisa que Miri gostaria que ela ainda não tem.

—Isto é gentil da parte delas.

—Eu não chamaria de gentil. É a lei da matilha.

As chamadas comeram na extremidade do jornal. —Você vai ter que explicar isso.

—É o direito de Miri como Alfa, tomar qualquer coisa que queira,— Marc explicou cuidadosamente.

Jace fechou a cara. —Nós somos bons.

—Bons para que?— Miri perguntou, voltando a cozinha. Ela parou justamente na frente dele, colocando-se entre ele e Brac naquele modo protetor que ela tinha. Como se ele fosse capaz de usá-la como proteção.

—Bons para tudo que nós precisamos.

Ele pegou sua mão e a arrastou para suas costas três passos para um ponto atrás dele. Brac observou o gesto com as sobrancelhas levantadas.



Jace ignorou o olhar exasperado que Miri lhe atirou. Ela beijou a cabeça do bebê. —Eu não entendo.

—Parece que os Tragallions tem um costume antiquado e estranho no qual querem nos incluir. Um onde nós saqueamos seus pertences para fazer o que quisermos. Eu recusei.

—Por que?— Marc perguntou quando Miri passou Penny para ele.

—Eu mantenho minha esposa.

—Travis apoiava isto,— Brac inseriu.

—Travis está morto,— Jace rosnou, caminhando para a geladeira e abrindo a porta. Bifes, bifes, e mais bifes cobriam as prateleiras. Existia comida suficiente naquela geladeira para alimentar um exército. Se Travis ainda estivesse vivo, Jace teria chutado seu traseiro. —Travis tinha uma grande família?

O lábio superior de Marc se curvou —Ele nunca se acasalou novamente depois que sua esposa morreu.

—Ah.— Ele olhou por sobre o ombro. —Bife está bom para você, Miri?

Ela se aproximou e pegou a porta antes que ele pudesse fechá-la. Ela assoviou.

—Brac?— Miri chamou.

O were se afastou do batente.—Sim?

—O quão íntimo era de Travis?

—Eu era seu segundo no comando.

—Não foi o que eu perguntei a você.

—Princesa,— Jace advertiu quando o odor do were mudou.

Ela se virou, seu cotovelo colidindo com o estômago de Jace. —O que?

—Pisar no orgulho de um homem pode ser um negócio perigoso.

—Eu não estou pisando em nada. Estou fazendo uma pergunta.

—Uma pergunta muito insultante,— Brac rosnou, colocando a rã no balcão.

Miri empurrou Jace, igualando seu olhar penetrante ao dele. —De quem é sua lealdade, Brac?

—Minha lealdade é da minha matilha.

—Não do seu Alfa?— Jace perguntou.

—O Alfa é uma extensão da matilha,— Miri forneceu, virando-se para olhar fixamente para o conteúdo do refrigerador, uma tensão estranha zumbindo por ela.

—E se o Alfa for uma pessoa má?

—Os passos são tomados,— Marc disse, segurando Penny em um braço enquanto colocava uma panela debaixo da torneira.

—Por quem?

—Alguém na cadeia de comando.

—Você chamou o Executor, Brac?

Ele dobrou os braços sobre o peito. —E se eu tiver chamado?



Miri alcançou a geladeira e agarrou um pacote de bife e o bateu em cima da toalha de mesa rendada. —Então esperou muito tempo!

Ela se virou e agarrou outro e depois outro, jogando-os em cima da mesa de madeira, lançando bifos para fora da geladeira mais rápido do que Jace podia pegá-los.

—Miri?

Brac avançou. Marc deu um passo adiante. Miri rosnou e começou a lançar dois pacotes de cada vez. Penny começou a chorar. —A matilha passou fome enquanto aquele bastardo ficava sentado aqui acumulando comida, não é?

Jace agitou sua cabeça antes que Marc pudesse responder. Um pacote de seis cervejas bateu na pilha de bifos e deslizou perigosamente em direção à extremidade. Jace o agarrou, colocando-o cuidadosamente no chão.

—Brenda Lynn provavelmente sabe o que é sentir fome não é?— Miri perguntou.

Jace não teve que advertir os outros não para dizer nada. Um bobo podia ver que Miri estava acabando. Ele deu um passo em direção a ela. Três pacotes de carne o fizeram recuar.

—E sua mãe odeia este lugar por uma razão, não é? Ela não quer vir aqui por causa das memórias, certo?

Ela chutou a porta para mantê-la aberta quando começou a fechar, seus braços carregados com pacotes de carne, condimentos, e leite. —Certo?— Ela exigiu novamente quando Brac não respondeu imediatamente. O were pegou a porta quando ela voltou violentamente. Jarros estalaram.

—Ela poderia ter alguma razão.

Miri esvaziou a comida na mesa. Marc mergulhou para pegar o leite, mas por causa de Penny, ele deixou escapar. O recipiente bateu no chão e se abriu. O conteúdo escorreu através da superfície de madeira.

Miri se quietou e olhou fixamente quando a poça cresceu. —Droga.

Jace se curvou e levantou o caixa de papelão, estalou a tampa, fechando-a novamente, e o recolocou no refrigerador. Miri imediatamente a agarrou. Existia ainda metade no leite na caixa. —Isto é para Brenda Lynn.

Ela estava em movimento novamente. Ela afastou o canto da toalha de mesa e lançou em cima da pilha com energia quase frenética. Três passos e estava em torno da mesa, repetindo o gesto até que teve toda a comida empacotada na cara toalha de mesa. Quando ela teria puxado a toalha para fora da mesa, Marc a parou.

—Essa toalha é muito fina para ser usada para isto.

—Melinda ficará chateada se você rasgar o linho de sua avó,— Brac concordou.

—Quem é Melinda?

—Tia de Marjorie.

Miri gemeu como se as informações fossem mais do que ela poderia aguentar. —Até a toalha de mesa é roubada?



Jace abriu seus braços. Miri se jogou em direção a eles. Ele pegou um vislumbre das lágrimas em suas bochechas antes que ela enterrasse o rosto contra seu peito. —Não deveria ser desse jeito, Jace.

Não importava o quanto ele a segurava firmemente, não podia impedir que suas ilusões se quebrassem.

—Não deveria ser desse jeito entre minha própria raça.

—Eu sei. Mas consertaremos isto, meu amor.

Seus dedos se embrulharam em sua camisa. —A determinação não pode consertar tudo.

Mas poderia consertar isto. Ele estava seguro. Ele levantou seu queixo. A luz se prendeu nas lágrimas em seus olhos, transformando a íris em leve sombra dourada. —Não é como uma mulher que se casa com um homem e então imediatamente tente mudar seu modo de pensar.

Brac se moveu em direção a comida. Jace assentiu. O outro homem agarrou alguns sacos de papel no armário e começou a carregá-los. Marc pegou a mamadeira no fogão e tirou Penny da cozinha.

—Eu não estou tentando mudar você,— Miri sussurrou.

—Você está tentando fazer com que eu acredite em desespero.— Ele enxugou as lágrimas de suas bochechas com o polegar. —E meu amor, desesperar não é algo que eu faço. Especialmente não com você.

—Eu não sei quanto mais posso aguentar.

—Então não aguente. Deixe-me lidar com isto para você.— Ele precisava dela para deixá-lo lidar com isto para ela. —Somente por enquanto.

Ele segurou sua respiração enquanto ela pensava. Sua concordância era o presente mais doce que já recebeu. Jace a balançou em seus braços. Os braços dela envolveram seu pescoço. Através da cozinha, Brac olhava fixamente, seus olhos estreitados, seus pensamentos ilegíveis.

Miri bateu no ombro de Jace. —Só um minuto.

Ela se inclinou para que pudesse ver Brac. —Diga as mulheres para buscarem seus pertences em meia hora.

—Como?

Ela gesticulou em direção à sala de estar. —Eu quero que elas venham buscar seus pertences. Eu não quero ficar com eles.

—Isso poderia deixar você sem nada.

Jace pegou a palidez de Miri e seu rosto manchado de lágrimas. Ela precisava se alimentar. —Diga a elas para estarem aqui em uma hora.

Capítulo 18



Seria mais fácil curar o sapo.

Miri assistia enquanto uma mulher depois da outra, vinha para sua casa, reaver seus móveis. A pequena esperança que tivera, talvez que afinal uma delas pudesse dar boas-vindas morreu, enquanto duas mulheres brigavam com o colchão e a cama. Ninguém pegava o colchão da cama, a menos que seriamente o quisessem.

Manteve sua voz tão calma quanto possível, ao dizer:

—Depois que terminarem, poderiam voltar aqui, por favor?

Algumas das mulheres a olharam de modo nervoso. Um ou dois olhares eram totalmente zangados. A maioria das mulheres não olhava para ela. Miri suspirou. Por que não poderia, para variar, alguma coisa ser fácil?

A porta da frente abriu. Brenda Lynn entrou pulando pela sala atrás de sua mãe, trazendo a essência de perfumes de lilases e o frescor do ar da noite com ela.

—Como está Wilhelmina?

—Eu acho que está melhor.

A garotinha sorriu. Sua mãe olhou cautelosamente para Miri, assim que virou a cabeça para a linda mesa entalhada contra a parede. Miri suspirou novamente. Nenhuma aliada ali.

—Brenda Lynn, venha me ajudar com esta mesa – Marjorie chamou

Brenda Lynn balançou sua cabeça:

—Eu quero ver meu sapo.

—Primeiro a mesa, depois o sapo.

A garotinha pisou duro, passando por sua mãe. Miri assistia, o humor misturado com a dor da perda. Tudo que se relacionasse com Brenda Lynn fazia-a pensar em Faith, pensando nela no futuro, imaginando se seria igual nessa idade. Deus, queria seu bebê. Queria que tivesse um futuro, mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Um toque de carinho envolveu sua dor. Ela rapidamente fechou a emoção, não querendo preocupá-lo. Ele tivera dor e culpa suficiente sobre a filha deles. Quando não estava especificamente escondendo suas emoções dela, ela podia deslizar para dentro do escudo dele e sentir a agonia que estava tentando manter escondida. Parte dela desejava que ele dividisse aquela dor. O lado mais egoísta queria que mantivesse isso o mais firmemente trancado. Ela não se sentia forte o suficiente para lidar com a dor dela e a dele.

Brenda Lynn tirou o abajur da mesa. A calça da criança estava muito curta e sua blusa gasta. Antes ela pensara que era porque estava usando roupas para brincar, mas nenhuma mulher traria sua filha à casa do Alfa, mesmo que fosse para um aviso de ajuda, em nada menos que sua melhor roupa. O sentimento familiar de raiva e de abandono atravessou Miri, culminando em todo tipo de medo e desespero. Uma das coisas menos favoráveis que aprendera no Santuário.

Desespero não tem a ver com o que eu faço.



As palavras de Jace voltaram à ela, junto com a sensação da mão dele em seu queixo, o ímpeto da personalidade dele juntamente com sua total crença de que ele poderia consertar qualquer coisa – ela, a filha deles, essa matilha.

Ela lambeu seus lábios. Jace acreditava no impossível, da maneira que outras pessoas acreditavam em simplesmente respirar. Em circunstâncias onde ela introduziria com facilidade o senso de dever, ele traria a luta. Ela estava acostumada com guerreiros. Weres eram guerreiros até o âmago, mas o limite de Jace era mais afiado. Como resultado disso, as situações em que ela tinha dúvidas sobre sua capacidade, trazia à tona a determinação dele. Ela levantou seus dedos e tocou seus lábios. Tocou com sua língua, provando a lembrança do beijo dele. Ela olhava para todas aquelas mulheres saqueando sua casa no entusiasmo de reclamar por pedaços de si mesmas. Era o mesmo para ela, todas as vezes que se conectava à Jace. Pedaços dela que imaginava perdidos, reapareceriam, mais fortes do que se lembrava, como se nutrisse o vínculo entre eles, alimentando outras partes dela tão bem. Partes que perdera, como sua autoconfiança, sua fé, suas crenças. O que era uma boa coisa, porque iria precisar deles.

Ela estremeceu assim que a pesada mesa da sala de jantar foi levantada do chão polido de madeira, num grito severo de protesto. As mulheres congelaram e olharam para ela; suas expressões numa mistura de horror e desafio.

Ela sorriu:

—Eu tenho certeza que podemos colocar isso para fora.

As mulheres que estavam segurando a mesa, à similaridade de suas características, mostrando que eram obviamente parentes, olharam por um momento mais longo e depois concordaram. Apesar da desconfiança.

Miri sabia exatamente como se sentiam. Ela não tinha certeza de nada, também, mas tinha a certeza que essa matilha foi abusada. Assim como ela. Isso lhes dava mais em comum do que nada. Aprenderiam a crescer saindo dessa bagunça de suas vidas a transformando em algo que fariam juntas. Ela lambeu seus lábios novamente. Com a ajuda de Jace. Mesmo casada com ele, ainda achava difícil acreditar que ele concordara em ser da matilha.

—O que há de errado com Wilhelmina? — Brenda Lynn perguntou sobre os ombros dela, enquanto ela arrastava sua mãe para porta, uma pequena gaveta da mesa em suas mãos.

—Eu acho ela teve muito do tipo errado de mudança.

O metódico despojo da casa parou, a pausa silenciosa anunciando a comoção. Miri fingiu não perceber. Brenda Lynn voltou para a sala, a gaveta balançando na mão dela:

—Isso não faz sentido.

Não, provavelmente não fazia para uma criança de cinco anos. Ela tentou uma nova tática:

—Wilhelmina é um tipo muito especial de sapo.

Instantaneamente, a garotinha era toda atenção:

—Wilhelmina é especial?



Miri assentiu:

—Muito especial. Ela pode dormir toda vez que quiser, assim como pode evitar isso quando quer. Ela tem a capacidade para tirar longos cochilos quando está frio.

—Brenda Lynn, — a mãe dela a chamou.

A criança ignorou a intimação e franziu a testa, esfregando seus olhos com o dorso da sua mão:

—Eu sei. Eu continuo tendo que acordá-la.

—Bem, acho que acordá-la a está deixando doente. Ela precisa dormir.

A criança levantou sua cabeça para o lado e considerou isso. Marjorie voltou para dentro da casa, viu onde a filha estava, e fez uma careta. Brenda Lynn ignorou o outro chamado da sua mãe:

—Eu não me sinto bem quando estou cansada.

—E nem ela. E precisa dormir no inverno, mesmo em meio ao frio, até que tudo se aqueça novamente.

—Então se eu a deixar dormir, vai gostar de mim de novo?

—Oh querida, ela nunca deixou de gostar de você — Miri se ajoelhou no chão, colocando-se ao nível dos olhos da garota, e pegou as mãos dela:

—Mas não poder dormir quando ela quer a deixa infeliz.

—Então se ela dormir, gostará daqui?

—Sim — Miri pretendia falar para a criança deixar o sapo ir embora quando esquentasse, mas por agora, deixá-la hibernar seria bom.

—Supondo que ela poderia hibernar na casa.

—Eu acho que a mudança fará bem para ela.

Brenda Lynn ficou quieta um momento. Ela olhou para sua mãe e voltou-se para Miri, suas mãos apertando a borda da gaveta. Os músculos de seu antebraço levantaram enquanto as suas mãos pequenas o agarraram fortemente.

—E talvez se você mudar as coisas aqui, minha mãe vai querer ficar aqui, também?

—Brenda Lynn!

—Miri não estava surpresa por ouvir que Marjorie estava planejando ir embora. A outra mulher tinha um olhar cansado, desesperado de quem foi pego numa armadilha. Miri podia não saber o que inspirara isso, mas sabia como era o sentimento.

—Eu espero que sim — Ela empurrou Brenda Lynn na direção da cozinha, estremeando ao sentir o cheiro forte de lilases — Wilhelmina está na cozinha. Você sabe onde é?

—Claro — ela franziu o nariz — Eu vivia aqui.

Miri piscou os olhos com as consequências daquela revelação. Brenda Lynn pulou fora.

Ela se virou para a mãe:

—Você e Brenda Lynn moravam aqui?

Marjorie ficou ereta:

—Sim.



—Eu sei que Travis não estava vinculado.

Marjorie levantou o queixo:

—Ele não estava.

Miri piscou os olhos:

—Estavam unidos?

Alguém bufou. O queixo de Marjorie ficou mais alto:

—Não.

Nenhuma mulher de respeito na matilha vivia com um macho sem estar unida:

—Você concordou com o acordo?

Aquele queixo se abaixou:

—Eu aceitei a escolha.

O que deixou muita margem para a interpretação. Orgulhosa e desafiadora, a atitude dela era quase um desafio. Sabendo o que sabia de Travis e dos costumes da matilha, Miri estava disposta a apostar que houve algum tipo de coerção envolvida e, apesar da hostilidade da outra mulher, não pode eliminar a satisfação da empatia:

—Todos fazemos o que temos que fazer.

Marjorie piscou os olhos:

—Desculpe-me?

Pelo o que pode ver, Travis era um dos que precisava ser desculpado, mas não havia nenhuma maneira de fazer isso e não manchar o orgulho de Marjorie com a sujeira.

A ajuda veio na forma de Brenda Lynn. Ela veio da cozinha, a energia familiar saltando em cada um de seus passos, o aquário que continha Wilhelmina em suas mãos. Espirrando água e pedras ao redor, enquanto o sapo se agarrava onde e como podia.

—Calma querida, — Marjorie falou, o amor por sua filha claro em sua voz — Wilhelmina vai ficar doente.

Brenda Lynn imediatamente se sentou, interrogando o sapo enquanto ela se sentava:

—Você está se sentindo doente, Willy?

Seu rosto, enquanto esperava a resposta do pequeno sapo, era precioso. A criança era preciosa. Marjorie tinha lágrimas em seus olhos.

Miri tocou o braço dela:

—Eu farei o melhor por ela.

A expressão de Marjorie se fechou ríspidamente:

—Falar é fácil.

—Então está desistindo — revidou Miri.

Marjorie se eriçou:

—A questão é, você desistiu há muito tempo atrás.

Miri cruzou seus braços diante de seu peito:



—De que maneira?

Marjorie ficou em posição de confronto contra ela:

—Você se uniu a um vampiro.

—Eu me uni com seu Alpha, e estou disposta a apostar que é o melhor homem que viu em muito tempo.

—Você não o marcou – uma das mulheres perto da porta apresentou.

Não, ela não o fez, e estava começando a perceber agora, como aquilo era ridículo:

—Isso é entre eu e Jace.

—Se não confia nele, por que nós deveríamos confiar?

Boa pergunta:

—Não é que não confie nele.

—Tudo bem, certo.

Ela correu sua mão pelo cabelo, puxando-o através de grunhidos. Quanto poderia dizer? Ela olhou ao redor para a mistura de esperança e desconfiança refletida atrás dela. Isso era a matilha. Essas mulheres seguiriam sua liderança. Segredos não ajudariam ninguém.

—Eu fui refém do Santuário por um ano. — ela lambeu seus lábios enquanto ficava vermelha de vergonha. Imediatamente houve um toque sutil de calma. Dessa vez ela não se fechou. As mulheres estavam certas. Se não confiava em Jace, por que elas confiariam? — Isso me deixou com alguns problemas.

—Deveria deixar seu companheiro lidar com eles, — uma loira atraente, cujo nome não se lembrava, soltou isso.

—Não é assim tão fácil.

—Tem medo que não a queira mais se souber de tudo?

Ela passou sua mão pelo cabelo e sacudiu sua cabeça:

—Jace é um homem incrivelmente leal.

—Então deveria parar de ser tola e marcá-lo — respondeu Marjorie.

—Assim que terminarem aqui, eu farei o que for certo.

Agora, precisa me encarar de frente.

—Dizem que salvaram a filha de Marc, — a loira continuou, ignorando o sarcasmo dela, da mesma maneira que Miri estava ignorando Jace.

—Aquilo não foi certo, — Miri ouviu outra mulher murmurar.

—Sobre isso estamos de acordo, e não sou a única que a salvou ou a reclamou — esse foi Jace.

—Ela tem um pé deformado.

Os murmúrios varreram a sala se expandindo como ondas, como se um pé torto fosse o fim de tudo e todos fossem boas pessoas.

A raiva interna cresceu, travando na garganta de Miri como um rosnado reprimido:



—Ela também tem um sorriso lindo e uma natureza doce. Dos três, eu estou pensando que os dois últimos são mais importantes.

—Ela trará azar, — a mulher com uma energia muito antiga interrompeu.

Marjorie virou-se ao redor:

—E tem sorte pior quando a matilha abandona crianças inocentes por causa de superstições antiquadas.

Outro murmúrio passou pelas mulheres. A mulher com a energia velha, ficou para trás, mas as outras mulheres se moveram um pouco para frente.

—Muito pior. Fui criada para acreditar que a matilha ajuda a matilha incondicionalmente, sem especificações. — Miri olhou para Marjorie — e não só quando se trata de crianças.

—Fácil para você dizer — lançaram lentamente para fora do grupo das mulheres.

—Sim, é. — Miri cruzou seus braços ao redor do peito — O que me traz algo mais.

—Mudou de ideia sobre devolver nossas coisas?

Ela deveria, considerando que estavam levando tudo, até o sabão na pia.

—Não. É trabalho do meu marido providenciar, então vou deixá-lo.

Obrigado.

Miri ignorou a interrupção seca:

—Mas daqui em diante, nenhuma das famílias passará fome, e nenhuma das crianças será deixada na floresta. Somos weres Tragallion, membros do clã D’Nally, e isso significa algo.

—Sim, negligência, — a mulher mais velha murmurou.

Miri estava farta o suficiente dela:

—Qualquer um que estiver descontente com a forma como as coisas estão sendo conduzidas estará livre para ir embora.

—Não pode me chutar para fora. Somente o Alpha pode.

—Eu acho que estou segura em poder dizer que consigo dele o que eu quiser.

A mulher calou a boca.

Verdade. Do certo que me incentivar, poderá fazer comigo o quiser.

Imagens do corpo dela nu cobrindo o dele, o cabelo dela deslizando sobre a cavidade do abdômen dele como um cobertor sensual, inundaram sua mente.

Perverso.

Não está interessada?

Eu não disse isso.

Foi o que eu pensei. Você é muito sexy quando goza majestosamente.

Guarde seus pensamentos.

Eu quero guardar mais alguma coisa.



Não havia dúvida do sorriso escondido naquela declaração. Ela teve que suprimir seu próprio sorriso. Jace era absolutamente ultrajante. E todos os dias ela se lembrava mais e mais o quanto ela gostava disso.

Deixe-me fazer meu trabalho.

Você vai fazer isso para mim mais tarde?

Ela carregou a imagem dele um pouco mais, sentindo seu suspiro em sua cabeça, o calor que percorria o corpo dele. E embalou uma trilha de satisfação porque poderia fazer para ele o que ele fazia tão facilmente para ela.

Absolutamente.

Ela voltou sua atenção às mulheres, que estavam olhando para ela de modo estranho. E não entendendo. Provavelmente ela parecia estar fora de órbita por um momento:

—Você quer sair ou ficar?

Houve uma pausa tensa. Miri segurou sua respiração. Não poderia se dar ao luxo de perder ninguém, muito menos uma das mais velhas da matilha. Um voto de não confiança nesse estágio levaria anos para ser superado. O olhar da mulher abaixou um pouco frente ao desafio direto:

—Ficar.

Miri soltou o ar que esteve segurando:

—Bom, porque teremos muito trabalho para chegarmos aonde precisamos e vamos precisar da cooperação de todos para chegar lá.

—Onde é isso?

—Eu não sei, porque não estive tempo suficiente aqui para saber onde precisamos ir, mas sei que daqui em diante os Tragallion-D’Nallys estão focados nos resultados.

—Que tipo de resultado podemos esperar, quando seu companheiro é um vampiro?

—Qual é seu nome? — Ela se virou para a outra mulher.

—Helen.

—Bem, Helen, se meu companheiro, mesmo sendo um vampiro, não desagradou os D’Nally, não vejo porque isso aborreceria você.

—Os D’Nally não terão que viver com ele.

Miri sorriu docilmente para a morena atraente:

—Nem você. Posso pedir à Brac para escoltá-la para fora dos domínios dos Tragallion amanhã cedo.

Uma batida na porta pontuou o suspiro coletivo ante esse anúncio. A porta se abriu silenciosamente. Jace caminhou para dentro. As mulheres o encararam, e não porque era vampiro. Jace andava por qualquer lugar como se fosse o dono, e sua confiança e força, combinada com seu carisma, era atraente para qualquer um. Seu companheiro, para ser franca, era um homem muito bonito de rosto, de forma e de presença. Ele poderia ter qualquer mulher em qualquer lugar. Um jorro de insegurança flutuou por ela.



Eu tenho a única que quero.

Ela piscou de volta os pingos de lágrimas por causa da suavidade da emoção que escorria dele para ela. Ele era um homem muito forte. Ele merecia uma mulher forte.

Por que eu?

Ele chegou ao seu lado. As mãos dele deslizaram por trás do seu pescoço. Com uma carícia do seu polegar, ele levantou o rosto dela. Chamas faiscavam nos olhos dele. Um pequeno sorriso enrugava os cantos da boca. Ele abaixou a cabeça. Ela não podia olhar para outro lugar, apenas encará-lo encantada diante de todas as outras mulheres, pela intensidade que projetava. A respiração dele caiu sobre os lábios dela. Ela inspirou, trazendo a carícia para dentro, guardando-a.

Antes dos lábios dele a tocaram, ele suspirou mentalmente: *Porque eu te amo.*

Ela esperava que dissesse isso com a arrogância de um vampiro, podendo aceitar a dominância de uma were, mas disse do mesmo modo que dizia qualquer coisa – com certeza inabalável de seu coração humano. E isso a despedaçou. Bem lá no fundo onde jurava que não se quebraria novamente. Ela simplesmente ficou ali de pé atordoada enquanto ele reclamava sua boca, sua alma. Ele não estava com ela por causa do destino ou por culpa. Ele a amava. Ele realmente a amava. Da maneira com a qual sempre sonhara que seu verdadeiro companheiro o faria.

As lágrimas que tentava segurar caíram pelas suas bochechas, saboreando a intimidade do beijo, enquanto levantava suas mãos e o puxava para perto de si. Se pudesse teria se arrastado pela pele dele. A consciência foi embora. Só existia a fome, a necessidade de Jace.

Alguém tossiu. Uma plateia. A constatação foi uma pequena punhalada através da névoa da paixão. Eles tinham uma plateia.

Não é o momento para isso.

Eu acho que é o momento perfeito. Beije-me de volta

Eu vou.

As mãos dele deslizando pelas costas dela, fixando-se ao longo de sua coluna, levantando-a até ela ficar nas pontas dos pés, enfiando as pernas dela entre as dele, seus quadris contra ele.

Mais duro.

Ela lhe deu tudo que tinha, sem se preocupar com o fato de terem testemunhas, ou talvez dando isso à ele porque tinham testemunhas. Ela era lobo. Este era seu companheiro. Isso era tão natural quanto respirar, para fazer valer seus direitos.

Ela soltou seus lábios dos dele, deleitando-se com a barba grossa contra a maciez dos seus lábios, seguindo a linha da mandíbula até a orelha. Abaixando-se, ela beliscou seu lóbulo, ouvindo seu gemido, sentindo os olhares, seus caninos crescendo com o desejo de marcá-lo, para declará-lo definitivamente como dela. Ela prosseguiu pelo pescoço tenso, arranhando a pele dele com as pontas de seus dentes. Os dedos de Jace afundaram em suas costas e no seu pescoço, segurando-a para ele por um breve segundo antes dele envolver o cabelo dela em seu pulso e puxar a cabeça dela para trás.



—Não.

Ela lutou contra a pressão, a dominância dele, os uivos de protesto de seus cabelos aumentando sua paixão ainda mais:

—Sim.

Ele acariciou seus lábios com sua testa:

—Eu tenho alguns lindos e específicos planos para quando me marcar — ele murmurou.

Então ele sabia o que ela estava fazendo:

—A marca é meu presente.

—E não posso esperar para recebê-lo, mas...

O rangido do assoalho era fraco. Num segundo estava encarando os lindos olhos de Jace, e no próximo ela estava caindo para trás, a largura dos ombros dele enchendo sua visão enquanto ele girava para encontrar a ameaça. Ela tropeçou. Alguém a amparou. Ela olhou por cima dos ombros e encontrou o olhar de Marjorie. Pela primeira vez não era hostil.

—Obrigada.

A mulher acenou, a expressão dela era estranha enquanto olhava para Jace, mas quando se virou para Miri, ela estava mortalmente séria:

—Se não o marcar logo, alguém o fará. Um Alpha como ele não será negligenciado aqui.

Um olhar ao redor provou que era verdade. Luxúria e fome estavam nos rostos das mulheres. Miri deu um passo para perto de Jace e encarou Helen em particular. O olhar dela parecia o mais luxurioso.

Surpreendentemente, Helen riu, lançando uma série de sorrisos ao redor da sala. Miri percebeu, porém, que o humor não diminuía a fome nas outras mulheres. Seus lábios se curvaram num rosnado.

—Você é facilmente distraído, vampiro — disse Brac

—Pela minha esposa, enquanto estamos entre amigos? Absolutamente — O peso de Jace estava distribuído entre os pés dele. Por toda a leveza do seu tom, estava pronto para lutar:

—Você queria alguma coisa?

—Os homens estão aqui para distribuir lenha entre a matilha.

—Bom — Ele arqueou as sobrancelhas de modo deliberadamente instigante:

—A madeira está lá fora.

—Os homens querem permissão para entrar na propriedade.

Jace assentiu:

—Concedido.

—Nós teremos lenha — Brenda Lynn perguntou com absolutamente nenhuma consideração pela correntes fluindo pela sala ou pela falta de pertinência da questão. Jace olhou em frente à ela, descansando o antebraço no seus joelhos. Marjorie imediatamente veio para o lado da filha, não parecendo nem um pouco tranquila pelo sorriso de Jace.



—Tudo o que precisar.

A retirada da criança foi imediatamente abortada enquanto ela olhava nos olhos de Jace.

—O suficiente para aquecer até mesmo meu quarto?

Miri sentiu o movimento da energia de Jace que estava bravo, mas tudo o que a criança viu foi seu consentimento:

—Suficiente para fazer sua casa ficar tão quentinha, que você trazer areia e assim Wilhelmina e seus amigos podem ter uma festa na praia.

—Uma festa? Eu posso ter uma festa com as outras crianças e tudo mais?

Com a fala arrastada mais profunda que o normal, Jace assentiu e disse à ela:

—Eu definitivamente acho que deveria ter uma festa.

Marjorie tentou puxar Brenda Lynn para trás:

—Isso realmente não é necessário.

A criança puxou a mão livre da restrição da mãe. Seus pequenos ombros se endireitaram enquanto ela encarava Jace:

—Se meus amigos vierem para brincar, promete que não vai sugar o sangue deles e nem se banquetear com os ossos deles?

Jace nem piscou à imagem horrível:

—Eu prometo.

Marjorie fez outra tentativa de agarrar Brenda Lynn. Ela perdeu. A criança abriu a boca. — Marjorie, Oh, Deus – num suspiro baixo de resignação.

—Mesmo se meus amigos forem meninos?

Houve outra tremida na energia de Jace:

—Sim.

—Por quê?

—Porque acredito que os amigos são tão importantes como a matilha, e meninos são tão especiais quanto as meninas.

—Verdade?

—Me corte o coração e me faça morrer, com mil agulhas em meus olhos.⁶

Brenda Lynn franziu o cenho:

—Não faz da maneira certa. Não vai valer se não fizer isso da maneira certa.

—Eu concordo, — Brac interrompeu com um seriedade absoluta de quem estava se divertindo formando vincos nos cantos dos olhos:

—Promessas como essa precisam ser feitas direito.

Jace o fuzilou com o olhar:

—Como é o certo?

⁶ No original: "Cross my heart and hope to die, stick a thousand needles in my eye.", Trovinha infantil de juramento.



—Você tem que fazer assim – Brenda Lynn fez um movimento enérgico cruzando as mãos por sobre o peito e depois cuspiu na palma da mão antes de apresentar o punho.

Jace arqueou a sobrancelha para ela:

—Sério?

Miri não poderia culpá-lo pela pergunta. Era uma imagem grosseira para associar à uma criança tão angelical.

Ela confirmou enfaticamente, as tranças balançando:

—A outra não conta.

—Bem, eu certamente quero que essa conte – Jace fez o sinal apropriado e depois cuspiu na palma da sua mão:

—Eu prometo.

Brenda Lynn olhava enquanto os dedos dele se enrolavam no último sinal. Ela estendeu a mão e pegou a mão da sua mãe, seus olhos rodeando. Houve uma pausa de uns dois segundos e ela olhou para cima para sua mãe e sussurrou:

—Você não precisa mais chorar mamãe. Ele realmente enviou alguém para mim. Exatamente como pediu.

Marjorie meia engasgava e meia soluçava, enquanto agarrava sua filha. Brenda Lynn não lutou. Com um grande sorriso, se virou e envolveu suas mãos ao redor do tronco de sua mãe.

—E eu vou ter uma festa.

Capítulo 19

Vinte minutos mais tarde, as mulheres foram embora. Marjorie, Brenda Lynn, e seu sapo foram as primeiras a ir embora. Helen, a última, e não saiu sem lançar um olhar demorado por sobre seu ombro para Jace. Ou talvez para Brac. Deixaram o colchão e a cama. Miri preferiu pensar que era uma oferta de paz.

—Parece um grupo amigável – observou Jace em sua fala profunda, colocando seus braços ao redor dos ombros dela.

Ela inclinou seu rosto nas costas das mãos dele antes de beijar a base do seu polegar:

—Não tem ideia.

Seu abraço foi rápido e forte, assim como o beijo que deixou no topo da cabeça dela.

—A única mulher que me dá ideias é você.

—É melhor assim.

Brac bufou:

—Ele é um vampiro. Não prenda o fôlego.



Aquele nível de desrespeito não poderia ser tolerado. O cabelo dela bateu em seu rosto:

—Ele é seu Alpha.

Brac encolheu os ombros:

—Ele ainda é um vampiro.

—Ele é meu vampiro.

Brac não se aborreceu ou pareceu chateado:

—Não que alguém pudesse perceber.

—Não tem alguma coisa para fazer?

—Estou fazendo.

—Aqui?

—Sim. Sou sua segurança.

—Eu não preciso de segurança no meio da minha própria matilha – Miri virou-se para Jace – Preciso?

—Ninguém deu boas-vindas para nós com os braços abertos. – Era a declaração simples de um fato, mas sob cada sílaba se escondia uma emoção que ela achava ter perdido antes. Culpa. A culpa pela matilha que ela tinha e não pela matilha que queria. Culpa pelo que aconteceu com eles. Não precisavam de mais nenhuma culpa equivocada fluindo entre eles, como um rio sempre em expansão. Ela empurrou seus cabelos dos olhos. No passado, deveria ter esperado por ele para construir uma ponte sobre a dor. Se esperasse, ele não teria dúvidas que era o único que poderia fazer aquilo de novo. Ela não esperou. Ela não esperou. Ela colocou seus braços ao redor da cintura magra dele e o abraçou:

—Nós iremos conquistá-los.

Ela sentiu seu ímpeto, e depois seu prazer. Teria sido realmente fria com ele, a ponto de um pequeno gesto afetá-lo tanto?

—Até que o façamos, precisam de segurança.

A aspereza da fala dele deu a ela a resposta.

Sim.

—Eu não quero segurança.

Houve uma explosão selvagem na energia de Jace, uma vaga impressão do rosto da filha deles, e uma agonia e medo que nunca sentiria se não houvesse aprendido a abrir sua mente enquanto ele saltava as barreiras que pusera no lugar.

—Você aprenderá a aceitar isso.

Ela assentiu com a cabeça no peito dele enquanto a dor dele a oprimia. Dor que ele não podia nem estancar e nem compartilhar. Não porque fosse orgulhoso, mas porque pensava que ela não suportaria. Porque o convencera que era frágil. Que teria que suportar os fardos de ambos. E que ele teria que fazer isso em silêncio. Nunca esteve mais envergonhada.

—Okay.



Ele se afastou:

—Só okay? Nenhum argumento?

—Isso. Só okay. — Ela era a fêmea Alpha, e companheira de Jace. Era hora de começar a agir como ambas.

Ela a encarou, depois piscou, e depois puxou seu cabelo do rosto da maneira que fazia quando queria saber o que estava acontecendo dentro dela. Ela sentiu o toque da mente dele, muito mais gentil que a carícia dos dedos dele. Muito mais íntimo.

Ela respondeu à sua pergunta silenciosa:

—Eu realmente estou bem.

—Bom.

Ela apertou sua bochecha contra o peito dele, olhando para Brac enquanto ouvia a batida constante do coração de Jace.

—Como essa matilha conseguiu ficar tão fora da linha? Por que ninguém fez alguma coisa?

—Não havia ninguém para fazer nada. Travis ofereceu os guerreiros para os D’Nally. Quando voltamos, o estrago já estava feito.

—E alguém tinha que desfazê-lo, — ela concluiu.

Brac assentiu:

—Medidas foram tomadas imediatamente para minimizar o que aconteceu enquanto os procedimentos adequados foram seguidos.

Era o mais perto de admitir que as coisas pioraram tanto que a Brac só restou chamar o Executor.

O olhar dourado do were se demorou na maneira como Jace a abraçava. Ele pulou pra fora da mesa na qual se sentara.

—E agora o processo que foi iniciado está na sua mão para terminar.

Outro fio da sua vida para ser costurado no seu futuro. Tantos. Jace, sua filha, Penny, a matilha. Deveria ser aterrorizante:

—Sim, é.

Jace levantou uma sobrancelha para ela:

—Você não parece aborrecida.

Ela olhou ao redor. Sua voz ecoando na sala quase vazia:

—Eu tenho muito para viver.

E depois desse ano de desespero procurando tentativas inúteis para tentar se manter sã, tendo tantos desafios reais somente esperando para serem pegos, era excitante.

Ele levantou sua sobrancelha, derrubando a cabeça dela para trás:

—Eu também.

O desejo fluíu entre eles em um crescente arco. Todos os músculos em seu corpo amoleceram com a antecipação, enquanto as faíscas saltaram dos olhos dele.



—Merda, um macho sem companheiro não deveria nunca ter que suportar isso – grunhiu Brac abrindo a porta da frente – Eu vou supervisionar a madeira. Tentem não se matar por nada nesse meio tempo.

As chamadas nos olhos de Jace faiscaram mais altas enquanto puxava a boca de Miri em direção aos seus lábios. Seu sorriso era uma fogueira sufocante contra suas bochechas enquanto ela se acomodava nas pontas dos pés estreitando-se para a conexão que ele retinha:

—Eu vou tentar achar algo melhor para fazer.

—Uh-huh.

A porta se fechou com um clique.

Miri não olhou, deixando sua felicidade nesse momento fluir para ele, vendo ele a receber nas linhas que se aprofundavam ao redor dos seus olhos, sentindo-a voltar para si dez vezes mais forte. Sentindo quão bom era suas energias se conectando.

Ele arqueou uma sobrancelha:

—Nos deixaram a cama.

Ela enrolou seus dedos no casaco dele:

—Eu percebi.

Ele se inclinou, fazendo-a perder o equilíbrio. Ela nem mesmo suspirou.

A cabeça dele se inclinou ligeiramente para o lado:

—Você costuma entrar em pânico quando eu fazia isso.

—Eu costumava, porque pensava que ia cair – Ela levantou a mão e tirou o chapéu dele, removendo a última sombra dos olhos dele. Ela o jogou pela sala, onde bateu no chão com um barulho suave.

Os dedos deles esticaram-se para baixo, pressionando seus quadris. Ele balançou sua cabeça:

—Você era uma garota muito bobinha por achar que eu seria responsável por um machucado nesse corpo tão doce.

—Sim, eu era. – ela desarrumou o cabelo na nuca dele com seus dedos antes de deslizá-los pelas costas, dando à ele total responsabilidade por segurá-la, enquanto com a outra mão, começou a tirar os botões de sua camisa de seus buracos:

—Mas também sou uma mulher muito sensata agora.

A excitação temperou o ar entre eles. A energia dele saltando para ela em pequenos pulsos como convite. Um jogo silencioso que estava mais que disposta a aceitar.

—Quão sensata?

A pergunta foi rude. Sua resposta foi gutural:

—Sensata o bastante para saber que não vamos fazê-lo no quarto.

Ele riu e girou em um círculo lento, os lábios dele mordiscando os dela, ao mesmo tempo que valsava com ela de costas em movimentos suaves:

—Eu já mencionei o quanto gosto de uma mulher sensata?



—Não, mas sinta-se à vontade para expressar. — Ela puxou sua camisa das calças. Os músculos peitorais dele estavam flexionados, e no próximo passo, grossas placas de energia juntaram-se em cada movimento. Ela pressionou uma unha contra uma delas, absorvendo o calor da pele dele com seu toque. Seus caninos doeram enquanto observava sua unha afundando um pouquinho mais no músculo duro, marcando a carne bronzeada com uma borda branca. O corpo todo dele se sacudiu.

—Merda.

Ela olhou para cima. O olhar de Jace estava congelado na sua boca com uma intensidade que enviava arrepios ao longo de sua espinha. A pele estava apertada sobre o maxilar, contra seu estômago, seu pênis pulsando no mesmo ritmo que sua garganta.

Ela o encarou sob seus cílios, o filtro suavizando a rispidez de sua expressão:

—Você me quer.

—Até o dia da minha morte.

—Você é imortal.

—O que significa boas coisas para você.

Seus saltos bateram no colchão:

—Ah, é? O que por exemplo?

O sorriso dele teria deixado o diabo orgulhoso, era tão cheio de quentes tentações. Ela não podia deixar de olhar o calor do seu olhar, a intensidade de sua emoção. Três puxões em suas roupas e o ar frio atingiu seu abdômen. O gume afiado das suas garras acabaram com o impedimento de sua camisa, a desnudando até a barriga. Com um movimento de seu dedo cortou a frente de seu sutiã.

—Como, quanto tempo vou levar para aprender o que agrada esse corpinho quente.

—Quente?

A aspereza da carne da palma da mão dele roçou a parte inferior de seu seio.

Ela nem mesmo tentou esconder a pureza da devastação do prazer que a atravessava com o toque tentador. Queria compartilhar tudo com ele. Precisava dele para compartilhar tudo com ela.

—Definitivamente quente — uma conhecida linha se levantou no canto direito da boca dele, ao mesmo tempo que ela suspirava enquanto ele acariciava seu mamilo. — Tire meu cinto.

Oh, Deus! Ela fechou seus olhos enquanto uma agitação quente fluía através dela com essa ordem. Ele sabia como fazê-la se sentir bem. Ela trabalhava com sua mão entre eles, provocando-o um pouco ao arranhar suas unhas, a respiração áspera e profunda tão sedutora quanto seu toque. O fecho do cinto se abriu, ela se moveu na calça dele. O zíper deslizou suavemente, o suave ruído como uma batida num *staccato*⁷ de antecipação, caindo no ritmo das batidas de seus corações. Quando alcançou o fundo deslizando, Jace parou de respirar junto, e ela levou as coisas um passo a frente. Chegando lá dentro, ela encontrou seu calor e sua dureza esperando por ela. Ela estremeceu. Ele

⁷ O *staccato* ou «destacado» — designa um tipo de [fraseio](#) ou de articulação no qual as notas e os motivos das frase musicais devem ser executadas com suspensões entre elas, ficando as notas com curta duração



gemeu. Sua testa apoiada contra a dela enquanto os quadris dele pressionavam seu pênis mais fundo em seu aperto:

—Mais.

—Eu aprendi com o melhor.

—Então aprendeu. — A satisfação queimando em seus olhos. Ele gostava de ser lembrado que se entregou a ele primeiro.

—Ninguém me faz sentir do jeito que você faz, — ela suspirou contra a garganta dele.

—E como é isso?

Uma mudança no peso dele e caíram para trás. Ela tentou agarrar seu pescoço, ao invés pegou seus ombros. Eles afundaram vagarosamente no colchão, girando enquanto o faziam, até ele estar deitado de costas e ela estava encarando-o.

Ele se moveu e agarrou seus quadris:

—O que estava dizendo?

—Como se o mundo fosse feito do fogo mais quente. — Ela gemeu quando seus quadris pressionaram os dela, enviando uma onda de paixão através dela. — E nós estamos no centro disso.

No próximo segundo não existia mais a barreira das calças dela. Assim que o material duro deslizou para baixo de suas coxas, ela mordeu seus lábios e mencionou:

—Eu não tenho muitas roupas.

—Não é problema. — As mãos dele vieram para trás de seu pescoço enquanto ele impulsionou seu rosto para baixo. — Eu gosto de você nua.

No meio de uma tempestade de fogo ele criou um paraíso de sorrisos.

Eu te amo.

O pensamento preso em sua cabeça, seus lábios fechados impotentes no silêncio das palavras. Os músculos dela rígidos com o esforço para que as palavras saíssem. Os dedos dele acariciaram sua nuca:

—Princesa?

Ela adorava como ele falava daquele jeito. Suave, com apenas uma pequena ênfase na primeira sílaba, como se tudo o que fosse especial, estivesse refletido no carinho.

Ela balançou sua cabeça alavancando seu pênis. Lágrimas queimaram seus olhos mais uma vez, assim como saltavam na palma de sua mão, quente e potente. Ele merecia muito mais dela. Ela o acariciou gentilmente, tentando dizer à ele através do toque o que ela não podia dizer com palavras.

—Olhe para mim.

Ela não teve escolha.

—O que há de errado?

—Nada.

—A visão de um homem te apreciando sempre te leva a chorar?

Apreciação. Era uma maneira antiquada de falar. O sorriso que ela forçou vacilou nos cantos:



—Não, só as suas.

—Não é exatamente a reação que um homem espera inspirar.

—Eu sei.

Ela traçou a veia na parte inferior do pênis dele com seu polegar. Ele estremeceu e gemeu. Se tudo fosse tão fácil de controlar como a paixão entre eles.

—Eu quero explicar algo para você.

Seu olhar se dirigiu para onde ela o estava acariciando:

—Tem que ser agora?

Ela podia entender o ponto de vista dele. Ela não podia tirar suas mãos de seu corpo, nem podia trazer as palavras de volta, então ela encolheu os ombros como desculpas:

—Aparentemente.

Pelo canto de seu olho, ela viu as mãos dele se crispando em punhos.

—Então explique.

—Enquanto estive no Santuário, eu fiz um monte de coisas para manter minha sanidade. — Ela poderia dizer que tinha toda a atenção dele pela maneira como a mente dele agarrou o foco — Eu fiz desafios para mim mesma, metas impossíveis para evitar os gritos de aborrecimento.

A carícia dos dedos dele ao longo de sua nuca eram mais potentes que um beijo. Exceto que ela queria um beijo. Ela se inclinou, deixando seu cabelo cair como um cortina ao redor deles, e fixou sua boca na dele, beijando com toda ternura trancada no seu interior. Ela esperou que tomasse posse, para que isso se transformasse ainda mais. Ao invés, ele fechou os olhos e a apertou contra si, bebendo o momento, deixando-a alimentar suas emoções dentro dele da única maneira que ela podia. Quando ela deveria ter pulado fora, ele a manteve ali, murmurando contra seus lábios:

—Isso não importa, Miri, se não pode dizer as palavras ainda. Isso é suficiente.

Ainda. Uma palavra libertadora. Libertadora na expectativa que o que a impedia era temporário.

—Sua paciência é incrível, — ela suspirou na boca dele.

Os lábios dele tremeram contra os dela num prenúncio de sorriso.

—Eu continuo te dizendo que sou um homem incrível.

A declaração fluiu para dentro dela, mentalmente, fisicamente vinculando-os com suas respirações compartilhadas.

—Sim, você é.

Ele era incrível em sua capacidade de continuar se movendo em frente sem vacilar, em sua habilidade para manter sua fé, por ela e por sua filha. Incrível em sua capacidade em dividir sua fé sem torná-la um fardo.

Ela retomou:

—Eu fiz uma promessa à Faith.

—Que tipo de promessa?



Do tipo que não poderia quebrar em seu coração. Do tipo que tinha que manter junto com a memória do Renegado colocando sua grande mão sobre a boca de sua filha, silenciando seus gritos ao ser separada da mãe. Ela reviveu o terror de sua filha, sentiu seus gritos de socorro, experimentou novamente a culpa devastadora em assistir os gritos da pequenina Faith serem sufocados e não poder fazer nada para impedir. Porque era a única maneira de garantir sua segurança. A única maneira.

Enlaçando seus braços ao redor de sua cintura, ela apertou duro, prendendo a dor da memória dentro de si. Oh, Deus, precisava de sua filha em seus braços.

Jace tomou a face dela em suas mãos, inclinando-a para si. Sua respiração aquecendo suas bochechas.

—Nós a teremos de volta, princesa. Eu prometo à você.

Ela estava telegrafando seus pensamentos? Por favor que a resposta fosse não. Ela não queria Jace carregando aquilo. Um dos dois tendo que lidar com aquelas memórias era suficiente.

—Eu prometi à Faith, Jace. Quando ele a levou embora, eu prometi à ela que não diria aquelas palavras novamente até... — a respiração dela tornou-se um soluço.

—Eu não imaginava quão injusta seria com você quando prometi. Você tem todo o direito de esperar...

O polegar dele cobriu seus lábios, pressionando dentro, cortando o fluxo frenético das palavras. Os olhos dele estavam muito escuros ao encontrar os delas, o fogo do vampiro ardendo nas pupilas.

—Mantenha a promessa para nossa filha, Miri. Mantenha-a até eu colocá-la em seus braços e então poderá dizer para nós o que ambos precisamos. — A pressão nos lábios dela suavizou. O polegar dele acariciou suavemente de um ao outro lado da boca dela — Isso é suficiente para mim.

Isso era a fusão da boca dele com a dela. O golpe da língua dele que exigia a separação dos lábios dela. Isso era a reivindicação da sua boca que ordenava sua obediência. O fogo retornou, queimando através de suas lágrimas, sua resistência, encontrando sua confiança, a lançando para a frente.

Sim, por enquanto era suficiente, mas em breve teriam mais. Em breve teriam sua filha e seu amor. Miri apoiou suas mãos no peito de Jace e se ergueu um pouquinho:

—Eu darei mais, um dia.

As chamadas nos olhos dele faiscaram; sua energia fervilhava.

—Que tal me dar o que quero agora?

Ela se aconchegou no peito dele. Ele era todo feito de ângulos duros e superfícies que complementavam suas curvas perfeitamente:

—O que é?

As mãos dele cruzaram-se sobre seus ombros, traçando o caminho até o fim da sua coluna e então voltando sobre a elevação de seus quadris antes de a apertar de maneira intensa.

—Sua marca. Marque-me assim enquanto a tomo, princesa, e garanto que serei um homem feliz.



Ele estava disposto a se contentar com tão pouco.

Acho que tudo depende de suas perspectivas.

Ele pegara seu pensamentos. Emoções alheias e fortes, estritamente masculinas, rodaram ao longo dela numa onda pesada, deixando-a se debatendo até que do meio veio uma fome que os levou numa projeção poderosa. Se inclinando sobre ele, seu corpo parecendo incrivelmente exuberante e feminino enquanto estava curvada sobre ele, a carícia sedosa de seu cabelo escovado sua pele assim como o calor derretido de sua vagina provocava a ponta de seu pênis do mesmo modo deliberado que os dentes dela provocavam sua pele. O prazer aumentou; a antecipação cresceu.

—Quer minha mordida, — ela sussurrou, o poder feminino saltando ao longo de suas terminações nervosas numa sensação de prazer ao perceber o quanto ele a queria.

Ele a trouxe mais para baixo para sussurrar em seu ouvido:

—Eu quero sua marca.

—Aqui? — ela perguntou, deslizando sua mão ao longo da forte coluna do seu pescoço.

O rosnado dele esboçou um sorriso e mais daquele poder feminino veio das suas profundezas:

—Você sabe aonde.

Ela passou o dedo por sua clavícula:

—Aqui?

Ele posicionou seu tronco com uma elevação dos quadris e foi a vez dela suspirar. Ele estava deliciosamente grosso e seus músculos tensos. O sorriso de quem sabia o que estava fazendo.

—Não é bom provocar um vampiro.

Ela desenhou pequenos círculos no peito dele, traçando seu caminho até os mamilos planos:

—Pode não ser bom... — Ela deu um suspiro — Mas definitivamente é bom.

Com uma meia risada, meio rugido, ele a sacudiu, descendo sobre ela num grande ameaça escura, realinhando-se contra ela com uma eficiência delicada que deixou toda a sua fêmea numa atenção febril.

—Vou te mostrar o que é diversão, — ele rosnou numa voz que deveria ter a assustado, mas ao invés puxou o lado selvagem dela. As presas dele mordiscaram o queixo dela, o lóbulo da orelha. Ela se arqueou às sensações arrepiantes até que se tornaram demasiadas. E então tentou se afastar, mas não havia nenhum lugar para ir. O colchão estava nas suas costas e o restante dela estava cercado pelo vampiro. Seu muito intenso, muito apaixonado, extremamente amoroso vampiro.

Jace.

Ele beijou o pulso na garganta dela, suas presas delicadamente arranhando a pele tenra sobre sua jugular. Ela jogou sua cabeça para trás, querendo dar a ele tudo. Precisando disso.

Os caninos dela pulsavam com o ritmo do desejo. O aroma dele a envolveu, chamando-a. Seus músculos se separaram assim que ele os pressionou, entrando pouco na sua primeira mordida. Ela fechou seus olhos e lutou com as diferenças entre eles, assim como seu primeiro instinto de se preparar.



—Não, baby, somente relaxe. Sabe que não machucarei você. Basta ir suave e doce para mim, e me deixar fazer você se sentir bem.

Bem. A palavra afundou através da névoa de encantamento erótico. Isso começou com ela querendo fazer alguma coisa para fazê-lo se sentir bem. Os braços dele roçaram sua bochecha. O pênis dele pressionando mais fundo. Ela gemeu enquanto ela se lembrava. Um tremor a sacudiu da cabeça aos pés com o completo prazer. Ele queria que ela o marcasse. Travando seu olhar no dele, ela curvou seus dedos nos ombros dele, puxando-o para baixo.

A energia dele queimava. Seus lábios apertaram-se numa linha estreita.

—Não. Você ainda não está pronta.

Ela já estava pronta há dez minutos atrás.

—Não seja criança.

Era provavelmente o choque de ser chamado de criança que o impeliu para baixo naquelas polegadas cruciais, que possibilitou a ela rodear com sua mão o pescoço dele. Depois disso, era apenas uma questão de tirar proveito da natureza dele. Assim que o puxou, ele puxou de volta, dando à ela a resistência que precisava para se levantar. Os lábios dela acariciaram a pele áspera acima do seu peitoral. Ele gelou. Ela tocou a extensão salgada com sua língua, preparando-o. A respiração dele sibilou entre os dentes, os músculos tensos. Os quadris dele se sacudiram, perfurando-a um pouquinho mais. A grande mão dele segurou sua cabeça, puxando-a enquanto ele lhe dava uma última chance:

—Miri...

—Somente relaxe, Jace. Vai gostar disso.

A íris dos olhos dele estavam totalmente consumidas pelo fogo do vampiro. O mesmo fogo que ela queria lambendo sobre sua carne, queimando até o centro do seu ser, juntando-se à ele.

—Muito, esse é o problema.

—Nunca será demais.

Ela beijou o local uma, duas vezes, sentindo as glândulas em sua boca inchando em prontidão. Ele embalou sua cabeça, suportando-a enquanto ela derramava sobre ele o único presente que tinha para oferecer: ela mesma.

No terceiro beijo ela demorou. Ele gemeu. Ela mordeu, saboreando o tempero da reivindicação ao mesmo tempo que se espalhou na intimidade de mistura de sangue, saliva, homem, mulher. A expressão dele era selvagem, seu humor primitivo, rosnando quando ele a puxou mais para perto, exigindo mais. Ela lhe deu. Enquanto o violento ápice levava tudo para fora de sua mente exceto o prazer da mordida, a união de seus corpos, somente um único pensamento selvagem os consumia.

Minha. Não foi essa a maneira que planejei.

Em nenhum lugar da sua imaginação, no momento que Miri o reivindicasse, Jace planejava perder o controle daquele jeito.

O cabelo dela sussurrava contra os ombros dele, enquanto ela olhava para cima.



—Por quê? O que fiz errado?

Ele tocou com o dedo a suavidade da sua bochecha:

—Eu sou aquele que não foi longe o suficiente para ver seu prazer.

Ela deu um tapinha no centro do machucado:

—Eu estou satisfeita.

Sua respiração sorvia com um prazer erótico derramando sobre ele novamente. Seu pênis endurecido como se não tivesse gozado:

—Me desculpe.

Ele a pegou antes que ela pudesse puxá-la de volta:

—Você não me machucou.

—Eu não...— Aqueles grandes olhos marrom-dourados foram em direção à sua virilha e depois se ergueram:

—Você está sensível.

Pelo sorriso nos lábios dela, ele percebeu que ela gostava daquilo:

—Não tenha ideias.

—Por que não?

Ela se agitou até que sua outra mão estivesse livre e então acariciou sua marca. A sensação foi de um tiro direto nas tripas. Seus músculos cerraram e o sorriso nos lábios dela aumentou. Ela escorregou para cima e se enganchou com sua coxa macia à dele. A carícia dos lábios dela era o paraíso e o inferno:

—Isso é a recompensa por não ser um bobo.

—Eu acho que desencadeie um monstro.

Ela se aninhou em volta do seu ombro:

—Em todo caso é melhor você ter medo.

—Eu sou o vampiro, eu sou o monstro.

Ao invés de alegre, sua expressão tornou-se séria:

—Não para Brenda Lynn.

—Não, não para ela.

—O que acha que ela quis dizer quando disse que tinha rezado por alguém?

Ela também tinha pensado nisso:

—Eu não sei, mas pretendo descobrir.

—Você acha que alguém a estava ameaçando?

—Talvez, ou poderia estar preocupada por Travis voltar. Ela é muito jovem. Ela pode não entender o conceito de morte.

Ela aninhou seu rosto no seu ombro.

—Talvez.



—Ele poderia ter colocado um pouco de medo numa garotinha. Especialmente se estava usando-a para conseguir a cooperação da mãe dela na cama.

Ela cobriu a marca dele com a palma de sua mão.

—É duro acreditar que um Alpha poderia se comportar assim com sua matilha.

Com um puxão de seus braços, Jace a puxou para si. Ela perdera muitas ilusões esse ano. A pior havia chegado por último. Matilhas eram tão suscetíveis às falhas, assim como vampiros e humanos.

—Há os bons e os maus em qualquer lugar, princesa.

—Bem, Travis aparentemente recolheu mais do que dividiu.

—Não tenho argumentos para isso.

A marca queimava e coçava. Os movimentos dos dedos dela suavizavam a irritação mas criava uma outra que queimava mais profundamente. Ele a puxou para cima até que ela cobriu seu peito. Ela segurou seu queixo em suas mãos. Os pontos do cotovelo dela encostaram no peito dele. Ele odiava matar a esperança no olhar dela, mas esconder a verdade não a salvaria.

—Ninguém vai me aceitar imediatamente. Alguns deles poderiam nunca me aceitar.

—Então podem ir.

—Alguns poderiam até ter opiniões muito fortes sobre minha permanência no local.

Ela franziu o cenho:

—O que você está tentando dizer?

—Eu não serei capaz de ser sempre um bom rapaz. Haverá desafios. E não serão como os McClarens. Esses garotos podem ser sérios.

Ela se inclinou:

—Me prometerá uma coisa?

Ele sabia o que estava vindo. Ela tinha um coração suave. Um coração de mulher. E queria que essa matilha gostasse dela. Seus lábios tentadores vieram para mais perto. Cheios e vermelhos, ainda inchados pelas suas recentes atenções. A marca que ela lhe deu queimava pela atração sensual do cheiro dela, pelo calor dela, pela sua energia; pulsava com a necessidade de experimentar o calor líquido de sua paixão novamente.

—Qualquer coisa.

—Se alguém te desafiar – ela colocou seus lábios aos deles, de cima para baixo, borda com borda – Chute a bunda deles.

Capítulo 20

Ele ia ter que chutar uns traseiros. Duas horas fora do complexo, ao final de outro rumor infrutífero de procura por Faith, parado numa cabine telefônica, esperando Caleb ligar, observando os



rostos mal-humorados dos weres em posições de defesa, Jace sentiu a dúvida torturante. Que inferno, tinha que liderar uma matilha de lobos, que não conseguiam achar o que estavam caçando? A cada dia que passava, Faith ficava cada vez mais distante. E a cada missão fracassada, a esperança que abrigava de que traria a filha deles para casa diminuía. Encarando o metal brilhante do telefone, viu seu reflexo, sentiu o peso de suas responsabilidades. Em sua mente impunha-se a imagem do rosto de sua filha, da maneira como Miri havia lhe dado, acima de suas reflexões. Pequena, redonda, vermelha com fúria, por sua introdução no mundo. Uma introdução que ele teria feito muito diferente. Ela deveria ter o queixo quadrado dos Johnson's, ele achava. Ele estendeu a mão, tocando a ponta do queixo quadrado dela, imaginando que ela estivesse sentindo o contato onde quer que estivesse. Imaginava dar conforto à ela. Tentando não ouvir os choros que não poderia acalmar. Ele queria sua filha, droga! Queria abraçá-la e deixá-la sentir seu amor. Ele não podia suportar a ideia de que ela não sabia o quanto era amada pelo seu pai. Que poderia crescer sem conhecer a família a qual pertencia, que esperavam para recebê-la em casa. O telefone tocou com insistência desmedida. Ele comprimiu a imagem. O metal gelado saudou seu toque de pele tão macio. A imagem dela se desvaneceu e ele estava mais uma vez encarando nada mais que seu reflexo. Jace deixou sua mão cair ao seu lado. Seus dedos curvados em punho. *Eu vou te encontrar, pequenina.*

—Nenhuma resposta? — Brac perguntou à esquerda dele.

Jace piscou, trazendo-se de volta ao presente. O telefone torto entre o ombro e o ouvido ainda estava tocando direto para Caleb:

—Nada ainda.

—Nós não temos a noite toda.

Eles tinham o tempo que precisassem. A insolência no tom de voz de Brac era um desafio indireto que em breve teria que resolver.

Se precisava de mais provas, se a insolência que os guardas tinham-lhe dado antes de deixá-lo através do último ponto de verificação não fosse suficiente, o olhar avaliador que os dois guias lhe dirigiam agora, praticamente imploravam por um chute na bunda.

Uma coisa que Jace não era avesso a dar. A mesma inquietação que importunava os weres, importunava à ele. Estava cansado de esperar, cansado de tudo aquilo que estava fora de seu controle, ter que esperar por Faith, mas não havia nenhuma razão para que não tivesse algo fora dos Tragallions. Se não fizessem um movimento em breve, ele faria isso por eles. O ressentimento deles para com seu líder não podia ser permitido que apodrecesse. Isso necessitava de amadurecimento. Necessitava ser decidido. Não somente em consideração à matilha, mas quando ele encontrasse Faith, precisava que a matilha estivesse unida. Francamente, ele tinha expectativa de ser jogado para fora antes, mas por alguma razão os weres o estavam segurando. Havia quase uma aura de espera. Balançando sua cabeça, Jace virou suas costas para os lobos. Estava começando a achar que Miri estava certa. Ele não entendia os weres.

O chamado do telefone parou abruptamente. Caleb estava na linha:



- Alô?
- Jace?
- Nenhum outro.
- Por que está ligando do seu celular?
- A bateria acabou.
- Você deixou sua bateria acabar?

Ele não podia culpar Caleb pelo choque. Não era algo que normalmente fizesse, mas Brenda Lynn trouxera um novo amigo. Uma das cinco crianças do complexo. O garoto tinha mais ou menos a idade dela. Era bonito e com o cabelo espetado. Nas mãos tinha um carrinho de brinquedo. No olhar, havia a convicção que Brenda Lynn lhe dera, que Jace, como Alpha, poderia operar milagres. Fora o aniversário da criança. Três horas depois, Jace havia adaptado a bateria para fazer o brinquedo andar. As crianças ficaram felizes. E seu telefone celular ficou imprestável desde aquela época:

- Houve circunstâncias atenuantes.
- Droga, Jace, temos que tirá-lo da idade das trevas. Eu não gosto de tê-lo fora de alcance.
- Com a tempestade vindo, devemos colocar a base para que os veículos de neve possam ir

com os suprimentos.

- Se não der certo, eu empresto os helicópteros, — rosnou Caleb
- Isso é muito perigoso.
- Eu não me importo.

Jace suspirou:

- Eu estou bem.

Houve uma pausa na qual Caleb comunicou seu ceticismo eloquente com seu silêncio. Finalmente perguntou:

- Os Tragallions ainda não se moveram?
- Não.
- Que diabos estão esperando?

Ele desejava saber:

- Pode ser que não sejam do tipo apressados.
- E os porcos voam.

Houve outro silêncio. Jace podia facilmente imaginar Caleb passando a mão pelo seu cabelo com a frustração o devorando. Seu irmão tinha um senso de responsabilidade que não acabava e não importava quantos anos Jace tivesse, o quanto provasse para ele mesmo, de diversas maneiras, Caleb não conseguia ver nada além do irmãozinho que precisava de sua proteção.

Ele mudou de assunto:

- Como Joseph está indo?
- Ele está segurando a onda.
- O que exatamente isso significa?



—Significa que não posso dizer que está prosperando.

Jace não precisava de telepatia para sentir a angústia de seu irmão. Encarou os weres. Ainda estavam parados aonde os havia deixado, sem dúvida ouvindo.

—Droga, eu sinto muito. Mas Slade vai descobrir alguma coisa.

—Eu sei — Caleb deu um suspiro audível, a única tração da dor que ele e Allie estavam passando.

—Como vai Penny?

Parecia errado responder com a verdade.

—Jace? — Caleb cutucou.

—O que?

—Allie e eu poderíamos matar por causa de boas notícias agora.

Jace suspirou: — Ela está melhorando.

—Graças a Deus — Outra pausa e então - Os Tragallions a estão tratando bem?

—Ela é a queridinha de todo mundo.

—Talvez não sejam de todo ruins.

Não. Não eram: — Eles têm coisas boas.

—Eu ainda não entendo porque não disse ao Ian para ir para o inferno. Miri seria feliz com os McClarens.

Jace não tinha tanta certeza disso. Ultimamente sentia a mesma necessidade de desafio em Miri que rondava nele. Os McClarens estavam assentados e eram seguros. A vida poderia ser tão rotineira para ela como para ele. Ele teria coceira nos pés dentro de um mês. E sentia que ela também teria. A situação corrente com todos os altos e baixos era muito melhor. De alguma maneira, sabia disso.

—O que eu posso dizer, o homem é um negociador astuto.

Jace chegou em casa um pouco antes do amanhecer. Parou fora de casa em frente da porta e encarou os weres.

—Rapazes, tem certeza que não querem colocar nada para fora?

O vento soprava enquanto os dois homens se olhavam. Jace olhou para cima para o céu escuro. A tempestade estava vindo. Ia ser das grandes, suficiente para resolver um punhado de seus problemas. Ele podia sentir em seus ossos. Ele ainda estava olhando para frente.

O mais eloquente dos homens sorriu, mostrando todos os dentes brancos e os caninos afiados: — Talvez em outra hora.

Jace assentiu e abriu a porta: — Estarei esperando por isso.

Era uma mentira. Seu temperamento estava se desgastando sob o estresse da espera. Ele queria fazer algo além de correr atrás do próprio rabo. Queria sua filha. Queria ir para o futuro sem levar o passado arrastando-o para baixo. Queria ser normal. Jace entrou em casa e fechou a porta, respirando o cheiro de boas vindas da casa. Madeira polida, Miri, e bife torrado. O último trouxe um sorriso aos seus lábios. Miri havia perdido outra batalha contra o forno à lenha.



Ele a achou na cozinha, sobre uma folha de papel no chão, cortando fora um pedaço muito preto, muito raramente dentro do bife, com um garfo e uma faca de plástico. Ela não estava fazendo muito progresso. Ela olhou para cima enquanto ele vinha para a sala e sorriu em boas vindas enquanto os olhos dela o observavam da cabeça aos pés, procurando por sinais de machucado.

Ele apontou para o prato e utensílios plásticos:

— Parece um desafio.

— Sim.

— Então por que está sorrindo?

— A mãe de Brac enviou alguns cobertores e lençóis.

— E como isso torna mais fácil cortar o bife com utensílios de plásticos?

— Isso não ajuda nem um pouco.

— Mas ainda está sorrindo.

— Era uma oferta de paz.

— Talvez ela só estivesse apaziguando uma consciência culpada.

Miri levantou suas sobrancelhas: — Ainda não entendeu os weres.

— Eu estou começando a acreditar.

Ele tirou seu Stetson⁸ e sentou ao lado dela, colocando seu chapéu no chão. Inclinando suas costas contra a parede, enquanto ela serrava o último pedaço de gordura, ele descansou sua mão em seu joelho. Ela ofereceu à ele um pedaço que ela finalmente conseguiu cortar.

— Não, obrigado. Comi um lanche quando estava fora.

Ela torceu o nariz para ele, encarando-o enquanto esperava pela confirmação que ele tinha se alimentado.

— Minha mãe me ensinou a usar um guardanapo, sabe.

Por um momento ela não entendeu:

— Isso é grosseiro.

Ele apontou para a carne:

— Quando eu termino de comer, minha refeição se levanta e vai embora seguindo seu caminho.

A sua tem que estragar até os dedos. E me diga o que é mais grosseiro.

Ela nem pestanejou: — A sua.

Colocando seus braços ao redor dos seus ombros ele a puxou diminuindo a distância entre eles e sorriu: — Uh-uh.

Ele deveria estar tão tenso como se sentia, porque ela colocou o prato no chão, e correu para ele, com seu encorajamento, até que estava quase sentada no seu colo. O cheiro do xampu dela flutuou. Saudável e doce, um bálsamo de pureza para a doença de seu medo. Quando a bochecha dela tocou seu ombro ele confessou:

— Era um beco sem saída, princesa.

⁸ Marca de chapéu de vaqueiro.



Ela assentiu:

—Eu sei.

Ele adivinhou que sua volta de mãos vazias a fez deduzir isso.

—No entanto, vou encontrá-la.

Não havia condenação no soco de suas mãos no seu peito.

—Eu sei disso, também – ela suspirou, nada mais que a verdade em seu olhar.

Merda. Ele não merecia isso. Ele descansou sua cabeça contra a parede e fechou seus olhos, o cansaço o arrastando. Não havia nenhuma garantia que pudesse devolver Faith para ela. Apesar de suas melhores intenções, sua promessa poderia ser palavras ao vento.

O papel deslizou pelo piso: — Suas promessas valem ouro.

Merda de novo. Ele projetou: — Está ficando boa em ler mentes.

O jeans arranhou o chão quando ela ficou de joelhos. Os sentidos dele queimando para absorver o calor do corpo dela assim que ela se levantou junto à ele. As terminações nervosas tensas em antecipação. E veio como uma carícia dos lábios dela contra o pescoço dele. O arrepio serpenteou por sua espinha e se alojou em sua alma.

—Não. Só a sua.

Ele levantou uma pálpebra. Ela o estava encarando com toda a convicção que sentia dentro dos seus olhos brilhantes. Era um inferno. As mãos dela descansando nos ombros dele, hesitantes, como se ela debatesse, e então firmaram-se assim que ela tomou uma decisão.

—Meus sentimentos por você não dependem de que se vamos encontrar Faith amanhã ou daqui dez anos, Jace.

Ela não precisava ter dito aquilo para ele.

—Eu sei. O acasalamento não é uma escolha.

Miri sacudiu a cabeça, seu cabelo caindo sobre o rosto malicioso que tanto amava, lançando os olhos dela nas sombras, mas nada conseguiria disfarçar a emoção neles. Que olhava para fora dele. Não com a energia frenética que ele esperava, mas com calma da certeza.

—Quando eu disse aquilo, era um pretexto.

—Ah é?

—É – a mão dela conectou com o ombro dele como num tapa – Eu te dei minha marca, Jace Johnson, porque você é o único homem que poderia usá-la. Eu te dei meu coração porque não existe outro homem em que poderia ou deveria confiar.

Ele não sabia o que fazer com suas mãos, o que fazer com a tempestade de emoções que a afirmação dela criava nele. Ele apoiou o rosto dela em sua mão direita e o ombro na sua mão esquerda.

—Você tem um péssimo gosto para homens.

E, de alguma maneira, a expressão dela ficou mais suave:

—Eu acho que agora é com você, você tem que melhorar.



—Inferno. Se é louca o suficiente para achar que eu sou o sol no seu melhor domingo, então eu vou manter você louca.

—Faça isso, e vou mantê-lo longe de muitas responsabilidades.

A inclinação da cabeça dela para o lado e a boca dela estavam num ângulo perfeito para o beijo dele.

—Eu sinto muito por Faith.

Apenas escapou. Contra sua vontade, a confissão da culpa o estava roendo vivo, uma saída para o sofrimento que lutava para conter.

—Não foi sua culpa.

—Se eu estivesse com você...

Ela colocou a mão dela sobre sua boca, detendo o fluxo de palavras, lágrimas brotando nos seus olhos.

—Você não seria o homem que é, e nada poderia ser mudado. Eu fui traída, Jace. Não há nenhuma preparação para a traição.

Ela sabia. A emoção cresceu enquanto as lágrimas dela brotaram. Ele falhara com ela, trazendo isso com eles. Se tivesse feito algumas perguntas, descobriria o que importava para ela. Se somente não achasse que sabia tudo. Dor e entendimento correram na esteira dos “achismos”, preenchendo o espaço entre eles. Um espaço para três mas que somente abrigava dois. Era tão fácil imaginar Faith nos braços de Miri. Era tão fácil imaginar seus braços abraçando as duas, sorrisos enfeitando o momento ao invés das lágrimas de cortar o coração. Fácil e impossível ao mesmo tempo. Porra, queria sua filha.

Os lábios de Miri acariciaram os dele, depois se demoraram em um beijo que compartilhava muito mais que paixão. Os braços dela vieram ao redor de seus ombros, delgados e frágeis, mas tão fortes de uma maneira que não tinha nada a ver com músculos: —Nós estamos juntos nisso – Não havia nada que ele pudesse fazer exceto puxá-la mais para perto, como se a energia dela deslizasse ao longo dele, procurando os bolsões de tristeza, abrigando-o na graça do conforto. Ele queria puxá-la para baixo de sua pele, afundar em seu conforto: —Nossa garotinha está desaparecia. Não importa o quanto disfarce, sempre saberei como isso o machuca. Esconder isso não vai ajudar a nenhum de nós.

A simples afirmação, atada com a verdade, fez com ele quisesse nada mais que absorvê-la no abrigo do seu corpo, onde nada poderia machucá-la. Os dedos dele enrolaram-se no seu cabelo enquanto ele lutava com o controle. Nada deveria machucar Miri ou Faith, mas ambas haviam sofrido.

—Demonstrar não ajuda.

A pequena hesitação das palavras evocadas o lembrava do que ela fez em todos aqueles meses quando ele disse a ela que estava saindo em uma missão.

Era simples erguer a face ela. Não tão simples decifrar sua expressão cuidadosamente em branco.



—Conte-me, princesa.

—Se não quer dividir comigo, eu estou totalmente sozinha em minha dor. E isso dói tanto, Jace.

Ela o estava matando, rasgando os escudos de sua alma. Não olhando para longe, não concedendo nem mesmo um alívio, somente deixando grandes lágrimas rolares por seu rosto. Com uma honestidade brutal, ela sussurrou:

—Eu preciso de alguém que se angustie assim como eu, para me abraçar. Alguém que sonhe como eu, que espere como eu – ela lambeu os lábios – A única pessoa que poderia ser é você.

Pegando uma lágrima em seu dedo, Jace não poderia ser menos honesto:

—Eu não sou um homem que demonstre fraqueza, Miri.

—Eu sei disso, o mundo todo sabe. – Outra vez ela passou a língua sobre os lábios: - Eu só preciso que seja forte o bastante para me amparar e me deixar chorar.

Por que não pediu a ele para entalhar seu coração e entregar a ela? Seria muito menos doloroso que vê-la chorar:

—Eu não sei se sabe o quanto odeio ver suas lágrimas.

—Eu sei. – Ela não disse mais nada, simplesmente se sentou e o encarou, pedindo silenciosamente que dividisse com ela sua dor. Sua dor, a dor dele. – *Ah, inferno* – ele poderia ao menos tentar.

Envolvendo-a contra seu peito, acariciando-a em seu colo no chão da cozinha da casa nova deles, Jace encostou seu rosto no topo da cabeça dela e disse:

—Então chore, querida. Por nós dois.

Ela fungou, suas lágrimas molhando a camisa dele:

—Você pode não querer dar permissão. Eu posso realmente lamentar quando há uma necessidade.

A filha deles estava lá fora em algum, sendo caçada pelo Santuário, mantida refém por Renegados desconhecidos, seu futuro incerto, sua pequena vida em risco. Ligando sua energia entre eles, murmurou: — Chore, princesa.

Meia hora depois, Miri se agitou.

—Você deve estar apertado.

Ele estava sentindo uma dor em sua coxa:

—Eu estou bem.

Ela limpou sua camisa ensopada: — Você está molhado.

Encharcado: — Você se sente melhor?

Ela assentiu: — E você?

Vinculado como estava a ela, não havia maneira dele não compartilhar qualquer coisa das tristezas reprimidas.

—Um pouco úmido nas bordas, mas ainda funcionando.



Ele a levantou do seu colo, como sempre impressionado com a luz que vinha dela. E havia interrompido o jantar dela. Tão logo ela se acomodou ao lado dele, ele pegou o prato descartado. Entregá-lo à ela parecia normal depois da última hora de pura emoção, e não podia resistir.

—Então, querida, como foi seu dia?

Ela aproveitou: — Surpreendentemente, não foi ruim.

—Então as coisas por aqui estão se ajeitando?

—É uma boa matilha, Jace. Foram levado ao desespero e desconfiança por um péssimo líder.

De maneira nenhuma ele ia deixar isso passar.

—Eu acho que está olhando as coisa por uma lente cor-de-rosa de novo.

—Com tempo suficiente, podemos mudar as coisas

—É o tempo entre o agora e o depois que me preocupa.

Os Tragallions eram um bando coeso. Porque eles tinham lobos que não tinham se levantado contra seu líder, mas eles poderiam se levantar contra ele. Sem dúvida havia uma enorme diferença nas regras que se aplicavam quando um vampiro usurpava uma matilha. E isso o preocupava. Ele não queria pensar no que aconteceria à Miri se eles organizassem uma revolta.: - Essa matilha está à um triz de uma rebelião total.

Miri foi trabalhar com um outro pedaço de bife. A faca raspou o papel:

—Não há dúvida que estão quase apertando o gatilho.

—Essa foi a descoberta do ano.

Suas juntas ficaram brancas ao apertar os utensílios:

—Eu só não quero que os considere perdidos.

—O que a faz pensar que estou planejando fazer isso?

—Eles podem ser difíceis.

O olhar que ela lançou para ele sob seus cílios foi avaliador:

—Eu acho que você está fazendo bem para eles.

—Mesmo sendo um vampiro?

Miri encolheu os ombros:

—Você está mais para lobo do que um vampiro.

Com um chacoalhar da cabeça, ela disse:

—Está na cara para qualquer um.

—Eu sou um Johnson, — ele corrigiu — em primeiro lugar e antes de mais nada.

Ela beijou os ombros dele:

—Isso vai absolutamente funcionar para nós. E quando a matilha começar a perceber isso, nós vamos nos assegurar que estão quentes e alimentados e ter alguma maneira de arrumar dinheiro. — Ela voltou a cortar o bife — Mudando de assunto, lembre-se de falar com Ian sobre isso.

—O que? Há uma repentina reclamação por atitudes ruins?



Ela apontou para a tigela de madeira esculpida no centro do chão, como se fosse um lugar de destaque:

—Você já viu o talento artístico que essa matilha tem? Quando o mundo moderno olhar para peças como essas, a pobreza já não será mais um problema. Já sei. Tudo que precisamos é uma página da Web e um carrinho de compras.

—Não há dúvida que podem transformar a madeira, mas, Miri, você está falando de guerreiros cheio de cicatrizes com uma teimosia de uma milha de extensão que são usados para ação.

—Oh, você tem que fazê-los terem certeza que eles não descansarão — ela disse como se manter as garras guardadas de cem weres rondando, não fosse nada — Mas acho que você ficará surpreso em quão rápido eles se tornarão homens de família.

—Homens de família? A última vez que chequei, a maioria dos homens não tinham sequer companheiras.

A faca de plástico arranhou o prato de papel de novo:

—Claro que não tem companheiras — Ela moveu o pedaço de carne para o garfo, como se ela tivesse marcado um ponto. — Quando teriam tempo para encontrar companheiras, e mesmo que tivessem, como as convenceriam a querer morar aqui? Não há nem mesmo encanamentos modernos em todas as casas.

—Eu coloquei Slade trabalhando em algumas fontes de energia, para mudar isso.

—Eu sei, mas ser solteiro, com poucas esperanças de serem vistos como perspectivas viáveis por uma mulher de uma matilha mais moderna, deve dar nos nervos deles.

Jace podia pensar em outra parte do corpo deles que os estavam enervando.

—Essa é uma das razões deles estarem tão tensos, — finalizou Miri.

—Você está dizendo que ser solteiros os deixa excêntricos?

—Isso não te deixa excêntrico?

Ele não tinha que tocar com uma vara de três metros:

—Eu tenho que admitir que eu estou muito mais feliz agora que tenho você.

O sorriso dela era de reconhecimento:

—Boa resposta.

Ele inclinou sua cabeça:

—Obrigado. Mas, ainda, princesa, não importa quão positivas sejam as mudanças, você tem que saber que ainda haverão alguns que as recusarão.

—Eles estão em minoria.

—Essa minoria pode ser ainda muito mortal, e só pra você saber, ao primeiro sinal de perigo, eu vou tirar você daqui.

—Nós falaremos sobre isso até se tornar um problema.

Honestamente, ele corrigiu:

—Isso foi a afirmação do fato.



Ela colocou seu prato no chão e ficou de joelhos:

—Se houver um perigo real, eu irei embora, mas não por causa de uma disputa de matilha.

—No que constituem uma disputa de matilha?

—Há a possibilidade eu ter que colocar alguns weres nos seus devidos lugares. Você não pode interferir em nada como isso.

—Eu vou interferir quando achar que preciso.

—Isso não é bom o suficiente.

—Qual de nós dois é o Alfa?

Ela não desviou o olhar e ele gostou disso. Alguns homens gostavam de ter suas mulheres intimidadas. Ele gostava de Miri do jeito que era, pronta para voltar atrás no seu ponto de vista com argumentação. Mesmo contra ele.

—Que tal: eu prometo que enquanto a situação não oferecer risco de vida, deixarei você cuidar disso?

—Eu posso conviver com isso.

Ela colocou o prato no chão. Ele o alcançou e o pegou:

—Terminou?

—Sim – Andando, ele jogou o resto do bife numa vasilha plástica e o colocou na geladeira. Por todo tempo que ela o estava olhando, os olhos dourados-escuros e profundos queimavam com interesse. O olhar dela recaiu para sua virilha. Seu pênis se contraiu, e então ela passou a língua sobre seus lábios.

—Eu gosto do jeito que pensa.

Ela piscou e sorriu.

—E como eu penso?

Ele se curvou e a apanhou em seus braços.

—Como minha mulher deveria pensar.

Ela envolveu seu pescoço com seus braços.

—E de que jeito é?

—Totalmente selvagem e ávida.

As unhas da mão direita dela arranharam o pescoço dele enquanto a esquerda começava a trabalhar nos botões da camisa dele.

—Eu gosto que possa me carregar tão facilmente.

Ele sorriu para ela.

—Isso te excita, hein?

O olhar que ela lançou para ele sob seus cílios foi quente o suficiente para chamuscar o cabelo curto dele.

—Absolutamente.



Ela abriu a camisa dele, as unhas dela escorregando pelo peito dele, até o ponto da marca dela. E parou.

—O que?

—Minha marca – Ela traçou o contorno, enviando faíscas de antecipação pela espinha abaixo – Quase se foi – ela franziu a testa para ele, como se fosse culpa dele. O que talvez fosse, desde que ele era um vampiro, com um metabolismo de cura de vampiro.

Quente e grosso, o desejo surgiu através do sangue dele, vagorosamente e aprofundando sua voz, enquanto ele percebia o que isso significava.

—Eu acho que isso significa que terá que fazer outra marca em mim novamente.

O sorriso dela revelou-se tão mal quanto seus pensamentos. Ela pressionou seu indicador no centro da marca desbotada.

—Hmm, eu poderia ter que gastar meu tempo com isso, também.

A ponta da língua rosada dela deslizou sobre seus lábios carnudos. Ela sustentou o olhar dele, enquanto ela vagorosamente, muito vagorosamente, se inclinava para frente. A respiração dele virou um rosnado. Ela não se moveu nem para frente e nem para trás, apenas pairava insultando-o, com a promessa do seu beijo.

—Filha da puta.

—O que? – Ela tocou o ponto com sua língua, iniciando as chamas que queimavam em direção ao seu pênis.

Ele escorregou ao longo da parede, segurando a boca dela:

—Nós não vamos fazer isso no quarto de novo.

Duas semanas mais tarde os Tragallions não eram os únicos que estavam apodrecendo por uma luta. Duas semanas driblando os desafios, perseguindo sombras e Jace poderia dar seu canino para afundar seu punho em alguma coisa. Se voltasse ao Círculo J, poderia ter contado com Jared para lhe dizer algo provocativo, e lhe dar um motivo para desabafar, mas aqui estava cercado por uma luta de conta-gotas de machos Tragallion que pareciam determinados a jogar fora sua boa índole com sorrisos frios e paciência ilimitada. E estava razoavelmente certo que estavam fazendo isso de propósito. Os bastardos.

Jace olhou ao redor do telhado onde estava substituindo telhas. As batidas do martelo reverberaram no ar frio da noite enquanto os homens trabalhavam, em uma corrida contra o tempo quente e as primeiras chuvas da primavera previstos para o próximo dia. Ele olhou para o feixe quase vazio ao lado dele e para os telhados que ainda precisavam de reparos. Droga, desejou que eles tivessem como trazer mais.

Ele tirou seu chapéu e esfregou as costas da sua mão na sua testa. O movimento arrastou o material de sua camisa pela marca que Miri havia recolocado essa manhã. Ele respirou fundo assim



que o fogo doce queimou sua calma com a memória da noite anterior. A mulher tinha um lado selvagem com certeza.

—Estamos indo devagar – disse Marc seu olhar seguindo pelos telhados e seu estado de degradação evidente.

—Sim. – Ele esfregou o local no seu peito, esquecendo-se que o martelo estava na sua mão, atingindo seu queixo com a ponta.

—Porra!

Brac lançou um olhar para ele, o martelo suspenso sobre um prego, um sorriso nos lábios. Com uma batida colocou o prego no lugar. Jace considerou andar pela curta distância e chutar seu traseiro.

—Você tem algo para dizer, were?

—Não.

Jace puxou um prego para fora de seu bolso e o alinhou até ficar embaixo do outro: - É uma pena.

Ele teria gostado de chutar a bunda de Brac. Esse homem era uma irritação andante.

—Se as coisas estão muito pacíficas por aqui para você, vampiro...- O martelo colocou outro prego no lugar – Sempre pode ir para casa.

—E deixar crianças como vocês, para brincar sem serem supervisionadas? Eu acho que não – Ele pregou a telha abaixo. – Miri nunca me perdoaria.

—Nós não precisamos de supervisão – um dos homens rosnou de um telhado próximo – Especialmente de um vampiro cu doce cuja única reivindicação à fama é o acasalamento com uma de nossas fêmeas.

Jace colocou seu martelo embaixo e ficou de pé. Lentamente. No último.

— Eu aposto que isso dói, não é?

O homem, Brody, era grande e a julgar pela maneira que cruzou o espaço entre as duas casas, ágil. Jace sorriu. Ia ser uma boa briga.

Brody respondeu ao sorriso com uma expressão lenta e fácil de confiança.

—É uma maneira de ver os fatos, não é?

Jace se afastou dos escombros e sacudiu os braços rígidos.

—Bom.

Brac se adiantou.

—Não no telhado.

—Preocupado que seu menino bonito possa se machucar?

—Não, estou mais preocupado com as telhas que não conseguimos assentar e ficarão arruinadas e quando a chuva cair dentro da casa, Maura irá nos culpar e não haverá nenhuma torta de blueberry no verão.

Brody resmungou.

—Bom ponto de vista.



Ele andou até a escada. Jace esperou até que ele estivesse na metade da escada antes de passar levitando por ele.

—Idiota.

Derrubando seu chapéu, ele continuou, tirando fora seu casaco e o atirando no degrau, quando alcançou o chão. Jace arregalou as mangas enquanto esperava pelo minuto de tirar Brody da escada. A irritação piorando os passos do outro homem enquanto ele se aproximava.

—Esse truque não vai salvar sua bunda.

—E falar não vai salvar a sua.

Weres pararam nos telhados e começaram a descer as escadas. Silenciosamente, formaram um círculo ao redor de Jace e Brody até que fizeram uma parede sólida de músculos e hostilidade. Uma sensação de familiaridade veio até Jace. Ao contrário dos jogos de gato e rato que jogara nas duas últimas semanas com quem tinha Faith, ele apreciou esse confronto. Isso era familiar, ele jogara muitas vezes no passado e tinha a sensação de um velho amigo. Nada como uma boa briga para limpar o ar.

Ele mexeu seus dedos, convidando o were para fazer seu primeiro movimento. Quando Brody o fez, Jace encontrou-o de frente, o impacto dos dentes no corpo de Brody centrando seu foco. A dor explodiu em seu intestino assim que Brody deu um golpe. Jace se virou para longe, chutando, pegando o were do lado do seu rosto. Brody balançou a cabeça, atordoado por um segundo. Jace não se moveu. Ele tinha mais uns demônios para colocar para fora, antes de deixar a luta acabar.

Dez minutos mais tarde, Jace queria reconsiderar. Não era a primeira luta de Brody e pela maneira que ele levava golpe após golpe enquanto dava alguns, provou que ele estaria nisso por um longo tempo.

Um tempo muito longo. Depois de trinta minutos nenhum homem era vencedor e a luta estava longe de terminar. Jace doía da cabeça aos pés e Brody não parecia que estava se saindo melhor.

Jace limpou o sangue de sua boca enquanto o outro homem o circulava. O grande tamanho de Brody lhe dava uma resistência impressionante, o que compensava a força realçada de Jace. Mas não seus poderes vampíricos, que se quisesse poderia arremessar nele. Aquilo não ia acontecer. Havia começado como uma luta justa e ia terminar assim.

—Pronto para desistir vampiro? – rosnou Brody, enxugando o sangue dos seus olhos.

—Pronto para dizer que estamos quites, were?

—Você não pode vencer.

—Bem, eu tenho certeza que não vou perder, merda.

Ele pulou para trás assim que Brody atacou. Suas garras pegaram no bolso da camisa de Jace. O material se partiu num silvo suave assim que ele se afastou. O ar frio na sua marca o fez queimar. Quando se virou, Brody estava parado ali, encarando-o, como uma expressão estranha no rosto. Uma olhada ao redor mostrou que todos estavam agindo do mesmo jeito.

Movendo dois dedos, ele convidou Brody a vir para frente, de volta à brincadeira.



Foi Brac que parou e franziu a testa:

—Você não nos disse que ela o tinha marcado.

Jace continuou com os punhos fechados:

—Provavelmente porque não é da conta de porra de nenhum de vocês.

—Quando isso aconteceu?

—Em qual das vezes?

Brac balançou a cabeça para cima:

—O que você quer dizer com, “em qual das vezes?”

Jace tornou seu sorriso mais paciente que ele podia.

—Eu sou um vampiro; eu me curo, lembra-se?

—Filho da puta.

Brody voltou para trás, suas mãos abaixadas:

—Quantas vezes?

—O que?

Levantando sua mão, Brody indicou a marca no peito de Jace:

—Há quanto tempo você vem sendo marcado?

—A cada dois dias.

Outro – *filho da puta* – foi gritado pela multidão.

Que diabos essa marca significava?

—Eu preciso lembrar à você que nós estamos no meio de uma luta perfeitamente boa?

Com um aceno de mão, Brody pôs fim à diversão.

—Nós já terminamos com isso.

—A porra que terminamos – Jace ainda tinha um monte de aborrecimentos para colocar para fora.

—Vamos.

Brody não levantou seus punhos.

—Não.

—É contra a lei do bando um homem lutar no meio da febre da marcação, - interrompeu Brac.

—Marcação, o que?

—O transtorno emocional pelo qual um macho tem que passar depois que sua companheira o marca.

—Por que diabos não?

—Eles não ficam racionais.

O suor arranhava a marca, lembrando à Jace as perfurações que Miri fez com suas presas brancas. Seu pênis agitou-se, correndo pela adrenalina da luta.

—Como Alfa eu estou abolindo a lei.

Dessa vez era Brac que ficou com o olhar paciente.



—A lei foi estabelecida pelos Executores. Está além do seu alcance.

Uma outra olhada ao redor mostrou que os Tragallions estavam convencidos do que estavam dizendo – Vai entender – Jace andou e se aproximou do degrau onde estava seu casaco, pegou-o e o colocou em curtos empurrões, grunhindo assim que os golpes que levava no corpo se apresentaram.

—O que vai fazer? – Brody perguntou.

—Desde que colocou um final na nossa brincadeira, eu pensei em terminar o telhado.

Ele subiu na escada ao invés de levitar, a irritação exigindo mais movimentos agressivos que um suave levitar. A escada sacudiu como se alguém a estivesse escalando. Olhando por cima dos ombros, viu que Brac o seguia.

Jace limpou o sangue de seu lábio cortado, encolhendo-se com a dor.

—O que quer que seja, Brac, não é uma boa hora.

—Cabeçudo.

Jace levantou uma sobrancelha para ele.

—Você diz “cabeçudo” para seu Alfa?

Brac encolheu os ombros.

—Quando ele precisa ouvir isso.

—Inferno, o que faz você achar que vou ouvir?

—Você não é um homem razoável.

Aquilo o fez piscar.

—O que? Não classificou aqui com um “para um vampiro”?

—Você não pode se encaixar na matilha se não entender a lei.

Ele subjugou a vitória e contemplou o quanto isso ia doer até chegar o topo da escada.

—Eu não imaginava que pensava em mim como um membro permanente.

—Você cresce numa matilha.

Essa afirmação veio de cima. Marc. Jace passou a perna por cima do topo da escada.

—Como um fungo, — grunhiu Brac

—Escutou? – Brac olhou diretamente para o peito de Jace.

—Sim. – Marc suspirou – Isso poderia ser um problema para alguns.

Jace estremeceu quando suas costelas gritaram num protesto à necessidade de se endireitar, uma vez que estava de pé no telhado.

Marc percebeu o movimento traidor.

—Brody tem um soco do inferno, não tem?

—Ele é um homem do tipo bate-estaca.

—Você fez uma boa luta contra ele.

—Eu gostaria de tê-la terminado.

Brac balançou a cabeça.

—Isso não seria permitido.



—Porque Miri me marcou?

—Mais do que isso.

Jace cruzou em direção ao lugar onde deixou seu martelo. Ele não se curvou, contudo. Não fazia sentido fingir que ninguém acreditava. Sondando suas costelas para ver se haviam se quebrado, ele perguntou.

—Nenhum de vocês planeja me dizer por que a marca de Miri em mim, colocou um amortecedor na minha diversão, ou deveria adivinhar?

Os dois homens trocaram um olhar e depois assentiram.

—A marcação é um evento altamente erótico, - começou Marc.

—Merda.

—Isso deixa um homem desequilibrado por dias, enquanto os hormônios trabalham através do sistema.

—Consequentemente a lei, — interrompeu Brac — Muitas batalhas tornaram-se mortais, quando os homens estavam sob o calor da marcação. Nunca foi um problema antes, porque é coisa de uma vez só. — Ele olhou para Jace com uma combinação de nojo e espanto: — Ou costumava ser.

—Eu tenho que admitir, com a contrariedade usual dos Jonhsons, você levou a febre da marcação à um novo extremo, — acrescentou Marc.

—Eu odeio desiludi-los, meninos, mas não sou uma pessoa de contradições.

—Merda, se não fosse meu Alfa, acho que teria que matá-lo — murmurou Brad — Eu ainda não desfrutei nenhuma vez da experiência e está se viciando em uma dose quase diária. — Ele levantou o martelo e um punhado de pregos.

Jace sorriu, mostrando todos os seus dentes: — Coma seu coração.

—Acredite-me, eu vou, mas você está me dando nos nervos.

—Isso corta meu coração.

O celular de Jace tocou. Ele checou o número antes de abrir: — Caleb.

—Como vai a vida como senhor dos weres?

Ele checou o hematoma na barriga: — É uma verdadeira explosão.

Seu sarcasmo saiu. Duas batidas vieram claramente através da linha. Os pés de Caleb estavam batendo no chão.

—Você está com problemas?

—Nada que vinte anos ou mais de construção de confiança não deem um jeito.

—Os Tragallions estão se tornando desagradáveis?

Jace encarou Marc e Brac. — Aparentemente estou imune à desagradados.

—Como diabos conseguiu isso?

—Miri arranhou isso.

—Ela é uma coisinha bem despachada, não é?



Os dedos de Jace instintivamente se levantaram em direção à sua marca. Ela queimou apenas em menção do nome dela. Ele sacudiu Brac quando ele sorriu astutamente.

—Ela é cheia de surpresas.

—Por que acho que há mais coisas acontecendo do que está me dizendo?

—Provavelmente porque eu ainda estou trabalhando os nós.

—Algo que eu possa ajudar?

—Você poderia me contar se há novidades sobre Faith.

Caleb suspirou. — Nada concreto.

Jace colocou o telefone entre seu ombro e sua bochecha, bloqueando a propagação do som:

—O que isso exatamente quer dizer?

—Houve muita conversa onde não deveria haver e nenhuma onde deveria.

—Merda.

—Isso expressa muito bem minha resposta.

O silêncio predominou por uma batida de coração. Caleb não estava contando a história toda para ele. — O que mais?

Um pesado suspiro e depois: — Tobias desapareceu.

—De propósito?

—Ninguém sabe.

—Quem são essas porras de Executores?

—Você quer dizer, além de serem uma lei para eles mesmos?

—Sim.

—Eu não tenho a menor ideia.

—Você acha que Tobias está envolvido no desaparecimento de Faith?

—Até o olho. Eu só não tenho certeza de qual lado ele vai ficar quando a fumaça clarear.

Jace sabia: — Tobias pode ser um Executor, mas é um were. Não há como ele tomar partido do Santuário.

—Eu espero que esteja certo.

—Weres são realmente cumpridores das leis.

A escada sacudiu quando os homens retornaram ao seus trabalhos. Enquanto juntavam seus equipamentos e voltavam a trabalhar, Jace foi submetido à muitos olhares estranhos. E Brac ainda estava estudando-o com algo impenetrável no rosto. Outro silêncio. Jace checkou seu relógio. — Se não quisermos que o Santuário rastreei isso, nós temos que desligar.

—Eu sei — Caleb ainda não queria terminar a ligação, a preocupação dele se estendendo além da distância. — Jace?

—Sim.

—Tenha cuidado.

—Pode apostar nisso.



Capítulo 21

O telefonema de Tobias veio duas horas mais tarde quando Jace estava entre a garagem e a casa.

—Sim?

Sem qualquer preâmbulo, o Executor deu a notícia. —Encontrei Faith. Querem fazer uma barganha.

A dor em seu abdômen contundido não era nada comparada a dor da esperança. —Quem são eles?

—A única coisa que sei é que são lobos e não vampiros.

Isso era algo positivo. —O que querem em troca?

—Brenda Lynn.

—Por que?

—Esse mistério terá que ser resolvido mais tarde.

O que significava que não tinham muito tempo. —Quando querem que façamos a troca?

—Hoje à noite.

—Não estão com pressa, não é?

—É melhor assim.

—Por que não fico surpreso?

—Eles querem que venha para o ponto de encontro. Só você e Brenda Lynn. Se ouvirem qualquer rumor sobre isso ou virem você trazendo qualquer outra pessoa, eles matarão Faith.

Os weres estavam começando a olhar para ele de um jeito engraçado. Começou a caminhar novamente, fingindo uma tranquilidade que não sentia. —Tem certeza que estão com Faith?

—Eles descreveram seu salvamento do Santuário perfeitamente.

—Arriscaram suas vidas para salvá-la e agora estão ameaçando matá-la?

—Eu sei. Não faz sentido. Pode ser que não tenha mais utilidade para eles.

Ela não teria se estivesse doente como Joseph e lutando para se manter viva. A sensação de urgência dentro dele cresceu. Se Faith estivesse passando mal, tempo era mais que essencial. Jace manteve sua voz o mais uniforme possível. —Isto significa que achou seu Executor patife?

Houve uma pausa e então um cuidadoso —Estou chegando mais perto.

—Agora, por que isso não me dá um sensação aconchegante?

—Não deveria. Nada sobre isto deveria lhe dar uma sensação aconchegante, mas existe o lado positivo.

—Sim. Nós finalmente encontramos Faith.



—E ela está viva. É muito mais que tínhamos ontem à noite.

E seria um inferno muito menor que teria amanhã, porque amanhã iria devolver sua filha de volta para Miri. —Sim. Onde será o ponto de encontro?

—Em uma caverna a sessenta quilômetros daqui.

Isso poria o ponto de encontro entre as terras Tragallion e Circle J. Jace podia usar isto.

—Obrigado.

—Qualquer plano que pretenda apresentar, seja cuidadoso em quem confiará. Nós não sabemos em quem confiar, Jace. Devem ter alguém do lado de dentro para saberem tanto sobre a situação de Tragallion.

Jace olhou para o céu. O amanhecer estava começando a empurrar a noite.

Tobias continuou,—eu também não gosto do fato que alguém saiba mais sobre Brenda Lynn do que nós sabemos.

—Ela é só uma menina.

—Um menina que Travis manteve por perto. Tem que existir um significado para isso.

—Seja o que for, sabe que está relacionado com o poder. Tudo o que Travis fez, mantendo a matilha no escuro na era tecnológica, expulsando os dissidentes—tudo isso alimentava seu amor pelo poder.

—Na cultura werewolf, o poder vem através das fêmeas.

—Eu pensei sobre isto, mas Brenda Lynn não tem os olhos dourados dos D'Nally.

—O que o cheiro dela diz a você?

—Que ela é aficionada pelo cheiro de lilás.

—Lilás?

—A criança cheira como se tomasse banho na substância.

—Interessante.

A escolha diária do cheiro da criança teve um novo significado quando Jace olhou através do complexo para onde ficava a casa de Brenda Lynn. Só uma luz estava acesa, em um dos quartos. Enquanto ele observava, ela se apagou. Werewolves tinham narizes muito sensíveis. Eles não usariam um odor tão forte a menos que estivessem tentando cobrir outro odor. Lembrou que Brenda Lynn uma vez reclamou que seus olhos estavam coçando. Muitas lentes de contato causavam irritação nos olhos. —Eu voltarei a falar com você, Tobias.

—O que quer que eu diga para nossa pequena festa de sequestradores?

—Diga a eles que irei encontrá-los no tempo designado.

—Com Brenda Lynn?

—Diga a eles que irei com o que preciso para conseguir minha filha.

Jace apertou o botão de desligar e fechou o telefone. Eles encontraram sua filha. Ele puxou sua imagem mental, afagando sua pequena bochecha em sua mente. *Vou buscá-la minha bebezinha. Você só precisa resistir até amanhã e voltará para casa com sua mamãe.*



Não incluiu a si mesmo na promessa. As chances eram que não sairia desta vivo. As cavernas eram o lugar perfeito para instalar uma emboscada. Muitos becos sem saída, muitos lugares para se esconder. Muitos para um só homem administrar. Talvez não para dois. Cruzou o complexo, rumo à casa de Marjorie e as respostas que precisava. Se estivesse certo, Marjorie era mais que só outro membro da matilha e sua filha possivelmente significava mais para o futuro dos Tragallions do que somente outra pequena menina.

Abriu seu telefone celular enquanto cruzava a rua. Antes que fizesse qualquer outra coisa, precisava dar um telefonema. Apertou o botão de chamar. Caleb respondeu no segundo toque. —Eu preciso de sua ajuda.

Mentir para Miri foi a coisa mais difícil que já fez. Jace podia sentir a exploração de sua energia contra a dele, procurando por algo que não estava contando a ela, enquanto ele verificava suas armas antes de colocá-las no SUV.

—Por que não me diz onde está indo?— Ela perguntou pela terceira vez.

—Porque não é importante.

—É importante o suficiente para você transformar a si mesmo em um arsenal ambulante.

—Eu sou um homem cauteloso.

—Você é um homem evasivo.

—Por uma razão que deveria respeitar.

Seus braços se dobraram sobre o peito. O dourado de seus olhos se aqueceram com frustração. O mesmo dourado dos olhos de Marjorie e Brenda Lynn quando tiraram as lentes de contato. Os olhos D’Nally que Travis planejou explorar através de uma Brenda Lynn obediente, uma vez que ficou claro que Marjorie não jogaria com um homem que venderia sua fêmea Alfa para o Santuário. Brenda Lynn seria o ás de Travis no buraco para uma ascensão enganosa uma vez que tivesse sucesso em livrar-se de Miri e Marjorie.

—Eu não respeito o que não entendo.

Ele arqueou uma sobrancelha para ela. Ela não derreteu como normalmente fazia. —Algumas coisas têm que ser aceitas com fé.

Ele percebeu que essas foram uma escolha infeliz de palavras assim que as proferiu. As sobrancelhas de Miri se abaixaram enquanto os pedaços do quebra-cabeças se encaixaram. —Você está indo atrás de Faith, não é? É por isso que não me dará nenhum detalhe.

Jace deslizou seu revólver no coldre do quadril antes de agarrar o cinto para facas.

—Eu disse que não vou falar sobre isto.— Não com ela, porque se conseguisse um boato que Faith estava próxima, ela procuraria por toda parte não importando o perigo. E ela era muito importante para ele e sua matilha para estar em qualquer lugar próxima à bagunça que este resgate iria se tornar.

Com um, *Afastese*, ele arrastou o escudo protetor de energia para fora do SUV.



O material era pesado com a energia que absorveu do veículo. Pesado demais até para ele levantar. Deixou-o deslizar para o chão, saltando para trás antes que pudesse esmagar seu pé ou perna. Demoraria uns minutos antes que ele perdesse a energia que absorveu e ficasse leve.

—Eu amo você, Jace.

As palavras o cercaram com a suavidade de sua energia, a profunda extremidade de seu desespero não diminuindo o impacto. Ele absorveu a ambos, seu amor e seu medo, apreciando o primeiro, trabalhando para diminuir o último enquanto se virava para enfrentá-la.

Ela estava tão dolorosamente linda em sua visão noturna. O preto e branco destacando a pureza de suas feições, o negro rico de seu cabelo, a abundância tentadora de sua boca, a espessura de seus cílios acima daqueles olhos incríveis.

Ele sempre imaginou que a primeira vez que ouviria essas palavras ditas por ela, seria na cama, quando estivesse despida de suas inibições pela força de sua paixão, mas aqui estava bem, também, se pensasse que essa poderia ser sua última chance de ouvi-las. E se as coisas corressem mal, ele era egoísta o suficiente para querer essa memória para se agarrar quando passasse para o outro lado.

—Pensei que estivesse guardando essas palavras.

—Eu pensei que iria compartilhá-las comigo.

Ela esfregou as mãos para cima e para baixo em seus braços e deu um passo para mais perto. — Por que não está levando ninguém com você?

Jace cutucou o escudo com o pé. Ainda estava muito pesado para mover.

—Porque levar alguém complicaria as coisas.

—Nós estamos no meio de uma guerra, Jace. Ninguém deixa o complexo sem reforços.— Ela deu um passo ainda mais perto, perto o suficiente para que ele pudesse ver o brilho das lágrimas em seus olhos. —Esta é sua própria regra.

Ele deu o passo que acabou com a distância entre eles, envolvendo suas bochechas em suas mãos, roçando seus polegares acima da pele fina de suas maçãs do rosto, os calos raspando nas cicatrizes. Ele preferia rasgar seu próprio coração do que vê-la sofrendo novamente. —Você sabe que eu faria qualquer coisa por você, certo?

—Sim.

Não havia um pinga de dúvida em sua voz. —Ótimo. Eu quero que se lembre disto. Junto com o fato que amo você. Desde o momento em que te vi e nunca deixarei de amar.

Seus dedos rodearam os pulsos como delicadas correntes que o fizeram querer esquecer tudo que acontecesse depois daquele dia. —Isso soa como um adeus.

—Um adeus implicaria que eu não estou pretendendo voltar.

Seu olhar encontrou o dele e o segurou. —Você pretende?

—Sempre.— Não importa o quanto a possibilidade fosse remota, ele faria das tripas coração para voltar para Miri e sua filha.

Um lampejo de sensibilidade ao longo de sua consciência o alertou para uma intrusão. Miri



estava tentando ler sua mente. Ele fechou sua mente. Teria fechado a tempo? Nada na expressão de Miri mudou, nada mostrava que ela conseguiu passar por suas defesas.

Jace olhou pela janela da garagem. Estava completamente escuro, sem sequer uma sugestão de lua iluminando o negro. Tempo de caça ideal para vampiros. A falta de luz lhe daria uma vantagem acima dos werewolves, por que a visão deles estaria comprometida. Era uma vantagem pequena, mas escolheu aceitá-la como um bom presságio. Recolheu o material de proteção e o lançou na parte de trás do SUV.

Miri surgiu atrás dele e pôs os braços ao redor de sua cintura e apertou firmemente, o rosto descansando contra suas costas. —Não faça isto, Jace.

Ele girou em seu abraço, envolvendo sua cabeça em suas mãos e pressionado-a contra seu coração.

—Seja o que for que vai fazer,— Miri sussurrou, —seja pelo que for que está planejando se sacrificar, não vale a pena.

Ele descansou o rosto no topo de sua cabeça, memorizando a sensação dela em seus braços, apreciando a maneira que seu coração batia em sintonia com o dele, sentindo sua força, sua determinação, sabendo a dor da perda a devorava viva. A dor que ele criou. A dor que ele podia curar. —Eu mantereis isso em mente.

Ele a afastou, permitiu-se um último olhar em seus olhos, um último beijo, um último, *eu amo você*.

Então se virou e entrou no SUV.

Jace esperou até que estivesse fora da vista do complexo antes de pegar o boneco que construiu e o afivelar no lado do passageiro no banco dianteiro. De longe, imaginou que faria quem quer que os tivesse observando pensar que a pequena menina estava com ele.

Sentiu uma presença e olhou para cima. Tobias estava ao lado do carro. Jace piscou. Os poderes que o Executor exercia eram impressionantes. Quase tão impressionantes quanto a determinação iluminando seus olhos frios. Jace abriu a janela. —Legal de sua parte fazer isso.

As fechaduras da porta do SUV abriram. Tobias olhou para o boneco e depois para Jace. Levantou as sobrancelhas e abriu a porta traseira. —Pensa que vai enganar alguém?

—Enquanto ninguém se aproximar, o boneco fará o trabalho durante o tempo que preciso.— Especialmente porque ninguém esperava que um vampiro tivesse código moral, portanto não esperariam que teria qualquer escrúpulo em sacrificar uma criança por algo que queria.

A porta se fechou. —Tem um minuto para conversar sobre exatamente qual é o trabalho?

—Conseguir minha filha de volta.

—Eu entendi isso. A pergunta está na maneira como vai fazer isso.

—Eu estou contando com a sorte.

—Engraçado, tenho a impressão que esta era uma missão suicida.



—Eu não sou suicida.

Tobias se recostou no banco. —Só imprudente.

Jace encolheu os ombros. —Só um pouco.

—Eu sei que o objetivo é trazer Faith de volta para Miri, mas já lhe ocorreu que sem você, isso não vai ser suficiente?

—Será suficiente.

—É um direito de Miri. Você não entende os weres . Miri nunca aceitará sua morte. Ela seguirá você para o sepulcro.

Isso não era parte do plano. —Slade achará um modo para que ela viva para nossa filha.

—Hum hum.— Tobias apontou para a estrada. —Não deveríamos estar à caminho?

—Eu acredito que me disseram para vir sozinho.

—Disseram. Mas eu disse a eles que o preço para que eu intermediasse um acordo era que teriam que me aceitar lá quando o acordo se concretizasse.

—Eles não fizeram objeção.

Tobias deu um sorriso frio. —Eu acho que estão pensando em matar dois coelhos com uma cajadada só.

Jace encontrou seu olhar no retrovisor. —Você tem que admirar a eficiência deles.

—Sim. Temos mesmo.

—Então o que pensa que vão conseguir com isso?

—Brenda Lynn, porque com certeza não vão pensar que não a trará para negociar.

—Eu considere isto.

—Não, você não fez.

—Não me diga que de repente decidiu que eu tenho escrúpulos.

—Eu sempre pensei que você tinha escrúpulos. Quem acha que sugeriu para Ian que deixasse seu acasalamento com Miri permanecer?

—Me perguntei por que ninguém me atirou para fora.

—Pode me agradecer por não estar morto agora e por Miri não estar triste.

—Isto não está no plano.

—Até onde posso ver não existe um plano.

Jace colocou o SUV em movimento. —Se não gosta, pode sair.

—Existe sempre um plano B. Eu vou nesse passeio, para proteger os interesses were.

—Que seriam?

—O Alfa Tragallion.

—Estou pensando que não existem muitos que ficariam tristes ao me verem indo embora.

—Miri ficaria. Ela ama você.

—E eu a amo.

—E isto está definitivamente colorindo seu pensamento.



Jace guiou o SUV ao redor de um buraco na estrada.

—O que? Você acredita que vampiros podem sentir amor?

—Eu acredito que os Johnsons são capazes de muitas coisas que a maioria dos vampiros não são.

Houve uma série de cliques. Jace olhou para o retrovisor. Tobias segurava um telefone celular em sua mão. Ele olhou para a tela. Um pequeno sorriso tocou em seus lábios duros.

—Por que está sorrindo?

Tobias guardou o telefone celular .

—Só um toque de otimismo.

Ele se recostou no banco e fechou os olhos. —Desperte-me quando estivermos a cinco quilômetros do local da troca.

Jace estacionou o SUV na base das cavernas. Olhou pelo retrovisor. Podia sentir a presença de Tobias, mas não podia localizá-lo, não foi capaz desde que o Executor saiu do carro a cinco quilômetros atrás. Ele simplesmente desapareceu no meio das árvores como uma sombra conjurada por sua imaginação. Jace balançou a cabeça. O homem era bom.

Puxando o escudo de energia com ele, saiu do carro. Com um arco suave, lançou-o acima do carro. Imediatamente o leitor de energia mecânica piscou. Felizmente alguém que estivesse vigiando a área assumiria que a proteção bloqueava a energia de Brenda Lynn, também. Caso contrário, seu plano morreria na praia.

O caminho para as cavernas era à direita. Nenhum were estava à vista no que podia ver da trilha de sujeira antes que ela desaparecesse na floresta densa, mas pode sentir suas presenças assim que entrou na floresta. Mais ou menos vinte e cinco ao todo, silenciosamente seguindo seus passos na floresta. À cem metros acima do caminho eles saíram e o rodearam. Eram todos jovens, e fortemente armados.

Jace permaneceu de pé, as mãos ao lado do corpo, seu vampiro surgindo diante da ameaça.

—Você deveria trazer a menina.

Ele empurrou o queixo sobre o ombro. —Ela está no carro.

—Busque-a.

—Não até que veja minha filha.

O locutor, um were bonito com energia jovem, acenou com sua arma para dois outros, que imediatamente voltaram trilha abaixo.

Jace encontrou o olhar do líder. —Se tocarem o SUV, aquela criança no carro estará em pequenos pedaços por toda parte da paisagem. Junto com seus companheiros de matilha.

Os olhos do líder se estreitaram. —Mataria uma criança?

Jace sorriu. —Eu sou um vampiro, o que acha?

—Eu acho que alguém deveria acabar com você.



—Homens maiores que você já tentaram.

O garoto não mordeu a isca. Apenas enfiou os dentes em seu lábio inferior e soltou um assobio curto. Os dois weres pararam e olharam para trás. Ele acenou para que voltassem.

O cano do rifle cutucou as costas de Jace. —Mova-se.

Jace olhou por sobre o ombro. —É esta a parte onde eu deveria dizer, “Leve-me ao seu líder?”

—Essa é a parte onde coloca seu rabo arrogante em movimento, ou eu o explodirei.

Jace olhou por sobre o ombro. —Faça isso e perderá seu ingresso para uma posição na matilha.

O were olhou fixamente para ele. A surpresa coloriu seu odor.

—Você não pensou que eu descobriria sobre a ascendência de Brenda Lynn. A pequena fêmea Alfa com a qual está contando para subir? A que está presa em meu SUV cheio de armadilhas? Armadilhas que só eu sei como desarmar?

O were rosnou novamente e o empurrou para a frente. Jace foi, pura força de vontade mantendo sua respiração regular e as batidas de seu coração lentas quando seu destino ficou claro. A terceira caverna a esquerda. Era onde Faith estava.

Caleb? Você está aqui? Caleb era o único de seus irmãos que ele podia chamar porque somente Caleb podia administrar a exposição à luz solar para chegar aqui a tempo. Pareceu demorar uma eternidade para que ele respondesse. Na realidade foi mais ou menos cinco segundos.

Mais ou menos trinta metros a sua direita.

A terceira caverna à esquerda.

Eu entendi.

Lembre-se, não importa o que aconteça, tire minha filha daqui.

Eu vou tirar vocês dois.

Preocupe-se com Faith.

Eu me preocuparei com o que eu quiser.

Jace rangeu os dentes quando Caleb cortou a conexão. Precisava saber que Caleb colocaria Faith em primeiro lugar. Um homem apareceu na entrada da caverna. Longos cabelos escuros esvoaçavam por seu rosto. Mesmo a essa distância Jace podia identificar o prateado misterioso de seus olhos. A suposição de Tobias estava certa. Existia um Executor metido nisso. O homem tinha algo em seus braços. Ele desceu pelo caminho com elegante facilidade, encontrando-os a vinte metros da entrada da caverna.

—Jace Johnson?— Ele perguntou.

Jace não podia tirar os olhos de cima do bebê, enrolado em um cobertor cáqui. Ela tinha o rosto mais doce, era realmente a imagem de Miri. Ele tocou sua energia na dela, se entrosaram perfeitamente. Sua filha. Seus joelhos quase se dobraram. Essa era sua filha.

A energia de Caleb imediatamente reforçou a sua, deslizando ao longo seu caminho. Inabalável.

Jace piscou, arrancando os olhos das bochechas rosadas de Faith e do selvagem tufo de cabelo no topo de sua cabeça que implorava para ser alisado. Sua filha estava aparentemente saudável.



Deus, desejou poder transmitir aquele fato para Miri.

—É ela?— Ele perguntou ao patife.

—Não consegue responder por si mesmo?— Um derramamento de energia acompanhou a pergunta. Então o patife podia sentir a energia mas não podia controlá-la. Jace podia usar isto.

—Só verificando minhas suspeitas.

—Onde está a menina?

—Eu disse a você. No carro.

O lobo que o trouxe até a montanha zombou.—Ele ameaçou explodi-la.

O patife o estudou. Jace sentiu a tentativa de sua energia. Ele era qualificado, e provavelmente podia ser letal, com treinamento, mas não era treinado agora.

—Você colocou uma criança em perigo?

—Eu fiz o que eu tive que fazer para pegar minha criança.

O patife olhou para os homens. —Duncan, deixou uma criança presa em um carro cheio de explosivos?

—Não havia nada a fazer, até que ele visse sua filha. Ele é um maldito vampiro, Broderick. Nós acreditamos quando ele disse que a explodiria.

Broderick grunhiu.

Interessante que o odor do patife mudou pelo pensamento de uma criança em perigo. Ele não poderia ser tão patife quanto Tobias temia.

—Viu sua filha. Liberte a outra menina.

—Eu gostaria de segurar minha filha.

—Eu gostaria que os últimos dez anos voltassem. Nenhum dos dois vai acontecer.— Broderick fez um gesto com a mão. —Vamos.

—Passe-me minha filha agora, e poderei ser persuadido a esquecer tudo sobre você ter mantido minha filha como refém.

Duncan cutucou suas costas com a arma.

Olhando por sobre o ombro, Jace advertiu, —Faça isto novamente, filho, e vai comer essa coisa.

—Palavras corajosas de um homem que está em desvantagem.

—Palavras tolas de um homem que não estudou seu inimigo.

A risada de Broderick era mais que um grunhido. —Uma coisa é certa, os rumores de sua arrogância são comprovados.

Jace o alfinetou com seu olhar, deixando seu rugido de vampiro em baixo das chamas. —A única razão que ainda está vivo é por que salvou a vida da minha filha, mas esteja avisado, coloque-a em risco novamente, e eu a tirarei de você.— Ele pausou e adicionou, —Lentamente.

O patife não vacilou. —E esteja avisado que a única razão que ainda está vivo é por causa da maneira que sua companheira vê você.

—E como é?



—Alguém que vale alguma coisa.

Jace ruminou sobre isso. Mesmo quando ela pensou que ele a deixou nos laboratórios, Miri acreditou nele. Maldição, a mulher não sabia o significado da palavra “desistir”.

Foi mais rápido descer do que subir. Eles se aproximaram do lugar onde deixou o SUV. Ele não estava visível.

O velhaco parou de estudar a área. —Seu irmão encontrou uma maneira de protegê-lo.

—Você conhece meu irmão?

—Todo mundo conhece Slade Johnson.

Isso não era uma boa notícia. —Sim, Slade encontrou uma maneira.

Ele olhou para Jace. —Não deixa nenhum rastro?

—Nenhum.

Broderick franziu a testa novamente, estudando mais duramente, inconscientemente apertando Faith quando ela gritou e se remexeu no cobertor enquanto ele fazia isso. O último foi totalmente instintivo. Jace perguntou-se se o patife sabia o dano que segurar a pequena menina fazia para sua imagem de macho. Duvidava que Broderick entendesse que simplesmente salvou sua própria vida com aquele gesto revelador. Os Johnsons não pagavam uma dívida com traição. E gostando ou não, devia ao patife uma dívida que nunca poderia ser reembolsada. A vida da sua filha.

O patife Executor não é para ser machucado, ele disse a Caleb.

Jesus, Jace. Por que simplesmente não amarra minhas mãos?

Ele é a razão de Faith estar viva.

Filho da puta!

Ele sentiu Caleb trocar de posição. Ainda não havia nenhum sinal de Tobias.

Apontando para o bosque onde Caleb se escondia, ele ordenou, —Coloque minha filha fora de alcance.

O queixo de Broderick se levantou. —Você não manda aqui.

—Eu sou a pessoa que criou a bomba, e estou dizendo que minha filha estará mais segura ali.

O patife rosnou, revelando caninos afiados. Sua energia explodiu. —Desarme a bomba. Agora.

Jace bloqueou o impulso selvagem de energia e sorriu por dentro. O patife tinha o amor dos weres por crianças combinado com uma necessidade realçada de proteger. Isso explicava muita coisa, especialmente por que arriscou tudo para salvar Faith.

Jace apontou o queixo na direção do bosque onde Caleb esperava. —Leve Faith de volta.

O patife entregou o bebê para outro were com energia jovem. Jace franziu o cenho. Todos tinham energia jovem.

—Onde está sua matilha?

—Nós não temos nenhuma matilha.

—Travis entendeu isso,— alguém murmurou.

O que explicava o interesse em Brenda Lynn. Estes eram were Tragallion. Membros de sua



matilha. Matar o grupo não iria ser a clara alegria que esperava ansiosamente. Maldição. Ou estava ficando velho ou a vida estava ficando complicada.

Caminhou na direção onde deixou o SUV, confiando na memória quando o veículo não era visível. Estendeu a mão para a tampa. O patife o puxou de volta. —Eu farei isto.

Jace encolheu os ombros. O homem se inclinou para a frente. Houve um chiado e a cobertura deslizou para fora do SUV. Jace pulou para trás, o reflexo salvando de ser esmagado debaixo da estrutura. Broderick não foi tão sortudo. As maldições ofegantes vieram de debaixo da estrutura. Tobias pareceu surgir do nada ao lado do homem caído. Em suas mãos estavam duas armas de aspecto desagradável, em seu rosto um convite sorridente para o vilão maldito juntar-se a sua festa.

Outra maldição veio da extremidade do bosque onde Jace enviou Faith. Um olhar rápido mostrou o were caído e Caleb segurando o bebê, mas estava cercado e não ia a lugar nenhum. Com um grunhido, Jace mergulhou nos lobos. Em câmara lenta viu a mudança dos focinhos, ouviu o grito de Tobias, a advertência de Caleb. Ele não prestou atenção, surgindo para a frente em um canto mais fraco, seu único objetivo era criar uma rota para que Caleb pudesse escapar com Faith. Os grunhidos vieram do bosque, mesclando-se a mistura. Os malditos patifes tinham reforços.

Armas disparavam em sucessão rápida. Jace saltou em direção à saraivada de balas, grunhindo enquanto rasgavam por sua carne, rasgavam seus órgãos, não se importando, totalmente concentrado em ganhar aqueles preciosos pequenos segundos que Caleb precisava para tirar Faith de lá. Ele só precisava de um pouco mais para que seu irmão pudesse levá-la para a segurança. *Por favor Deus, só mais um pouco.* Um velhaco se lançou sobre Caleb. Ele caiu com um golpe de garras de Caleb. Outro apareceu atrás dele. Mais dois à esquerda. Os grunhidos ficaram mais altos, colidiram. Os homens gritaram. Um patife alcançou Caleb. Agarrando Faith com as garras sangrentas. Com a habilidade maligna pela qual era conhecido, Caleb cortou sua mão. O próximo patife parou, olhando fixamente para o apêndice decepado e o sangue correndo. Caleb saltou diante de sua vacilação e se soltou, um borrão de movimento em direção ao leste.

Jace caiu em seu lugar, rosnando e rodopiando, preenchendo o espaço com toda a agressividade que tinha dentro de si. Qualquer filho da puta que fosse estúpido suficiente para tentar, iria morrer aqui e agora. Lançou a cabeça para trás e uivou seu desafio. O grito de guerra Tragallion rugiu acima dos outros sons da batalha.

Ao redor, vozes weres atenderam ao chamado, repetindo-o fora das montanhas. Cada vez mais o grito inchou quando as vozes reforçaram o desafio. Vozes Tragallion se ergueram no grito de guerra Tragallion derramado na clareira, se aproximando. Sangue gotejava em seus olhos e escorria por seu rosto. Jace cambaleou, enxugando o rosto, limpando os olhos. Pronto para a próxima onda.

Só que não havia ninguém vindo. A clareira estava cheia com os rostos de olhos duros dos homens que ele reconheceu. Os reforços não eram dos patifes, eram autênticos matilha Tragallion. Só uma pessoa podia ter organizado isto. Miri deve ter dado instruções para que o seguissem.

Ele viu Brac, o joelho plantado firmemente nas costas de outro homem, amarrando cruelmente



o patife. Como se sentindo seu olhar, ele olhou para cima. Jace ignorou a borda negra de sua visão. Movimentou a cabeça em agradecimento. Brac ficou de pé.

Á direita de Jace alguém chamou seu nome. Doce e feminina, ele reconheceria aquela voz em qualquer lugar. Miri. Ele fechou os olhos, lutando para manter o equilíbrio enquanto o sangue encharcava o chão a seus pés. Ela não deveria estar aqui para ver isto.

—Jace!

Seus passos eram leves no chão, pontuações suaves ao toque de sua energia, que o envolveu em um abraço desesperado dois segundos antes que seus braços o envolvessem. Enquanto ele cambaleava, ela ofegou e alargou sua posição, seu ombro o apoiando debaixo do seu em um suporte muito pequeno. —Não morra em cima de mim, Jace Johnson.

Ele lambeu os lábios secos, se esforçando para se fortalecer. —Você não deveria estar aqui.

—O que eu não deveria era chegar aqui tão tarde. Você deveria ter me contado sobre isso, não me forçar a ler sua mente.

Seu aperto escorregou por causa do sangue. Ela suspirou novamente e então suas mãos estavam em cima dele, verificando ferimentos, chorando quando os encontrou. —Oh, Deus.— Ela bateu levemente em seu peito, em seu rosto. —Oh, Deus.

—Caleb!

Foi um grito estridente que reverberou em sua cabeça e seus ouvidos. Os joelhos de Jace se vergaram. Ela tentou pegá-lo. Ele só tinha força suficiente para lançar-se para trás para evitar cair sobre ela. A dor era intensa. —Eu estou bem, Miri.

—Você está sangrando.— Ela rasgou a manga de sua camisa.

Não existia sangramento dentro. Ele estava fora.

Ela pressionou o pulso em sua boca. —Alimente-se, Jace.

Ele estendeu a mão para pegar a dela, escapou a primeira vez, pegou-a na segunda. Ele a trouxe até sua boca, pressionou um beijo em sua palma, então agitou a cabeça. —Eu drenaria você e continuaria sangrando de qualquer maneira.

Ela pressionou mais fortemente. —Caleb estará aqui em um segundo.

Nem mesmo o sangue de Caleb poderia mantê-lo vivo tempo suficiente para se recuperar disso. Seria necessário muito sangue. Uma provisão fixa. —Está tudo bem, Miri.

Lágrimas corriam do rosto dela para o seu.

—Não, não está.

—Não chore, princesa.— Ele levantou a mão até seu rosto. Sangue se misturou às suas lágrimas. —Eu odeio ver você chorar.

Ela enxugou suas bochechas, as manchas de sangue ficando ainda maiores. —Não me diga o que fazer.

Ele sentiu as vibrações fracas de passos se aproximando. Lutou para se levantar. Era uma demonstração de como estava perto da morte o fato que somente uma mão de Miri o manteve



deitado.

A escuridão estava chamando. Ele não tinha muito tempo. —Eu vi Faith, Miri.— Estirou seus dedos para tocar em seu rosto, só então percebendo que ela estava segurando sua mão. Sua voz era uma lima seca. —Ela é bonita—saudável. Se parece com você.

—Cala a boca.

—Eu amo você.

—Eu disse, cala a boca.

Uma sombra mais escura que a noite apareceu ao lado deles. Brac.

O Tragallion olhou fixamente para ele, avaliando seus ferimentos com objetividade de soldado. —Você está seriamente ferrado, vampiro.

—Já tive dias melhores.

—Foi tolo por tentar fazer isto sozinho.

—Eu posso ver isto.

—Merece morrer somente por esta estupidez.

—Provavelmente.— E ele tinha certeza, por muitas outras razões além destas.

—Mas não hoje.— Brac enrolou as mangas de sua camisa.

Jace piscou, incerto sobre ter compreendido. —Você não tem sangue suficiente.

Brac olhou para ele e seus ferimentos. —Provavelmente não.

Através do campo, Jace viu Caleb sair da floresta. Ele ainda estava com Faith. Jace forçou um sorriso. Caleb não retribuiu.

Brac se ajoelhou ao lado dele, gritando, —Tragallions! Para o Alfa!

Houve um murmúrio e então passos se aproximando. Jace olhou para cima. Estava cercado por Tragallions de olhos frios e rostos duros. Exatamente o que ele queria. Estar cercado por weres arrogantes na hora de sua morte. Para sua surpresa, começaram a enrolar as mangas de suas camisas.

—Você não vai dar sangue a ele, não é?— Um dos patifes rosnou com nojo. —Ele é um maldito vampiro!

O som de um golpe interrompeu o silêncio.

Os olhos de Brac ardiam com a intensidade de um werewolf quando se encontraram com os de Jace. Ele cortou seu pulso. Seu sangue escorria para a boca de Jace em um fluxo potente de poder. —Sim, mas é nosso maldito vampiro.

Jace franziu a testa, forçando a escuridão a se afastar. —Que diabo é isto?

A mão de Miri era gentil em sua fronte. —Você, Jace Johnson, está sendo reivindicado, ao Estilo Tragallion.

—Este significa que estou preso a você?— Ele perguntou a Brac. O grande were fez uma careta. —Até que nós chutemos seu traseiro.

O sangue do were encheu sua boca. Jace engoliu, juntando o resto de sua força enquanto absorvia o significado mais profundo.



—Bem, inferno.

Epílogo

A música era muito alta, as pessoas fora de controle, e também não havia lugar para escapar.

Miri, segurando uma Faith sorridente e feliz, surgiu ao lado de Jace onde estava inclinado contra o batente, cumprindo seu papel de acompanhante na primeira festa de Brenda Lynn. Seu olhar não perdia de vista as tentativas desajeitadas dos patifes fortemente vigiados, para restabelecer vínculos. Ela claramente não estava pronta para deixar a discussão que foi interrompida pela necessidade de trocar a fralda de Faith.

—Você não pode adotá-los, sabe,— ele disse a ela, observando os patifes se entrosarem, debaixo da rigorosa supervisão, com os outros Tragallions.

Miri se inclinou para o lado de Jace. —Por que não? Você adotou Penny no minuto em que a viu.

E isso estava funcionando muito bem. Penny e Marc estavam construindo seu relacionamento, mas, fiel à sua palavra, o were compartilhava Penny liberalmente com Miri e Jace. Geralmente ambos podiam ser encontrados na casa de Miri.

—Caso não tenha notado, aqueles meninos pesam bem mais de noventa quilos e estão embalando uma tonelada de atitude.

—Eles não têm uma matilha.

—Eles podem encontrar uma em outro lugar.

—Eles pertencem a nossa matilha. São Tragallions.

Broderick olhou por sobre o ombro, encontrou o olhar de Jace, e não desviou o olhar. O filhote de cachorro, muito ousado para seu próprio bem, o lembrava de seu irmão Jared em atitude. Todas as arestas e agressão duras, cobrindo um senso de responsabilidade que não iria desistir. Não existia nenhuma dúvida que Broderick tinha potencial, mas Jace ainda pensava que Tobias tinha mordido um pedaço maior do que poderia mastigar quando se ofereceu para treiná-lo como Executor. Então novamente, oferecer abrigo aos patifes aqui não fazia muito sentido. Exceto, como Miri disse, eram Tragallions. Isso os fazia dele, e ele não deixava nada ir facilmente. —Eles causarão todos os tipos de caos,— ele advertiu.

—Você gosta de caos.

Ele beijou o topo da cabeça de Faith, o toque feliz de sua energia para ele, uma maravilha com a qual nunca se acostumaria. Ele a envolveu em um abraço mental, sentiu a energia de Miri se misturando a dele. Olhou para cima e pegou Broderick ainda olhando para ele, para o mundo que Jace segurava em seus braços. Não havia dúvida quanto à devastação em seus olhos prateados. No



segundo seguinte ela se foi, substituída pelo desafio que Jace estava mais acostumado a ver. —Eles não irão lhe agradecer por isto.

Miri encolheu os ombros. —Talvez não no início.

—Talvez de jeito nenhum.

—Eles eventualmente encontrarão seu lugar.

—Ou não.

—Jace.

Ele olhou para baixo. Miri recostou sua bochecha contra a marca fresca que ela deu a ele naquela manhã, roçando suavemente, amor e diversão aprofundando o dourado de seus olhos quando ele prendeu a respiração.

—O que?

—Pense nisso como um desafio.

Ele olhou ao redor do quarto, para os rostos das pessoas que jurou colocar acima de todas as outras. As pessoas cujo sangue agora corria em suas veias. As pessoas cujas vidas prometeu fazer melhor. Pequenas mudanças já tinham sido feitas. Roupas limpas foram levadas para dentro, borrifando o quarto em flashes de cor brilhante. Carros de brinquedo zumbiam entre os pés dos adultos; as armas de raios queimando enquanto as crianças brincavam de werewolf e Santuário. Grandes mudanças precisavam acontecer, mas esta era sua matilha. Ele iria fazê-las acontecer. Uma de cada vez.

Envolvendo seus dedos nos cabelos de Miri, Jace inclinou a cabeça dela para trás, para seu beijo, encontrando um sorriso em seus lábios e todo o amor do mundo em seus olhos.

—Nesse caso, é uma coisa boa que eu entendo weres.

Fim

